ANO III ★ N.º 3

REVISTA
DA
Academia Norte-Riograndense de Lêtras

DIRETOR:

Luís da Câmara Cascudo

COMISSÃO DE REVISTA:

Paulo Pinheiro de Viveiros
Americo de Oliveira Costa
Edgar Ferreira Barbosa

— 1 9 5 5 —

Saudação a Ivo Filho, na Academia *

EDGAR BARBOSA

Devo fazer sentir antes de tudo que, a par das inspirações da admiração e amizade, o que mais me seduziu na amável incumbência de saudar Ivo Filho foi o ritmo de heroico idealismo que se expande pelo caminho da sua vida.

Constituimos, nesta Academia, uma das ocorrências mais singulares desta terra e do nosso tempo. Atentai em que a esta mesma hora, luta-se contra a Inteligência e a Poesia. Os homens, encouraçados nas edificações do desespero e do ódio, já se não entendem pelo amor nem pela tolerância. E nas almas, como que se estancou a fonte harmoniosa da compreensão e da humana bondade. Quasi todos os que se debatem nesse estranho mundo, renunciaram á alegria de vêr as nuances do céu e a paisagem dos campos, não mais experimentaram o prazer de saborear uma fruta madura e de brindar o coração com um copo de vinho sincero. Suas mãos rudes e trágicas, perderam para sempre o contáto da Beleza e jamais terão ternura suficiente para afagar a cabeleira de uma criança.

Diante dessa opressão cuja arfagem sentimos bem de perto, cadenciando-nos o gesto e o pensamento, a recepção da Academia a Ivo Filho vale um desagravo ao Idealismo, á Inteligência e á Poesia.

Realmente, na luta que desenvolveu nos diversos setôres da sua vida, sob uma adolescência o-

primida pela penúria e aprisionada pelo trabalho, aquelas forças hoje ameaçadas e mutiladas tiveram em Ivo Filho um batalhador ardente e apaixonado. Aprendiz de tipógrafo, desde o amanhecer do seu espírito, a Poesia lhe invadiu o sangue com o seu langôr misterioso e a exaltação lírica dos rítmos e das formas.

Raro é o poeta norte riograndense que não mereça a esta hora o prematuro qualificativo de saudôso. A vida e a realidade quotidiana os arrastaram da literatura como de uma casa mal-assombrada. E vivos, morreram quasi todos de desânimo ou de outra moléstia peiór, que é esse frio no coração e na alma, esse tédio ante a inspiração e um certo horror cheio de arrependimento aos versos que perpetraram. Alguns, chegam até a renegar o seu passado com as musas, como se a Poesia fosse um companheiro libertino e depravado.

Ivo Filho, entretanto, não iludiu a predestinação que lhe marcava o sentimento do verso e por mais que a vida o conduzisse a outros rumos de atividade, ao magistério, á advocacia e aos postos relevantes da administração, jamais desertou da Poesia, jamais prendeu a sua alma á algema do ceticismo e ás cadeias do preconceito.

Induzido por esse idealismo que imprimiu ás suas atividades um caráter sentidamente romantico, foi por certo que, abandonando a carreira postal, onde começára estafeta e chegára a Administrador da Repartição, voltou-se inteiramente para o magistério, que já exercia desde 1911. Antes, em 1906, estreiára nas letras com o "Crizantêmos", prefaciado por Henrique Castriciano e no qual reuniu as produções poéticas da sua primeira fase. Em 1909, ainda normalista, publicou em colaboração com Jorge Fernandes os "Contos & Troças-Loucuras", sendo esta última parte uma coletânea de sonetos.

Era a época na qual brilhava no Brasil a geração que sucedeu a dos simbolistas e que se destacava por um sentimento desabusado das cousas. Para esses pessimistas literários, na expressão de Ronald de

Carvalho, o mundo era apenas um jogo risonho de aparências. Eles consideravam o homem como um animal que se distrai por via de regra á custa dos outros e algumas vezes consigo mesmo, com o espetáculo das suas próprias insuficiências, cuidadosamente veladas á indiscreção dos demais. Tendo aprendido em Maupassant, Baudelaire e Wilde que o crime era uma obra de arte e que a estética da monstruosidade era uma sutíl filosofia, aqueles intelectuais do começo do século fizeram com elegante imprudência a estilização do vício. Todas as personagens dos seus romances e dos seus poemas mergulham num ambiente de estranho artificialismo, são ficções cerebrais que se movem num plano ideal, sem a menor afinidade com as forças do mundo objectivo.

A poesia de Ivo Filho nasceu bafejada pela reação que se fez nos circulos literários de todo o País contra aquelas creações imprecisas e fugidias que deixaram em nossa literatura fantasmas e paisagens irreais, habitantes de um mundo fabuloso que não conseguiu resistir ao primeiro clamor da sensatez e do nacionalismo.

Aquela primeira década do século, entre nós, deve ser considerada uma aurora triunfal de ressurgimento artístico e literário. Sob o govêrno de um conterrâneo amigo das letras e dos artistas, Alberto Maranhão, o pendor poético encontrava palavras cordiais para saudá-lo. Com Ferreira Itajubá, Gotardo Neto, Ronciano Barbosa, Jorge Fernandes, José Gobat, João Batista do Nascimento, Josué Silva e João Estevam, Ivo Filho fundou a "Oficina Literária Lourival Açucena", espécie de Arcádia norte riograndense que reunia os poetas e jornalistas da época.

Uma outra manifestação dessa Renascença da qual o recepcionado de hoje foi, incontestavelmente, um dos maiores animadores, tivemo-la no "Ginásio Dramático", que estreiou com uma comédia em 3 átos, "Sônia"", da autoria de Ivo Filho. O fáto de que a sua iniciação como dramaturgo sofresse re-

paros acerbos da crítica, não conseguiu desestimular o autor de "Esses Primos", "Degenerados", "Infâmia" e "Além", drama socialista que o Ginásio representou com enorme sucesso, e em seguida "Irremediável", drama, "Sopa no Mel", comédia, a revista "Anti-Cristo", em colaboração com Jorge Fernandes e "Céu Aberto", com Virgílio Trindade e aquele poeta conterrâneo.

O incansável pendor pelo teatro fê-lo, criança ainda, desempenhar papéis em companhia de Deolindo Lima, Joaquim Pelinca, João Estevam, Nestor Lima, Raul Potengí e tantos outros que emprestaram a Natal, há 30 anos, uma vibração intelectual e artística jamais superada ou, siquer, atingida.

Ainda em 1940, o moderno "Grêmio Dramático", que tem em Ivo Filho um dos seus esteios mais entusiastas, encenou a sua peça em 3 átos, "Renúncia", recebida pelo público e pelos nossos círculos literários com os mais lisongeiros aplausos. Acha-se preparada a sua última produção teatral, "Rio do Destino", a ser levada á cena ainda êste ano e nela pretende o autor desempenhar o papel principal.

Assim, a meninice contínua e indivisível que está em nós, acompanhando os nossos passos como uma sombra, se repete na madureza, banha com a sua claridade matinal os bosquejos vespertinos e sugére aquele desenho da criança, esquecida pelo homem, de que falava Nabuco. Tudo porque ninguém pode esquecer o passado e já agora não precisaremos de relembrá-lo apenas com saudade e sim com uma tentativa para reproduzí-lo. O esforço do artista afim de corrigir o homem tem sido a batalha íntima de todos os que não desertaram da Arte e da Poesia. Já se viu que essas duas deusas de olhos cláros, nem mesmo diante da nova imagem das cousas, perderam a força do seu sortilégio e surgem sempre em nossa alma com a esperança do filtro milagroso da mocidade.

A presença de Ivo Filho nesta casa é o testemunho da confluência das gerações no mesmo estuário marulhoso e infinito. Dele poder-se-ia dizer

que a sua vida é o seu laurel e o seu drama, é um desses homens capazes de cerrar os olhos e submergir risonhamente nas aguas do profundo rio do tempo. Por êle passaram os sonhadores e os poetas que, em Natal, buscavam as estrêlas. Ferreira Itajubá ainda passeia, no deserto nostálgico, sobraçando o seu violão saudoso. Uma farandula gloriosa de menestréis ressurge e passa nesta hóra, com a sua música longínqua, pelo país das nossas recordações.

Eis porque a Academia se honra e se enaltece ao receber Ivo Filho. Traz êle em si, bem vivas e bem presentes, a convivência dos templos amáveis que derramam sobre o nosso espírito os eflúvios da Fé e da Ilusão. Na companhia diária da mocidade, contagiou-se êle da esperança dos moços, ouviu cantarem os seus versos nas noites calmas de luar, viu de perto a miséria e a fortuna, sentiu o bem e o mal, teve a alma nas mãos, sofreu as dôres cruciantes dos homens...

Em nome da Academia, tenho o prazer de saudar Ivo Filho.

---

* — **Saudação a IVO FILHO, em nome da Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 15-7-1943.**

GOTARDO NETO

Discurso de posse, na Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 15-7-1943

IVO FILHO

Silvio Roméro, prefaciando o livro "POLEMICAS", de Tobias Barreto, queixou-se da injustiça que os intelectuais do sul do nosso imenso país faziam aos intelectuais do norte, e, por essa maneira se externava: Não há muito o sr. Urbano Duarte escrevia andar o cetro da crítica brasileira, exclusivamente, nas mãos dos Srs. José Veríssimo e Araripe Junior. *Á Dieu ne plaise* que jamais eu negue o merecimento, o saber, o talento desses dois ilustres espíritos. Têm êles, incontestavelmente, direito a ocupar um posto elevado, entre os bons críticos brasileiros; mas, é só isto; que sejam os únicos não. Com todo o mérito, não deixam no esquecimento, na especialidade, a Tobias Barrêto, a Celso Magalhães, a Rocha Lima, a Tito Livio de Castro, a Clovis Bevilaqua, a Artur Orlando. Provavelmente, os que, no Rio de Janeiro, encerram em José Veríssimo e Araripe Junior toda a moderna crítica brasileira, não conhecem de Celso Magalhães, por exemplo, o estudo consagrado a Carlos Ferreira; a Tito Livio, os que fez de Medeiros de Albuquerque, Raul Pompeia e Júlio Ribeiro; de Rocha Lima, o que versa sobre Guerra Junqueiro; de Orlando, o que trata de Bourdeau; de Tobias, os que aplicou a Alexandre Herculano, Oliveira Martins e Guyau; de Clovis, o que tem por objeto Dostoieisky. Pois, se os não conhecem, procurem conhecê-los, e verão que os dois críticos prediletantemente consagrados, cujo valor, aliás,

repito, sou o primeiro a proclamar, nunca escreveram nada que seja superior aos ensaios aludidos. Meu Deus! quando se acabará com a injustiça e o exclusivismo, na literatura do Brasil? É que aquêles seis escritores lembrados, quatro dêles já mortos, são provincianos, e dos que não se mudaram para o Rio, com exceção apenas de Tito Lívio. Mas, êste, que era fluminense, não passou nunca de um tímido e recatado rapaz, morto na flôr -dos anos! Dêle e dos outros citados, quem se lembra falar, nas lides literárias desta terra, sou eu apenas! Clovis mesmo está muito longe de gozar da fama a que tem direito. Se não fôra o alto espírito de equidade do atual Ministro da Justiça, Dr. Epitácio Pessôa, que o encarregou de fazer o nosso Código Civil, fato, aliás, levado, aqui, a mal, por muita gente bôa, continuaria a ser apenas, de longe em longe, lembrado, como um hábil jurista, *unusmultorum,* e nada mais. Com a décima parte do valor dêle e dos seus companheiros, há aí tanta gente célebre!..."

O Brasil, tendo uma superfície de 8.522.000 quilômetros quadrados, aproximadamente, com um comprimento de, mais ou menos, 4.307 quilômetros, cuja costa compreende três zonas distintas: a oriental, a setentrional e a meridional, com vias de comunicações deficientíssimas, determinou, certamente, êsse descaso dos homens de letras do sul do país, pelos homens de letras do norte. Não somente isso. Em quanto os jornais que se publicavam na metrópole eram lidos, com ansiedade, por todos os brasileiros, os que eram editados na província, além de chegarem, no Rio, tardiamente, eram olhados com profundo indiferentismo.

A casta nobre dos intelectuais, separando-a dos outros que também faziam letras, verificava-se mesmo, no Rio, onde os membros da Academia Brasileira de Letras, com o seu fardão de lavores dourados e o seu chapéu de dois bicos, eram olhados com a mais profunda admiração, como se fossem verdadeiros super-homens.

Coube á Academia Carioca de Letras ver se a-

cabava com essa separação; se irmanava e fazia conhecidos, no Brasil inteiro, todos os que se ocupam com os trabalhos do espírito, mesmo os dos Estados, mais pequenos e longínquos, e, então, lançou a extraordinária idéa de que, em ditos Estados, fosse fundada uma Academia de Letras, sendo, assim, organizada uma federação, cuja séde seria o Rio de Janeiro, constituida de dois representantes de cada uma delas, formando-se, dessarte, uma classe de intelectuais brasileiros, para a defesa e amparo de seus próprios interesses.

E foi, em virtude de um apêlo da Academia Carioca de Letras que, na residência do historiador Luís da Câmara Cascudo, á avenida Junqueira Aires, foi levantada a idéa da fundação da Academia Norte-Riograndense de Letras, na qual, á semelhança do que ocorre com as demais, cada um de seus agremiados devia ter um patrono, para a sua cadeira, um intelectual conterrâneo já falecido, com a finalidade de ser divulgada a atividade de sua inteligência, na poesia ou na prosa, projetando-se também dita atividade, na crítica, na política, nas letras jurídicas, no jornalismo, ou em outros domínios, onde a mesma se houvesse desenvolvido.

Convidado para fazer parte deste sodalício, não sei se como rabiscador de versos, de artigos para jornais, ou como teatrologo, escolhí para patrono de minha cadeira o poeta Gotardo Neto, grande inteligência, porém, inculta, porque não lhe chegou á receptividade, além dos conhecimentos de humanidade, que se harmonizaram com um pouco de História Sagrada que conhecia, e com a paisagem, lindamente, bucólica da terra onde nasceu e exalou seu último suspiro de vida.

O nome integral do patrono do orador que ora vos fala era: José Emerenciano Gotardo Neto, nascido a 24 de Julho de 1881, em uma casa situada á rua da Palha, hoje, "21 de Março"", visinha ao, então, Teatro "Santa Cruz", onde, hoje, funciona a Escola de Comércio, sendo seus pais o Professor

José Gotardo Emerenciano e D. Inácia China Emerenciano.

Os estudos primários êle os fez com o seu próprio genitor, o conhecido Professor Zuza, proprietário de uma cadeira primária mantida pela Intendência Municipal, desta cidade.

O curso secundário fê-lo, no Ateneu Norte-Rio-Grandense, onde estudou Português, com o Dr. Augusto Carlos de Mélo L'Eraistre; Francês, com o Dr. Hermógenes Machado Barbosa Tinôco; Inglês, com o Professor Odilon de Amorim Garcia; Latim, com o Professor João Tibúrcio da Cunha Pinheiro; Aritmética e Álgebra, com o Professor Zózimo Platão de Oliveira Fernandes; Geometria, com o Professor Manoel Garcia; Física, Química e História Natural, com o Dr. Manoel Segundo Wanderley, tendo sido contemporâneo, no referido estabelecimento de ensino, de Pedro e Adalberto Amorim, Antônio Soares, Virgílio Otávio Pachêco Dantas, Adalberto Peregrino da Rocha Fagundes, João Gualberto Machado Tinôco, Andronico Guerra, José Calazans de Brito Guerra, Uldarico Cavalcanti, Luís Petit, Cícero Moura, Tomaz Salustino, Pedro Mélo e tantos outros, no meio dos quais começou êle a dar expansão ao seu éstro, então, inclinado á sátira e ao humorismo.

Terminado o seu curso de humanidades, Gotardo Neto sentiu o primeiro dissabôr de sua vida: não poder acompanhar a quasi totalidade de seus colegas, que iam ingressar no curso superior, para estudar medicina ou direito, dada a falta de recursos pecuniários de seu pai, que, vivendo dos proventos da cadeira de uma escola primária municipal, pagos, quasi em apólices, de valor real nulo, e dos do ensino particular que mantinha, na sua própria casa residencial, em horas vagas, não podia manter o filho, num curso superior, em qualquer das faculdades de Recife ou São Paulo, Baia ou Rio de Janeiro.

E, aqui, êle ficou, apenas preocupado com os pássaros, que criava, com os versos que já escrevia

e, posteriormente, com o emprêgo que lhe proporcionaram, de Secretário de nossa Capitania dos Portos.

Apareceu na imprensa, colaborando nos pequenos jornais críticos que eram editados, fazendo charges mordazes com os rapazes de seu tempo, os quais eram levados a verdadeiro estado de indignação.

Aparecendo a "Gazêta do Comércio", de propriedade de Augusto Leite e direção do grande jornalista conterrâneo, Pedro Avelino, Gotardo Neto não foi esquecido, e o convidaram para fazer parte da equipe de revisão, juntamente, com Pedro Mélo que, moço pobre também, hoje, o Dr. Pessôa de Mélo, demorou-se a ingressar nos estudos do curso médico, onde sempre alcançou um lugar de destaque, por sua inteligência, sua tenacidade e comprensão que tinha de que devia vencer na vida.

E, na "Gazêta do Comércio" começou Gotardo a publicar os seus primeiros versos, — sempre o sonêto — que foram aceitos pelo nosso público, dada a segurança da métrica, da rima, e da concepção, versos que eram lidos, decorados e recitados, nas reuniões domésticas, ao som da "dalila", tirado nos teclados dos pianos. E êsses recitativos de suas produções chegavam ao seu conhecimento, servindo-lhe de estímulo a que mais versos fizesse.

A êsse tempo, tinha êle duas ocupações: a do emprêgo, na nossa Capitania dos Portos, e a da "Gazeta do Comércio", onde trabalhava até tarde, especialmente, desenvolvendo o laconismo telegráfico, que deveria ser publicado, na manhã do dia seguinte.

Eis que se encontra o poeta com uma criatura de nome Maria Mercêdes, morena, forte, bem feita de corpo e inteligente, que tocava violão e decorava todos os versos de "José", como ela o chamava, e lhe caiam sob os sentidos da visão.

E fôra o seu primeiro e último amôr, sendo dessa época o sonêto intitulado:

MARIA

Ela éra a flôr mais trêfega e mais pura,
Da dôce, e calma, e prazenteira vila,
Tinha á face morena a luz tranquila
De uma elegante e vívida escultura.

Jamais turvou-lhe a fúlgida pupila,
Da dôr a sombra lutulenta e escura,
Que a alma prende ao grilhão da desventura
E o bando azul dos sonhos aniquila.

Um dia a mão do pérfido destino
Roubou-lhe o mel do cálice divino,
Manchou-lhe as dobras do virgíneo manto.

E, hoje, vive ao sabor de triste fado,
Trazendo a imagem do infeliz passado,
Nos doces olhos húmidos de pranto!...

Esses versos descrevem o estado dalma em que Gotardo Neto encontrou a criatura que se constituiu o maior encanto de sua existência. Era um ente infeliz, cujo passado empolgou o seu coração de poeta piedoso e compadecido, pois, o passado dessa mulher seria o impecílho que o faria deixar de casar-se com ela, dados os preconceitos sociais. E, Maria das Mercêdes passou a ser o seu ídolo destinado a uma adoração, verdadeiramente, mística, a tal ponto assoberbante, que o fez perder o emprêgo que tinha, na Capitania dos Portos, porque, ao sair do jornal, em vez de ir descançar, se dirigia para a casa que passára a ser o seu santuário, de lá somente saindo, aos primeiros albores do dia, para ir repousar e, dormindo até tarde, perdia o expediente da repartição pública a que pertencia.

Chegando essa história afetiva ao conhecimen-

to de sua família e de seus amigos, apareceram, naturalmente, os conselhos, os pedidos, no sentido de abandonar êle aquela vida de dissipações que o estava fazendo naufragar, moralmente. Mas, a nada êle atendia, e, quanto mais o aconselhavam, tanto maior se tornava aquela paixão mórbida, que se estravasava em versos de um lirismo admirável.

Inspirado em Mercêdes, escreveu êle o sonêto

TRANÇAS

Essas tranças que rolam desgrenhadas,
Na tua espádua mística e tranquila,
São de Venus, talvez, quando cintila,
No dôce azul das noites consteladas.

Vendo-as, ao brilho das manhãs rosadas,
Nesse banho de luz que o céu distila,
Minhalma em festas de ilusões se anila,
Como envolta num manto de alvorada.

Longas e belas, belas e traidoras,
Lembram cofres de estrêlas cismadoras,
Na noite exul de páramos risonhos...
Amo essas tranças negras e serenas,
Que são a dôr fatal de minhas penas
E a cavatina excelsa dos meus sonhos.

Mercêdes era, efetivamente, bonita, pois, o orador que vos fala a conheceu. Filha de pais pobres, nascida no interior de nosso Estado, foi ela vítima das promessas de um D. Juan qualquer, pela beleza de que era dotada, e naufragou. Tinha uma estatura regular, donaire, no porte, e tez de um moreno róseo. Possuia cabelos prêtos; olhos rasgados e negros; boca pequenina, onde eram engastados dois colares de pérolas alvíssimas, encobertos por uns lábios húmidos e vermelhos, sem os arrebiques do baton, que, naquela época, era ainda um elemento de beleza desconhecido. Possuia espáduas largas, seios protuberantes, cintura fina, e suas

pernas, conquanto, dificilmente, vistas, porque a moda era de vestidos compridos, tinham contornos maravilhosos. Descreveu-a o poeta, nítida e fielmente, no seu sonêto

FLÔR DE CARNE

Olhos mortais de santa e pecadora,
Nos élos vis da angústia acorrentada,
Tem a vaga aparência inexplicada,
De quem muito sorri, mas sempre chora.

Faz-me lembrar a sua voz maguada,
A voz de estranha cítara sonóra,
Que canta as dores e ilusões de outrora,
Na mudês de alva noite enluarada.

Da negra trança a virginal beleza,
Cinge a carne de angélica pureza,
Num vágo eflúvio de boninas e heras...

E julgo, ao ver, quando a morena passa,
Que Deus fundiu todo o esplendor da graça
Nêsse lírio de vinte primaveras.

Mercêdes, mulher inteligente, envaidecida por servir de inspiração ao vate por ela, loucamente apaixonado, sabia de cór todos os versos do poeta feitos á sua pessôa. E recitava-os para que êle os ouvisse, de maneira impecável, o que mais o prendia, no aranhol de seus profundos encantos. Quando não era assim, sabendo dedilhar as cordas de um violão plangente, que era seu companheiro inseparável, nos momentos que tinha de intimidade com o poeta apaixonado, cantava as modinhas contemporâneas, musicadas por Heronides França, Cirineu de Vasconcelos, Antônio Elias e Joaquim Fonsêca, onde sempre aparecia a história de um amôr in-

feliz, inatingível, ou mesmo adoravelmente venturoso, o que levou Gotardo Neto a escrever o sonêto

SUA VOZ

Um bando exul de pássaros formosos
Vibra nalma infantil dessa criança,
Como um concerto agreste de bonança,
Na dôce paz dos álamos frondosos...

Há nela tons dulcíficos, saudosos,
De alva sereia solitária e mansa,
Quando á noite desfralda a ruiva trança,
No leito azul dos pélagos radiosos.

Ouvindo-a, julgo que algum passarinho
Deixou trilhando o perfumoso ninho
Pela luz de sualma irriquiéta...

E o dôce som de sua voz querida
Tem a casta delícia indefinida
De uma ilusão volúvel de poeta.

Mas, Maria das Mercêdes sendo mulher tinha o coração afeito ás emoções, e os pedidos, as súplicas da família e dos amigos de Gotardo, a comoveram, e um dia prometeu e até jurou, que, para salvar o poeta da debacle moral que o aguardava, o abandonaria.

E, assim, o fez.

Gotardo Neto trabalhava, em determinada noite, calmo e satisfeito, na redação da "Gazêta do Comércio", no período do meio dia para a tarde, que era o tempo principal de seu expediente, e, á noite, quando o trabalho se prolongava, êle depois do jantar voltava, tornando-se impaciente, somente se acalmando, ao receber, para correção, a última prova de página, pensando nos momentos de felicidade que iria gozar ao lado daquela que constituia os encantos de sua vida; e, terminado o serviço extraordinário, cheio de sonhos e de ilusões corria

para a casa, onde residia Mercêdes. Acontece, porém, que, em uma dessas noites, ao chegar á casa referida e desejada que ficava, á rua "21 de Março", a encontrou fechada, casa que, hoje, é de propriedade do sr. Pedro Ferreira. Bateu; chamou por Mercêdes, e nenhuma resposta obteve. Golpe terrível: a casa estava completamente vazia. Angustiado, ferido no seu amor, por se ver abandonado, dirigiu-se á residência de seus pais, que ficava, na mesma rua, um tanto abaixo, onde foi procurar o amparo á sua grande dôr moral, que tanto o afligia, certamente.

E, no dia seguinte, chegando á redação da "Gazêta do Comércio", com a sua tez macilenta, de olheiras rouxas, demonstração de que passára uma noite de verdadeira insônia, botava, no "gancho", como era chamado o lugar onde era depositada a matéria que devia ser composta, o sonêto seguinte:

NINHO MÔRTO

Fere-me o peito a dôr de uma angústia secreta,
Que meu sonho de amôr lentamente exter-
[mina,
Como o golpe fatal de uma séta assassina,
Como o golpe fatal de envenenada séta.

Toda a minhalma, toda a existência repleta
Do sonoro esplendor de uma ilusão divina,
Lembra agora um castelo amortalhado em
[ruina,
Junto á margem de um lago, em paragem
[quiéta.

E seu nome! E só seu nome esta saudade
[anima!
— Poema feito de luz, pra dar luz ao Universo,
— Estrela que eu gravei no mármore da rima!

Ah! que não mais punja o seu dôce quebranto!
Mando-lhe o último adeus nas dobras do
[meu verso,
E um suspiro de amor nas máguas do meu
[pranto!

São versos sentidos, nascidos de um coração que passára a sofrer as agruras do abandono. E Mercêdes desapareceu desta cidade! Com o seu desaparecimento, morrera o grande afeto, o extraordinário primeiro e último amôr do poeta, profundamente, sentimental! E a sua lira emudecera! A "Gazêta do Comércio" não mais lhe publicou os versos, que já faziam parte do sabor artístico dos seus inúmeros leitores. A tristeza invadiu a alma do vate sonhador, que, meses depois, dava publicidade ao sonêto

RELIQUIAS

o último desabafo daquela alma amargurada.

Quando acaso releio as missivas saudosas,
Que me fazem lembrar êsse aféto sagrado,
Sinto que delas vôa um perfume de rosas
Um perfume de amor muito tempo guardado.

E veem-me ao pensamento as noites luminosas,
E as tardes de verão que passava ao teu lado,
Sorrindo ao riso teu, beijando-te as formosas
Mãos, teu rosto moreno e teu lábio adorado!

São restos imortais de uma antiga amizade,
De uma velha afeição, sempre nova em meu
[peito,
De um remoto prazer, convertido em saudade.

Nelas vejo um clarão, que me punje e conforta,
É a luz que me afugenta as insônias do leito,
E as loucas expansões de uma ventura
[morta!...

E a respeito de Maria das Mercêdes, fez o mais absoluto silêncio a inspiração do poeta.

É, então, que em Gotardo Neto aparece o cronista, sob os pseudônimos de Cláudio Marne e A. de Chartes.

Aferrado ás tradições de nossa terra, Gotardo não deixava passar uma véspera de São João, sem uma crônica, lembrando a fogueira que a civilização da cidade havia acabado, com os seus sítios de bananeiras, mamoeiros, catolezeiros, enfeitados de bandeirolas de papel de côr, como os busca-pés de limalha de ferro, assombro dos traseuntes, e faziam com que as casas comerciais mais importantes desta capital, que eram poucas, aliás, tomassem medidas preventivas, afim-de serem evitados incêndios, calafetando as portas dos estabelecimentos com areia molhada; e reclamando, igualmente, os festejos de Santo Antônio, feitos da mesma forma que os de São João, embora com menor entusiasmo.

Não havia uma véspera de Natal, que não tivesse uma crônica do poeta, lamentando a ausência das lapinhas, onde Ferreira Itajubá e êle próprio, respectivamente, partidários do cordão encarnado e do cordão azul, se degladiavam em versos improvisados, os dêle Gotardo, recitados por terceiros, sendo que ambos gastavam as suas economias, dando presentes ás mestras e contra mestras; lastimando o desaparecimento dos botequins, feitos de palha de coqueiro, onde os meninos de seu tempo bebiam gengibirra, capilé, comiam dôce sêco e alfinim.

Pelo carnaval, Gotardo Neto sentia a falta do "entrudo", representado nas laranjinhas de borracha ou de cêras, feitas de anilina azul ou encarnada, na cuia dagua, na farinha de trigo; dizia a saudade que tinha do Club-Noturno de Benedito do sítio, que trouxe ás ruas o "Homem que esporeou a Mãe", "Antônio Conselheiro" e o "Planêta Biela", lamentando a ausência do "negro melado", e dos máscaras de cêra e de arame.

Na Semana Santa, suas crônicas não invoca-

vam apenas às passagens da vida de Jesus Cristo, que a Igreja Católica representava, em seus atos, mas, lembrava os judas de capim que constituiam o goso da meninada, rasgando-os, logo que os sinos anunciavam o rompimento da aleluia, momento em que apareciam os testamentos que os judas traziam no bolso, fazendo legados humorísticos, que tantas maguas traziam aos que eram contemplados como beneficiários.

Esse passado da cidade provinciana Gotardo Neto não esquecia nunca, nas suas crônicas sempre escritas na redação da "Gazêta do Comércio", com um charuto de vinte réis aos lábios, soltando saliva em quantidade abundante, em derredor de si próprio, de modo que, ao terminar a página evocativa, sempre traçada em côres vivas e sugestivas, êle ocupava o centro de um lago de saliva, que tanta revolta causava, silenciosamente, ao Major Augusto Leite, o proprietário da tipografia, onde o aludido jornal era impresso.

—0—

Empastelada a "Gazêta do Comércio", Gotardo Neto, já desempregado da Capitania dos Portos, porque depois do abandono que sofrera de Mercêdes nunca mais por lá andou, recolheu-se ao silêncio de seu lar, não mais procurando, nem aceitando emprego.

Já, organicamente, abalado pelos efeitos do álcool, continuou bebendo, bebendo, bebendo muito, até quando foi atirado ao leito, por uma moléstia gravíssima, que o fizera desaparecer, dentre os vivos, quando apenas contava 31 anos de idade.

Mas, em casa, antes da doença que o matara, numa rêde armada, na sala da frente, á rua "21 de Março", residência de seus pais, o poeta continuava fazendo versos, de encomenda, para satisfazer pedidos de amigos e camaradas, e, assim, escreveu poemas tais como: "Ao Presidente Hermes", "A Ferrer", "Á memória de um Justo", (sobre o Padre

João Maria), "A memória de Augusto Severo", "Pedro Velho", "Homenagem", (a Lourival Açucena), "Aos marujos da Escola Modêlo", e "Data Feliz", poema feito sobre o 25.º aniversário do Natal-Club, e que foi recitado pelo Dr. Galdino Lima.

Sobre o amor o poeta não mais escreveu, a não ser quando alguem lhe encomendava versos, para ser enviados á sua namorada, pois, tais pedidos lhe eram quasi sempre feitos e, perfeitamente satisfeitos.

Publicado "O Potiguar", a princípio jornal quinzenal, e, posteriormente, revista, pertencente á "Oficina Literária Lourival Açucena, em que se transformara a "Sociedade Literária 12 de Outubro", Gotardo Neto consentiu que o seu nome figurasse, entre os elementos que constituiam o seu corpo redacional.

Da "Oficina Literária Lourival Açucena" faziam parte: Ponciano Barbosa, Jorge Fernandes, José Gobat do Nascimento, João Estévão Gomes da Silva, João Angione Costa, Josué Tabira da Silva, João Batista do Nascimento, Antônio Glicério, Ferreira Itajubá, êle Gotardo e o orador que vos fala.

Diariamente, á tarde, com exceção dos dias de domingo, reuniam-se vários sócios da aludida agremiação, na residência de Ponciano Barbosa, e, de lá, se dirigiam para uma das janelas da casa do professor Zuza. Ali chegados, encontravam Gotardo, na sala da frente, com as portas fechadas, de chambre, deitado, na sua rêda tradicional, havendo debaixo da mesma uma escavação circular por êle feita, em virtude do contacto de seus pés com o piso, para se balançar, de maneira que os tijolos se despregavam do solo. E, dentro daquela rêde, balando-se sempre, sobre um livro, êle escrevia as produções que lhe eram encomendadas. Sempre a lapis. Vendo-nos, Gotardo se levantava, e vinha para a janela conversar, perguntando sempre: "quem é o Cristo de hoje"? pergunta que significava: de vocês, quem é que, hoje, traz alguma produção nova? pois, naquele lugar é que era submetida á

apreciação do corpo redacional d' "O Potiguar" a matéria que teria de ser publicada, no seu próximo número.

Nêsse período, Gotardo escreveu versos admiráveis, sempre sonêto, inspirados na natureza, ou em outro fato qualquer, onde, porém, o amor não seria lembrado.

DESERTO ORIENTAL

Sol candente, e depois o deserto abrasado
Se estende como um campo inóspito e maldito,
Ruge o vento, e do branco areial infinito,
Foge o vago perfil do árabe cançado.

Em cima, o céu azul de mármore esquesito
Brilha envolto do adeus do poente ensan-
[guentado...
E segue a turba exangue o destino almejado,
Buscando, além talvês, algum pouso bendito.

E a noite desce... desce, envolvendo a
[montanha;
Freme ao longe, na bruma, a palmeira chorosa
E um profundo mistério a soledade banha...

Numa eterna expressão de eterno desconforto,
Como que geme ainda a Betânia Saudosa
E falam de Israel os trenos do Mar Morto.

N' "O POTIGUAR", publicou êle

A FLORESTA

Vive deserta e só, de folhagem despido
O velho cimo azul, dantes virente e belo,
Onde a cauãn soltava o profundo gemido,
Sobre o ramo aromal do páu darco amarelo.

Cantava em cada fronde um madrigal sentido;
Pelas moitas, ao sol, quanto idílio singelo,
Quer desnudasse o outono o balseiro florido,
Quer o inverno caisse amortalhando em gêlo.

Outrora, era um prazer: virgens de sáia curta,
Como um grupo gentil de alados gaturamos,
Vinham, em bando alegre, á colheita da murta.

E, hoje, sem rouxinóes, e, hoje, sem verdelinhos,
Vive apenas a dôr a palpitar nos ramos,
E a saudade a gemer pelos desertos ninhos!

E, sem sair de casa, Gotardo Neto, para esquecer o amor que lhe fôra roubado e arrebatara os primeiros albores de sua mocidade, continuava bebendo, bebendo, bebendo muito. E cachaça somente.

Raramente, seu pai conseguia o seu consentimento, para que lhe cortassem o cabêlo, ou lhe fizessem a barba, de maneiras que, aos que o visitavam, êle aparecia de cabêlos crescidos, barbado, profundamente pálido, macilento e edamaciado.

Inteligente, e reconhecendo que o termo final de sua existência se aproximava, escreveu êle o sonêto

MINHA CAMPA

Quero-a, entre moitas de rosais. Ao fundo
Triste cruzeiro humilde e suplicante,
Onde venha a pousar o mocho errante,
Cantando, á noite, a dôr do moribundo.

E ao pé da louza, como um ái profundo,
Á luz crepuscular do céu distante,
Deixem cair o orvalho fecundante
Dos olhos virgens que adorei no mundo.

Seja um soturno e calmo isolamento
Onde, por noites longas de amarguras,
Soluce a treva, ao palpitar do vento...

Junto — o cipreste um funeral cantando,
Na louza o nome da saudade escura.
E um serafim de mármore chorando.

Os desejos do poeta foram satisfeitos por sua família, pois, dois anos depois de seu falecimento, era publicado o "FOLHAS MORTAS", cujo resultado monetário se destinava á feitura do seu túmulo, e entre

"as moitas de rosais",

por êle desejadas, tendo um

"Serafim de mármore chorando,"

havendo, no mesmo, um pequeno quadro com o retrato do poeta, o qual, segundo afirma o historiador Câmara Cascudo, fôra ampliado, pelo professor Hostílio Dantas, de um instantâneo que teria sido tirado em um *pic-nic*.

No dia 7 de Maio de 1911, quando os últimos clarões do dia desapareciam da superfície da terra, e as sombras da noite começavam a cair, falecia, nesta cidade, o poeta Gotardo Neto, na casa de residência de seu genitor, o Professor José Gotardo Emerenciano.

O seu sepultamento verificou-se, na manhã do dia seguinte, com um grande acompanhamento.

Na véspera de sua morte, escreveu êle o seu último sonêto, denominado

PRESÁGIO

Ah! porque vida assim? Porque esta ingrata
Sombra a toldar-me a luz da mocidade?
Porque a treva em meu peito se retrata
E sorve o fel da angústia e da saudade?

Porque é tanto o rigor da soledade
Que os próprios sonhos atormenta e mata?
Foi-se o luar balsâmico de prata
E a morena ilusão da puberdade...

Tudo extinguiu-se ao sopro do fadário,
Como avança o suspiro funerário
Dos cedros fortes á radiosa umbela!

Sinto angústias, e um lugubre preságio...
Sem ver, ao menos, nesse atroz naufrágio,
O alvo aceno sinistro de uma vela!...

E com 30 anos de idade, faleceu o moço de cujo éstro muito esperavam as letras da terra que lhe deu o berço. E, efetivamente, muito teria êle produzido, se uma paixão mórbida lhe não tivesse minado o organismo .

O escolhido para meu patrono, nesta agremiação de homens de letras, não com o intuito de fazer um estudo crítico e demorado de sua obra poética, porém, para externar a admiração que sempre senti pelo vate, desde os tempos em que na "Gazêta do Comércio" trabalhava eu como tipógrafo, e prestar uma homenagem aos meus antigos companheiros da "Oficina Literária Lourival Açucena", em cuja agremiação iniciei a vida literária que me trouxe a esta Academia.

Não fiz a crítica, como já disse, dos versos do poeta, que é patrono de minha cadeira, salientando os bons e fazendo a dissecação dos máus. Limitei-me a narrar a sua vida, da infância aos últimos dias de sua existência, na esperança de que, ao menos, servirá áquele que, futuramente, queira se preocupar com a história da literatura, no Rio Grande do Norte.

Gotardo Neto falecido tão moço ainda, vive, entretanto, na imaginação dos que com êle conviveram, e daquêles que, ás horas mortas da noite, banhados pelo nosso luar tropical, pelas ruas de nossa cidade, entôam os únicos versos seus, que foram musicados, os quais invocam

A mais bela das morenas
De minha terra natal.

Recepção ao Acadêmico Bezerra Junior

Discurso pronunciado no dia 13 de Agôsto de 1943, na Academia Norte-Riograndense de Letras

ADERBAL DE FRANÇA

Há um preconceito contra as bôas intenções e o mérito dos discursos acadêmicos, apontando-os como peças de brilho falso ou de estrutura artificial, fartos de convencionalismos e vasios de idéias. Assim também os considerou Musset. Mas se a Academia Francesa, onde o discurso de Renan recebendo Pasteur foi um dos mais notáveis e primorosos, lembrado por Medeiros e Albuquerque; se a Academia Francesa teve do imortal poeta julgamento desairoso, não tenhamos nós a pretensão de outro elogio sinão o de sermos visceralmente sinceros.

Corre para seis anos nos juntámos para fundar e manter esta Academia. O princípio associativo rege o destino dos homens que se entregam ás coisas literárias, sobretudo, e em geral, dos homens de espírito. A província teria que refletir a luz da metrópole, como Portugal mandou para o Brasil colônia a influência dessas instituições, como lhe haviam chegado elas da Espanha, assim como esta conhecera os mesmos ideais de confraternização literária da França e da Itália.

A história das corporações de letrados ou amantes das letras é, porém, curiosa. Surgiram sob o prisma dos batismos fúteis e irrisórios. Até mesmo

a que se julga a mais velha na história, a Academia dos Humidos,fundada pelo florentino Mazuali, no suntuoso palácio dos Medicis. Vieram depois na corrente da imitação, ainda dentro da Itália, "Os Ociosos", "Os Solitários", "Os Gelados", "Os Imóveis". Na França, os salões da famosa marqueza de Rambouillet acolheram "Os Desconfiados", "Os Generosos". Até que em 1724 chegava á terra baiana a nossa primeira Academia: a d' "Os Esquecidos". Mandou-a criar D. João V para que se podesse conhecer o nível do florescimento intelectual da província. Dela diz Pedro Calmon: "Profetas! Continuam como se julgaram absolutamente esquecidos. Muitos dêles com justiça: porque além de ruins poetas tiveram o mau gosto de limar em latim os seus sonêtos. Um clássico latim epigráfico: aliás destinado a sepultar-lhes a memória."

Informa Ernesto de Sousa Campos que, em matéria de Academias, as tivemos tão extravagantes como as de Portugal. Ora, também Richelieu se interessou por essas associações. E foi assim que alguns homens de letras de París se viram acolhidos pelo Estado, sentindo, todavia, perder a *feliz obscuridade* assinalada por Julleville, e que se traduzia naquelas modestas reuniões semanais da casa de Conrart (já tive ocasião de comparar com o acadêmico francês o nosso companheiro Luís da Câmara Cascudo, promovendo na sua casa as palestras que fizeram nascer esta Academia).

Bem viu o arguto ministro de Luís XIII que naquele punhado de intelectuais que iam fundar a Academia Francêsa uma fôrça havia a disciplinar em proveito dos destinos da pátria, por isso que, afirma Boissier, em vez de ser uma sociedade de intelectuais ou simplesmente de homens de letras da França, desde logo passou a representar um mais alto ideial: o espírito francês.

A Academia Brasileira de Letras, ao contrário, foi pedir o patrocínio, o amparo direto do Estado. Afirma Medeiros e Albuquerque um dos seus fundadores, que logo após a proclamação da República,

passou com Lúcio de Mendonça, também, como êle, com prestígio oficial nas secretarias de Estado, a pensar na criação da Academia. É que Lúcio de Mendonça, persistindo na idéia, levou-a mais tarde á realidade. Conta Carlos Pontes que Lúcio de Mendonça sugerira a Alberto Tôrres, então ministro da Justiça, a criação da Academia, fracassando a tentativa diante da indecisão do govêrno. Informa então, o cronista que Alberto Tôrres, que "éra o menos acadêmico dos homens" ou fosse o menos convencional, para o fracasso concorrera, justificando a sua atitude a ideia de modelar a nova Academia pela dos escritores do tempo de Richelieu.

As organisações coletivas de letras têm as suas afinidades com as organisações individuais daqueles que se dedicam ao exercício da leitura. Elas esperam também o confôrto do pensamento externo, da opinião alheia, do assentimento da sociedade que as cerca. Têm também aquela espécie de fraquesa dos escritores que vivem do amôr, do ciume das suas obras. Daquele exemplo de Racine ou Descartes ou então da pilhéria com que Voltaire costumava sepultar a dôce ilusão literária dos autores inexpressivos.

Não é necessário para nós outros, viventes da provincia, homens do silêncio e da pobresa, distantes das graças da prosperidade, a pretensão helenista, a evocação das velhas culturas, a prova de uma conquista espiritual á custa de sacrifícios para a constância dos nossos trabalhos. A nossa provinciana Academia não tem a idéia de aspirar aquela vaidade de Napoleão que o historiador inglês Philip Guedalla põe diante de um argumento biográfico do Duque de Wellington: "Quando Bonaparte embarcou para o Egito adquiriu á custa do povo francês uma rica biblioteca de poetas épicos para lêr na travessia Toulon-Alexandria. Mas o certo é que não leu nenhum deles..."

Rege-nos outra espécie de vaidade, aponta-nos outro rumo do dever social. A modéstia de hoje,

até mesmo o retraimento, reflexo de uma injusta indiferença, poderá explender na obra da construção. Estudando os fenômenos que influem nas diretrizes do pensamento brasileiro, Alceu Amoroso Lima, a certa altura da apreciação dos problemas econômicos, referindo-se á importância da política, em que assegura que o povo brasileiro é fácil de ser conduzido e plasmado, diz: "A tendência da estabilidade das instituições quasi que pode ser elevada entre nós, á categoria de uma lei do nosso desenvolvimento sociológico. Somos um povo eminentemente conservador e amigo de situações estáveis e duradouras. O que chega a *existir* tem enormes possibilidades de persistir".

Se se referia ás instituições políticas, como exemplo histórico do nosso temperamento e da nossa evolução, porque não ajustarmos o conceito do sociólogo á partícula da vida nacional, que é uma instituição de letras?

Perdoai-me, companheiros de Academia, a liberdade com que penso dizer aqui o que possivelmente já tendes refletido. Mas deixai-me lembrar: trabalhemos com entusiasmo por este ideal que é esta associação de letras. Ela é um dos grandes e nítidos perfís da nossa tentativa de perfeição, um indice da nossa mentalidade, amostra do nosso bem querer ao Brasil, ao Estado e á cultura. E' um aspecto da nossa vontade perante a indiferença, o platonismo ou a ironia, uma fôrça animica contra uma tendência estacionária. Ela conjuga, não todos (prouvera Deus que o fôsse!) mas alguns dos nossos homens de leitura e de erudição para o trabalho renovador e construtor, para a análise dos fenômenos que harmonizam o critério e a forma.

O espírito associativo deve ser nesta casa que nos emprestaram o mais forte penhor de interesse pela elevação e grandeza do nosso heróico patrimônio. Aqui se reunem os afeiçoados da história, da poesia, do jornalismo, das lendas, do folklore, da prosa, do romance, do conto, numa convergência es-

piritual que não é de rotina, do snobismo ou da imitação.

Ha poucos momentos Bezerra Junior se ocupava da figura pálida, romântica e tranquila de Antônio Glicério, que repartiu os seus dias com a modéstia de uma oficina de tipógrafos, sem as glórias de Walt Whitman, e quando a morte o levou deste mundo a sua fisionomia resignada ficou na muda e imóvel moldura de um retrato, para a saudade dos que o conheceram e a homenagem a um que também soube cantar as máguas e as alegrias da vida.

O patrono de Bezerra Junior está agora integrado no círculo dos mortos ilustres que consolidam e guiam do fundo do passado os destinos desta Academia pelo elogio de um outro poeta. Aqui a poesia palpita na sua expressão mais pura e mais encantadora na obra dos patronos e no orgulho dos acadêmicos que ela escolheu para inspirar. Eram nove os nossos poetas. Quando a primeira emoção de tristeza fez a Academia verter a primeira lágrima, foi um deles que criou nesta casa a primeira saudade — Sebastião Fernandes. Estamos a vê-lo risonho, amável numa assiduidade de exemplo. Na sua figura esguia, nobre e simples, de uma forte simpatia, era um companheiro impecável pela atitude, pela distinção, pelo entusiasmo com que, já cuidadoso das traições da doença, transmitia aos mais moços e mais sadios a sua grande alma de amigo, o seu estímulo de escritor, a sua quente efusão de acadêmico, que era para mim uma glória e para a Academia um dos seus mais altos valores. Sebastião Fernandes era poeta. E poeta morreu sem um queixume, como se não lhe houvessem tocado a alma sensível as desilusões da vida, sereno e bom, confirmando os admiráveis alexandrinos da sua "Oração Quotidiana":

"Concede-me, Senhor! por toda a minha vida,
O dom de perdoar toda a ofensa sofrida,
E essa graça eternal de ser justo e ser bom."

Eu sou um amigo dos poetas, dessas criaturas privilegiadas que nos trouxeram os primeiros fulgores do romantismo, que nos encantaram com o seu simbolismo, parnasianos ou naturalistas, que cantaram como Castro Alves os direitos da raça e as alegrias do país, como Gonçalves Dias o esplendor da terra, como Bilac o império da carne na beleza da arte, como Martins Fontes os encantos da vida, como Augusto dos Anjos a dura contingência do Nada, como Segundo Wanderley o entusiasmo e a vibração, como Gotardo Neto o profundo segrêdo do amôr, como Itajubá o pensamento se desfazendo em sonho. Eu admiro os poetas e louvo as suas escolas, até mesmo, e não muito além, o desvario irreverente do modernismo.

"Evidentemente, confessa Julio Dantas, os poetas têm o direito de fazer, no domínio da arte — como no domínio do amôr — as concessões que quizerem". Eles nos trazem, aos que não descobriram ou não alcançaram a virtude de fazer um verso, os primores da emoção e da estética, o élo do passado, num bucolismo antigo, um quadro da meninice, uma tristeza renovada, uma saudade que ficou, um amôr que fugiu, melancólico ocaso que faz dos homens singulares líricos. Tudo canta o poeta, no seu caminho há sempre um turbilhão de imagens, um mundo de sonhos, uma torrente de amôres e de recordações. Dos poetas líricos, ardentes como sarça, que deixam na volúpia dos versos como Bilac deixou nos seus famosos "Tercetos", um delírio de paixão, um momento de extase e de agonia, que Ronald de Carvalho concordou em que fossem uma concepção epicurista e sensual da vida.

Há sempre um sorriso na história dos poetas, uma dôce ventura que passou, uma inquietação indefinida, quando não um sofrimento ou um desgosto, uma volúpia que acabrunha, aniquila e mata.

Sobre o sonêto, na sua resistência heroica, disse Carlos Maul: "Uma das formas poéticas mais combatidas pelos modernistas, em toda parte é o sonêto. Dizem-no estreito, compressor do pensamento, brin-

quedo de palavras, tornique das ideias, o diabo. Ele, porém, resiste ao impeto dos bárbaros, e parece que tem razões para não ter medo de morrer tão cêdo. . ." Nem morrerá jamais. Os tercêtos finais de todos os sonêtos são o fecho da própria alma dos poetas, a emoção mais forte do seu amôr á forma e ao goso de sentir com êle a glória de um momento.

A poesia de Bezerra Junior aparece nos seus livros provincianos como joias engastadas em metal evidentemente impróprio. Ela não se enfeita com os pendões da publicidade empolgante, mas vive na ternura da sedução íntima, acarinhada com o zêlo de um criador que sente nela as palpitações da própria vida. Ele ama as inspirações da natureza agressiva ou amiga, penetra-lhe os mistérios e as vibrações, canta o esplendor e a soberba das matas, as tristezas da solidão, o bulício dos rios e a gargalhada das cascatas, a paisagem movediça dos açudes, as vozes do ermo. Êle canta, também, a eterna perfeição das flôres, a doçura das crianças, o sorriso e a alegria, a beleza e a graça das coisas, os caprichos da mulher, os romances de amôr, que êle transforma nos romances dos versos e das rimas.

Bezerra Junior mantém a sua poesia fóra dos perigos contagiantes com que o modernismo literário investiu contra os padrões da poesia contra a gloriosa existência do sonêto. Não era e não é o sistema da renovação aplicado pelos remanescentes da antropofagia de alguns poetas paulistas, rebeldia que Graça Aranha levou ao cerne do espírito displicente da Academia Brasileira de Letras. Não destruiu o nosso confrade a pureza da sua inspiração, medida na estética do verso antigo, no modêlo da poesia de linhas rigidas, mas onde o pensamento e o vigor do conceito saem mais ao poeta que ao sacrifício ou ao desamor da forma.

A sua exaltação não mudou, o ritmo não fugiu e o verso intacto domina no equilíbrio de um temperamento normal. E assim continúa Bezerra Junior a cantar, porque sente a glória de viver e a sempre vigilante emoção de amar.

Antônio Glicério

Discurso de posse, na Academia Norte-Rio grandense de Letras, no dia 12 de Agôsto de 1943.

BEZERRA JUNIOR

Parece-me que fácil tem sido aos colegas que me precederam nesta tribuna, o desempenho da leitura do elogio dos seus patronos, dada a riqueza de documentação encontrada para tal fim. Quanto à mim, tenho mágua em declarar que lutei com sérias dificuldades para angariar meios de fazer com que o pequeno trabalho que tenho em mão, viesse atender á espectativa desta Academia. Procurei, como era de meu dever, orientar-me pela obra do poeta.

Mas que fazer si quasi nada encontrei a tal respeito?

Veio-me, todavia, ás mãos, o livro "Cantilenas", já muito dizimado, quasi reduzido a nada. Mesmo assim, colhi alguns versos, não como desejava, com que ilustrei este humilde trabalho. Fiz o que pude, e aqui estou para dar desempenho ao que me foi imposto.

Acho-me, pois, aqui com o único objetivo de fazer o elogio de um poeta que já passou, o qual jamais se considerou um vulto da literatura na sua terra. Mas a posteridade a todos julga, mesmo a esses que foram considerados anônimos... a tôdos êsses que desceram aos pântanos da vida para deixar em cada sulco do seu passo uma fagulha luminosa brilhando na eternidade.

Todos têm o seu dia. Si os homens superiores de hoje são repudiados e esquecidos pelos demais, que importa, então? Si não são ouvidos agora, o seu destino está traçado como o de todos aquêles que passaram cantando as dôres de uma existência vazia.

Vós, entretanto, sabeis, senhores acadêmicos, o poeta, o escritor e finalmente o homem que se destaca pelo seu talento, está sempre distante de ser compreendido, dado o seu desprendimento, ás vezes, ás cousas mais sérias da sua vida. Creio que aqui mesmo nesta terra poderiamos citar casos que viriam confirmar esta verdade. O passado guarda com religioso respeito e acendrado carinho, a memória de grandes vultos que na penumbra dos seus dias muito fizeram pela sua terra. Aqui podemos citar os nomes aureolados de Manoel Segundo Wanderley, Gotardo Neto, Ferreira Itajubá, Auta de Souza, e outros, que são hoje glorificados nesta casa de imortais, e não somente aqui, mas em cada lugar onde sejam lembrados.

Infelizmente essa glória tardia nenhuma certeza deu aos grandes homens, de uma veneração póstuma, quando em luta aberta com as dôres do mundo, ocultavam-se de todos os outros para traçar em letras de ouro o ecúleo dos seus padecimentos.

Poucos nesta Academia cultivam a musa. Entretanto todos possuem um coração para sentir. Todos recebem inspirações de uma única fonte. Sendo a poesia a consagração da vida do sonhador, na alma humana nasce e desabrocha da mesma maneira que uma flôr mimosa emergindo de um pântano para em seguida embelezar os mais ricos salões. O homem que produz sente e vibra. A sua imaginação cria a grandeza que lhe inspira o Infinito.

Todo homem que sofre está muito perto da mansuetude poética. Luís Nicolau Fagundes Varela disse: — "A alma que sonha, que palpita e canta, não conhece compêndios." — É uma verdade. Sendo a poesia uma emanação divina, penetra, como um

fluido, todos os corações que sabem compreender a severidade do destino. Desde os primeiros tempos a poesia vem enriquecendo a história, porque a história não é mais do que a narração dos feitos do homem em face á natureza. A poesia não nasceu da felicidade, porque a poesia é sentimento.

Entretanto, sendo a saudade uma espécie de tristeza, em certas horas acho-a tão propícia que considero esse mal um bálsamo para o coração.

Vós que sois versados em todos os ramos das letras, das artes, etc. lêstes, porventura Frederico Mistral? Conheceis o estro de Cezário Verde? A poesia é eterna como o Céu! Enquanto existirem as cambiantes de um ocaso cujos tons violáceos encerram a religiosidade do sonho dos desiludidos... Enquanto a criatura se extasiar diante do velho mar empolado e verde... Enquanto se escutar pelas sombras da noite um violão preludiando, a poesia viverá, empolgando os corações e embevecendo as almas. A poesia, senhores, entra pelo infinito.

Seja, embora, o poeta, um peregrino que não tem aonde encoste a cabeça, é, por isso mesmo, um privilegiado, que nasceu para apresentar-se ao mundo com a sua harpa como David, suavisando a melancolia das almas que se arrastam pelas sargêtas da desgraça, amparadas pelas sombras funestas das noites tempestuosas do seu destino na terra.

Trabalha para o futuro. Não penetra os domínios alheios, afim de arrancar o sentimento de estranhos.

Isso não representa modéstia, porque a simplicidade pauta-lhe todos os atos da vida, e a existência passa-lhe normalmente calma, silenciosa e mansa, como a corrente esquecida entre seixos na solidão dos desertos. Daí, para muitos, nasce o anonimato, a falta de ânimo, para arrojar-se de corpo e alma á arena onde muitos se degladiaram na busca de um ideal.

Aqueles que nasceram com a faculdade de oferecer aos vindouros a seára da sua imaginação, enfeixando em obras imortais toda a grandeza do seu valor

esses são considerados verdadeiros gênios, entretanto, ontem esquecidos, escarnecidos, ou tidos como plagiadores, e hoje admirados, lidos e cultuados pelas gerações estudiosas. Assim é a vida do intelectual. Assim é a verdade vista por mim.

Os grandes homens da humanidade foram aqueles que mal souberam compreender a razão de ser do seu exílio na terra .Portadores de uma missão grandiosa, viveram para o sacrifício, recebendo das mãos do destino o escárneo para mais ensombrar-lhes os dias.

Eu, pequenino como sou, mas que conheço profundamente as farpas das adversidades da vida, algumas vezes ergui-me cheio de sobresalto para medir os horizontes em tôrno, terminava cedendo ao peso da dúvida. É tanto que das diversas ocasiões em que me assaltava o desânimo, procurando desforrar-me daquele pesadelo, gemia versos como estes:

CENTOPEIA

Dias há nesta vida escura e feia,
Em que o poeta abraçado ao lenho aflito,
Julga descrer ás vezes do Infinito,
Perante a humanidade que o rodeia!

Concentrado na dor clama e pranteia,
Entre a plebe tornando-se proscrito
Do mais vil, mais cruel, talvez maldito
Comparsa desta imunda centopeia!

Mas vós que tendes nesta mesma estrada,
Um teto, um beijo, uma carícia, um sonho,
Visitai essa escura agua-furtada...

Ali vereis o apóstolo divino,
Em cujo olhar descobrireis risonho
O talento em contraste com o Destino.

Escrever mentindo é um sacrilégio do coração. Numa obra que se lança ao publico, está em grande parte a nossa alma estereotipada.

Agora, senhores, como um simples satélite vosso, mas que me coube, igualmente, esta nobre missão, quero fazer o elogío, não de um homem que nasceu sob um signo brilhante; não de uma criatura aureolada pela fortuna, mas de um simples rapaz que veio ao mundo simular felicidade cantando como Cruz e Souza, mas oprimido e ao mesmo tempo acalentado por uma esperança sempre mentirosa, acomodando-se, assim, á razão de ser de sua vida, estudando no imenso alcorão da Natureza, o meio de existir sem os atavios que a muitos couberam na partilha do Destino. Falo aqui de um antístite das musas, que não teve, ao nascer, nem o ouro, nem o incenso e nem a mirra mas talhado para as alternativas de uma existência passageira.

Antônio Glicério veio ao mundo na poética cidade de Ceará-Mirim, onde a Natureza opulenta palpita pelo gorgeio das aves, pela canção do rio, pela beleza dos campos, oferecendo á criatura a poesia imorredoura das mais variegadas paisagens. Não sei dizer se no rosiclér da existência o poeta teve algumas horas de felicidade. A inocência não discute meios, visto não compreender o peso das adversidades, e néssa contingência da vida a criança, desta ou daquela maneira, encontra meios de se julgar feliz.

Transportado para Natal, aos 9 anos, entrou para as oficinas da "A República", encontrando, para companheiros ali, Nestor Lima, João Estevão, José Mariano Pinto, José Alcino e outros. Já néssa época Gotardo Neto e Ferreira Itajubá davam a vida pelo sereno de uma lapinha. E a felicidade existia de verdade. Os nossos bardos, com os preparativos dos dias que se aproximavam para o festejo das lapinhas, exultavam de esperanças e a vida corria-lhes amena e despreocupada.

Tenho conversado com alguns remanescentes

daqueles dias, e êles demonstram sentir gratas saudades de um passado que lhes pertenceu igualmente.

Antônio Glicério começou a sua vida literária, ao lado de Gotardo Neto, Ferreira Itajubá, Francisco Ivo e mais alguns. Isso mais ou menos no ano de 1903, conforme informações que colhi em algumas fontes que reputo verdadeiras. Essa constelação de almas escolhidas, fundou a Oficina Literária, a qual mantinha um orgão intitulado "O Potiguar". Naquela época, quando o progresso não havia ainda galvanisado a alma humana, impondo o preconceito, exigido pelo imperativo do momento... Naqueles dias felizes, quando o candieiro de querosene, recalcitrante aos embates do vento, pendendo da parede de taipa, alegrava as criaturas que se agrupavam na pequenina sala dos mocambos naquela época... quando nas lapinhas os poetas disputavam partidos, endossados pela paixão flamejante das lindas pastoras, cujos olhares cheios de vida abrasavam de amores os corações dos poetas...

Naqueles dias saudosos as letras frutificavam.

Correm os anos, os mêses, os dias e as horas, mas o passado é um livro santo que encerra toda a lembrança dos momentos mais felizes da existência. Ninguém pode destruir do coração o resquício de uma felicidade que parece ainda sorrir á criatura que recebeu das mãos do Destino o condão de uma fé sagrada que ainda promete alegrias fugaces no seu caminho.

É dôce trocarmos idéas sobre o passado, porque nêsse afan de gosar ainda, sentimos na fronte enrugada já pelo pêso dos anos, o roçagar das ilusões que passam de leve e se vão para não mais voltar; porque não podemos mais abrigá-las nas nossas almas que descem para o Nada, obedecendo a uma lei irrevogável.

A lembrança do passado é a tábua de salvação das almas que sabem venerar a esperànça que ainda lhes resta na estrada da vida.

Antônio Glicério não conseguiu estudar, limi-

tando-se a sua ilustração ás primeiras letras, tendo como professora a exma. Snra. D. Lúcia Nazaré Barbosa, que ainda vive, e como professôres de doutrina, primeiramente, o reverendíssimo padre João Maria Cavalcanti de Brito, de saudosa memória, depois os srs. Antônio Lustosa Cabral e o major Sinfrônio Barreto. Mas Antônio Glicério possuia o germen do talento de que mais tarde veio a dar provas. Até que um dia começou a versejar e o público consagrou-o como poeta.

Aqui está uma página sua, uma prova do seu valor:

Estes risos de amôr, feitos de arminho,
E esta essência finíssima de rosas,
Que desprendes das faces setinosas,
Cheias de mocidade e de carinhos,

Estas frases benditas e ditosas,
Como cantos de alegres passarinhos,
Que tu soltas ó flôr, quando sosinhos
Lemos nossas cartinhas amorosas;

Este orgulho que tens de ser tão bela,
Como a flôr desabrochando,
Numa manhã balsâmica e singela;

São predicados fulgidos e nobres
Que eu decanto sorrindo ó, minha amada
Nas pobres rimas destes versos pobres.

Na simplicidade encantadora destes versos, vê-se bem claro, o gênio do poeta, retratado na téla diáfana de uma ilusão, que a todos, na quadra mais propícia da existência, afaga com os seus roseos dedos de saga, essa quimérica e estranha entidade, ao mesmo tempo cariciosa e lisongeira, que conduz a criatura ás paragens encantadas de uma vida romântica e ditosa.

Conhecí de perto Antônio Glicério e vejo que êste sonêto encerra qualquer cousa além da sua i-

maginação, uma vez que a sua melancolia, denunciadora do seu coração pairava um pouco distante da sua alma de sonhador. Mas na verde estância da vida existem muitas variantes, por onde a alma, ás vezes, absorta, vagueia, silenciosa, bebendo a inspiração estranha de uma nova poesia que lhe sorri, fascinando-a. Os poetas sabem muito bem definir êsse novo estado de alma, que constitui para o mundo um segrêdo e um mistério.

Antônio Glicério tendo nascido no interior do Estado, mas dali saindo criança ainda, é lógico que não tenha tido oportunidade para estudar nos cicios da aragem do campo, a grandeza religiosa do panteismo da Natureza... numa estância onde o rio refléte as côres de um céu quasi que constantemente azul. Onde o canavial coroado de penachos alvacentos aos embates da viração, como que sonhando preguiçosamente as carícias da grama esmeraldina dos vales desertos convida a alma sonhadora á meditação e á prece.

Dali saindo, o poeta veio residir perto do mar, nesta linda cidade. E o mar teve, um dia, o seu poema, quando o vate exclamou:

> Si os mares ouvissem meus cantos perdidos,
> — Funéreas canções de um descrente sem luz...
> Talvez não deixassem seus longos gemidos
> Ferirem meu peito que a magua traduz.

O poeta falou em descrença... Sim. O sonhador nada esperava, a não ser no lar querido, onde podia ocultar toda a sua aspiração irrealisável, ao lado da esposa idolatrada, êsse anjo consolador dos seus dias na terra... essa criatura que durante toda a vida aromatisou com a sua mocidade, com o seu aféto, com o seu beijo ardente, a existência vasia do poeta.

A descrença é o apanágio dos exilados deste mundo. Isso é um atributo que lhes pertence, uma vez que vivem sempre esperando, desiludidos, por uma ventura que não prometeu chegar.

É lógico que Antônio Glicério tenha tido oportunidade na vida de proclamar que sabia cantar; que a sua lira pedia a atenção dos homens de bôa vontade, para poder erguer além das estrelas o nome da terra que fôra o berço de tantas glórias já, e que igualmente lhe pertencia!... Tinha, o poeta, necessidade de ilustrar-se e ilustrar o coração, para poder enveredar pela senda dourada de uma melhor ventura! Oh! o poeta desejava muito, e o mundo voltou-lhe o rôsto!...

De decepção em decepção mas sempre cantando, seguia o seu caminho, e as suas esperanças foram se dissipando uma a uma, até que desceu sôbre a sua alma a noite tétrica da sua desdita.

No dia 21 de Agôsto de 1918, quando o saudoso poeta contava já 37 anos de existência, nasceu-lhe Alba. Apesar de haver recebido das mãos da Providência essa dádiva sublime, sentindo já perto de si a sombra da morte, compoz á sua filhinha querida as seguintes quadras:

Minha querida filhinha,
Estes versinhos são teus...
Prá quando fores mocinha
Cantares nos anos meus.

Caminhas na bela estrada
Da vida, livre de espinhos
Enquanto eu vou para o Nada,
Mas cheio dos teus carinhos...

Tenho pena de, já velho,
Não ver-te alegre e mocinha,
Recebendo os meus consêlhos,
Minha adorada filhinha...

No fim da vida funesta
Vieste, Alba, nascer,
Dando um sorriso de festa
A noite do meu sofrer...

Adeus, filha. Deus te faça
Sempre formosa e bendita,
No luar da tua graça
Minha alma canta e palpita.

Minha querida filhinha,
Estes versinhos são teus
Prá quando fores mocinha
Cantares nos anos meus...

E o saudoso vate termina repetindo a primeira quadra destes versos, como que lembrando, advertindo á filha querida, que na sua data natalícia, envez de invocar a tristeza, seria melhor cantar... mas, segundo parece, Alba não poderia passar esta data sombria sem experimentar o travo pungente de uma saudade. E Alba nasceu quando faltavam apenas 3 anos para o seu idolatrado pai falecer.

O poeta tinha razão. Quem se encontra em semelhante perspectiva, não pode trair seus sentimentos. Antônio Glicério esperava o seu fim, e somente êle poderia saber disso. É tanto que, á proporção que o tempo marchava, êle sentia a tenebrosa sombra do Nada envolver-lhe a fronte. Embora no seio da família simulasse felicidade e esperança. No Sonêto Últimos Sonhos, que adiante recitarei, vê-se a verdade destas palavras.

Alba não chegou a sentir a separação do seu querido pai, dada a sua pouca idade. Mas o poeta, êsse, sim, parece que o vêjo, alta noite, a mirar o rôsto da filhinha a dormir calma e feliz, enquanto êle, curvado sobre o leito da inocência, deposita de leve um beijo e uma lágrima na fronte daquele anjinho, que veio ao mundo, para bem cêdo experimentar o travo da orfandade.

Alba cresceu ignorando tudo isso, porque sòmente a noite profunda e silente testemunhou a dôr de um pai que sentia perto de si, muito perto já, o manto frio da morte cobrindo-lhe aos poucos o semblante.

Temos aqui mais uma prova do lirismo suave e

encantador dêsse bardo, cujo estilo faz lembrar Antônio Nobre. Parece que nestes versos o poeta decanta um antigo sonho que o Destino desviou da sua estrada, e que agora veio tangido por um capricho, ou casualidade, palmilhar, mais belo, mais vivo e mais perfeito aqueles mesmos caminhos já tantas vezes percorridos, tão conhecidos seus, tão amigos. Vejamos o que disse o sonhador:

DE RETORNO

Chegaste linda como um sol dourado,
Que vem surgindo quando rompe a aurora...
Tendo nos lábios êsse amôr de outrora
E o mesmo riso terno e apaixonado.

Chegaste, sim, com o coração guardado
Entre alegrias e ilusões, senhora;
Qual andorinha que de espaço em fóra
Viesse em busca de um ninho idolatrado.

Então, vendo-te assim, toda ufanada,
Brilhando a cada instante á luz amada
Desses teus olhos que a paixão não trunca;

Eu guardo na minha alma, terna e santa,
A flôr desta amizade sacrossanta,
Desta amizade que não morre nunca!

Agora vamos ouvir o poema que se segue, feito a uma menina, poesia esta que reputo entre muitas uma das melhores do poeta:

Quando Ana nasceu, quando o seu riso
De leve abriu-se á flôr da primavera;
E o seu olhar tão luminoso era
Como um celeste e claro paraiso;

Num dilúvio supremo de carinhos,
Onde canta a virtude e o amôr se encerra,
Eram as aves dos desertos ninhos
Beijando a rosa angelical da terra.

Quando Ana falou e as inocentes
Frases sairam da boquinha sua,
Como notas de citaras, ardentes,
Sôltas em noites aromais de lua;

Toda a minha alma em perenais adejos,
Sem sentir agonias nem ressábios,
Vibrou cantos de luz deixando beijos
Na frescura sadia dos seus lábios.

Quando Ana cresceu, sempre cercada
De quimeras, de sonhos, de desvêlos,
Conservando a existência retratada
Na côr dos seus lindíssimos cabêlos;

Eu, com grandes saudades e lembrança
Dos meus dias em flôr, da infância minha,
Tive orgulho de vêr como a esperança
Ana sempre feliz, feito mocinha.

Hoje Ana, simpática, formosa,
Num concêrto de sonhos soberanos
Canta alegre a canção maravilhosa
Dos seus gentis e perfumados anos.

Tendo embora no peito a nostalgia
E nalma tendo uma ilusão perdida,
Vão meus versos em grende romaria
Beijar a rosa do jardim da vida.

Esta é a poesia de Antônio Glicério. Simples, harmoniosa e branda. Êsse poeta, livre do estilo empolado, escrevia para todos os corações e sabia dizer para ser compreendido. Os seus versos são claros, amenos e doces, capazes de emocionar os corações mais endurecidos, mais divorciados da beleza da arte encantadora de Auta de Souza.

Escrever versos para agradar, é difícil. Mas cada escritor nasce com uma estrêla e dêsse signo depende a sorte de cada um. O nosso poeta recebeu da Natureza o condão de despertar a saudade na-

queles que o lêm. Saudade digo, porque a saudade é um atributo que a todos pertence. Basta lembrar que todos têm um passado a recordar e nisso se encerra a existência de cada um na terra. Eu, pela minha vez, digo que possuo um coração propenso ao sentimento. Certa vez (lembro-me perfeitamente), achava-me pernoitando na serra do Martins ha quasi cem léguas distante da Capital, quando o Gil Soares convidou-me para ouvir pelo rádio a hora da saudade da Paraiba. Não tenho pêjo em confessar que ao ouvir uma linda voz de mulher cantando uns belíssimos versos do nosso colega poeta Francisco Ivo — *Abre a janela, meu formoso lírio...* senti os olhos húmidos. E quem não sentiria como eu? Nessas ocasiões a criatura vê-se assaltada e logo dominada pelo sentimento. Isso é cousa frequente nas criaturas sensíveis.

Vejamos agora mais um lindo sonêto de Antônio Glicério, intitulado Mãe:

Bendito coração. Alma nascida
Num dôce lar feito de luz e rosas,
Onde as sonatas místicas da vida
Dão mais alento ás almas desditosas;

Bendito coração. Alma cingida
Pelas estrelas lúcidas, formosas,
Que recebe dos céus, agradecida
As bençãos imortais e luminosas;

Querida flôr, que nas manhãs douradas
Tanta beleza e tanta graça exprime
Dando perfume ás rubras alvoradas;

Para que esta alma triste te acompanhe,
Dá-me o fulgor imáculo e sublime
Do teu sorriso abençoado, ó mãe.

Os poetas levam grande parte da sua vida de ilusões, despertando tarde quasi sempre, para cair

na realidade, e essa perspectiva é bastante enganadora. A boemía arrasta aqueles que vêm na existência uma prova superior ás suas fôrças, e as dôres sufocadas pela entorpecência dos vinhos deixam, traiçoeiramente, a sua vítima dormir na ilusão de um sonho de esperanças, para mais tarde explodirem terríveis. Daí, então, a criatura vergada ao peso das amarguras tomba para não mais se erguer. Não é nos cubículos suspeitos que a inspiração se faz sentir. Não. A inspiração dimanando de uma fonte divina, jamais coaduna-se com a sargêta. A Natureza encerra em si o maior e mais precioso tesouro para os sonhadores colherem a inspiração. Nossa terra, a mais formosa do mundo, com o seu rio fuzilando á luz do sol... êsse mar que lhe beija as plantas derramando sôbre a faixa branca das praias encantadoras a espuma turbulenta das ondas; os ocasos, cuja poesia religiosa embevece os corações; a campina, os caminhos ladeados de flôres silvestres... Os sertões... as serras... tudo enfim constitui um precioso cabedal para o sonhador dizer nos seus poemas. Mas as ilusões são ingratas, transviam os poetas, acenando-lhes com um trapo verde de esperanças e êles, fascinados com o canto da sereia, naufragam e morrem.

Não condeno com isso a ninguém diretamente. Apenas, com a impressão da leitura dos versos de Antônio Glicério, pude ver que êsse bardo foi um boêmio triste, amante das serenatas e dos luares, rendendo um culto a cada ilusão que lhe acenava no caminho da vida. Pela linguagem dos seus versos, que são o espêlho da sua alma nota-se, todavia, um cunho de simplicidade que muito vem amaparar o seu prestígio de sonhador. Viveu pouco, mas esta circunstância não agrava-lhe a memória, uma vez que o seu físico sempre foi uma prova denunciadora de pouca saúde. Pálido, esguio e sempre com o semblante velado por uma sombra de melancolia, parecia assim que o círculo da sua existência estava traçado apenas para uma curta estadía na terra, cabendo-lhe a sorte de muitos outros sonhadores

que deixaram a vida em pleno alvorecer de uma existência promissora. Todos vós conheceis a vida desses homens que vieram ao mundo para seguir caminho bem diferente do que tomaram.

Não sei em que consiste a glória deste mundo, e uma vez que assim é, para que não procuramos amenisar as agruras da existência, inventando algo para enganar o tempo que corre livre e traiçoeiro? Dos poetas que sofrem raro é o que estuda. Pelo contrário, engolfado na dúvida de uma felicidade esperada, esquece tudo. A sua musa, nos primeiros dias das alvoradas da vida, corre amena, encantadora e deliciosa como a borboleta dourada que á luz do sol cruza os jardins enflorados. Depois, mais tarde, surge fria, anêmica e pobre. Porque isso assim? Os homens que empunham um instrumento mágico para arrancar do ouro do seu talento aquilo que de mais belo possui a Natureza, despreza a essência da pureza primitiva para rumar á charnéca, onde não floresce um lírio siquer.

Êsse é o mal de quasi todos os poetas que sofrem. Uns até chegam a fazer como Antero de Quental, procuram termo aos sofrimentos dando um salto mortal para o Nada.

Eu que conheço de perto éssas cousas, procuro sempre desvencilhar-me das amarguras da vida, estudando, escrevendo ou contemplando a grandeza do Universo, representada pelo velho mar que temos sempre diante dos olhos, todas as vezes que procuramos compreender que Deus é Todo Poderoso. Diante do mar o homem deve olhar-se, olhar em torno a vêr a sua pequenez. A criatura se defrontando com êsse colosso, sente perto de si o fluido supremo do poder cosmico. Porque não estuda o homem a razão de ser de tudo isso, para chegar um dia a entender que a terra não lhe pertence, que a sua vida não é uma palha que se queime e desapareça? Devemos, portanto, acomodar-nos ao lugar que nos coube neste velho planeta.

Os poetas vieram ao mundo para cantar. Sòmente nisso se encerra a grandeza da vida. Cantan-

do, o poeta pouco sente o que se passa em torno de si. Estudando, compreende que uma vida que perambula pela terra, é necessária á cadeia do progresso coletivo, que marcha ininterruptamente para a perfeição e para a eterna sabedoria das cousas eternas.

Devemos sofrer resignados na terra. Creio que nenhum desses sonhadores que se rojam pelos estreitos quarteirões da vida que lhe coube terá mais razão do que eu, que daqui desta tribuna lanço inofensivas admoestações áqueles que receberam das mãos da Providência um dos mais sublimes atributos — o talento. Com o talento, o homem vence e se impõe entre aqueles que nasceram para sentir de perto as emoções.

Creio que os versos que já foram ditos, deram testemunho do valôr do patrono da cadeira que ocupo nesta Academia. Entretanto, para encerrar êste trabalho, é do meu dever trazer, ainda, ao conhecimento de todos, o último sonêto do poeta, cujo éco pungente representa o canto do cisne.

Últimos Sonhos, é o seu título.

Cala-te, musa! Não vês? Estou tão doente...
Não posso cantar mais como cantava
Outrora. Hoje, minh'alma unicamente
Vive da dôr e da saudade escrava.

Ontem ditoso fui. Muito gosava
Á luz de um grande amôr, feliz, ardente,
Que na estrada da vida, docemente,
Entre santas carícias me levava.

. . . . . .

Cala-te, musa! Eu sinto a morte perto
De mim. Já não sou mais quem dantes era,
Sigo um caminho lugubre e deserto!

Os meus dias eu vejo consumados...
E um esguio cipreste alí me espera,
No campo silencioso dos finados.

Antônio Glicério partiu para Santo Antônio do Salto da Onça, a procura de melhoras para a sua saúde, no dia 13 de Maio de 1921, vindo a falecer no dia 5 de junho desse mesmo ano, contando apenas 2 dias da sua partida ao seu falecimento. Como vemos, nasceu Antônio Glicério no interior e no mesmo interior fechou os olhos para sempre á luz da vida.

Os seus restos mortais descançam na cova rasa de um pobre cemitério de aldeia lá onde a tristeza é mais pungente e o luto da noite é mais profundo.

Tomei a liberdade de transcrever do livro "Poetas do Rio Grande do Norte", organisado pelo saudoso Ezequiel Wanderley, o seguinte a respeito de Antônio Glicério:

— Natural do Ceará-Mirim e filho de Francisco das Chagas e D. Sancha Conceição, nasceu Antônio Glicério a 2 de Julho de 1881.

Vindo para Natal, muito moço, dedicou-se á profissão de tipógrafo, trabalhando, durante alguns anos, nas oficinas da "A República".

Deu colaboração a diversas gazetas, já desaparecidas.

A 16 de Maio de 1911, casou com D. Leopoldina Matos.

Se Deus o tivesse ajudado e a boemía o permitisse, teria feito a publicação de um livro de versos á que dera o nome de Cantilenas.

Ultimamente ocupava um modesto cargo público no Grupo Escolar Frei Miguelinho dirigido pelo Professor Luís Soares.

Expirou na vila de S. Antônio, deste Estado, a 5 de junho de 1921.

Saudação ao Acadêmico Câmara Cascudo*

AMÉRICO DE OLIVEIRA COSTA

Designado para saudar o sr. Luís da Câmara Cascudo, em nome da Academia, nesta solenidade de sua posse na cadeira nº. 13, desejo agradecer, de antemão a generosidade e a distinção dos meus nobres confrades, chamando-me ao desempenho de tão elevado mandato; mandato, permiti que vo-lo diga, bastante lisongeiro á vaidade de quem nêle investido, embora nem por um instante siquer deixasse de ter presentes, no espírito, a responsabilidade e as dificuldades que essa missão envolvia.

Estamos diante, meus senhores, de uma das mais poderosas e sugestivas organizações mentais de escritor patrício, dono de uma obra séria, meticulosa e de natureza vária, e nome que já se projetou além mesmo das fronteiras culturais do Brasil.

Historiador, folclorista, etnógrafo, cronista, professor, jornalista, — para citar apenas os aspectos mais relevantes de sua personalidade e de suas atividades, — o sr. Luís da Câmara Cascudo, porque escapa justamente ás limitações estreitas da unidade, não facultando pela sua constante mobilidade, que o encaremos de um só ângulo ou de um ponto de vista intransferível, é uma condição intelectual de difícil esquematização.

Como se ampliavam e fugiam, por isso mesmo, ás minhas possibilidades de captação e construção objetiva as suas complexas proporções, quando da feitura deste discurso, a ser composto sob os cano-

nes das tradições e normas das recepções acadêmicas, isto é, com a evocação e o exame da obra do ilustre companheiro!

Recordava que havia lido, certa vez, de Stuart Mill: "saber é classificar". Servir-me-ia esse conselho do filósofo como fio de Ariadne na jornada que deveria empreender, através e á margem da produção desse infatigável trabalhador de letras?

Sob esse critério, tomado ás regras cartesianas, comecei a tarefa de esboçar-lhe o perfil, numa série de instantâneos apanhados de sua vida e de seu labor espiritual.

Peço-vos, antes de mais nada, excusas da maneira por que assim a conduzi, utilizando uma ordem de assuntos e visões em que, de permeio com a obra do escritor, se encontram íntimas impressões do conhecimento individual.

O PROFESSOR

Já vos disse, uma noite, sr. Luís da Câmara Cascudo, numa festa com que intelectuais e amigos vossos, de Mossoró, ali vos homenageavam, que a minha satisfação de interprete dos sentimentos dos que déla compartilhavam, era tanto mais radiosa quanto nem sempre é dado a um discípulo poder falar diante do mestre.

Porque foi assim o meu primeiro contacto convosco. Antes do escritor, do etnógrafo, do folclorista, — eu me aproximei do professor.

A cátedra de História do Brasil, no velho Ateneu, sob vosso comando, era em 1930, por exemplo, quando por ali passei, o encanto entusiasta de vossos alunos e da escola inteira, porque os vossos métodos e as vossas lições como que ultrapassavam os círculos normais da classe, atraindo rumorosamente a juventude dos outros setores e gráus do curso de humanidades.

Eu mesmo já com o meu exame da matéria feito, no ano anterior, no Recife, quantas vezes não entrei a ouvir-vos as preleções, a integrar-me no

grupo fascinado dos estudantes que vos seguiam o desenvolvimento dos programas!

Como se explicava essa sugestão? Por que esse sortilégio? É que, ao amplo conhecimento da disciplina, á noção pessoal dos diversos problemas históricos, surgida das análises, investigações e meditações próprias, á erudição farta e accessível, juntáveis algo mais cuja verificação constituia, para os estudantes, motivo de alegria e admiração.

Desprezando a lição de Von Ihering, para quem a História não passava da narrativa sêca e simples dos fatos consumados, quebráveis um tabú e um preconceito ainda hoje tão arraigados, nos costumes e hábitos da vida educacional brasileira: o do professor áspero e dogmático na sua cadeira, o professor mecânico e por assim dizer despido de humanidade, o professor para quem o ensino de sua ciência assume rigidas perspectivas burocráticas, mumificadas, impessoais.

Nas vossas mãos, a História significava em verdade, aquela "inteligência do passado", a que aludia Jacques Bainville, — um elemento claro, vivo e prodigioso, porque vós a animáveis de vossa exuberância cordial, e era quasi com espanto que sentiamos o mestre tão ao alcance de nosso gesto, pela íntima preocupação na diretriz dos nossos estudos, pela atmosféra de compreensão e solidariedade que estabelecieis entre a cátedra e os bancos escolares, pela liberdade de iniciativas e de interpretações que permitieis e facilitáveis aos vossos alunos, na explanação e no debate dos sucessivos temas.

O HISTORIADOR

Com naturais e lógicas transposições de métodos, sr. Luís da Câmara Cascudo, há sido aquela também a vossa trajetória de historiador: a História concebida não como a fácil coordenação cronológica de textos descritivos, mas a História sob fundamentos racionais, a História segundo a noção de sua "utilidade", dos juizos de Salustio, e o intuito pri-

mordial de Tito Lívio, de reviver o passado como um exemplo e uma experiência.

Aí estão os vossos livros e as vossas téses, — "A Intencionalidade do Descobrimento do Brasil", "O Marquez de Olinda e o seu Tempo", "O Conde d'EU", "Lopez do Paraguai", "O Doutor Barata", "História do Rio Grande do Norte".

"A Intencionalidade do Descobrimento do Brasil", tése com que vos candidatastes á cátedra de História do ex-Ateneu, corrige, incisivamente, um falso pressuposto, tão alicerçado e propagado nos nossos compêndios didáticos, que já adquirira até fóros de cidade, acompanhando-nos pela vida afóra... Oficialmente, o fato se explicava e admitia, sob aquele ponto de vista da casualidade, seja o envolvimento da esquadra de Pedro Álvares Cabral pelas correntes submarinas, seja a calmaría das costas de Africa impelindo os navegantes para o ocidente, resultando no encontro auspicioso com a terra desconhecida.

Perante a douta congregação do secular estabelecimento de ensino público, na disputa de um concurso, viestes afirmar o contrário, viestes provar numa autêntica lição de mestre, corajosa, lógica e documentadamente, nesse primeiro mais responsável debate do problema, a inconsequente e frágil dialética do persistente logar-comum, hoje absolutamente insustentável.

Que vos teria seduzido o espírito, que vos teria provocado a sensibilidade, em favor do estudo da figura do regente Pedro de Araújo Lima? Pouco haveria, certamente, a esmiuçar e a revelar ainda dessa vida obscura e modesta que modelou, entretanto, serenamente, alguns rumos definitivos do Brasil Imperial; pouco interesse despertaria, talvez, um livro sobre êsse estadista, sem o prestígio dourado de um Nabuco de Araújo, sem os ardentes tumultos de um Feijó, feito por um escritor de provincia, sem auxílio e estímulo, embora já com uma segura reputação, mas assim mesmo longe dos arquivos e das

bibliotecas essenciais ás consultas necessárias, longe das *côteries* intelectuais da metrópole...

Lançastes-vos, contudo, á aventura. De que não falhastes na taréfa, bastaria que eu reproduzisse aqui o julgamento do Conde de Afonso Celso sobre o vosso "O Marquez de Olinda e o seu Tempo": "biografia artística e sólida, qual um momento".

Em realidade, a obra que compuzestes, segundo confissão vossa, sem acreditardes existir para ela editor nem público, e apenas com o encanto de evocar todos os velhos ministros, o Imperador, as eleições, a lealdade, o brilho, a graça, o perfume dum ambiente que não conhecestes e do qual viveis exilado, — a obra que compuzestes, repito, superou as vossas modestas avaliações, e já hoje não será possível aos estudiosos recusar, no exame do dramático periodo das regências, a colaboração lúcida e honesta que aquele volume representa.

"O Conde d'EU" é um dos testemunhos mais nítidos de quanto prezais e reivindicais, como historiador, a justiça da História.

Das páginas que dedicais a esse neto de Luís Felipe, a esse descendente da casa ilustre de Orléans, que as contingências do destino político haviam tornado príncipe consorte num exuberante império tropical, que então atravessava uma época exaltada de jacobinismo, as suas virtudes e o seu caráter, o senso de honra e de dignidade, a bravura e o equilíbrio de bom brasileiro avultam e se consolidam.

A seu propósito, escrevia-vos, em novembro de 1933, o eminente historiador e político sr. Pandiá Calógeras: "Uma nobre biografia que vale por uma reparação histórica e por uma obra de justiça. Fui muito amigo dêle, por tradição de família, e por isso, posso avaliar quanta justiça, que lhe foi negada nos tempos do Império, o seu livro lhe fez".

"Há, no Exercito", — continúa o autor realista da "Formação Histórica do Brasil", — "uma expressão corrente, com que se designa todo aquele a quem, em vida, se não faz a justiça devida. O Conde d'Eu pertence a essa grande família dos "injustiçados".

E, no final: "A única cousa que lastimei foi ser tão curto o seu livro".

"Lopez do Paraguai" é uma atitude franca e sonóra, para usar adjetivos tão de vosso agrado, de mosqueteiro e de esgrimista dartagnanesco.

Contra um grupo de intelectuais sul-americanos, teimósos no provar modelos cívicos e predicados sociais em quem se esbaldou nas demonstrações mais positivas de egoismo, orgulho e loucura, saistes á arena e jogastes o vosso cartel de desafio. A arrogância do gesto se corôou de nobres intenções reverentes e patrióticas: "Este livro é dedicado á memória altíssima de todos quantos souberam morrer em defesa ou ataque ás bandeiras do Paraguai", — inscrevestes, votivamente, no limiar de vossa obra, para a qual Rocha Pombo e Escragnolle Doria escreveram, especialmente, uma carta e um perfil, e que é bem o espelho em que se refletem, sem exageros ou deficiências, os sombrios contornos do caudilho.

"Obra de paixão, de nobre paixão brasileira, esse livro é uma justíssima e vingadôra resposta aos O'Leary e aos Carlos Pereyra. Só a vibração de um poeta, de um escritor de raça, como V., poderia reivindicar os altos direitos do nosso generoso passado", assim dela fala a vóz lúcida de Ronald de Carvalho, em correspondência de 17 de outubro de 1927.

Um dia, sr. Luís da Câmara Cascudo, já bacharel formado, descobristes, com surpresa, que tinha havido um outro doutor Barata, em Natal, e que dêle decorria diretamente, e não do doutor Afonso Moreira de Loiola Barata, por maiores méritos e relações que êste arrolasse, a designação de nossa principal artéria da Ribeira.

Decididamente, essa simples constatação não bastava á vossa curiosidade ingenita, permanentemente mobilizada e sequiosa de razões últimas.

Malbrough s'en va-t-en guerre,
Dieu sait quand il reviendra...",

canta uma velha canção.

Assim, também partistes em guerra, no roteiro do esquecido e ignorado personagem; e gastastes —

como lá está dito na introdução de vossa *plaquette*, — todo um periodo de vossa vida humilde em reunir os traços de sua história, "na vida em pedaços repartida..."

Quem era êsse outro doutor Barata? Que trouxestes de volta?

Êsse outro doutor Barata (Cipriano José Barata de Almeida) é uma das mais singulares figuras de toda a história política brasileira dos fins da Colônia e dos primeiros anos do Império. Forneceu-nos, dêle a vossa arte de retratista psicológico, uma "água-forte de linhas admiráveis, nervosas e impressionantes.

O baiano pequeno, irritável, ardente, tempestuosamente nacionalista, mentalidade e temperamento plasmado ao influxo das ideias revolucionário-democráticas de 1789, — grandes, humanas e imperecíveis ideias em verdade — era, assim, uma espécie de *sans-culotte*, de *montagnard*, de convencional irredutível, que teria votado inapelavelmente pela decapitação do rei, — perdido no ambiente conservador e rotineiro de uma colônia lusa. Deputado ás côrtes de Lisbôa, jornalista, panfletário, tribuno, agitador, teve a existência pontilhada de quixotismo, hábitos inadaptáveis, atitudes rompantes, gestas de altivez e insubmissão, detenções em calabouços, ditos chocareiros.

Os títulos de seus jornais, panfletos e manifestos indicam o lutador agressivo, teimoso, incoercível, que sabia de cór os versos satíricos de Gregório de Matos e cujo soneto contra Pedro I e os portuguêses tem êste fêcho, lapidar para a própria definição do homem: "quem vê um imperador, vê um tirano".

Marat gostaria daqueles títulos: "Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco", "Sentinela da Liberdade á Beira do Mar da Praia Grande", "Sentinela da Liberdade na Guarita do Forte de S. Pedro da Baía de Todos os Santos"...

Morto a 1.º de junho de 1838, aqui em Natal, onde chegara em princípios de 1837, e onde a vida como que lhe amainou, voltado para o ensino de hu-

manidades, professôr de francês no Ateneu, visitando enfermos, distribuindo remédios, e amigo íntimo do presidente Parrudo, teve, em vós, sr. Luís da Câmara Cascudo, justamente noventa e nove anos depois, o biógrafo minucioso que estava a reclamar, numa brochura editada em 1937, pelo Govêrno do Estado da Baía, sua terra natal.

Vi-lhe, há alguns dias, a máscara robespierreana, numa litografia antiga. Os traços fisionômicos animam-se de graves e concentrados lampejos, sob a longa e ondulosa cabeleira branca... Pensei, então, na amargura de exilado, que deveria *"rétrecir"* a alma daquele intransigente *ami du peuple,* egresso do Terror e do Comité de Salvação Pública...

Conta Michelet que, defronte do Arco do Triunfo, um dia, em Paris, sonhou conhecer a história, não só do Imperador e de seus marechais, mas do grande povo, da tentacular e imensa massa obscura, cujos sofrimentos e heroismos são a substância do monumento.

Parece-me, sr. Luís da Câmara Cascudo, que essa visão do preclaro historiador encerra muito da vossa compreensão da taréfa, do dever do historiador, e bem pode constituir o signo sob o qual se há construido uma de vossas últimas obras.

Na "História do Rio Grande do Norte", atualmente em impressão, ressaltam magnificamente todas aquelas idealizações.

Não se trata de uma história de heróis isolados, de heróis dando nome aos capítulos, de heróis, á maneira carlyleana, ordenando inteiramente o caminho das gerações. Néla, ao contrário, fremem e agem os complicados e difusos organismos comunitários, na tessitura do lento e maravilhoso "processus" da civilização. Qualquer cousa como a tortura e o sofrimento das raízes, qualquer cousa como os anônimos e desconhecidos alicerces, — sem os quais, porém, não seriam possíveis a beleza das rosas e o milagre dos frutos, — o levantamento e a permanência do edifício social, afirmando-se, resistindo, avançando...

Antes, em "Governo do Rio Grande do Norte" numa obra de sistematização cronológica e biográfica de todos os capitães-móres, presidentes provinciais, governadores republicanos e interventores federais desde aquele longinquo e audaz Manuel Mascarenhas Homem, no rude ano da graça de 1597, já havieis padronizado o cadastro autêntico da sucessão das nossas chefías executivas. — obra que retifica velhas noções, completa dados insuficientes, sitúa os legítimos periodos, esclarece, amplia, ordena.

O vosso perfil de historiador não estaria bem acentuado, entretanto, se esquecessemos as profundas virtudes de paciência e equilíbrio, de probidade e exatidão intelectuais, que o condicionam.

Se vos exalta, como a Valéry, a "vontade de lucidez", também é muito vossa a concepção de que "pas de documents, pas d'Histoire".

Tenho sido, por mais de uma vez, testemunha das vossas pesquisas, das vossas buscas infinitas em alfarrábios, antigos livros, empoeirados arquivos, dominado pela paixão da minúcia e do detalhe esclarecedor. Proclamavam os Goncourts: "o epíteto raro, eis a marca do escritor". Vós poderieis parodiá-los: a fonte, o documento autêntico, eis as legítimas credenciais do historiador.

Estas três mensagens, por vós recebidas, duas da França outra da União Soviética, denunciam o prestígio e a expansão do trabalho do investigador e do erudito.

Nous compterons en vous un collègue savant et actif. Vos travaux enrichéront nobre Societé des Américainistes", comunica-vos, de Paris, o General Louis Langlois.

"Je vous prie de croire que les colunnes de la "Révue Internationalle de Sociologie" vous sont ouvertes" diz, da Universidade de Bordeaux, o professor Gaston Richard.

J'ai fait une exposé sur votre oeuvre dans le cercle géographique d'ici, spéciale pour les écoles de la ville sur la découverte de la "terra de Santa

Cruz", informa-vos o professor A. Schepotiev, de Krasnodar, no Caucaso.

O ETNÓGRAFO

De vossas atividades de etnógrafo, não são menos expressivos os títulos e depoimentos.

"Em Memória de Stradelli", por exemplo, mandado editar, em 1936, pelo Govêrno do Estado do Amazonas, aliás sob o vosso desejo manifesto de nenhuma compensação material, com a reversão de quaisquer resultados financeiros em benefício dos leprosos amazonenses, é um sólido ponto de referência, a cujo respeito o professôr Percy Alvy Martin, da Universidade de Stanford, Califórnia, assim se referia: "Seu trabalho é um modêlo biográfico no gênero".

Durante ano e meio, jogando com elementos incertos, raros, difíceis, que vos exigiram supremas reservas de paciência e fervor, para não desistir, fostes juntando as peças olvidadas e perdidas que compunham a estranha e perturbadora individualidade desse fidalgo italiano, de velha aristocracia lombarda, nascido na senhorial cidade guelfa de Piacenza e morto no leprosário de Umirisal, perto de Manáus, após meio século de sonhos e lutas aventurosas nas regiões da Amazônia, movido por um mágico *élan* de conhecer, compreender e admirar.

Percorrendo-vos os capítulos, tocados de larga simpatia humana, pelo vulto surpreendente desse Stradelli, cujos stendhalianos itinerários, como que de todo entregues ao sabor da imaginação e do instinto, desnorteiam, e que foi, como o classificastes, "um Humboldt sem programas, fazendo uma marginalia do "Cosmos", quasi o sentimos e amamos como a um personagem de novéla. Não seria, aliás, sem acentuadas razões, que acabariamos até por aceitar a lenda explicativa de sua presença no Brasil, recordada pelo padre Tastevin: a de que, infeliz no casamento, tinha deixado família, pátria, religião,

para entranhar-se no deserto das florestas virgens do Amazonas.

E' absorvente, nos seus detalhes e no seu desfecho, a história de Stradelli.

A vossa "Memória", sr. Luís da Câmara Cascudo, se nos restitúi o explorador, integro e sensível nas suas íntimas peculiaridades, fá-lo, todavia, também em função do ambiente em que êle mais viveu a sua profunda e extensa experiência.

Stradelli observou e registrou aves e féras, costumes dos seringais, grupos indígenas, lendas e tradições, enveredou á cata de desconhecidas nascentes de rios, estudou e aprendeu o nhengatú; talvez mesmo o seu máximo esforço haja sido no sentido da elaboração de um vocabulário nhengatú-português e português-nhengatú, publicado três anos após a sua morte, em 1929, documento amplo e generoso de sua plena identificação com a terra inculta que amava, e a que, por um destino pitoresco, chegou a servir em cargos burocráticos da magistratura.

Nos seus livros, nas suas comunicações, nas suas notas de viagens, contém, assim, um precioso repositório, e o vosso volume, sr. Luís da Câmara Cascudo, resume, ainda, excelentemente, toda essa documentação honesta, arrancada ao vivo e ao original.

"O depoimento de Koster é o primeiro, cronologicamente, sobre a psicologia, a etnografia tradicional do povo nordestino, o sertanejo no seu cenário. Depoimento completo, apaixonado de pormenores, rico de côr, de movimento, de notícia", — afirmais sr. Luís da Câmara Cascudo, a certa altura do prefácio escrito para a vossa tradução do "Travels in Brazil".

Efetivamente, em face de Henry Koster, o "exato Koster", como o chamava Richard Burton, filho de ingleses, nascido em Portugal, falecido de tuberculose, no Recife, provavelmente em 1820, — estamos em contacto com o indispensável informador das variadas manifestações de atividade humana, nestas

nossas regiões nordestinas, em determinado momento de sua evolução.

Não foi, no Brasil, êsse sudito da corôa britânica, um observador "oficial", "autorizado", não teve, como salientais saborosamente, "a obrigação técnica de vêr, desenhar e regressar á Pátria, com bichos, folhas e relatórios".

Curioso e enamorado da terra tropical, aproveitou, entretanto, os ócios e vagares de eterno convalescente. Morando em Pernambuco, onde procurou vincular-se aos hábitos e usanças da colônia, viajou a Paraíba, Natal, Mossoró, Fortaleza, São Luís do Maranhão, Alcântara. Por onde passava, teve compreensivos olhos para ver, gosto para considerar, papel para anotar, Nada lhe foi estranho: as figuras e as condições e reações do meio, pássaros, animais, árvores, bruxarias, alimentação, festas, organização social, escravaria, anedotas, estatísticas, comércio, política, superstições, paisagens, as cidades, o sertão. Em Londres, de 1815 a 1816, porque lhe pediam, coordenou o "trabalho" em volume.

Por mais importantes que fossem êsse inglês e seu livro, não estaria eu, todavia, aqui, a falar-vos de ambos, se desde 1942, não estivessem êles para sempre ligados ao vosso nome e ao vosso labor de erudito e beneditino da pesquisa etnográfica.

Encarregando-vos da tradução e comentários do "Travels in Brazil" para a sua coleção "Brasiliana", a Companhia Editora Nacional realizou uma iniciativa de marcantes repercussões. Porque o Koster que nos destes não revéla apenas o tradutor meticuloso e fidedigno, de um livro de necessária divulgação. Os milhares de anotações com que o enriquecestes, o revalorizam de novos e positivos elementos de interesse, conhecimento, atualidade.

O FOLCLORISTA

Chego, neste instante, ao *climax* deste meu esforço, desta minha tentativa de "aproximação", no

sentido que a este vocábulo empresta Charles Du Bos, com a vossa pessôa e a vossa obra.

Nesse domínio da cultura, — o Floclore, — vos constituistes, de maneira irrecusável, a nossa mais autorizada categoria intelectual. Lembro os julgamentos e referências de um Levy-Bruhl, de um Miguel de Unamuno, de um Ralp Steele Boggs... Fala o emérito *sorbonnard:* "...jeune et brillante maitre dans le Folk-Lore americain", o mestre da Faculdade de Salamanca confessava que, em vossa obra, enxergava "...una vision movimentada y colorida dans le Folk-Lore brasileno"; o professôr da Universidade de North-Caroline, Chapel Hill, assim, se exprimiu "... is an able and discerning folklorista with literary *sensibilité*". Poderia alinhar outros ainda, não menos consagradores. E saliente-se, desde logo, que alguns dos volumes que mais hão de contribuir para o fácil reconhecimento dessa vossa posição no plano da inteligência nacional, se encontram nos prélos das livrarias do sul. Cito-lhes as denominações: "Geografia dos Mitos Brasileiros", "Contos Tradicionais do Brasil", "Lendas do Brasil", "Literatura Oral", a fazer parte integrante da "História da Literatura Brasileira", em 10 volumes, iniciativa do editor José Olimpio, sob a direção do crítico Alvaro Lins, "Antologia do Folclore Brasileiro" e "Os Melhores Contos Tradicionais de Portugal".

A obra divulgada, porém, já demarca as proporções do mestre.

Não vos guarda segredos ou mistérios, sr. Luís da Câmara Cascudo, o maravilhoso e tumultuário território da ciência folclórica.

Tornou-se êle, aliás, como que o país ideal, o reino de Passárgada onde se expandem mais livre, amorosa e generosamente, as vossas inclinações, as vossas específicas tendências espirituais.

De vossas viagens a êsse mundo de fábula e dos vossos contactos com a sua população surpreendente, retornais sempre com os braços repletos de preciosa colheita, para a nossa edificação e o nosso encanto.

Partindo da compreensão e da aceitação do

conceito de João Ribeiro, de que o folclore é "uma pesquisa de psicologia dos povos, das suas idéias e seus sentimentos comuns, do seu inconsciente feito e refeito secularmente e que constitúi a fonte viva donde sáem os gênios e as individualidades de escól", — não vos emaranhais, entretanto, sem predeterminadas diretrizes racionais, no móvel e difuso elemento.

Desde "Vaqueiros e Cantadores", que vos custou 15 anos de pesquisas e anotações, a vossa marcha se fez no rumo do folclore-ciência, que exige disciplina, método, estudo, interpretação, comparação, á semelhança dos modernos sistemas norte-americanos e inglêses, dada a sua importância para o conjunto das ciências psicológicas, morais, religiosas. E não o folclore simples manifestação do pitoresco, do exótico, do engraçado, do turístico, mesmo porque, — já o indicastes, — ninguém é menos engraçado do que um Frazer, um Stith Thompson, um Boas, um João Ribeiro.

Diante dessa legítima "gaia ciência", de enfeitiçantes amavíos como a dos trovadores e poetas mediáveis, vos comportais, assim, como diante de uma austéra substância matemática. Para bem aprendê-la e manejá-la, nas suas ilimitações e superposições, começais por ajustá-la em fórmulas concretas. E dentro desse binomio, — literatura oral, compreendendo os fenômenos espirituais, poesia, prosa, música, orações, — e etnografia tradicional, isto é, o homem descrito pela tradição, pelos hábitos, não pela ciência, em relação com os seus semelhantes e com o meio, — dentro desse binomio, insisto, onde palpitam o coletivo, o geral, o anônimo, o quotidiano, todas as formas vivas atuantes, instintivas, lendas, crenças, surperstições, usos, advinhações, provérbios, todas as "constantes" da normalidade da vida humana, no tempo e no espaço, — seguís o vosso deslumbrado roteiro.

A "Sociedade Brasileira de Folclore", que fundastes a 30 de abril de 1941, objetíva um antigo sonho: o do desdobramento e generalização pelas de-

mais províncias de idêntico trabalho de investigação, concatenação, coordenação. "Pedibus tardus, tenax cursus" é o lema da Sociedade, mas convém aduzir que o "Circulo Pan-Americano de Folclore", com séde nesta mui heróica e leal cidade de Natal, já é uma consequência do seu prestígio e da sua irradiação culturais.

O JORNALISTA E O CRONISTA

O jornalista, êsse completou há alguns dias os seus vinte e cinco anos de prática do *métier*.

Nesse longo periodo, as múltiplas categorias e ordens da profissão de reporter a diretor, correspondente telegráfico ou noticiarista, parnasiano do artigo de fundo ou simples colaborador, vos envolveram e viram em ação, aqui, e sob aquele último aspecto, em orgãos diversos da imprensa do país.

Secções especiais tiveram,largos mêses, ou ainda têm, a vossa assinatura: "Ensaios Literários", "Cartas do Rio", "Bri-a-Brac", inaugurada em "A Imprensa" e continuada em "A República", "Notas de História", "Biblioteca", "Acta Diurna".

Esta "Acta Diurna" impõe mais do que uma vaga citação.

Há constituido ela, sr. Luís da Câmara Cascudo, o vosso último e mais direto sistema de comunicação com o grande público, principalmente o público fiel, compreensivo e diário de vossa província.

Os assuntos e temas que preferís abordar, tráem as vossas simpatias recônditas, as vossas correspondências profundas e afetuosas com a terra comum, os seus varões, os seus feitos, as suas legendas douradas, as suas linhagens e as suas crônicas; advindo talvez, dessa atitude emocional, o fato de, podendo fixar-vos na metrópole, continuardes, todavia, no socêgo e na pachorra do vosso burgo com aqueles mesmos devotado amôr e indizível ternura do poeta de "Mireille" pela sua Provença ziguezagueante de cantos de cigarra ou de um Gilberto Freyre pelos seus retiros estudiosos do

Recife, á sombra inefável das mangueiras de Apipucos...

Na "Acta Diurna", porém, já o gênero se confunde como conscientemente o orientastes, com a crônica, a crônica histórica, etnográfica, folclórica, a crônica naquele fundamento lémaitreano de "poeira da História".

Do vosso consentido sacrifício — sacrifício na antiga acepção de "consagrado a", — e do vosso *loyalisme* ao nobre serviço do pensamento, quero lêr aqui uma página vossa, cheia de puros acentos de uma profissão de fé. É a "Acta Diurna" de 25 de setembro último, intitulada *"O Tonel das Danaides"*:

"As Danaides eram cinquenta filhas de Danáo, rei de Argos. Seu irmão, Egito, tinha cinquenta filhos. Mandou a filharada masculina casar com as primas. Danáo não queria o casamento. Combinou com as filhas um plano.

Os cinquenta recem-casados tiveram a mais estranha noite de núpcias de que há notícias no mundo.

Foram todos assassinados pelas esposas. Só escapou um, Linceu, poupado por sua mulher, Hipernestra.

Júpiter condenou as Danaides ás penas do Tartaro, que era o Inferno daquele tempo.

As Danaides enchiam um tonel sem fundo. Séculos e séculos, sem pausa, sem descanso, sem interrupção, as moças carregaram agua, despejando-a no barril furado.

Teodoro de Banville contou o fim dessas Danaides, na "LANTERNA MÁGICA".

Os Titãs venceram os Deuses. O Tartaro ficou sem chefe, despovoado de sofredores, todos perdoados.

Astério anuncia a terminação da sentença.

— Acabou vosso suplício. Larguem essa penitência. O tonel está cheio.

As Danaides pararam, pela primeira vez, há milênios. Enxugaram a fronte, descendo as bilhas infatigáveis. E dizem, confusas e desapontadas:

— Está cheio o tonel? Pois bem! Que havemos de fazer?

Já estavam habituadas com o trabalho contínuo mesmo inútil.

Não perguntem pois, amigos, porque escrevo sempre, com ou sem leitores, com ou sem compreensão, estímulo ou tolerância.

Deixem-me com o meu barril sem fundo. A tarefa finda significaria o repouso incômodo, a displicência, a preguiça mortal.

Por isso, mesmo sem ter ofendido Apolo, encho, obstinado e tranquilo, a talha imperfeita, escondida num recanto de província.

Quando não mais ouvirem o rumor da agua agitada, não se dirá que Júpiter sucumbiu.

Será que, para sempre, desfaleceu na Morte, o braço humilde do trabalhador..."

O ORADOR E O "CAUSEUR"

Dei-vos, minhas senhoras e meus senhores, quanto me foi permitido, da história intelectual do ilustre acadêmico, e temo que poderia estar finda a minha tarefa. Alguns aspectos do homem em si, nas suas manifestações pessoais, na sua presença física, como aquela do professor, mencionada inicialmente, é verdade que não extranho à sua condição de homem de letras, em função da qual realmente viveis, sr. Luís da Câmara Cascudo, mas apenas além dos quadros exteriores do livro, da revista, do jornal, não devem, contudo, ser desprezadas, de tal modo se destacam em vossa individualidade.

No último capítulo de vossas "Histórias que o tempo leva...", onde enfeixais algumas das mais belas canções de gesta do passado potiguar, editadas em 1924, — o capítulo das reminiscências, — fazeis-nos a seguinte confidência: "A minha meninice foi tristonha e sonolenta. Nasci doente. Crieime entre cuidados, promessas e flanelas. Vivi, como um animal raro, no meio dos agasalhos de lã e os

cobertores de linho aquecido. Vida livre, tarde de sol, caminhadas á margem das estradas poeirentas, não conheci. Andava a por a lingua de fóra a todos os médicos, para que m'a examinassem. As minhas grandes paixões foram os soldados de chumbo e os Benjamin Rabier. No mais era apático, moleirão, tolinho e sem vontade de rir e com longas cismas que alarmavam os papás".

Evidentemente, os prenuncios que então se formulavam a vosso respeito foram desmentidos pelo tempo. Porque tudo obrigava a imaginar, forçosamente, para vós, já não digo uma adolescência, mas de certo uma maturidade á Marcel Proust, doentia, nervosa, a irritabilidade á flôr da péle, num quarto forrado de cortiças para abafar os rumores da vida que, franca, promíscua e jovial, fremia lá fóra... E não é essa a atmosfera de vossa existência, dividida normalmente, como quaisquer outras, entre os planos comuns da família, dos amigos, da sociedade.

Escolho, em vós, para objetivação dos aspectos a que aludi, o orador e o "causeur".

Não sei bem se é de Valéry a concepção da grande eloquência como u'a mistura de razão e de paixão, uma união de narrativa, de argumentação e de exortação.

A vossa oratória lembra e parece sempre orientada no sentido dessas altas e belas virtudes do perfeito orador.

Brilhante, maleável, sugestivo, de uma agilidade vibratil nas ideias e nas imagens, promoveis, sempre, imponderáveis e sutís correntes de emoções e de simpatias entre a vossa palavra e os seus audientes.

É um prazer ouvir-vos, sr. Luís da Câmara Cascudo, e tembém vêr-vos no exercício, na prática tribunicia.

Porque, ao conjunto de tão raras qualidades, soma-se aquela mesma invulgar "eloquentia corporis", que para o velho Quintiliano já significava uma condição natural de êxito.

Escritor e homem de aparências amáveis e a-

colhedoras, — sem fórmulas, teoremas e simbolos esotéricos e filosóficos a solucionar, — sois, verdadeiramente, em tudo, o oposto de um solitário, de um "clérigo" do conceito de Julien Benda, de "um território humano de acésso áspero, de exploração difícil, de topografia diferente, e misteriosa", como se disse de um notável romancista brasileiro.

A comunicabilidade, a intimidade convosco se cria e se desdobra, logo ás primeiras aproximações, em torno de um *cock-tail,* numa mesa de bar, num encontro casual de rua, numa festa mundana ou literária, ou no refúgio de vosso gabinete, — ah! esse erudito e fabuloso gabinete de u'a modesta casa da rua da Conceição, aonde vêm dar, durante o dia, correspondências, livros e publicações de centros universitários e estudiosos de Londres, París, Lisbôa, U.S.A., U.R.S.S., — e que, á noite, a horas mortas, fervilha de uma turba fantástica de duendes, sacispererês, mães-dagua, papas-figo, sêcas mumias de indios, prêtos velhos escravos, telúricos homérides sertanejos, a conversar-vos essas cousas incríveis que sabeis e nos ensinais, de lendas, superstições, catimbós, tradições, — enquanto, por exemplo, pendem das prateleiras das estantes, sevéros, complacentes, lívidos, concordantes ou irônicos, um Bossuet, um Anatole France, um Luciano de Samosata, um Franz Boas, um São Tomaz de Aquino, um Augusto Comte.

São inimagináveis o desinteresse, a melancolia, o silêncio, as quédas de palestra, as faltas de assuntos, a monotonia, ao alcance de vossa vóz e de vosso espírito, verve e "sense of humour", graça e inteligência contagiantes...

Robert Louis Stevenson classificava, entre as pessôas felizes, aquelas que, ao entrar numa sala, como que a tornam mais clara, tal se se acendêra uma nova luz.

Sois um homem feliz, sr. Luís da Câmara Cascudo...

* * *

No início de sua biografia de Demóstenes, há

esta interrogação de Clemenceau: "Hommes d'Athènes, le reconnaissez-vous?"

Confesso-vos, minhas senhoras e meus senhores, que estou tentado a endereçar-vos, agora, no final destas cousas, que tivestes a bôa vontade e o heroismo de suportar, uma pergunta semelhante...

* — Saudação ao acadêmico Luis da Câmara Cascudo, na Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 4 de novembro de 1943.

Luis Manuel Fernandes Sobrinho *

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Uma nobre existência, nobre em sua simplicidade, no ritmo regular e normal do seu trabalho, lembrando o esforço tranquilo, diário e comum, de um lavrador. Nenhum esplendor rutilante, funções altas, decisivas na administração estadual. Nenhuma popularidade delirante, tempestuosa, irracional e gloriosa. Nenhum ato de sobrehumana valentia moral. Uma nobre vida simples, majestosa e sugestiva porque foi, através de setenta e nove anos, clara, honesta, digna, serena.

A procura do *heroico* anula muita virtude diária e maravilhosa de exemplo e possibilidade na reprodução social. Esse processo biográfico que nimba de ouro os personagens fixados, afasta da compreensão e do estímulo os que não têm reservas invulgares de inteligência. A orientação da História, desde que a Etnografia e o Folk-Lore expuseram suas riquesas humanas, imediatas e contínuas é o estudo do *comum,* do realizável, do possível, sem a criação ambiental para os *gênios* para os *predestinados,* para essa fauna perigosa de *super-homens.* Sem que possamos diminuir o valor do Piloto, sua decisão, energia, coragem, rapidez em decidir e mandar, pensemos nos remeiros. É a valorização de todos os elementos característicos na ação que fará a epopéa. Uma ação na História é uma imagem arquitetônica, alicerces, paredes, suportes, cúpula. O critério é a disposição exata e lógica desses elementos, indispen-

sáveis e harmônicos. A mentira na História é quando a corôa se deixou ficar em cabeça indigna. Haverá sempre, em todos os registos de fatos da Humanidade, o orgulho do jumento que carregava as relíquias. Ou, como diz um ditado de Guatemala:

—*Nosotros los musicos, decia el indio que cargaba la marimba.*

Falar-vos-ei de quem escolhi para Patrono da cadeira número 13 na Academia Norte Riograndense de Letras. Um homem letrado, bom, tranquilo e austero, sem sobressaltos, sem delírios, sem luminárias. Viveu, falou, escreveu, sentenciou e morreu bem. Jamais encontrareis um pecado na sua justiça ou uma mentira na sua memória. Veio andando, devagar, pela estrada, sem incomodar os contemporâneos, sem pisar nos interesses apressados, sem empurrar os atores para figurar na primeira fila, no palco da provincia. — *A virtude mais linda é qualquer uma com naturalidade,* dizia Ruskin. Meu Patrono, com naturalidade, possuiu essas virtudes, as virtudes de ser virtuoso sem requerer uma medalha de ouro, sem pregão jornalístico, sem assombro pela raridade de encontrar-se um homem virtuoso.

Escolhí-o para meu Patrono porque êle possibilita uma imitação. Qualquer moço, querendo, será o que êle foi, vencendo o que êle venceu, mantendo-se fiel ao Ideal no bom combate, ficando, até o fim, natural, espontâneo, humano.

LUÍS MANUEL FERNANDES SOBRINHO, nasceu na fazenda *"Sabe Muito"*, município de Caraúbas, a 28 de Fevereiro de 1856. Era o sinistro *Ano do Cólera,* levando 200.000 norte-riograndenses para a Morte. O Pai, Benvenuto Praxedes de Oliveira, pensou fazê-lo Padre. Luís Manuel foi estudar em Olinda. Estudar em Olinda, em um século inteiro, equivalia a mandar o filho para Coimbra. Olinda era o Seminário e, até 1853, a Academia de Direito. Em 1881 Luís Manuel é acadêmico no Recife, na Rua do Hospício, edifício mordido pelo Tempo, crismado pelos estudantes *Pardieiro.*

Por êle passaram Castro Alves, Rio Branco, Teixeira de Freitas, Rui Barbosa.

Mas era o *Pardieiro* que, incendiado em 1868, merecera de Aristides Milton uns versinhos:

Já dormia agasalhado
Todo o povo da cidade,
Quando, de chofre, estampido
Medonho, enorme, se ouviu.
E das bandas lá do Hospício
Dizem todos que partiu...
Foi nessa hora maldita
Que o Pardieiro caiu!

No ano seguinte, a Academia mudou-se para a Praça D. Pedro II. Só em 1912 teria seu palácio. Luís Manuel é bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais na turma de 1885. E' a turma de Alberto Torres, de Porto Carreiro, tradutor de Rostand, de Gumercindo Bessa, de Raul Pompeia. Volta ao Rio Grande do Norte para ficar.

Como toda a gente, bacharel formado, Luís Manuel realiza sua carreira. Carreira lenta, segura, limpa, em linha reta. Promotor Público no Apodi, removido para o Ceará-Mirim em 1886. Amôr. Primeiros versos. Namoro. Redescoberta lírica do mundo. Mãos frias. Coração pegando-fogo. Pedido. Casamento. A senhora do doutor promotor é dona Rosa Amélia da Câmara, filha de Manuel Leopoldo da Câmara, velha estirpe de aristocracia rural, vinda da ilha de São Miguel nas primeiras manhãs do século XVIII. Dona Rosa Amélia, como as rosas, dura pouco. Faleceu em 1888, com dois anos de *lua de mel.* Novo casamento, com outra Rosa, Flor de outro ramo na mesma árvore feliz, dona Maria Rosa da Câmara, filha de Antéro Leopoldo Raposo da Câmara, em 1892. Neste 1892 o promotor de Ceará-Mirim é juiz de Direito de São José de Mipibú. Em 1890 fôra Juiz Municipal e de Orfãos nos termos de Macaiba e São Gonçalo. Como Juiz Municipal instalou a Comarca de Macaiba, em 6 de Março de 1890. Em São

José ficou até 1888 quando o transferiram para Natal, o doutor Juiz de Direito na única Vara da Justiça. Em 1909, nomearam-no Desembargador no Superior Tribunal de Justiça. Aposentou-se em 1915. Os olhos apagavam-se, lentamente, como num crepúsculo inexorável. Fôra deputado estadual de 1892-94 a 1895-97. Em junho de 1894, Chefe de Polícia. Ajudou a fudar o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em 29 de Março de 1903. Andou aí por todos os cargos, eficientemente. Sócio Benemérito em 1914. Muitos anos residiu no Recife. Vivem três filhos, dr. Luís Potiguar de Oliveira Fernandes, Humberto Fernandes, dona Rosa Fernandes de Leiros, casada com o sr. Pedro Leiros. Fixando-se em Natal, Luís Manuel, agora o Desembargador Luís Fernandes Sobrinho, faleceu a 21 de Setembro de 1935.

Plantou árvores, deixou filhos, escreveu livros. Viveu!

Companheiro de um seu filho, Aguinaldo, morto rapazinho, estudando Humanidades, como se dizia outrora, conheci de perto o Des. Luís Fernandes, na sua casa alpendrada, agasalhadora, rodeada de sombras convidativas e românticas. Nela morrera Segundo Wanderley. Vendida ao Estado, foi derribada e, no local, ergueu-se o Centro de Saúde, visinho ao Departamento de Saúde Pública. Depois, fui seu colega no Instituto. Estudante de Direito, no Recife, frequentei, na intimidade de Humberto Fernandes, a casa do velho historiador. Em Natal, nunca deixei passar uma semana sem uma visita, conversada, debatida, obrigada a café, anedota, recordação e planos de trabalhos comuns.

Poucos dias antes de morrer sugeria-me a identificação dos topônimos norte-rio-grandenses que estão em Gabriel Soares de Souza.

A mão trêmula, acenava no ar, riscando trajetos, que os olhos apagados não acompanhavam, disfarçados atrás dos vidros azuis.

Recordo-o imóvel, impassível, o bonêzinho de sêda negra cobrindo a cabeça de prata, os bigodes

aparados, *a boca indecisa de contemplativo,* a cadeira de embalo, a voz justa, a imagem pronta, o vocabulário oportuno. A memória parecia suprir a impossível leitura. Citava, não as palavras, mas opiniões, rumos, doutrinas de historiadores, discutindo, aceitando, contradizendo. E, às vezes, pormenores gráficos, curiosidades. Uma vez, falando da persistência de nomes patronímicos de origem estrangeira no Brasil e os processos de sua adaptação idiomática, disse: — *Eu me lembro que frei Manuel Calado escreveu Wanderley numa forma contracta.*"

Fui verificar. Era verdade. Frei Manuel Calado escrevera *Wandley,* no *Valeroso Lucideno.*

Foi um magnífico sabedor da História brasileira. Leu o que era possível no seu tempo, cronicões, relatórios, jornais. Depois mergulhou nos arquivos. E essas pesquizas, minuciosas, obstinadas, atravessando, sem máscara, as ondas de poeira, afastando as traças reluzentes, copiando, anotando, coordenando, queimaram-lhe os olhos, ajudando a cegueira. Ficou, luminosa e doce, a chama interior, tênue e acariciante luz velada e teimosa, clareando a lembrança do passado, as leituras feitas, as páginas, as figuras, os episódios. O mundo interior povoava-se, não de sombras melancólicas, mas de seres vivos e sonoros de vibração, falando, agindo, batalhando, construindo.

Lembrava-me Thierry, também cego, ressuscitando a Idade Média, batendo com a voz incisiva nos túmulos dos reis merovíngios, fazendo-os andar, reinar, lutar e viver, perpetuamente, na História clara que escreveu, tateando, guiado pela invisível mão da inteligência. Lembrava-me também Prescott, cego, historiando o Perú, julgando os reinados, reconstruindo os impérios Incas, riscando os limites da expansão guerreira daquela civilização imprevista, inexplicada e poderosa de originalidade. — *Que é cegueira?* perguntava Santo Agostinho — *é a ignorância.* Ignorância do letrado, letrado unilateral e desdenhoso pelas atividades alheias, eis uma moda-

lidade da cegueira incurável, total, de dentro para fóra, deformadora e terrível.

Luís Fernandes, na sua cadeira de embalo, no vai-e-vem, horas e horas, *via* a história do Rio Grande do Norte. Via, acompanhava os colonizadores, os bardos de mangues para defesa, o forte dos Reis Magos, a escolha do *chão elevado e firme,* a fundação da Cidade do Natal, as primeiras sesmarias, o avanço, cauteloso, das roças, estirando-se ao longo do rio verde, *fluminis grandis,* o Rio Grande, denominador da Capitania, *barbari Poteingi vocant,* escreveria Barléu.

Assim, inicialmente, espalhou, com amoroso cuidado, as camadas de pó, sepultando no esquecimento, nossa pequenina História. Pedra a pedra, reuniu os materiais para a capelinha votiva, acendendo a lâmpada oblacional, inaugurando o culto afetuoso ao nosso Passado.

Em março de 1904 estuda e publica o nosso melhor ensaio sobre o potiguar dom Antônio Felipe Camarão. Firma sua doutrina, documenta-a na história e reaviva a tradição oral, com exemplo, anedotas, casos que vêm, de memória em memória, na alma do povo. E' o selvagem, o catecumeno e o heroi, vitoriosos, os modelos de sua louvação de espírito, elevada num fundamento sólido. E, respondendo aos que jamais lhe aceitaram o repto, escreveu mais dois estudinhos, rápidos, concisos, veementes. Estudou os nossos primeiros *Capitães-móres e Governadores,* iniciando-os, em 1904, por Jerônimo de Albuquerque, seguindo-se, em 1905, João Rodrigues Colaço. Estudou o então misterioso Potiguassú, tão fácil atualmente, com a documentação ultimamente revelada pelo jesuita Serafim Leite. Biografou Pedro Velho, filialmente, apaixonadamente, o propagandista republicano, o administrador, o homem irresistível, natural na sua época, fazendo ler, na véspera da morte, o aneurisma latejando, dispnêico, arquejante, a *Gioconda,* de Gabriel d'Annunzio. Comentou, identificando com rara paciência e, quasi sempre ináudita justiça geográfica, o *Auto da Repartição das*

Terras do Rio Grande do Norte, a inicial jurídica da colonização, em fevereiro de 1614.

Essas *Notas Explicativas,* como êle chamava, revelam o estudioso em sua plenitude reconstrutora, obrigando, na névoa do tempo, ao Passado iluminar seus segredos, dizendo aos olhos presentes a marcha dos povoadores iniciais. Estudou, não estudou, criou deliciosamente, a história da *Imprensa Periódica no Rio Grande do Norte,* de 1832 a 1908. Cento e setenta e nove jornais em Natal, noventa e sete no interior, lidos, resumidos, expostos em sua duração, feitio, fisionomias intelectuais dos redatores, trechos expressivos dos materiais divulgados, transformações, crônicas das tipografias, dos tipógrafos, minúcias dos movimentos políticos, acordos, brigas, pazes, zangas, alianças, tudo isso com brilho, com agilidade, com alegria de informar esforço esquecido, disperso, diluido através das idades. Ninguém ainda ousou continuar o trabalho de Luís Fernandes. Trazer aos nossos dias, a Imprensa do Rio Grande do Norte. Confesso que ousei. Imperfeitamente, deficientemente, alinhei datas e nomes, numa percentagem mil vezes inferior, e entreguei ao sr. Interventor Bertino Dutra da Silva, atendendo sua solicitação. O ensaio foi enviado ao Ministério da Educação em 1932. Não deixei cópia. Acabou-se a história.

Luís Fernandes ainda recordou uma anomalia do nosso sistema potamológico. Anomalia em classificação. O rio que banha Natal devia chamar-se, em bôa doutrina geográfica, o Jundiaí e não o Potengí que é um afluente do primeiro. Mas o engano tem quatrocentos anos e um engano de quatro séculos não se corrige nunca. E, ditando aos filhos, recompondo, de memória, indicando livros, escreveu uma síntese do primeiro século de história norte-riograndense, trazendo-a à fundação da Cidade. *Estudos Potiguares. História Colonial do Rio Grande do Norte no Século XVI,* é o seu último trabalho. Doente, orçando os oitentas anos, ameaçado de morte sinuosa, os olhos sem luz, sacode controvérsias, discute, lépido, moço, entusiasta do movimento, de a-

gitação, de vida mental, como raros moços, dêsses que são moços por dentro.

Nunca deixou de interessar-se pela História. Fazia lêr as *novidades*, comentando-as. Na maioria dos casos, para um veterano pesquizador de arquivos, as *novidades* eram velhas caquéticas, pintadinhas com estilo novo, *baton, rouge*, unhas de lacre, sapato de pratileira, fingindo mocinha. Uma feita, quando morou na avenida Junqueira Aires, depois de lêr uma dessas *novidades* que dão glória e proveito aos felizes autores e ao público convencido, Luís Fernandes conversou.

— *"Você se lembra de uma velha anedota de uma mulher da vida alegre, aqui do Natal, das Rocas, muito bonitinha, que emigrou? Lembra-se que, dizem, anos depois, rica, importante fingia, não saber falar português e só usava o espanhol. Sucedeu encontrá-la uma criatura que a conhecera no velho estado primitivo. E, quando a mulher, bem vestida e pretenciosa dizia — Yo conosco a usted... O homem foi logo acabando com a pantomima: — deixe de prôsa, Joana Peréba!... Fale lógo brasileiro, que éra o que você falava na Rocas... Pois, eu tenho vontade de ir dizendo, quando leio certos livros: — deixe de palavreado, Joana Peréba, diga lógo que essa conversa é velha como a Sé de Braga...*

Vicente de Lemos, Tavares de Lira e Luís Fernandes são os *santos padroeiros* da nossa História provinciana. Não há maior no exemplo. Iniciaram entre nós os métodos diretos de pesquizas, a exumação dos arquivos, a divulgação dos velhos códices que o Tempo amarelou. O sr. Tavares de Lira, deputado, Governador, Ministro de Estado, fixou-se no Rio de Janeiro, perto de tudo quanto facilitaria uma extensão intelectual. Os dois ficaram no Natal, desembargadores, tendo os horizontes da incompreensão, da indiferença e dos raros estimulos. O sr. Tavares de Lira, entretanto, com mais de trinta anos de Rio de Janeiro, continuou fiel aos trabalhos que começára, moço, na pequenina Cidade .Continua escrevendo e pesquizando tudo que se refira ao Rio Gran-

de do Norte .E' um nome que todo Brasil conhece. Vicente de Lemos está citado nos livros definitivos, seu *Capitães-móres e Governadores do Rio Grande do Norte* é, na frase justa do Sr. Tavares de Lira, *o livro clássico do Instituto.*

O menos conhecido é o meu patrono. Mas, fatalmente, será encontrado quando uma atividade maior acelerar os ritmos de nossa produção intelectual. Quando a História atrair, com a magia de sua tranquila beleza envolvedora, as inteligências e as dedicações, Luís Fernandes reaparecerá, com seu boné de seda, seus olhos parados, seu sorriso triste, contemporâneo a quem o fôr encontrando, através do Tempo.

Não haverá melhor nem mais culto companheiro para uma jornada de ressurreição. Irá dizendo, pelas ruas do Natal, onde trabalharam os jornais, os jornalistas políticos, as campanhas, os presidentes, os sonhos, planos, desejos, superioridades, desdens, toda a *impedimenta* que acompanha o Homem em sua marcha pelo Mundo para o túmulo. Essa voz distante se levantará novamente para ensinar e espalhar cismas serenas como um crepúsculo, evocadoras como um luar de Agosto.

Ali, do outro lado do rio, está Aldeia Velha, onde moravam os potiguares. Aqui nesta Praça André de Albuquerque, a Cidade nasceu. Foi a primeira rua. Chamou-se Rua Grande. Esta é a Rua do Senhor Santo Antônio, a segunda em velhice. Além está a rua da Conceição, porque tinha um nicho com a imagem. Esta praça padre João Maria era a Praça da Alegria, povoada de gameleiras. Além, o Beco Novo, Voluntários da Pátria. Foram Ruas dos jornais. Por elas passaram os homens que fizeram o Rio Grande do Norte. Seus poetas, seus oradores, seus políticos, seus sereneiros. O ar que respiramos vem pelo mesmo caminho de sempre. Apenas, outróra, era mais sussurrante, coado nas frondes das árvores, cheirando a frutas acres dos taboleiros, descendo pelos môrros alvos, com perfume de cajueiros e de espuma do mar. A tôrre da Matriz é de 1862 mas

sempre e sempre tivemos sinos. Quando as estrelas abriam no céu da tarde as pupilas de ouro, três badaladas passavam, sonoras pela noite que descia, lembrando as *Trindades*. O lampeão do Cruzeiro se acendia. Era a iluminação de toda a cidade. E hoje, radiosa de luzes e de movimento, clara, trepidante, gloriosa, ansiando pelas conquistas do futuro, com o céu riscado pelo frêmito dos aviões, os ventos carregados de músicas e de notícias, Natal segue, marcha para diante, mas vinda pela mesma estrada que lhe foi aberta e marcada pelas vidas desaparecidas dos seus filhos.

História é a memória no Tempo. Estabelece a continuidade do esforço humano, articulando-nos aos trabalhos que justificam nossa presença. Sem ela, seriamos uma horda bravia. Ai de nós! Nenhuma horda, por menor e mais bárbara que seja, ontem, hoje e amanhã, deixou e deixa de possuir a sua história, a sua recordação, o seu orgulho. Na solidão do deserto, imoveis, hirtos, as duras fisionomias enroladas na brancura do albornoz, as lanças faiscando, o lume subindo, acocorados, estão esses homens, ouvindo a voz de um velho, de um poeta, a voz do Passado, lembrando as guerras, as valentias, as glórias que são o invisível patrimônio explicador do devotamento.

Esse *instinto da Eternidade* determina que o Homem tente, por todos os meios, perpetuar-se, projetar-se, existir, alem da Morte. Sente a urgência de *viver* no espírito do Semelhante que virá amanhã, quando êle não existir mais. Porisso, nos tijolos vermelhos, em traços cuneiformes, está a história de Babilônia, nos papiros delgados, nos relevos dos templos, no túmulo dos reis, o passado do Egito, Assíria, Média, Hititia. Porisso os tuarégues, desdenhosos de todo conforto, gravam nas pedras, na escrita tifunar, como viveram, como começou a tribu, atravessando o deserto, guiando os rebanhos para os oasis. Porisso entre celtas e teutões, indígenas da América e da Austrália, negros d'África e indús imperturbáveis, a História vive, gravada nas rochas,

nas árvores, nas colunas, nas estátuas, viva no conto popular, viva nas cantigas, nas narrativas, nas *porandubas*, evocando a noite do passado, as guerras, a conquista da terra, os grandes chefes, os grandes feitos.

A voz do Passado não determina a estabilidade, a parança, a renúncia ao Presente, o encanto da velocidade para frente. Antes explica, orienta, ensina, prevê. História é uma capitalização de experiências. Lembra, aconselha, anima, vivifica. Nenhum poder decretará a imortalidade. Só ela conserva e torna presente o milênio. Apaga o nome de um Rei e não esquece o nome de um pastor. Perdeu a tradição de uma guerra mas ficou o ritmo de uns versos. Soberanos e soldados enfileiram-se na mesma linha eterna. Tanto vemos a marcha de Alexandre Magno para Granico, como passa o vulto agil de Filípides, simples hóplita, correndo 42 quilômetros, 750 metros, sem parar, agitando na mão uma palma verde, para cair, exausto, no átrio do Areópago, gritando aos Atenienses que os Gregos tinham vencido em Maratona!

Sir Christopher Wren, que faleceu em 1723, planejou e construiu a Catedral de São Paulo, em Londres. Sua pedra tumular é a mais simples, núa e modesta. O autor da maravilha arquitetônica, nada quiz para si, em oropéis e ornamentos. Mas a História escreveu, perto da sepultura de *sir* Christopher Wren: — *Se procuras um monumento, olha em torno de ti!* O monumento do construtor é sua construção. Toda Catedral de São Paulo é a glória do seu arquiteto.

Assim a História. Recolhe ela, pelas cidades, pelos campos, pelas montanhas, pelas florestas, na orla dos rios e nas praias do mar, os vestígios do esforço, do valor, da grandeza, do sofrimento glorioso do Homem. Recolhe e fixa, para sempre. E todo esse passado reacende, séculos e séculos, a compaixão, a solidariedade, o entusiasmo, alegria, compreensão, devotamento. Quereis conhecer tua História? Olha derredor de ti, *circumspice!*

Luís Fernandes Sobrinho, magistrado, historiador, cronista, homem de coração e de fé, viveu trabalhando por esses lugares que amamos. Estudou a fixação geográfica de nossas propriedades, os primeiros plantios, os primeiros rebanhos, os primeiros engenhos, triturando a cana de açucar nas rodas dágua, as casinhas de taipa no *chão da cidade*, Natal florindo para frutificar, quatro séculos depois. Estudou nossas glórias brasileiras, indígenas, jornalistas, orientadores, políticos. Distribuiu justiça. Amou sua terra, defendeu-a nos documentos, interpretando-os, divulgando-os, esclarecendo-os.

Caiu velho, como uma árvore que espalhou a semente para uma floresta inteira. Uma existência util e bonita, dadivosa e sugestiva. Os Romanos diziam, despedindo-se dos Mortos, *Vale*! tem saúde; os Gregos murmuravam, *Xaire!* regozija-te! O Homem vivera como as Virtudes esperavam que êle vivesse, com dignidade.

Em louvor do teu nome, querido amigo, velho mestre, meu Patrono, oriento minha vida no estudo do Brasil, na alegria de amar e compreender o meu irmão, na exaltação perene

àqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando.

*

BIBLIOGRAFIA do Des. Luís Fernandes, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. *A data é da impressão.*

Capitães-mores e Governadores da Capitania do Rio Grande do Norte: — *Jeronimo de Albuquerque Maranhão.* Volume II, número I, 3-9-1904. E' o primeiro trabalho assinado por norte-rio-grandense, publicado na revista.

Indios Célebres do Rio Grande do Norte: — *D. Antônio Felipe Camarão,* memória lida na sessão de 20 de Março de 1904. *O Selvagem. O Catecumeno. O Heroi.* Primeiro estudo norte-rio-gran-

dense sobre o assunto. Volume II, número 2, 139-237. 1904.

Capitães-mores e Governadores da Capitania do Rio Grande do Norte: II. *João Rodrigues Colaço.* Volume II, número I, 5-9-1905.

Ainda a naturalidade de D. Antônio Felipe Camarão. Volume III, número I. 167-178. 1905.

Indios Célebres do Rio Grande do Norte: — *Potiguaçu, o antigo.* Volume III, número 2, 403-410 1905.

A Imprensa Periódica no Rio Grande do Norte de 1832-1908. Contribuição do Estado para a Exposição comemorativa do primeiro centenário do aparecimento da imprensa no Brasil. Tip. d' *A República.* 1908. 167 jornais do Natal, 94 divididos pelos municípios do Açu, Moçoró, Macau, Ceará-Mirim, Caicó, S. José de Mipibú, Macaiba e Currais-Novos, separata. Segunda edição, 179 jornais natalenses e 97 nos mesmos municípios anteriores, com ampliação de citações e transcrições. Volumes VI, número 1, 5-136, 1910; número 2, 165-212, 1910; volume VIII, números 1-2, 153-240, 1913; volume IX, números 1-2, 91-190, 1913; volume X, números 1-2, 83-212, 1915; volumes XI-XII-XIII, 179-208, 1916.

D. Antônio Felipe Camarão. Última verba. Volume VI, número 1, 143-152, 1910.

Traços Biográficos do Senador Pedro Velho. Volume VI, número 2, 227-313, 1910.

Notas Explicativas do Auto da Repartição das Terras do Rio Grande do Norte. Volume VII, números 1-2, 83-132, 1912.

Estudos sem luz — O Potengí e o Jundiaí. Volume XIV, número 1-2. 94-99. 1917.

Estudos Potiguares. História Colonial do Rio Grande do Norte. Século XVI. Volume XXIX-a-XXXI, 5-21. 1938.

---

* — Discurso de posse, na Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 4 de Novembro de 1943.

Recepção a Paulo de Viveiros *

CLEMENTINO CÂMARA

Já que nos não é dada a fluência do verbo que empolga, ou os dotes oratórios de um Demóstenes ou de Cícero, contentava-nos apenas que as dadivosas musas do nosso lendário Potengí, que tantos bardos têm inspirado, algo nos dessem também para dizer o que sentimos agora. Muito não queriamos além do que compensasse os momentos de felicidade que nos proporcionais, principalmente vós, gentis senhoritas e exmas. senhoras, que nos trazeis o valioso concurso de vossa presença e de vossa beleza, para engalanar a nossa festa de hoje.

Se não têm as nossas palestras o valor do oasis para o exausto e esbaguado caminheiro do deserto, valham ao menos como uma decidida reação contra o meio que, em matéria de letras se estiola e consome.

Entretanto, jamais tantos campos se ofereceram como agora aos que se quiserem entregar ao cultivo das boas letras. Os problemas sociais, a guerra, a paz, os "ismos" que se propõem a salvar a sociedade com uma nova ordem, a própria Natureza, tesouro inesgotável e constante chamamento a quantos queiram haurir-lhe a beleza. Sendo nós os que menos sofreram as consequências da conflagração há pouco finda, damos no conjunto a idéia de que por ela fomos fundamente atingidos, tal a apatia intelectual refletida no mundo das letras. Têm-se a impressão de que estamos radicalmente esgotados.

De longe em longe surge um trabalho no turbilhão das obras de fancaría, estrangeiras, que os prelos despejam para satisfazer as necessidades do público exigente.

Se por um lado falta o estimulo a alguns que poderiam produzir, seja-nos permitido dizer que, para os fortes, para os que se forram de coragem, tal fator não pode ser mais que um desafio à capacidade, à vontade de vencer. Muitos almejam os louros, mas sempre recuam nas vésperas de colherem os opimos frutos.

Em que pese a quantos diferentemente pensarem, arrojamo-nos a afirmar que estamos vivendo os terriveis dias do Baixo Império, e assistindo a agonia de uma civilização. Enquanto as turbas se entretêm, aqui e alhures, com desportos excessivos e brutais, afagando o canhestro conceito de melhorar o homem físico, as classes representativas se consomem em bisantinismos políticos, na louca ambição do poder. O talento é tido como fator de somenos para o triunfo na vida; o cultivo das letras considerado tarefa de desocupados. Os govêrnos cercam-se de astuciosos e solertes diplomatas, enquanto põem os laboratórios a funcionar à cata dos mais rápidos meios de destruição.

Mas, como "nem só de pão vive o homem", claro é que ainda se encontram alguns que têm melhor e mais bem fundada a noção da vida.

Há o poeta. Solitário como o anacoreta, em meio ao esboroar-se do mundo, êle, indiferente, nos fala do perfume das flores, do riso das crianças, do olhar de u'a mulher, ou nos pinta os encantos de um arrebol. E em nos fazendo lembrar coisas tão belas, como que tonificam nosso espírito e nos dizem que a vida não é só a matéria. Precisamos viver um pouco de poesia.

Há o pensador. Na observação dos fatos que se desenrolam e chocam, excitando o nervosismo de que vivemos saturados ou supersaturados, nos levam a conclusões serenas, animando-nos a encará-los como

uma imperiosa necessidade, uma condição sine qua para subsistir nos dias presentes.

Há o filósofo. Quer seja no recolhimento de seu gabinête, quer perambulando pelas ruas como fazia o velho Sócrates, acaba por lançar a responsabilidade das bruscas transformações sociais, que se sucedem sem solução de continuidade, como uma consequência mesma da civilização, ao próprio engenho humano que, inventando a máquina para tudo, desmanteiou e desorganizou a vida da Coletividade. Vieram as lutas de classe, a desconfiança, o desassossêgo.

E porque vivemos dias tão angustiados, tão cheios de imprevistos, havemos de nos deixar sucumbir? — Não! Digamos com Sílvio Pélico: — "Ama a vida; mas não a ames pelos prazeres vulgares nem pelas miseráveis ambições. Ama-a pelo que ela tem de importante, de grande, de divino; ama-a porque é a arena do mérito, porque é agradável ao Onipotente, porque lhe é gloriosa e nos é gloriosa e necessária; ama-a, apezar de suas dôres e mesmo pelas suas dôres, porque são elas que a enobrecem e só elas fazem germinar, crescer e fecundar pensamentos generosos e generosos desejos".

Vivamos a vida com alegria. Se a Natureza nos deserdou dos dotes com que foi pródiga para com os Fídias e os Praxiteles, os Miguel Ângelo e os Goethe, nem por isso nos deixemos dominar e vencer pela apatia ou pelo pessimismo, que nada mais são que fórmas lentas mas definidas do suicídio. "O homem é tanto mais forte, afirma Ellick Morn, quanto maior fôr a confiança que tiver em si mesmo."

Renovemo-nos e vivamos evitando a lágrima e despertando a alegria, invocando a bondade e cultivando o bem, e cultuando a memória de quantos nos precederam impávidos na arena, muitas vezes simples David a defrontar para abater membrudo Sansão.

Tal é o que tentamos realizar aqui.

Na modéstia de nossa Academia, temos haurido momentos de inefável dulçor. Porque desta tribuna,

só deslustrada agora pelo desbrilho da palavra de quem ouvís, temos tido oportunidade de ouvir instrutivas palestras do mesmo modo que temos prestado o devido culto

"Àqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando".

São êles os nossos penates cujos nomes recordamos, cujos feitos exaltaremos, e para cuja glória a nossa frauta rude se transforma em tuba canora, que jamais deixará de conclamar. Com a avidez do garimpeiro que procura nos cascalhos a gema apetecida, desenterramo-los do indiferentismo do tempo e trazemo-los para a luz da História, afim de que recebam as homenagens que lhe negaram seus coevos. Se não temos um panteon que ornemos com suas estátuas, que as paixões derribam e as guerras destroem, nem por isso deixaremos de fazer muito mais, porque lhes erigimos altares com a sublime arte da palavra, que gravamos em nossa mente e em nosso coração, altares que se multiplicarão quanto mais adquirirmos mais nítida noção de civismo.

Hoje é a vez de consagrarmos essa inconfundível figura nascida em Natal a 26 de dezembro de 1841, e que na vida objetiva se chamou JOÃO MANUEL DE CARVALHO.

Foi sacerdote, orador aprimorado, político, jornalista de apreciáveis predicados, mas sobretudo homem de convicções e republicano destemeroso. Por todos êstes títulos, não podia JOÃO MANUEL DE CARVALHO deixar de figurar nêste sodalicio, como um penhor de coragem e uma afirmação nobre dos ideiais políticos, que raiaram ao sol de 15 de novembro de 1889.

Sucedem-se os séculos; transformam-se os povos; abrem falência as religiões; ruem os tronos; todavia algo permanece a pontilhar a estrada da vida: — é a memória daqueles que honram a espécie. Êstes deixarão no firmamento da glória um rastro luminoso a nos apontar a estrada do Bem.

Na verdade, fôra preciso que um homem tivesse a sua impavidez para, enfrentando a sanha do Visconde de Ouro Prêto, dizer, na memorável sessão de 11 de junho de 1889, na Câmara dos Deputados, entre ontros conceitos, êstes que não podemos deixar de mencionar:

> "S. Excia. preparou a jeito uma escada para subir, mas por êsses mesmos degraus escorregadios há de rolar, caindo na praça pública, execrado e coberto de maldições, porque nutre e afaga o pensamento sinistro de atentar contra as liberdades públicas e a soberania nacional".
>
> . . . . . .
>
> "Abolida a escravidão, que nos envergonhava é preciso abolir o poder que nos oprime e esmaga.
>
> "Não tardará muito que nêste vastissimo território no meio das ruinas das instituições que se desmoronam, se faça ouvir uma voz nascida espontânea do coração do povo brasileiro, representado em todos os ângulos dêste grande país, penetrando mesmo no seio das florestas virgens, bradando enérgica, patriótica e unanimemente: — ABAIXO A MONARQUIA e VIVA A REPÚBLICA!"

Cabendo-nos hoje a grata e honrosa missão de, em nome da Academia Norte-Riograndense de Letras, saudar o novo acadêmico, doutor Paulo Pinheiro de Viveiros, fazemo-lo com a maior efusão pela feliz escolha de seu patrono que, naquela hora decisiva para os destinos do Brasil, entre um trono que cambaleava e o bruxolear de uma nova concepção que surgia no horizonte político-social de nossa terra, abalada pela questão religiosa, a questão militar, a abolição e a propaganda, foi o seu verbo candente que

estimulou as energias dispersas, focalizando-as para um centro comum, onde se havia de cristalizar.

Por si só, podemos afirmar, a escolha para patrono do padre JOÃO MANUEL DE CARVALHO seria um justo título para recomendar aquele que o escolhesse, quanto mais em se tratando do doutor Paulo Pinheiro de Viveiros, moço, portador de sólida cultura, apreciado e inspirado orador de todos tão conhecido e que, por isso mesmo, julgamos desnecessário mais lhe enalteçamos os méritos e lhe façamos panegirico.

O fulgor de sua inteligência dispensa qualquer elogio a mais que tentássemos fazer.

Vós ides ouvi-lo.

---

* — Saudação ao acadêmico Paulo Pinheiro de Viveiros, em nome da Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 25 de Julho de 1947.

Padre João Manuel de Carvalho *

PAULO PINHEIRO DE VIVEIROS

Senhores Acadêmicos:

Saúdo-vos, com efusão, e homenageio-vos, respeitosamente, como principes da inteligência e fiéis depositários da cultura da minha terra.

Eu me avisinhei desta casa, para incorporar-me ao convívio de vossas companhias, sob o domínio da unção mística com que o sacerdote se aproxima do altar.

E' a contemplação do esfôrço de vossas energias, aqui reunidas num trabalho superior e dignificante, como testemunho de que não desapareceram os nossos valôres e não morreu ainda o culto áquilo que o vosso trabalho continuado, representa e constróe.

Homens de variadas atividades, congraçados por um ideal superior que tanto exalta o merecimento da terra comum, em vós só poderia depositar a mesma fé que o pagão, ás portas do batismo, suplica fervoroso, á Igreja militante.

Fé, no trabalho silenciôso que realizais, no interesse do bem comum e no esfôrço perseverante que cada um de vós dispende, incessantemente, como cultores das mais variadas atividades intelectuais, procurando reunir a individualidade ao tôdo, o homem ao Estado, e realçar, deste módo, o valôr da coletividade, como fôrça creadôra do espírito, imanente e eterna do Rio Grande do Norte.

Somente esta fé que ilumina e conforta, que

redime e abrasa, depositada neste tabernáculo onde luzem as expressões mais lidimas da cultura potiguar, poderá alentar o meu espírito, ao transpôr os seus umbrais e fazer-me comum a vós tôdos, na participação de vossas vitórias e de vossas desilusões.

Por isto mesmo, aqui me tráz um desêjo de larga e afetiva cooperação e a certêsa de que os mestres e luzeiros da imortalidade condusirão a destinos felizes os que, com humildade, se aprestam ao trabalho de ajudar a mantêr, em chama ardente, bem vivas e constantes, a tradição do valôr e as glórias do espírito da nossa comunidade.

Para chegar até vós e exercer o direito de posse na cadeira que me reservastes, não poderia, porém, qual um beduino no deserto, apresentar-me sozinho, sem ajúda de alguem que fôsse, nesta casa, um orágo para minha veneração e o grande motivo para o brilho desta festividade.

Este alguém, trago-o, em espírito, bem junto a mim, bem vélho, também, fazendo luzir, aos vossos olhos, os fios de prata de sua grande cabeleira, com um livro entre as mãos, que não sei si representa um breviário ou um catecismo de fé republicana, falando, sempre, como se recriminasse o crime dos ladrões ou as violências dos máus, porém, deixando, entre largos géstos que traduzem um grande espírito combativo, o sorriso meigo do amigo e do sacerdote que também perdôa e esquece, e prescruta e afaga a bondade dos seus semelhantes.

Não é surprêza para vós êste meu companheiro de jornada.

Não sei bem, meus senhores, si poderia chamar de companheiro a quem me trouxe pela mão, para deixar-me entre vós, participando, de hôje por deante, dos trabalhos que possamos realizar.

A quem não representa a vida material da hora presente, mas um passado brilhante, de intênsa atividade intelectual, qual um nôvo cruzado da Idade Média, ao serviço de Deus e da Pátria.

Mestre, companheiro, patrono, guieiro, porém,

como quer que o diga, sejam, neste dia as homenagens desta casa para aquêle que, em vida, se chamou o

Pe. João Manuel de Carvalho.

A seu respeito, trago, nesta hora, uma vida preciosa, cheia de combatividade, de inteligência e sacrifício, aberta, nas suas mais variadas atividades, á vossa curiosidade e veneração.

O POLÍTICO

Ao comêço da segunda metade do século 19, a política da Provincia oscilava entre os dois grandes Partidos que carreavam a opinião pública do Rio Grande do Norte.

O Partido Liberal e o Conservador.

Era o chefe deste último, em 1852, o Coronel Bonifácio Francisco Pinheiro da Câmara, homem de poucas lêtras, filho do Sr. Joaquim Torquato Rapôso da Câmara, sobrinho e filho de criação do Padre Manuel Pinto de Castro, e, mais tarde, Coronel da Guarda Nacional, Cavaleiro da Imperial Ordem de Cristo, Oficial da Imperial Ordem da Rosa, Presidente da Câmara Municipal de Natal, Vice-Presidente da Provincia e, por algum tempo, seu Presidente em exercício.

As atividades políticas deste homem que se contentava em ser, na Provincia, um nome respeitável e um cidadão honesto, filiaram-se, muito cêdo, o seu sobrinho Francisco Gomes da Silva, doutor pela Universidade de Paris, o Conselheiro Tarquinio Bráulio de Souza Amaranto e o Padre João Manuel de Carvalho.

Sobressaindo-se, dentro do Partido, pela sua inteligência e resoluções firmes e decididas que sempre tomava, nas ocasiões oportunas, o Padre João Manuel, lugar tenente, como os seus outros dois companheiros, do Chefe do Partido a que se filiára, conseguia dois anos depois de sua ordenação

sacerdotal, em 1867, ser eleito Deputado Provincial e, em 1868, ser nomeado Diretor Geral da Instrução Pública do Rio Grande do Norte.

Nesse mesmo ano, quando o Partido lançara ao eleitorado da Provincia, a candidatura de Sales Tôrres Homem, ao Senado do Império, foi o padre indigitado a defender, no Rio de Janeiro, juntamente com o Dr. Francisco Gomes da Silva, o resultado do pleito que consagrara a vitória daquele nome nacional.

Seria esta a primeira viagem que realizava á Capital do País onde chegou a 19 de fevereiro de 1868.

Tôrres Homem, ao primeiro contacto com o jovem advogado de sua candidatura, deixou-se conquistar pelas qualidades daquele sacerdote e, imediatamente, o apresentou ao Sr. Rafael José da Costa Junior, gerente do "Correio Mercantil", orgão, no Rio, do Partido Conservador, fundado por Muniz Barrêto, a-fim-de que podesse, naquele jornal, desempenhar, em parte, a missão que lhe fôra confiada.

Como diz o Padre, em um dos artigos que retratam as suas memórias, o "Correio Mercantil" foi "a chave que lhe abriu as portas do grande mundo político".

Em contacto, ali, com os mais notáveis homens de Estado daquela época, quando regressou á Provincia, ainda em 1868, já alimentava o desejo de ser deputado geral. Candidatou-se á primeira eleição, porém perdeu o pleito, pois foram contemplados com a maioria dos sufrágios do eleitorado, os Drs. Francisco Gomes da Silva e Otaviano Cabral.

Era a derrota dentro do próprio Partido, hostilisado que fôra pelos elementos nobres de sua agremiação, que não toleravam, como refere, ouzasse um simples plebeu representar a Provincia, no Concilio da Razão Nacional.

Humilde na origem, venceu, porém, pela inteligência e, em 1873, é eleito deputado geral para o triênio que se encerrava em 1876.

O Coronel Bonifácio não escondia, nesse tempo, o desejo de fazer o sobrinho Dr. Gomes da Silva o seu substituto na chefia da sua agremiação partidária. Mas, o jovem laureado da Universidade de París, cêdo faleceu, de maneira que, quando o famoso político veio a desaparecer, a 2 de novembro de 1884, o Partido Conservador ficou, praticamente, dividido em dois grandes blocos, subordinados á direção de dois grandes Chefes: o chamado Grupo da Botica, com séde na rua do Comércio, sob as ordens de Tarquinio Bráulio de Souza Amaranto, aliado aos Garcia e o do Cantão ou Grupo da Gameleira, sob a chefia do Padre João Manuel, na praça da Alegria que, hoje, se chama de Padre João Maria, ajudado entre outros e principalmente por Joaquim Guilherme, seu parente e Felinto Elisio de Oliveira Azevêdo.

O Padre ía enfrentar um nôvo pleito e fez-se bem cêdo, candidato á renovação da deputação geral, no período de 1886 a 1889.

Preferiu os vótos do 2.º Distrito que a todo percorreu.

Havia, naquele tempo, em Caraúbas, um político rebelde, dentro das hostes do Partido Conservador. Chamava-se Luís Manuel Fernandes, conhecido politicamente sob a alcunha de "Comandante", senhor de poderosa flotilha de eleitores e que sempre se sobressaiu pela maneira de discordar dos nomes dos candidatos apresentados.

O Padre João Manuel, logo cêdo compreendeu que a adesão daquele político á sua candidatura pelo 2.º Distrito, na renovação dos representantes á deputação geral, constituia penhor seguro da sua vitória.

E depois de conferenciar, demoradamente, com o Cel. Luís Manuel Fernandes, dirige, de Caraúbas, a 19 de novembro de 1881, ao Cel. Lino Constâncio de Brito Guerra, irmão do Des. Felipe Guerra e filho do Barão do Açu, a seguinte carta reservada:

Carissimo Lino — Deixei de partir hoje, como pretendia. O "Comandante", sabendo em caminho

que eu me achava aqui, veio expontaneamente vêr-me. Achei isto de bom agouro. Com efeito, encontrei-o muito modificado e cordato. Abordei-o francamente, mas êle sempre resistiu. No correr da conversa, disse-me êle que, na semana p. vindoura, estaria de côrpo aberto e que só teria a intervenção de um santo a quem rendia a mais profunda homenagem. Êsse santo é o Conselheiro seu pai. Parece que a minha bôa estrêla vai luzindo com mais brilho. Foi Deus que conduziu seu pai a esta terra em que a sorte me tem sido meio adversa. Estou intimamente convencido de que o "Comandante" não resiste a um pedido formal de seu pai. Merecerei eu tão importante favor? Si eu conquistar este ponto, minha vitória será certa .O Conselheiro deve tentar um apoio completo, até no Apodi, para mais assegurar o meu triunfo. Você compreende a necessidade que eu tenho de vencêr êsse pleito de honra. Concorrem todos para que eu experimente êsse grande prazer, em remuneração dos incalculáveis esforços e sacrifícios que tenho feito. A linguagem do Luís Manuel é animadora. O próprio vigário admirou-se. Estou animadissimo. Si o Conselheiro conseguir o que tanto desejamos, expéça um próprio para o Açu, dando-me essa feliz notícia. Estarei, então, na luta ainda mais animado e cheio das mais vivas esperanças. Convém, entretanto, que se guardem tôdas as reservas e coveniências indispensáveis em condições tão melindrosas. Adeus e abrace ao seu amigo grato, Padre João Manuel".

Isto se processava em 1881, três anos antes da morte do Chefe do Partido Conservador. E' que bem cêdo S. Revma. compreendeu que se aproximava a data daquele desenlace e era preciso avançar ao encontro dos chefes locais do 2.º Distrito, de maneiras a firmar entre eles um prestígio direto e consolidar a sua deputação, antes que outros lhe usurpassem as vantagens eleitorais, então ameaçadas de perder o seu natural condutôr.

Data, daí, o início da fase da sua vida política.

Desdobra-se no seu trabalho de catequese e, entre derrotas e vitórias, sucessos e insucessos, quasi odiado por adversários políticos perigosos, conseguiu, afinal, impôr-se á consideração dos políticos do 2.º Distrito que compreendia a zona oéste do Estado, inclusive o território dos atuais Municípios de Moçoró e Açu.

Quanto mais se projetava, politicamente, mais rudemente é combatido.

A 11 de novembro de 1885, José Leão Ferreira Souto, positivista militante, natural do Município do Açu que era a séde do 2.º Distrito eleitoral da Provincia, publíca um violento manifesto contra a apresentação da sua candidatura.

Escrito em linguagem causticante, êsse protesto que é feito sob o título "Candidatura Imoral" reflete bem o vigôr com que os inimigos combatiam tão destemeroso adversário.

Os têrmos iniciais desse panflêto testemunham a energia da campanha:

"Julgamos dever patriótico protestar contra fátos reconhecidamente imorais, desde que êstes se revestem de caráter público e afetam os interesses gerais do País. Está nesses casos a candidatura do Sr. Padre João Manuel, pelo 2.º Distrito do Rio Grande do Norte. Como brasileiro e filho daquela heróica Provincia, vimos protestar energicamente contra êsse atentado á honra e dignidade de um eleitorado livre e independente. S. Revma. não possúi nenhuma das qualidades científicas, práticas e morais que recomendem sua apresentação e, em vêz de servir á causa da Provincia que, uma vêz representou para vergonha eterna da mesma, só tem até hoje, cuidado dos interesses próprios".

Chama-o de plagiário e diz que "ninguem que tenha ouvido S. Revma., é capaz de crêr que êle seja político de merecimento ou pregador de nota. Nunca pronunciou discurso ou recitou sermão que não fôsse gaguejado".

José Leão ainda no intuito de deprimir e humilhar a personalidade do Padre, refere-se ao inciden-

te entre o mesmo e o Deputado Francisco Belisário Soares de Souza, verificado, no edifício da Câmara, a 18 de Abril de 1873, impõe-lhe o epíteto grotesco de "Padre Locomotiva", pelo fáto de haverem os inglêses pôsto o nome de "Padre João Manuel" numa das locomotivas da Estrada de Ferro Nova Cruz e debocha do programa com que se apresentava ao eleitorado, prometendo a concessão de uma linha férrea que, partindo de Moçoró, varasse o interior do Estado, dizendo: " e há homens tão crédulos, matutos tão ingênuos e alheios a estes negócios que se persuadem que o Govêrno seria capaz de conceder novos favores á Provincia, em vista de sua penúria atestada pela Estrada de Ferro já existente e que atravessa zonas sem comparação mais produtoras" (Referia-se á Estrada de Ferro Nova Cruz que o Presidente da Provincia, Dr. Bandeira de Mélo, dera em concessão ao Padre João Manuel).

Depois, sem mais nada poder imaginar contra o valente conservador, desanca sobre os padres, num linguajar feróz, assim se expressando: "as funções de governar e aconselhar se repelem por si mesmas; o que importa dizer que um sacerdote político é uma monstruosidade humana. Fica provado que o secerdote para ser digno desse nome, deve evitar semelhante popularidade. Isso de pensar que cada tonsurado que faz política, é um Feijó, um Guerra, um Alencar, é não distinguir os tempos que correm daqueles em que êsses homens políticos apareceram. Hoje, os Padres vêm a política para explorarem-na pelo lado material, sem outra preparação científica ou literária, além do latim missalesco e, por isso mesmo, incapazes de se elevarem á altura dos novos ideais".

O manifesto principia com as palavras de Comte: subordinar a Política á Moral, e tem a data de 6 de fevereiro de 87.

Foi muito injusto para com o Padre o famigerado positivista açuense.

S. Revma. foi inegavelmente, um político de

merecimento e um pregador de nota. Outro não lhe invectivou, sob provas, como um plagiário.

Sobre sua larga visão, basta confrontar os planos do Padre sobre a atual Estrada de Ferro de Mocoró com o arrazoado do positivista, a descrer do poder econômico da zona em que nasceu, na Província.

E diga-se, como ressalva, que José Leão, até aquele momento, não era político no Rio Grande do Norte, só se levando a sua catilinaria á conta de uma desinteligência pessoal com o Padre ou dos pendores positivistas que lhe borbulhavam no cérebro.

Resta, apenas, frizar que a política do século 19 nada deixa a invejar, pelos apôdos dos inimigos, aos processos republicanos do século 20.

Mas, apezar de tudo isto, o Padre João Manuel venceu, galhardamente, e, mais uma vez, era eleito deputado geral.

Tôdo mundo conhece, aqui pelo Norte, o triste episódio do naufrágio do vapôr "Baía", a 24 de Março de 1887.

Áquela época, o Padre João Manuel estava em Natal e pretendia transportar-se, no referido navio, para o Rio de Janeiro, conforme anunciára. Deve-se, porém, á insistência do então Presidente da Província, Dr. Pereira Carvalho, o impedimento do embarque do sacerdote.

Pois bem. Quando se anunciou, em Pernambuco, o desastre do "Baía", com o falso rebate de que nêle viajava o deputado potiguar, a Assembléia Provincial daquele Estado, pelos seus deputados da oposição liberal, condenou a imprevidência do Govêrno e estigmatizou o relaxamento das Companhias, para, depois, quando se certificou de que o Padre tinha permanecido em Natal, passar-lhe tremenda e reverendissima descompostura, por não ter êle efetivamente morrido, naquela ocasião (Reminiscências", pg. 66).

Quando Amaro Cavalcanti soube que o Padre havia morrido no naufrágio, teve para com êle céle-

bre frase de político adversário: êle devia morrer assim mesmo...

Conta-se, porém, que, ao saber dessa frase, em palestra com amigos, retrucára, displicentemente: é..., não lhe tenho raiva, porque, si fôra o contrário, eu dizia o mesmo...

Indo para a Assembléia Geral, redobra as suas atividades políticas.

Aproxima-se, cada vêz mais, do então Chefe do Govêrno, Conselheiro João Alfrêdo, político com quem mais viveu na intimidade, honrado com a sua estima e distinguido com sua inteira confiança.

Serviu ao seu amigo com desinteresse e lealdade.

Mas, a essa época, como diz Tavares de Lira (História do Rio Grande do Norte), "o Padre João Manuel, temperamento impetuôso e lutador desassombrado, avançava, resolutamente, para o liberalismo radical que combatia a realêsa, distanciando-se, assim, dos seus amigos do 2.º Distrito que, por sua vêz, dele se afastaram, para agir isoladamente, segundo as suas próprias aspirações".

De maneira que, quando o Conselheiro João Alfrêdo foi obrigado a abandonar o poder, a 30 de Maio de 1889, apresentando á Corôa a demissão coletiva do Gabinête 10 de Março, o Padre comunicou-lhe que estava resolvido a se declarar republicano.

E', então, que, entre êle e o Conselheiro pernambucano, se trava, segundo sua própria narração, o seguinte diálogo:

— E o que se dirá, á vista de nossas relações?

— Digam o que quiserem, respondeu o sacerdote, ficando depois tôdos certos de que, nesse passo, obedeço, unicamente ás minhas próprias inspirações.

— E' inabalável o seu propósito, tornou o Conselheiro.

— Nem mesmo V. Excia. a quem tanto prézo e cuja autoridade exerce em nós tão grande influência, é capaz de fazer demover-me de semelhante resolução.

— De que modo, acrescentou, pretende . você manifestar-se?

— Na tribuna da Câmara dos Deputados, quando o nôvo Ministério se apresentar, sêja qual fôr a sua feição politica!

O Conselheiro João Alfrêdo encolheu os ombros e declarou:

— Faça o que entender, certo de que me contraria em extremo, com êsse passo que vai dar.

Desta forma, quando, a 11 de Junho de 1889, se apresentou, no Parlamento, o Gabinête Ouro Prêto, pertencente ao Partido Liberal que tinha minoria no Legislativo, em substituição ao Gabinête João Alfrêdo, o Padre inscreveu-se para falar e ao Barão de Lucena, presidente da Casa, comunicou o seu intuito, dêle ouvindo as seguintes expressões: "neste caso, fique tranquilo e certo de que lhe concederei a palavra para pronunciar-se".

E', então, que, do alto do Parlamento, depois da apresentação do Gabinête, pronuncia o memorável discurso de fé republicana, terminando por exclamar: "Abaixo a Monarquia e Viva a República".

Bem se pode avaliar o que êsse discurso provocou no cenário político nacional.

A Câmara foi dissolvida e a imprensa monarquista lhe dirigiu violentos ataques.

"Diário Mercantil", de São Paulo, dirigido por Eduardo Salamonde, ardoroso republicano depois de Novembro de 89, mais se sobressaiu na campanha, publicando o seguinte telegrama, procedente do Rio: "Consta que o Padre João Manuel que, na última sessão da Câmara, se declarou inesperadamente republicano, vai, agora, abjurar, para casar".

Em "Correio do Pôvo", o Padre responde a protervia, em magistral artigo.

Enquanto isto, Américo Lôbo, senador, por Minas Gerais, dedicava-lhe uma poesia, pelo gesto desassombrado e em que comparava o Padre ao que rezou a primeira missa do Brasil.

Dissolvido o Parlamento, com o vóto de descon-

fiança da Câmara, foram as eleições gerais convocadas para 31 de Agôsto de 1889.

O Padre já não possuia prestígio entre seus próprios amigos do 2.º Distrito.

O seu Partido apresentou duas chapas. Uma, completa, com Tarquinio Bráulio de Souza Amaranto e Manuel Porfírio de Oliveira Santos, cunhado do Padre, e outra, exclusivamente pelo 2.º Distrito, indicando Almino Alvares Afonso, já republicano, figurando em chapa de Partido monarquista, rebelião dos conservadores sertanejos, no célebre Congresso Político de Caraúbas.

Três mêses depois, proclamada a República, Pedro Velho toma o poder do Estado e alía o seu Partido á ala conservadôra de Souza Amaranto.

Afasta de si, receiôso, talvêz, da sua companhia, o Padre João Manuel que, em Dezembro de 1889, um mês depois da proclamação, em forma de Manifesto, tornou público que abandonava a vida política.

Este, o político.

O PARLAMENTAR

Inegavelmente, o Padre João Manuel foi um parlamentar de fama.

Não se pode comparar aos grandes expoentes da vida legislativa do Império.

Mas, S. Excia. não foi um deputado quêdo e sem expressão oratória.

Têve escola, quer assistindo, como jornalista, aos debates do Parlamento, quer participando dos mesmos, como representante do Pôvo.

O seu estilo traduzia, como lhe definiu um cronista, "a coragem, a loucura patriótica, a inteligência viva, clara, duma extrema plasticidade, reluzente e silvante como um florête". Era um estilo "para ser lido em vôz alta. Meio gritante, áspero, com uma vivacidade a um tempo graciosa e dura".

Era inimigo pessoal do ignorante e do subserviente.

Certa vêz, o deputado maranhense, coronel

Isidóro Jansen, confessou-lhe que não pleitearia a sua volta ao Parlamento e acrescentava, num tom justificativo de sua deliberação — "acabo de conhecer, por experiência própria, quanto vale um deputado sem capacidade que, no recinto da Câmara, se amesquinha a seus próprios olhos, tendo consciência do tristíssimo papel que representa, em uma assembléia onde há muitos homens de mérito real, sobressaindo pelo talento e ilustração".

Referindo-se, em uma de suas crônicas a tão desoladora declaração, o Padre comentava e dizia: "de fáto. O único analfabéto que, neste País, teve o privilégio de se fazer ouvir, no Parlamento, no mais profundo silêncio e na mais respeitosa atenção, foi o imortal Duque de Caxias que, pelo seu gênio militar, por sua notável intuição de tudo que é grande, pelo seu enorme prestígio, tornou-se uma verdadeira glória nacional".

De outra vêz, reporta-se ao deputado maranhense Silva Maia que representou a sua Provincia, vinte anos, sem nunca ter proferido um discurso e também divergido do Govêrno. E dizia, motejando da figura do "deputado governista": "em regra, o Govêrno sabe o que fáz, não cabendo ao deputado governista que lhe presta apoio, o direito de divergir de suas opiniões, nem de contrariar os seus intuitos, nem de pensar de módo diverso. E' esta a maior beleza do regimen parlamentar em que não há outro critério no vóto da maioria, a não ser a completa submissão á vontade e ao pensamento do Govêrno que sabe tudo e sempre quer o melhor".

Como orador parlamentar, inegavelmente, S. Revma. encerrou, com extraordinário brilho, sua agitada carreira, proferindo o célebre discurso de 11 de Junho de 1889.

Há ritmo e elegância em toda a peça, há sentimento e sobretudo valôr literário, bem condizente com a época.

A oração, vibrante e rápida, tornou inexpressivos os apartes que lhe foram dados, circunscritos a interjeições de deputados monarquistas, inclusive os

do próprio Ouro Prêto que lhe interrompeu quatro vezes, apenas.

S. Excia. começa o discurso, dizendo: "Tudo está indicando, evidentemente, que este País, fadado por Deus aos mais gloriosos destinos, em breve passará por transformações profundas e radicais e que as velhas instituições que nos tem humilhado, tendem a desaparecer deste sólo abençoado onde não poderam consolidar-se, nem produzir frutos benéficos".

E continúa: "Tudo é confusão e anarquia; confusão, na ordem social; anarquia, na ordem política. Mas, tenho fé em Deus que, deste cáos medonho em que se debatem, inanes, e se estorcem, agonisantes, os restos de u'a monarquia moribunda, há de surgir a luz, essa luz suave e esplêndida da liberdade e da democracia que há de incendiar todas as inteligências, iluminar todos os espíritos e inflamar todas os corações, caindo no seio da Pátria, como gôtas de orvalho divino, vivificando-a, como vivificam as flôres, os raios benéficos de um sol de estio".

Há no discurso êsse trêcho incisivo com referência ao Primeiro Ministro: "O nobre Presidente do Conselho sente-se satisfeito, por vêr a sua ambição realizada. S. Excia. apresenta-se ao Parlamento muito lampeiro, muito ancho e cheio de si, radiante de jubilo e de felicidade, supondo-se, sem dúvida, um triunfador. Como se engana S. Excia.! Sua vitória é uma verdadeira vitória de Phyrro. S. Excia. preparou, a seu-geito, uma escada para subir, mas, por êsses mesmos degraus escorregadios, há de rolar, caindo, na Praça Pública, execrado e coberto de maldições, porque nutre e afaga o pensamento sinistro de atentar contra as liberdades públicas e a soberania nacional".

Satírico, diz, no seu discurso, referindo-se ao Barão de Ladario, Ministro da Marinha do nôvo Govêrno: "o nobre Ministro do Império não é uma carranca, é simplesmente uma carêta".

E tudo isto era jogado á face do Primeiro Ministro, presente á reunião do Parlamento.

Encara o Gabinête e prossegue: "Não nos iludamos, a República está feita. Só lhe falta a consagração nacional. Ela existe de fáto, em todos os espíritos e em todos os corações brasileiros".

"Não tardará muito que, neste vastíssimo território, no meio das instituições que se desmoronam, se faça ouvir uma vóz nascida do coração do pôvo brasileiro, repercutindo em todos os ângulos deste grande País, penetrando mesmo no seio das florestas virgens, bradando, enérgica, patriótica e unanimente: ABAIXO A MONARQUIA E VIVA A REPÚBLICA!".

Seis mêzes e quatro dias depois, Deodoro implantava, no Brasil, o novo regimen.

O JORNALISTA

O Padre, muito cêdo, iniciou a sua vida jornalística.

Sua atividade na imprensa pode ser dividida em quatros períodos distintos.

O primeiro dêles, é o do jornalista literário.

Depois do ano de 1851, a Provincia foi invadida por uma série de pequenos jornais, de vida efêmera, e, na sua quase totalidade, sem expressão cultural.

Apareceram o "Camponêz", "Curujão", "Jacaré", "Fagóte", "Jurupari", "Matraca", "Rosa", "Morcêgo", impressos em duas tipografias existentes, áquela época, em Natal.

Depois, "O Natalense" e "O Estudante" e, em 1861, "O Recreio".

Êste último, era dirigido pelo Padre João Manuel que, então seminarista, tinha, apenas, 20 anos de idade. Foi um jornal que saiu vinte e cinco vezes, de 17 de Março a 22 de Dezembro daquele ano, vendido ao prêço trimestral de dois cruzeiros.

Dirigindo "O Recreio", o Padre iniciou a verdadeira vida literária no Rio Grande do Norte.

Êle é o marco do pensamento e da cultura jornalística de nossa terra, graças á orientação que lhe ditou o seu fundador, ajudado, constantemente, por

Francisco Otilio Álvares da Silva, J. Torquato, Fonsêca Junior, Pedro J. de Alcântara Deão, M. T. da Fonsêca, Jesuino Rodolfo do Rêgo Monteiro, Lourival Açucena e Isabel Urbana Carneiro de Albuquerque Gondim.

Falando sobre "O Recreio", Rócha Pombo, na sua História do Rio Grande do Norte, diz o seguinte: "O Recreio" era feito com mais gravidade e obedecia a intuitos mais legítimos; e do número de seus redatores, destacavam-se jovens que vieram a ser mais tarde, figuras na alta política do Império, como o célebre orador parlamentar e jornalista político, Padre João Manuel.

O segundo período da vida de imprensa do Padre, é o em que êle se dedica ao jornalismo político.

Nesse caráter, colaborou em vários jornais de Natal, inclusive em "O Conservador".

No Rio de Janeiro, em cuja imprensa apareceu em 1867, escreveu, em primeiro lugar, no "Correio Mercantil"; em 1870, fundou e, por algum tempo, dirigiu o jornal de sua propriedade "15 de Julho"; de 1872 a 1876, colaborou em "A Nação", juntamente com João Juvêncio Ferreira de Aguiar, Cirilo Eloi Pessôa de Barros, o Barão do Rio Branco e Francisco Leopoldino Gusmão Lôbo.

Reconheceu S. Revma. que, como político, necessitava de ser jornalista e a imprensa foi a arma poderosa que o mantinha em contacto permanente com a função e os altos interesses do Império e da sua Provincia.

Depois que se proclamou republicano, ingressou, em 1889, para a redação do "Correio do Pôvo" onde o encontrou a República e escreveu crônicas políticas, sob o pseudônimo de Demoulins, combatendo a monarquia com Sampaio Ferraz, Alfrêdo Madureira e outros.

Tão impressionante, no seu estilo e combatividade, eram as suas crônicas políticas, que o General Francisco Glicério, certa vêz, lhe declarou o seguinte: "O snr. escrevendo as Crônicas Políticas, con-

traiu com a propaganda, um compromisso de honra, não podendo mais abandonar êste pôsto".

Quando renunciou á sua atividade política e foi vivêr no interior do Estado de São Paulo, simples páraco da cidade do Amparo, fêz-se redator chefe do "Correio Amparense".

E' a terceira etapa de sua vida de imprensa; é o cronista do Império, repassando, em 24 magnificos artigos, os fátos e os homens de sua época, velhos companheiros de luta e até mesmo a longinqua Provincia em que nasceu.

Embora, naquela época, não tenham tido repercussão significativa, os trabalhos do vigário amparense, não se pode negar que êles representam o início do período mais brilhante de sua produção intelectual, como jornalista.

O abandono de uma vida agitada, o remanso bucólico em que passou a produzir e as recordações das lutas em que tanto se empenhou, deram-lhe o clima para escrever esta série de artigos que, mais tarde, refleteriam no meio cultural do Rio de Janeiro.

Enquanto debocha do comendador Sobral, deputado alagoano e do conselheiro Malvino Reis, pela parlapatice de ambos é curioso referir-se ao conselheiro José Bento, professor de direito, cujo primeiro trabalho que o Padre leu, foi um folhêto que publicou, protestando contra sua demissão do cargo de Presidente de Minas Gerais. E, então, S. Revma. comenta: "era um professor da Faculdade de Direito que considerava emprego público, na acepção comum da palavra, o cargo de Presidente de Provincia de que não podia ser exonerado por um Govêrno que não o tinha nomeado, sem motivo provado, sem causa justificada, devia-se-nos afigurar, pelo menos, como uma excentricidade".

Mais adeante, lembra-se de sua terra natal, á época da guerra do Paraguai, quando as notícias eram escassas e o pôvo se reunia na casa de negócio do majór Pelinca, em frente do Correio, para ouvir a leitura do "Jornal do Comércio", do Rio. E conti-

nuava: "entre os ouvintes, achava-se um homem graduado em lêtras, professôr de lingua francêsa do Ateneu Rio-Grandense. O leitor imprimia á sua vóz um tom entusiástico, referindo-se aos acontecimentos em que eram envolvidas as fôrças aliadas e as de Lopez, cujo nome se repetia muitas vezes. Lopez praqui, Lopez prali, Lopez praculá, Lopez por tôda parte. Nisso, o professôr de francês, sem dúvida impressionado com a repetição daquele nome que lhe parecia extranho, fêz quebrar o silêncio e interromper a leitura, dizendo: queira desculpar a interrupção, pois desejo esclarecer-me: êsse Lopez de quem tanto se fala, é por nós ou contra nós?"

Era, assim, o cronista; simples, mordáz, magnífico, porém.

A Fala do Trono e a figura do Imperador constituem uma crônica ligeira e excessivamente picante: "a uma hora da tarde do dia 3 de Maio, S. M. o Imperador penetrava, solenemente, no recinto do Senado, assentando-se sob o docél que ali estava preparado e recebendo das mãos de um môço fidalgo da Casa Imperial, a Fala do Trono que devia lêr perante a Assembléia Geral Legislativa. A figura do Imperador nos causa a mais extranha impressão, além da verdadeira surprêsa que experimentavamos ao vêr um homem vestido tão esquisitamente, de calções de sêda bem justos, mostrando umas pernas finas que contrastavam com a corpulência, com seus sapatos de sêda branca, seu grande manto coberto de papos de tucano, tendo pesada corôa sobre a cabêça e empunhando o cétro imperial. Quando S.M. proferiu as primeiras palavras da Fala do Trono — augustos e digníssimos senhores representantes da Nação — instintivamente estremecemos, ao ouvir aquela vóz fina, aflautada, desarmoniosa, que não parecia sair de côrpo tão volumoso e opulento".

Eis como escrevia.

Em várias de suas crônicas, salienta, porém, a capacidade e as altas qualidades de José Bonifácio e Torres Homem, João Alfrêdo e Fernandes da Cu-

nha e o Conselheiro Antônio Ferreira Viana, o grande orador parlamentar do Império.

Já então se faziam sentir os primeiros átos do Govêrno Provisório e o Padre, sempre se dizendo republicano, caustica os dirigentes do regimen principiante.

E' a quarta e última fase de sua vida jornalísticaa a mais brilhante, a mais impetuosa, a mais sincera, a maior. A do panfletário.

Logo cêdo, comentando a nomeação do genro de Quintino Bocaiuva, para chefe de polícia do Estado do Rio, escrevia: "os átos do Govêrno Provisório não me inspiravam confiança, pois, começaram por um arranjo de família que destoava, inteiramente, do ideal republicano. Imperava o *genrismo*". Depois de descrever a sorte feliz dêsse genro que fôra filhote do Gabinête Ouro Prêto, continua: "o govêrno provisório parecia um bando de salteadores que tinham assaltado o Poder para se locupletarem e arranjarem a parentela faminta".

Há um artigo tremendo contra Campos Sales, sobre o casamento civil, em que diz: "êsse Pombal caricáto pretende celebrizar-se, acentuando ódio que vóta á Igrêja. Não compreende êsse desfrutável que, por êsse módo, está, cada vêz mais, impopularisando esta desgraçada Rapública, já tão falseada e prostituida".

Acusa Quintino Bocaiuva, no caso do Tratado das Missões, chamando-o de negociador de tratados; ridicularisa Prudente de Morais, por haver mandado ao Executivo a fôlha de subsídio dos senadores, sem a fixação legal dos mesmos; ataca, furiosamente, o programa financeiro de Rui Barbosa e diz sobre êste: "o sr. Rui Barbosa encerra-se em profundo e desdenhoso silêncio, quando se lhe pergunta donde provém o fausto e grandeza que ostenta, com tão escandalôso e revoltante desassombro".

Aplaudiu o golpe de 3 de Novembro, de Deodoro, dizendo: que "se dissolvia um verdadeiro ajuntamento ilícito que tanto contribuia para desacreditar o regimen republicano. Aquilo não era um Congres-

so Nacional, mas sim um conluio de ambições sofrêgas e desconcertadas".

Mas, o seu estilo combativo alcança a mais alta temperatura, quando, a 9 de Janeiro de 1892, inicia violenta campanha contra o Govêrno do Marechal Floriano, sobre cuja pessôa diz o seguinte: "o seu cadáver, colocado sobre montões de cadáveres, será amortalhado naquelas famosas ceroulas em que o Govêrno se enrola, como o mais expressivo simbolo de legalidade". E continuava: "o sr. Floriano Peixôto traiu a própria mãe, porque lhe fêz a surprêza de nascer de sete mezes, vindo, pela primeira vêz, á luz do dia, na Vila de Pôrto Calvo. Ora, procedente de Pôrto Calvo e tendo tanta pressa de vir ao mundo, devia tornar-se um verdadeiro prodígio na traição".

Êste artigo é, talvêz, o mais violento da série, com a circunstância de ter sido escrito no govêrno do Marechal, sob estado de sítio.

Doutra vêz, diz ainda, sobre o Marechal de Ferro: "é preciso que o pôvo, para castigo dêsse monstro, o agarre pelas orêlhas, o conduza para a praça pública e lance-lhe na face horripilante o escarro do desprêso nacional".

Ataca a maneira de proceder ao reconhecimento de poderes da Câmara, na eleição de Augusto Severo e condena a revolta de Custódio José de Mélo a quem diz faltar autoridade para dirigir tal movimento, "grandemente prejudicial aos créditos da República".

Em 1894, publicou o livro "Reminiscências", enfeixando todos os artigos que publicou, no "Correio Amparense".

Foi êste o intelectual.

Câmara Cascudo, certa vêz, me dizia, a seu respeito: "o Padre João Manuel se caracterisava, além da sua vibratilidade, por sua intenção literária, no plano cultural". E prosseguia: "Joaquim Guilherme, o maior jornalista da época e o primeiro poeta satírico do tempo, com produção dispersa e esquecida, sofreu a influência psicológica e cultural do Padre

cujos pontos de contacto, em estilo e exaltação, são notórios.

Agóra,

O SACERDOTE

Ordenou-se, no Maranhão, em 1865.

Foi vigário da Candelária e, a 11 de Fevereiro de 1890, transportando-se para São Paulo, exerceu o paroquiato na cidade do Amparo.

Padre por convicção, quando não estava em Natal, viajava, todos os anos, para vir recitar o sermão do Encontro, peça que comovia os fiéis.

Quando político, raramente, usava batina, senão nos átos e cerimônias da Igrêja; vestia sobrecasaca, usava cartola de sêda e trazia o anel sacerdotal, no laço da gravata.

Entre os anos de 1895 e 1897, viajou a Roma onde esteve com Leão XIII que lhe deu de presente um solidéo.

Em Natal, introduziu a cerimônia da coroação de Nossa Senhora, no sábado d'Aleluia.

Batisou muitas creanças e fêz-se compadre no seio das mais tradicionais famílias da Provincia.

De sua honestidade sacerdotal, nunca foi falado e nem mesmo injuriado por seus mais ferrenhos adversários.

Foi combatido pelo positivismo e o Des. Felipe Guerra me referia que o seu desastre político, depois do discurso de Junho de 1889, se deve á maçonaria cearense que exercia grande influência no 2.º Distrito da Provincia, através do português maçon Souza Mélo, residente em Moçoró e orientador, talvêz, do lançamento, áquela época, da candidatura Almino Afonso.

Em Amparo, foi processado, na era republicana, porque celebrou um casamento religioso antes do civil. Mas, o processo foi arquivado e a Lei reformada, porque, como dizia Rui Barbosa, a adoção dêsse critério legal sería reconhecer a validade do casamento religioso que a República não podia admitir.

Quando o "Diário Mercantil" deu agasalho á protervia de que o Padre ia abjurar para casar-se, êle escreveu um artigo intitulado "As duas corôas", talvêz como jornalista a sua obra prima, em que rebate o insulto. A êsse tempo, tinha 23 anos de sacerdote.

Duas corôas: a sua corôa de Padre e a corôa do Imperador.

E' nêle que escreve o seguinte: "Apresento-me, sempre, tal qual sou, sem os blocos da impostura e sem a máscara da hipocrisia. Julgam-me, sem dúvida, pelas aparências, por que não tenho a compostura de um beáto, nem tomo ares estudados de santarrão; julgam-me pelo meu trato social, pelo meu caráter franco, pela minha fisionomia prasenteira, pelo meu gênio expansivo e, muitas vezes, brincalhão, condenam-me, finalmente, por malignas conjecturas. Miseráveis! Tranquilisem-se os meus amigos. Minha fé católica é inabalável. Fiz-me Padre por vontade e inspiração própria, quando podiam imperar em mim, paixões mais ardentes e não será hoje que descambo para o ocaso da vida, com a cabêça embranquecida pelos gêlos da idade, que hei de cometer a infâmia de abjurar a religião dos meus pais, de cujas verdades nunca duvidei e cujas doutrinas são a consolação e o confôrto de minhalma. Aderindo á idéia republicana, contraí, como Padre, deveres ainda mais sagrados, mantendo, cada vêz mais firme, a minha fé católica e mais e mais intransigente meu caráter sacerdotal. Quando, neste País, o sôpro da democracia fizer desmoronar as corôas e cétros da realêza, rolando sobre as ruinas da Monarquia, espero em Deus tomar parte nêsse *laus perene,* podendo, no seio das multidões frementes de jubilo, iluminadas pelos vividos clarões da liberdade, elevar a Hóstia sacrosanta, como simbolo purissimo e sagrado da verdadeira páz e felicidade nacional. Quando a proclamação da República se fizer ouvir em todos os ângulos desta terra abençoada, voando, pelos ares, a Corôa Imperial, confio no Altissimo que ainda conservarei, intacto, meu caráter sacerdotal

e manterei ilésa minha fé católica. Tudo se desmoronará, mas, estejam certos, de que minha corôa ficará segura sobre a minha cabêça".

Por fim,

A FAMÍLIA E O HOMEM

Na primeira metade do século 19, um vasto sítio, começando nos fins da Rua de Santo Antônio, do lado direito de quem desce, indo do Convento dos Franciscanos, cobria a área de terra que por ali se extende, até a Usina do Oitizeiro.

Residia, naquele lugar, o Capitão João Manuel de Carvalho, cidadão honrado, de poucas posses, humilde e que á sua família sustentava com os proventos de uma casa de farinha, as frutas de seu quintal e a fabricação de fogos para os festejos da cristandade.

De seus ascendentes, apenas um era homem de certo dinheiro, o coronel José Gabriel de Carvalho, seu tio, rabula na Provincia, residente na Praça da Alegria, de quem se dizia ser ainda possuidor de sacos de ouro e prata e avantajada fortuna.

O Capitão João Manuel de Carvalho casou-se em família mais humilde que a sua, com a Sra. Quitéria de Moura Carvalho, de quem houve oito filhos: Antônio, Sebastião, Fredoviana, Ana, Maria Paula, Gaudêncio, Francisca e João Manuel.

Êste último nasceu a 26 de Dezembro de 1841.

Viveu o futuro sacerdote a vida de menino pobre, pelos sitios da Cidade, na companhia, entre outros de Lourival Açucena, seu amigo de infância.

Desde cêdo, porém, se fêz um bom estudante, aprendendo latim e humanidades, com verdadeiro devotamento.

Quando voltou do Seminário, feito Padre, e iniciou a sua vida sacerdotal, cuidou da educação dos irmãos e foi assim que internou Francisca, a mais môça, em um Colégio no Rio de Janeiro e custeou os estudos de Antônio que foi bacharel em direito e Promotor na Penha, Sebastião que se titulou de farmacêutico e Gaudêncio que se empregou nos Correios.

Naquela época, veio para Natal e aqui estudou sob a proteção de Joaquim Gulherme, primo do Padre, o jovem alagoano Manuel Porfirio de Oliveira Santos que, regressando a Recife, ali colou grau, na Faculdade de Direito. Passando, depois, a viver em Natal, Joaquim Guilherme promoveu o seu casamento com a irmã do Padre João Manuel, de nome Francisca, então estudando no Rio de Janeiro. Casados, vieram para Natal onde o Doutor Santos foi advogado, redatôr da "Gazêta de Natal" e, no começo da República, Juiz Federal aqui. São êstes os pais do jurisconsulto João Manuel de Carvalho Santos.

Tempos depois, a família que se constituira na casa da Rua de Santo Antônio, hôje sob número 800, mudou-se para a Rua da Palha.

Dona Quitéria faleceu antes do capitão João Manuel de Carvalho e o Padre, com a morte dos pais, chamou a si o sustento de suas irmãs solteiras.

Parece que S. Revma. fôra ajudado, em sua educação pelo tio de seu pai, José Gabriel de Carvalho, que, por seis vezes, fôra deputado provincial e cujo túmulo, no Cemitério do Alecrim, o terceiro do lado esquerdo de quem entra, de fino mármore de Carrara, fôra mandado buscar, em Portugal, pelo Sacerdote e seu parente Joaquim Guilherme, pelo prêço de dois mil cruzeiros.

No princípio de sua vida pública, vestia muito mal.

Certa vêz, Rafael José da Costa Junior, o gerente do "Correio Mercantil", do Rio, seu amigo e confidente, assim se expressou para com êle: "Grande trabalho me dás para convencer a quem te apresento, de que vales alguma coisa. Teu modo de vestir, te compromete, horrivelmente. Fica certo de que a bôa encadernação, se não exprime o valôr real da obra, pelo menos, desperta a curiosidade de lê-la".

O Padre corrigiu-se e, debaixo de sua elegante indumentária, deixava trescalar, daí por deante, um suave perfume de agua de violêta.

Era, porém, um grande espírito folgasão. Nadava bem, usava a montaria como ninguém, tiro cer-

teiro e aprumado e quando estava em Natal, nunca perdia as lapinhas e aos bailes assistia, pagando a garotada para dar-lhe banho de entrudo que, como diversão carnavalesca, introduziu no Rio de Janeiro.

Seus inimigos não lhe perdoavam e combatiam-no por tudo, até porque fumava de piteira.

Na intimidade, Pedro Velho chamava-o de moleque.

Êle revidava e a Moreira Brandão apelidava de "Cara de Cristo velho de latão azinhavrado".

Por áto do Doutor Bandeira de Mélo, Presidente da Provincia, teve o privilégio da Estrada de Ferro de Nova-Cruz, visitou Londres e presenteou Augusto Leite com uma tipografia.

Era gago, porém não gaguejava, quando discursava.

A política que tanto o aproximára de Joaquim Guilherme, daquele seu parente o afastou, com êle se inimizando até a morte, desde que o mesmo aceitou o lugar de diretor do Tesouro, dado pelo Doutor Pedro Velho.

Depois da proclamação da República, deixou crescer os tênues e embranquiçados cabelos.

O Padre não possuia, somente, a fôrça de escrever e de falar.

Tinha a coragem pessoal de que deu provas, reagindo á agressão do deputado Francisco Belisário Soares de Souza, Ministro da Fazenda do Gabinête Cotegipe e a que se refere o seguinte documento da Comissão de Policia da Câmara, lavrado a 21 de Abril de 1873:

"A Comissão de Policia, repassada de profundo sentimento, vem dar conta a esta Augusta Câmara, na forma do artigo 221 do Regimento, das investigações a que procedeu e do que poude recolher, em relação á lamentável ocorrência entre os dois Srs. Deputados Francisco Belisário Soares de Souza e o Padre João Manuel de Carvalho, no dia 18 do corrente. Tão deplorável ocorrência prende-se, sem dúvida, ao incidente que houvera entre os referidos Deputados, em uma das sessões anteriores. No dia 18 do

corrente, o Sr. Deputado Belisário, contra o seu costume, entrou mais cêdo, no edifício da Câmara e conforme declarou o empregado Pedro Gomes de Alcântara que serve como porteiro, entrou de sobrecasaca abotoada, de modo que exteriormente não trazia consigo instrumento ou objeto que revelasse as intenções que nutria e os planos que visava realizar. Notou-se que, por frequentes vezes, o Sr. Deputado Belisário dirigia-se a algumas das janelas das ante-salas, como quem espreitava alguma coisa. Infelizmente, chegou o momento que êle, ancioso, esperava. Aproximando-se do edifício os Srs. Deputados Padre João Manuel e Rocha Leão e sendo isso observado de uma das janelas pelo Sr. Deputado Belisário, dirigiu-se êste para a escada, colocando-se na volta da mesma, de modo tal que, dificilmente, poderia ser visto por quem entrasse desprevenido; e quando o Sr. Deputado João Manuel começava a subir, foi acometido por êle, munido, então, de um instrumento. A posição desvantajosa do agredido que subia inerme e a superioridade do agressôr que lhe ficou a cavaleiro, em lugar de sua escolha, são fáceis de compreender-se, acrescendo, fôrça é dizê-lo, que deu-se uma espécie de surprêsa, sendo que esta tríplice ordem de circunstâncias agrava o fáto que todos nós deploramos. No ponto indicado, travou-se uma luta entre os dois referidos Deputados, resultando dela que ambos cairam e que o Sr. Deputado João Manuel sofresse, na queda, algumas escoriações que são visíveis e foram observadas pela Comissão. A Comissão ouviu a algumas pessôas presentes ao acontecimento e, de seus depoimentos, se colige que, levantando-se ambos, da queda, travou-se nova luta, que não prosseguiu, por efeito da intervenção das mesmas pessôas. Limitando-se as funções da Comissão de Policia ao conhecimento do fáto e a sua exposição á Câmara, competindo a esta determinar o que deve praticar-se (artigo 221 do Regimento), a Comissão julga ter cumprido a sua missão, expondo o fáto em sua nudez, com as circunstâncias que se deram, a-fim-de que esta Augusta

Câmara, em sua alta sabedoria, resolva o que melhor entender. Sala das Comissões, em 21 de Abril de 1837. aa) — Inocêncio Marques de Araújo Góis, presidente; dr. Joaquim José de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque, 1.º secretário; Martinho de Freitas Vieira de Mélo, 2.º secretário; Luís Eugênio Horta Barbosa, 3.º secretário; Carlos Peixôto de Mélo, 4.º secretário".

Henrique Barcelos que foi seu íntimo e prezaroso amigo e que escrevia no "Correio de Campinas", descreveu o seu perfil — "Era um homem alto a quem a severidade da batina prêta acrescentava alguma coisa de solene. Considerei-lhe a fronte vasta que reflete a vastidão do pensamento; o luminoso olhar prescrutador e perspicaz; os longos cabêlos brancos que figuram de uma como aureola aquela fronte; a bôca, rasgada, simultaneamente risonha e grave, em que transparece um nem sei que de irônico. Um conjunto, enfim, que atrai e que se faz respeitar; o preciso para angariar simpatias inteligentes e amedrontar as nulidades pretenciosas que temem os homens superiores. Tal se me afigurou, no primeiro momento sempre um tanto incômodo das apresentações, o homem cujo nome, um ano antes, fôra levado ás nuvens, pelas entusiásticas aclamações do Partido Republicano. Que fizera êle, com efeito? Uma afirmação de princípios que era, então, uma temeridade. Perante um Ministério poderoso, face a face, com a Corôa Imperial, aquele deputado, um Padre, que se inscrevera a contra gôsto da mesa da Câmara, tímido já, erguera êste brado: Viva a República!"

Em Maio de 1893, num dos seus artigos do "Correio Amparense", já dizia, porém, que era precário o seu estado de saúde.

Doente, veio para o Rio de Janeiro e a 30 de Maio de 1899, falecia, cada vez mais fiel ao juramento que prestára á Igreja de Jesus Cristo.

Mãos caridosas levaram-lhe o côrpo ao Cemitério de São Pedro e sobre seus despojos venerados, ao em vez de uma cruz, ergueram-lhe uma estátua

em cujas mãos há um livro que não sei bem si um breviário ou um catecismo de fé republicana.

Êste foi o homem, na sua mais lidima expressão, a cuja memória deitamos, nesta festa, o penhor de nossa mais profunda admiração.

Político, jornalista, parlamentar e oradôr, não foi um Cícero, nem um Demóstenes.

Mas, possuiu do primeiro, a origem plebéa, uma alma generosa e sensível, aberta a todos os nobres pensamentos e profundamente apaixonada de beleza, justiça e liberdade e do segundo, a coragem, a pureza de sua vida pública e privada e um patriotismo esplêndido e desinteressado .

Teve do autêntico nortista a sinceridade de atitudes e o desinteresse das posições.

Outro cobriria a República que foi o primeiro a viver, de ambições sofrêgas, estreitas e inconfessáveis .

Preferiu, porém, combater os homens que muito cêdo, revestiram o seu grande ideial, de feridas e de males profundos.

Que diria êle, senhores, si tivesse vivido e combatido nestes fins de metade do século 20?

A palavra que sempre proferiu.

Acuso! Acuso os maus, os ladrões e os violentos. Acuso os que não sabem praticar a justiça e os que mercadejam a honra da República, no exercício do munus que o pôvo lhe confiou; os covardes, os ignorantes e os ineptos que temem a verdade e não podem defender a vida da Nação; acuso os especuladores, os ímpios e os fomentadores da desordem social. Acuso o crime, a mentira, o subôrno e a prevaricação.

Embora, como advogado que foi da coisa pública e juiz militante da democracia, lhe estivesse reservado, em maior quinhão, como dizia Rui, sofrer pelo Direito, valendo-lhe em paga, a consoladôra certeza de que tudo empenhou por que não esmorecesse, vacilasse ou errasse, no caminho da Verdade.

---

* **Discurso de posse, na Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 25 de julho de 1947**

Recepção ao Acadêmico Aderbal de França

EDGAR BARBOSA

Ainda ontem abria as páginas de "Cigarra", a revista que Aderbal de França fundou em Natal em novembro de 1928, e que durante cinco números foi o instantâneo da arte, das letras e da vida social desta terra. Desde a fase estimulada por Alberto Maranhão, não se inaugurara no Estado uma quadra mais propícia ao exercício da inteligência, e exemplos dessa renascença foram entre outros, o "Flôr do Sertão", de Policarpo Feitosa, e "Jardim Tropical", de Otoniel, o "Roseira Brava", de Palmira, e uma reedição das "Poesias" de Itajubá. Além da "Cigarra", a temporada de conferências literárias de 1930 deve ser lembrada como expressão de que o espírito norte-riograndense não se fechava dentro de si mesmo nem estava alheio ao surto renovador que, naquela época de futurismo, de verde-amarelismo e de reação nacionalista, agitava a literatura brasileira.

"A República" era o cenáculo onde estreavam todos os moços que sentiam a bela angústia da forma, que tinha unicamente a seu favor a ilusão da idade não prostituida pela esperança do lucro ou pelo inferno de traficâncias e mesquinharias a que aludiu o poeta. Eles possuiam a graça jovem dos primeiros vôos, a leveza do pássaro ao sair do ninho materno e experimentar na árvore natal, o balanço do primeiro ramo. Aquelas tardes da "A República" se envolviam de uma doçura remansosa. A avenida faiscava, adormecida ao sól, e o rio ali perto, nos

trazia o sabôr misterioso das longas viagens, dessas viagens em que sonhamos iates, gondolas, falúas, barcos de velas trêmulas e brancas, arfando e gemendo nas enseadas e nos golfos dos paises distantes.

Em uma cidade obscura, vivia-se em êxtase como se fosse em um palácio encantado. Jornalistas, críticos, poetas, se reuniam na sala do jornal ou na "Rotisserie", e Carolina, Palmira, Lourdes Cid, Stela Câmara, Damasceno Bezerra, Virgilio Trindade, Ivo Filho, João Maria Furtado, Otoniel e Jorge Fernandes, não eram ainda poetas bissextos, como se chamam hoje os poetas que fogem ao seu instinto de poesia.

Mas, naquele tempo — desculpem a insistência com que recorro á locução bíblica — é permitido dizer que "A República" era mais um jornal literário do que um orgão oficial. O Presidente Juvenal Lamartine anunciára o seu govêrno com uma plataforma que, passados 22 anos, ainda é um documento digno de exame pela sua sensatez, pela sua forma e pela objetividade com que encara a geo-política do Rio Grande do Norte. O fato é que os assuntos da região, os problemas da terra, o contáto com o mundo que palpitava lá fora, eram questões abertas no ambiente da redação da "A República", visitado frequentemente por Lamartine, a discutir livros, a fazer sugestões, a animar com espírito universitário a pléiade de rapazes que constituiram, sem dúvida o mais vivo florão do seu govêrno.

Entre êles estava o recepcionado de hoje, estudante de medicina, com tirocínio na imprensa do Rio e chamado a secretariar a recem-criada Imprensa Oficial. Em 1926 Aderbal França publicára o seu "Vida Profana", livro de crônicas que êle próprio considerou "um traçado ligeiro e inseguro da sua vida de imprensa". Mas o verdadeiro Aderbal já estava ali, para vir a ser, sem contestação o "Danilo" que reviveu entre nós, no mais claro e leve estilo, a crônica social e mundana, a maneira despretenciosa de focalizar os acontecimentos e regis-

trar sutilmente os fatos que interessam mais de perto ao público.

O cronista social é a testemunha compromissada da história, é êle quem manipula, no complexo laboratório citadino, os ácidos e os sais da vaidade esplendorosa, da glória efêmera, da beleza que passa enquanto, como no poema de Stefan Zweig, "as hóras bailam suaves sobre o cabêlo branco e raro — e a áurea taça, sorvida, mostra o seu fundo claro".

* * *

Antes de falar do outro Aderbal que conheço, deveria manifestar o mais procedente dos impedimentos e afirmar, como Renan, que tudo quanto se diz de si mesmo é sempre poesia.

Há um poeta morto, já o disse outro poeta, em cada homem que amadurece. Figuremos que os dias não passaram sobre nós dois, que aqui nos achamos em cumprimento de um dispositivo regimental desta Academia, e por fôrça da obediência que devemos ao nosso Presidente, que advogado, está pondo em vigor todos os incisos e letras dos nossos estatutos. Mas, na verdade, nos encontramos, como em 1928, em maravilhosa viagem com a Poesia, diante do mar da Ridinha, onde "se alongava, serpenteando para o oceano, a curva arenosa e branca. Uma capela nova implantada no areal solto da ribanceira, tinha na porta fechada e na cruz pobre o mistério singular das casas de Deus..." Ou então á sombra das velhas cajazeiras do Quartel Federal, com "a palmeira esguia, frondejando no alto, numa tristeza pungente de criatura esquecida..."

Como é exata a imagem de que a árvore é o retrato dos seres humanos! Velho anseio dos poetas, o de serem árvores, se realiza toda vez em que, na contemplação do mundo, pretendemos voltar á sombra das velhas cajazeiras mortas.

Li há pouco um poema do alemão Hoelderein, traduzido por Manuel Bandeira, que me pareceu uma síntese feliz desse estado dalma que se apodera

do homem na metade da vida, e ao qual não escapam sequer aqueles que se vangloriam do pragmatismo moderno da compreensão realística das cousas: —

"Heras amarelas
E rosas silvestres
Da paisagem sobre a
Lagôa.

O' cisnes graciosos,
Bêbedos de beijos,
Enfiando a cabeça
Na água santa e sóbria!

Ai de mim, aonde, se
E' inverno, agora, achar as
Flôres? e aonde
O calor do sol
E a sombra da terra?
Os muros avultam
Mudos e frios; e ao vento
Tatalam bandeiras"

Essas relembranças parecerão um cavar em ruinas, e todavia Aderbal França é o mesmo crota sóbrio e lúcido dos seus primeiros tempos. A crua realidade dos números estatísticos, não o transformou em automato registador dos fatos sociais nem em agenda de guarda-livros das mundanidades. E, através das mutações por que tem passado o jornalismo da província, conserva êle a serena atitude do observador atento ás perspectivas, aos panoramas amplos do conjunto social.

Meu caro Aderbal, você chega á Academia para honrá-la e dignificá-la como um símbolo fiel e constante do homem de letras brasileiro, muitas vezes em luta com a aversão ou a displicência por tudo quanto represente trabalho intelectual. O campo de batalha das letras tem, entre nós, seus mortos e seus heróis anônimos e ainda os seus sa-

crificados aqueles que, como disse Kipling, envelhecem na arte negra da imprensa, andam á procura da cidade perdida e jamais encontrada e vivem, entretanto, felizes consigo mesmos, á semelhança daqueles alquimistas que morriam sonhando haver descoberto a pedra filosofal.

A sua companhia é-nos grata e amável sobretudo porque você é um desses homens que guardam e mantêm pura e limpa a têmpera do intelectual que ama o espírito e que se emociona diante dos fatos que em geral passam desapercebidos. Os muros mudos e frios a que se referiu o poeta não estão no seu caminho, nem você ouve as bandeiras de todas as côres e matizes que tatalam ao vento. Minha saudação portanto, é a de um velho companheiro amigo, feliz em recebê-lo nesta Academia, em nome dos intelectuais norte-riograndenses que o admiram e estimam".

---

* — Discurso de saudação ao acadêmico Aderbal de França, em nome da Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 12 de Maio de 1949.

Ponciano Barbosa, a Vida e a Obra *

ADERBAL DE FRANÇA

Há patronos desta casa aos quais se poderia aplicar a frase de Rostand quando entrou na imortalidade da Academia Francêsa: tudo já foi dito. Outros de quem muito pouco já se disse. De Ponciano Barbosa nada mais encontrei consolidado em estudo, além do capítulo que Luís da Câmara Cascudo dedicou á sua memória no livro "Alma Patrícia", ensaio crítico que foi, no gênero, o primeiro trabalho substancial no Estado. Procurar evocá-lo não é, portanto, um sinal de ocaso, como na concepção estilística daquele escritor francês sobre os atos acadêmicos. Deve ser, porém, um vislumbre de sol nascente, o prosseguimento de um itinerário na história da nossa literatura de província.

E' um nome, portanto, ainda disperso no tempo em que viveu, lutou e escreveu. Não tenho, nem poderia ter, a pretensão de vir dar forma e consistência a uma obra que o futuro forçosamente terá de fazer. Venho, apenas, cumprir nesta hora um dever, relembrando um dos nossos patronos, que a tragédia da morte paralizou ha trinta anos.

No mundo do espírito foi Ponciano Barbosa poeta e prosador. Nos embates da vida social exercitou a política, quando esta iniciava aspectos renovadores da democracia no Brasil. E foi quando fortes sensações lhe estimulavam o pensamento e a ação que o destino o jogou no desterro indefinido e

eterno, onde o corpo inutil confirma a verdade do princípio evangélico: — E's pó, e ao pó voltarás".

Ele estaria, certamente, nesta casa, se tal não acontecera. E aqui, nesta tribuna, com a eloquência que lhe era própria, já teria proferido o elogio do seu protetor espiritual.

Ponciano de Morais Barbosa faleceu em Natal no dia 12 de janeiro de 1919. Tinha trinta anos incompletos. Viera de uma época em que a poesia brasileira passára por uma fase de febril renovação — a década de 1880. Antes dele, a cidade tranquila sentira a vibração de uma imprensa de ensaios e de afirmações literárias. Com êle, continuava o ambiente idealista — a cobiça dos novos reflorindo da lição dos velhos.

Alguns sócios fundadores desta Academia foram desse tempo de germinação fecunda do pensamento e das letras. Dentre êles, Henrique Castriciano e Sebastião Fernandes, que também já passaram, deixando-nos o brilho dos seus grandes espíritos. Os demais aqui se acham, glorificando o lema do nosso destino.

Não é, portanto, Ponciano Barbosa um nome a se reverenciar através dos livros, dos arquivos e da crônica de passado remoto. E' uma figura que ainda vive na saudade dos amigos e companheiros de inesquecíveis tertúlias. Fui um dos seus íntimos na imprensa. Para mim, ele era um mestre. Eu, apenas, um iniciado. Ele, escrevendo versos, crônicas, dramas, conferências, publicando livros. Eu, nas mesas da revisão, aprendendo a julgar mais de perto escritores e poetas. Assim, comecei a admirá-lo na constância dos encontros da profissão e a sentir, também, o entusiasmo literário da época.

A INFLUÊNCIA LITERÁRIA

Natal assistia aos primeiros entusiasmos da República, fundada dois dias antes no Rio Grande do Norte por Pedro Velho. Nêsse alvorôço de novo regime Ponciano Barbosa nascia na velha rua 13

de Maio, hoje Princeza Izabel, justamente na data que veiu assinalar o dia da Bandeira — 19 de novembro. O ambiente político era de radicalismo partidário, de separações profundas entre liberais e conservadores. Vindo de um lar pobre e, logo cêdo orfão de pai, cresceu no exemplo doméstico do trabalho, da dignidade, do esfôrço. Estudou nas nossas escolas públicas e, adolescente, penetrou as nobres portas da Faculdade de Direito do Recife. Tornou-se um daqueles homens privilegiados, para os quais Humberto de Campos reclamava o desvelo dos historiadores — que nascem de si mesmos e se elevam na sociedade brasileira vencendo as batalhas com o próprio sangue, sem as facilidades que dão os nascimentos ilustres, os antepassados gloriosos. Pobre, sem a influência de parentes, que os não possuia nas altas esferas do govêrno, subiu, entretanto, num tempo em que o brilho do cérebro e a retidão moral podiam ser valores pessoais definidos e aproveitados. Alcançou postos de relativo relêvo na administração pública, na representação política, na lida literária, nos quadros angulares da nossa formação social. Não foi, na sua curta existência, "aquela folha dolorida que tem baldado anseio de subir", como quiz definir-se no soneto de abertura do seu primeiro livro.

Chegado ao mundo depois do período agudo da transformação romântica ou seja da reação crítica de Sílvio Romero ou autonômica de Ronald de Carvalho, ou dos românticos reformadores, tinha de vibrar sob a influência de duas correntes, talvez mais formalísticas do que espirituais: a fôrça da poesia romântica e o fôgo da luta parnasiana.

O POETA

Ponciano Barbosa foi poeta, jornalista, dramaturgo, contista, orador, parlamentar, juiz, funcionário público. Em cada uma das fases da sua vida — o escolar, o acadêmico, o bacharel, o secre-

tário, o funcionário, o juiz, o deputado, sempre o impulsionou uma vontade própria.

O poeta, porém, andou mais á tôna da inquietação intelectual. Depois, foi o cronista. Certamente a rima lhe nascia mais do fundo dalma, e era no soneto, no poema, na trova, que êle parecia sentir melhor a irradiação da sua personalidade. Revelou, sem cessar, um estado interior de desalento e dúvida, fixando-o no panorama dos seus versos. A sorte lhe negara os dons de uma composição física desejada. Era o que se chama um homem feio. Si teve o pensamento voltado para sí mesmo, nêsse extase encontrou a tristeza que lhe encheu os versos e, então, a sua poesia foi um rio amargurado, serpenteando através da sua vida, que logo se acabou. "Tédio" é um soneto significativo:

"E no interior deste meu corpo feio,
Anguloso, magríssimo, comprido,
Possúo um coração incompreendido
Atormentado pela angústia e o anseio.

Olho a vida assustado e com receio
De na vida ficar pobre vencido...
Tantas dores me têm a alma ferido
Que, ás vezes, a alma já não tenho, creio".

Em "Simile" ha esta confissão:

"Eu tenho um grande mal indefinido,
Um profundo desgosto, atroz e intenso.
Acalmá-lo procuro e, dolorido,
Sinto-o maior, cada vez mais, imenso".

Diante de uma cegonha, da sua atitude de tristeza e de abandono, Ponciano gravou, numa verdadeira satira á

"... escala humana,
Tão farta de mentira e ódio profundo,
Apaixonada, ríspida e tirana"

êste terceto do homem desiludido:

"Antes eu fosse mesmo êsse pernalta,
Um ser inferior que observa o mundo,
Indiferente ao bem, ao êrro, á falta".

E, num comparativo desalentado, exclamou:

"Pernalta, uma figura de cegonha
Lembro a quem o meu corpo esguio fita.
Nada existe que em mim sorrisos ponha...
Sou a melancolia agra e infinita".

O seu "Noturno" é um canto de abatimento, em que o poeta diz que a "flôr tristíssima do êrmo", abrindo e vicejando na alma da noite, tornou-o, com o seu "veneno amargo", um "desgraçado enfermo".

Seria Ponciano Barbosa um poeta subjetivo, que sentisse as suas próprias dôres? Nem sempre o poeta é sincero. O pessimismo nunca é expressão da alma. Entre o homem e o espírito há sempre o conflito. Ele sentia, realmente, a dôr da vida? No prefácio do "Folha Humilde", seu último livro publicado, escrevia, em 1916 Sebastião Fernandes, que foi um dos seus íntimos companheiros de literatura: "Ponciano é um dos mais lidimos representantes desse mixto de contemplação, volutuosidade e melancolia que nos legaram os fatores etnicos formadores da sub-raça que tão legitimamente constituimos". Representaria o tipo do que definia Ronald de Carvalho num estudo sôbre a poesia e as lendas populares no Brasil. "O brasileiro é naturalmente triste, porque tristes são as três raças que contribuiram para a sua formação. O português é nostálgico como a languida toada dos seus fados; o africano é um abatido, suas revoltas são gritos de dôr contra as agruras do exilio em que o puzeram; o indio é um sofredor, tem na alma a resignada queixa dos rios e o murmúrio das selvas misteriosas. Daí êsse aspecto de melancolia que há em quasi todas as produções da poesia brasileira". Êle resumia no verso

a mesma expressão imperecível da síntese admirável com que Olavo Bilac definiu a música brasileira:

"Lasciva dôr, beijo de três saudades.
Flôr amorosa de três raças tristes".

Sentia-se, também, a influência do ceticismo de Baudelaire, o precursor da reação espiritualista, ligados que estavamos á poesia francêsa por um sistema de estreito individualismo. "O século XIX, disse Ronald de Carvalho, foi uma grande crise de melancolia, ora violenta, ora suave, ora exquisita, ora trivial, atravessada por raros instantes de confiança passageira". Êsse índice etnológico doía-lhe no sangue, sombreava-lhe a pele, torturava-lhe o coração. Mas, sobretudo, deveria martirisá-lo o desequilíbrio fisionômico, em detalhes que tanto valem á vaidade humana. E talvez, por isso afirmasse:

"Há na vida dois caminhos:
Um tôdo cheio de flores
E outro coberto de espinhos...

Eu sigo pelos rigores
Do mais atroz dos caminhos:
Nos sonhos levando flores,
No coração os espinhos..."

Ponciano Barbosa parecia um cetico. Entretanto, era evidentemente, um religioso. Compreendia-se numa das chaves tipologicas de William James — era o delicado, carregando os seus ideiais, o seu romantismo, os fervores de uma evolução estética. "A alma dos poetas não é como as outras almas" dizia Albino Forjaz de Sampaio falando do poeta português Gomes Leal. Estaria êle naquela crise definida por Bilac — na crise do sentimento. Era a alvorada do amôr "que deveria ser sempre de uma infinita alegria, e é sempre entretanto, de uma infinita tristeza". "Todos os moços, quando chegam á idade de amar e de poetar, associam a idéia do amôr á idéia da morte". "A

prosa define o pensamento; o verso exprime o sentimento", afirmava Xavier de Barros, ha trinta anos, num estudo sôbre Gilberto Amado. "Foi por isso, dizia êle, que em todas as civilizações a poesia precedeu á prosa, como a imaginação á observação, a paixão á razão e o sentimento ao pensamento".

Ponciano revelou "uma sensibilidade profunda e doce, tendo requintes para o ambiente rarefeito em que vivera de passagem, como um clarão". Assim o observou Luís da Câmara Cascudo. Certo que êle vivia dentro daquela moldura da sensibilidade romântica, de que Ronald de Carvalho nos dá um doloroso conceito: "A vida era, por definição e fundamento, triste, irreparavelmente triste. Nem a loucura ambiciosa de Fausto poderia suspender, por um instante siquer, a irremediável velhice dolorosa de todas as coisas".

Dentro da paisagem romântica surgiu o poeta natalense. E cantou o amôr, a glória e a desventura na poesia romântica, que para uns durou meio século e para outros, como Laudelino Freire, "é fecunda, universal e eterna, porque é a expressão verdadeira dos estados d'alma, dos sonhos vagos e das comoções íntimas; é a poesia das ansias que se enraizam nas profundezas do ser; é a poesia da ternura, da saudade, do infortúnio e da dor". E o próprio poeta confirmava:

"O romantismo, o doce romantismo;
O romantismo antigo é como o vinho:
Melhor quanto mais velho..."

Ponciano foi um amoroso. Nos seus versos palpita o eterno tema, glorificado pela eterna angústia. Há sempre um sorriso de primavera, uma volúpia de desejo, um fervor indiscreto na sua poesia. E êle tinha projetos como êste:

Eis o que penso, ás vezes, o que eu sonho:
— Viver contigo, dulcida quimera;
Juntos, bem juntos, unidinhos, perto
Num palacete lúcido e risonho,
Cheio de lianas, muitas flores e hera..."

Noutro poema declarava:

"Nunca do amôr me farto e dessedento.
Penso, ás vezes, que o amor é uma bebida,
De um perfume intensíssimo e violento
Sempre de gosto inédito na vida".

Mas sempre a dúvida a intrometer-se no romance do poeta e do amôr:

Define tú o amôr como quizeres,
Amôr é uma profunda e alta mentira,
Feita pela promessa das mulheres...

Noutro instante de suas apreensões:

"O amôr... não o compreendo, mas parece
Um segrêdo, uma dúvida, um mistério,
Desiludindo quando se o conhece..."

"Retiro" é um poema de amôr, uma prece de saudade, reza do coração na "Igreja da Distância". E em tudo, afinal, o que é o amôr? Um eterno anseio e um imenso mistério, "o protoplasma espiritual da vida", como o cantou aquele infeliz poeta que foi Hermes Fontes: "o sonho que desvaira ... o delírio que aberra... a aza que nos transporta á Terra Prometida...".

O PROSADOR

Deixemos em paz o poeta, porque Ponciano Barbosa também foi prosador de acentuado relevo. Parcipou dos grêmios literários,dos jornais, revistas, sociedades diversas. A imprensa teve uma grande influência na sua vida. Austregesilo dizia que "ha uma simbiose do jornal e da literatura de modo que comumente os homens de letras nascem do jornal".

Quando Ponciano andava a caminho do curso jurídico no Recife, Natal perdia três grandes poetas: Segundo Wanderley, Gotardo Neto e Ferreira Itajubá. A cidade crescia nos seus bairros, alargava-se pa-

ra o futuro, o horizonte social recebia tonalidades mais animadoras. O desaparecimento de Antônio Marinho também ainda pungia. Mas a vida literária permanecia fertil, com os valores nascentes, os debates da imprensa, a agitação política. Havia a crítica, a polêmica, o conto, o humorismo, o teatro, a história, a discussão gramatical, o artigo de idéias, o comentário do dia, a crônica irradiante, a poesia inquieta, sonora, de confidências, sonhos e desilusões...

Não é possível relacionar, sem falhas, os jovens literatos do tempo com ação imperante na imprensa e nas sociedades de cultura. Ponciano foi um deles. Começou pelo "indefectível volume de poesias", como observava Medeiros e Albuquerque referindo-se á tendência dos escritores brasileiros. Mas, ao mesmo tempo, afez-se á imprensa, "benefício providencial com que Deus dotou a sociedade", na expressão de D. Silvério Gomes Pimenta.

Embora afirmando que "o jornalismo é mesmo fatal á produção literária de primeira ordem", isto é, aquela provinda da cultura, Joaquim Nabuco reconhecia que é o jornal "um dos fatores essenciais da vida nacional" na obra da educação. Ao tempo dêsse conceito, no começo do regime republicano, a imprensa, como ainda hoje, "exercia sobre o talento e a ambição intelectual uma atração quasi exclusiva, porque é também quasi exclusivamente o que se lê". Melhor caracterisava Xavier de Barros a imprensa, concluindo que "ainda era o veículo onde tomavam lugar os trabalhadores de ideias. Demais o jornal constituia, no norte, como aliás em quasi todo o país, um meio natural de locomoção na estrada da vida".

Foi ela a grande sedução de Ponciano Barbosa. Começou no "O Dia", "jornal de minguadas polegadas e de poucos instantes de vida", com Nascimento Fernandes, Luís Soares e Manoel Seabra. Prosseguiu no "O Potiguar", com Ivo Filho, Gomes da Silva, Angione Costa, Cirilino Pimenta, Ferreira Itajubá, Gotardo Neto, Jorge Fernandes, Virgílio Trindade. Seguiram-se outros jornais: "A Capital", "Diário de

Notícias", "Jornal da Manhã" e por fim, a "A República", onde foi intensa e pródiga a sua colaboração.

Certa vez escreveu: "Tenho pelo jornal uma admiração que vai ás raias de um culto. E tão grande sedução êle exerce no que o faz, no que uma vez arranjou um artigo de fundo, o grave artigo de comentários e periodos pesados, medidos e contados, que, á custo, acha sua liberdade". E adiante: "A imprensa escravisa-me de corpo e alma. Habituado ao jornal, quer literário e político, político ou de qualquer outro princípio, não o abandonarei senão quando minhas ilusões estiverem fanadas". Em 8 de abril de 1912 Ponciano apresentava-se como cronista na secção "Linhas Vans", n'"A República". "E porque não?" perguntava êle. "E quando não tiver assunto, desencadearei as farpeantes setas da minha ironia sobre todas as coisas, sobre tudo afinal..." E terminava: "Eu tambem tenho a minha ironia".

Imaginação talvez não lhe faltasse nos desenganos da vida simples. Mas a malícia do sarcasmo não chegou a calcar a sua sensibilidade em reação violenta para o desprimor da sua obra. Si no conceito de Austregesilo, "o jornalismo é a feição natural com que as inteligências entre nós formam reputações literárias". Ponciano Barbosa, ao contrário daquela sua impetuosa ameaça, foi um jornalista sem maldades: Pois é certo que poderia justificar-se com a ligação psicológica de que nos fala Monteiro Lobato: "A ironia é a maldade dos revoltados, dos mal feitos, das criaturas tortas dalma ou corpo. Popes, Leopardis, Scarrons... E' uma vingança ininterrupta que deflue como fio dagua venenosa... e deliciosa para os que também feios de alma e corpo, não podendo exercê-la regalam-se no gosá-la. Os homens belos, perfeitos de alma e corpo, não ironisam. E' que não vivem no perene estado de revolta que estila êsse alcaloide grego — a *eironeia*". No estudo crítico de Luís da Câmara Cascudo, "toda a impressão colhida por Ponciano é triste, suavemente melancólica, docemente nostálgica", formando o lastro da sua poesia, mas a crônica lhe foi mais li-

berta. Todavia nunca lhe serviu para balanço irônico e malsão.

A maior atividade do cronista exerceu-a no velho orgão fundado por Pedro Velho. "A República" conserva de Ponciano Barbosa uma interessante série de "Clarescuros", secção por êle criada e que se prolongou até a sua morte. A primeira, em 29 de maio de 1915, dedicou-a na evocação da figura e dos costumes curiosos do velho professor Panqueca — Joaquim Lourival Soares da Câmara. Na frequência da sua meia coluna traçou outro aspecto vital da sua mentalidade. Discutiu, comentou, criticou, vulgarisou. E foi, sobretudo, um sentimental. Dirigindo-se a Peregrino Junior, companheiro que se desgarrara em demanda do Pará, dizia êle depois de referir-se ao ambiente literário da província: "Como vê, o movimento das nossas letras é mais intenso em teatro. Tenho organizado uns contos, em preparo, uma tentativa romântica ou de romance; pronto, um livro de versos... Umas banalidades...". Ainda a Peregrino Junior, relembrando o "Diário de Notícias", orientado por Sebastião Fernandes, dizia: "Fomos forçados a suspender a publicação do jornal que prezavamos sinceramente e onde você trabalhava sempre cheio de alegria e cheio de sonho e eu dessa tristeza que há muito na alma brasileira... Tinham-me os companheiros todos de redação como um doente... Uma figura perfeitamente delineada de neurastênico, frenético, ineficiente, quer visse um artigo de fundo e, ás vezes de pecado, uns versos pobres de inspiração e miseráveis de arte, quer as delongas inexpressivas de uma notícia. Separamo-nos. Eu dei para publicar livros de versos, até subi ao palco encenando um tímido e ligeiro drama... Você faz crônicas nos jornais do Pará".

Para um Aprendiz Marinheiro teve estas palavras: "Meu patrício. Muita alegria terás amanhã nas festas da tua Escola. E tu sabes perfeitamente o que é uma escola, sabe-lo demais, porque os mestres que aclaram tua alma ensinaram-t'o, docemente, carinhosamente. Quando te matriculaste aí, rôto, o olhar

triste de necessidade, sujo, roupa em farrapos e descalço, ignoravas ao que ias, tendo nas mãos trêmulas a autorização do Juiz de Orfãos. Foste bem recebido. A casa, espaçosa e franca, abriu espaçosamente o seu seio para te acolher. Deixaste de um lado, e que levaram logo ao monturo, as tiras que fingiram roupa em teu corpo moreno, dolorosamente raquítico.... Eu me lembro como eras... Eras um rapazelho de quinze anos, sem pai, sem mãe e cheio de miséria. Quando a formalidade da lei te mandou ao carinho desse estabelecimento, certo fiquei de que em breve se havia de dar contigo uma como ressurreição, um como renascimento. E não se deu? Que eras tu meu rapaz? Quinze anos mal cuidados, mal tratados, mal vividos. O mundo tinha para tua consciência o ar severo e cruel de uma ignorada coisa. Que tragédias não se desenrolavam em teu espírito?" Página magnífica de grandeza moral, de observação humana, é também uma outra, apelando para os moços do Ginásio Dramático, em bem de duas criaturas acabadas na velhice pobre — Honória Reis e Maria Epifânia, duas saudades vivas dos velhos palcos de Natal, improvisados no Barro Vermelho, mal seguros no Santa Cruz. Eram duas lembranças da arte que haviam ficado na terra, expoentes da cena dramática que desapareciam. Honória Reis, ainda arrojando-se ao palco, "na saudade, por certo, do espírito de Joaquim Fagundes, o maior talento do seu tempo que era toda a animação da sua alma. E Maria Epifânia? Quem não n'a conhece? Quem não sabe o que vale essa velhinha paupérrima e bôa, flôr murcha do tempo e da miséria, em cuja tristeza do coração, frio de gêlo, aparece a pilhéria trêfega embora de vida humilde e breve?".

De outra vez falou ao seu cachorro Vampa: "Põe-te quieto. Deixa-te de vagabundagem. Os homens andam matando os teus irmãos, a veneno, traiçoeiramente, posto em sedutores nacos de saborosos petiscos". E leu, para êle, um capítulo do "Oriente", de Blasco Ibanez, sobre os cães admiráveis de Constantinopla. Dessa crônica surgiu, por

sugestão de um leitor, a fundação da Sociedade Protetora de Animais, o que se realizou, com Ponciano na presidência.

Agora, temos um episódio inesperado e expressivo do valor intelectual do cronista e poeta, além da província. Ponciano escrevera um sereno e oportuno elogio do vegetal, em que dizia: "O vegetal é o melhor dos mundos. Feito dessa esmeralda diluida sobre as suas folhas, ora lembra o ourives paciente na lavoragem do metal custoso para cintilantes pétalas; ora vai á ametista buscar idêntica e doce côr emotiva e languida com que se unta a ametista. De topásios luminosos e amarelos enchem-se o algodoal, o pau d'arco e outros acendendo inveja, atropelando ambições, açulando desejos. A safira azul como um reflexo do céu, em quantas flores anda? A glória do vermelho enrubecendo muitas mil corolas, muitas mil pétalas. A neve pura desmanchada em rosas". E referindo-se aos maus, que maltratam e abatem as árvores na sua resignação ou na sua glória, transcrevia Ponciano o soneto "Perdão das Arvores", com que dizia êle, "o simples e grande poeta português Antônio Correia d'Oliveira canta a magnífica alma dos vegetais". Dias depois um jornal maranhense inseria o mesmo soneto de Antônio Correia d'Oliveira como sendo da autoria de Ponciano. Êste ao ter conhecimento dessa transcrição desfez o engano noutra crônica com as seguintes palavras, depois de explicar o caso: "Para desfazer dúvidas, para aclarar um ponto da vida literária que arrasto por êste lugar de meu Deus aqui venho de minha secção declarar á ilustrada redação da "A Pacotilha" que em sua edição de 3 do corrente cometeu um engano que por maus poderá ser levado para a minha conta e para o rol de um plagio".

Ponciano tinha um grande fervor panteista, que muitas vezes aproveitou em conselhos para o bem da cidade. A avenida Tavares de Lira é uma perene recordação das suas palavras: "Conterrâneos — sêde como sempre, bons. Esforçai-vos para que essas formosas árvores sejam agradáveis purificadoras da-

quele ar, tonificando, enchendo de vida bôa e forte e sã o trêcho em que se levantam". A sua paixão pelas árvores enche todos os seus livros e reponta em toda a sua luta de prosador. "Tenho á árvore uma admiração profunda, como aquele louro São Francisco de Assís votava ás aves um afeto singelo e cândido.

Plantá-la; vê-la nascendo; crescer; fazer-se murmurosa ao vento; ser câmara para o venturoso idílio dos pássaros; por tudo isto quanto se alegra o nosso coração".

ENSAIO DE OUTROS GÊNEROS LITERÁRIOS

Ponciano Barbosa ensaiou o teatro, o conto e o romance. Mas não perseverou. Ou por outra, não teve tempo de dar corpo a êsses gêneros literários. Deixou o drama "Ave-Maria", em um ato, todo em versos. E' um quadro íntimo em alto relevo religioso: um milagre de Nossa Senhora na cabeceira de uma criança a morrer, a volta do sorriso e da vida que se extinguiam no sofrimento. "Sonho", em um ato, que constitui uma "peçasita leve e delicada", na opinião de B.G. (J.C. de Brito Guerra) "um *lever de rideau,* cujo entrecho não tem grandes lances, nem psicologias complicadas". "Máscaras" é uma cortina, uma rápida passagem cênica: um desgraçado Pierrot, que se diverte em baile de máscaras, ao lado de uma linda fantasia de Borboleta, a encobrir um corpo de mulher, simbolisando a volubilidade feminina. "Sim Anteu. Busquei para a minha fantasia de hoje um símbolo que exprimisse bem a calma do coração, a tranquilidade da alma. Para mim não há outro ser, não há outra vida como a da borboleta".

Os contos de Ponciano não chegaram a ser uma expressão definida do seu temperamento. O que escreveu no gênero está também disperso nos jornais.

ATIVIDADES DA VIDA SOCIAL

Outro aspecto da vida de Ponciano Barbosa está assinalado na sua participação na nossa evolução

social, em postos de relevo, em contactos importantes, no fundamento de instituições a que êle deu o vigor da sua inteligência e a fôrça da sua autoridade moral. Tanto quanto no conjunto das nossas oficinas literárias, na tarefa redacional da imprensa, êle também se entregou ás preocupações de caráter geral, de que resultassem benefícios para a nossa terra e a nossa gente.

Com Henrique Castriciano, abriu no Estado o primeiro caminho do escotismo nacional. Olavo Bilac escrevia ao poeta de "Ruinas" em julho de 1916: "Agite, levante, sustente no Rio Grande do Norte a idéia; fale ao ilustre dr. Ponciano Barbosa, a todos os seus amigos, inflame e entusiasme a imprensa, os poetas, todos os homens de fé; promova conferências e artigos de jornais; seja o fundador e o diretor da instituição".

Numa crônica de evocação da última vez que viu e palestrou com Bilac, informava Henrique Castriciano: "Ponciano Barbosa, poeta magnífico, falecido pouco depois em plena mocidade, fora o portador de uma indicação por mim redigida e por êle apresentada ao Congresso do Estado, que eu presidia naquele ano, prevalecendo-me do cargo para me constituir propagandista dessa solidariedade almejada pelo autor do "Via Lactea", o chefe pacífico da legião de idealistas que se encarregaram no momento de auxiliar a Liga de Defesa Nacional em diversas circunscrições da República". Foi assim, com a presença e a colaboração de Ponciano, que se fundou naquele mesmo ano, a Associação de Escoteiros do Rio Grande do Norte, depois Associação de Escoteiros do Alecrim, que tem encontrado na dedicação e na sinceridade da Luís Soares o seu grande apóstolo.

Ponciano fundou em 1915 a Sociedade Protetora dos Animais. Ao assumir a presidência, leu uma conferência sobre a proteção e a assistência devidas aos irracionais que tanto servem ao homem ou o fazem crentes em Deus. Com Anfilóquio Câmara, Virgílio Trindade, Luís Potiguar Fernandes, Nascimento Fernandes, Pedro Freire e outros fundou em 1915, a

sociedade "Nova Cruzada", destinada a "trabalhar pelo engrandecimento das letras potiguares", de onde surgiu "A Notícia". Fez parte do Diretorio Regional da Liga de Defesa Nacional, com Ferreira Chaves, Meira e Sá, Henrique Castriciano, Augusto Leopoldo, Moisés Soares, Dionísio Filgueira, Manoel Dantas, Sebastião Fernandes, João Tinôco. Foi presidente do Centro Operário e o primeiro representante da classe operária no Congresso Estadual. Presidiu o Ateneu Foot-ball Club, e o Círculo de Operários Católicos. Foi orador da Liga Masculina Pró-Chaves, numa das mais famosas campanhas políticas que agitaram o Estado e do Natal-Club, quando esta sociedade era o marco superior da nossa vida social. Exerceu os cargos de secretário da Escola Normal de Natal, quando ainda acadêmico, fiscal do Conselho Superior do Ensino junto ao Ateneu; 1.º juiz distrital da Capital, em que veiu surpreendê-lo a morte.

A sua bibliografia se resume, sobretudo, nas atividades poéticas: "Dúvida", em 1915; "Ave Maria", e "Livro Humilde" em 1916. Deixou um livro pronto — "Vas Spirituale" — em que reuniu poesias esparsas e algumas inéditas. Também foi político militante. A sua época corresponde ao periodo de agitações partidárias que antecederma ao govêrno Ferreira Chaves, campanha chefiada pelo capitão José da Penha. Nessa altura foi companheiro de Moisés Soares, João Batista do Nascimento e Nascimento Fernandes no "Jornal da Manhã", que viveu o tempo necessário á ocorrência da famosa luta política. Ao que sei a sua atividade jornalística, em campo aberto ás aventuras demagógicas, foi sempre moderada, consciente, esclarecedora.

CENÁRIO ÍNTIMO

Lembro-me bem de Ponciano Barbosa na sua figura melancólica de homem e de poeta. Alto, esguio, moreno, coubera-lhe um conjunto físico desfavorável. Não lhe fora dada essa consoladora harmonia fisionômica que prende o homem ao credo das

suas ilusões e ao devaneio das suas conquistas. A saúde, por sua vez sempre permanecera uma razão de sobriedade e de resguardo. Por isso, como que víamos nele o domínio de uma fôrça interior de resignação e bondade. Apreciando seu livro "Dúvida", Oscar Brandão escreveu que Ponciano era um "moço-velho". Rosto irregular, ampla testa sob uma cabeleira negra e crespa, contrastando com o queixo fino, onde pouca barba aparecia. Acentuado estrabismo ainda concorria para o acervo dessas infelicidades .Tinha as mãos e os dedos modelados para a poesia e a meditação. Dentro da sua fealdade era, entretanto, um ponto de irradiante simpatia no circulo das suas relações e das suas amizades.

Os seus costumes pessoais eram invariavelmente dignos de elogio. Trajava-se com apuro, num porfiado encontro do feitio ingrato do corpo com os preceitos da elegância social. Usava jaquetão ou fraque, calça listada e o infalível colete, á moda da época. E gostava de uma flôr na lapela, que também servia á vaidade dos nossos estadistas. O chapéu de feltro contribuia para o efeito da indumentária, onde não se descobriam as habilidades plásticas de um Garrett, mas alguma coisa de um esmero á Byron. A ausência do belo, em Ponciano, supria-se com êsse culto á cortezia do estilo. Era-lhe, também, usual a bengala, tornada tempos depois numa singularidade dos velhos.

Na redação da "A República", onde o conheci, observei-o como um conversador interessante, comedido, consciencioso, algumas vezes humorístico, soltando boas e francas risadas, mas sempre preocupado com as leituras e os assuntos da colaboração quotidiana. Julgava-se frenético, doente. Mas não parecia, apesar de ter contra si ainda uma saúde sem vigor, como a presença incômoda de uma herança que o advertisse. E as razões dessa causa se conjugaram violentamente numa afecção gripal que o abateu na rápida fatalidade de uma agonia.

Era, todavia, Ponciano um animador da vida provinciana também quanto ás suas tradições fes-

tivas. Gostava das lapinhas e influia para a arte das serenatas, que enchiam as ruas com os sons dos violinos e dos violões. As vozes trêmulas, intérpretes das modinhas e das valsas, eram pedaços dalma soltos á luz dos luares, com destino aos corações das moças amorosas e românticas, que as escutavam por traz das rotulas ou no debruço das janelas. E se êle não fazia número com os serestei-ros, dava-lhes o aplauso e o verso, que era a expressão dos seus sonhos e das suas aspirações de rapaz.

Quem, vindo até aqui daqueles tempos de Deolindo Lima, Aurélio Flávio, Augusto Coêlho, Olimpio Batista, Francisco Botelho, Ferreira Itajubá, Virgilio Carneiro, Barreto Sobrinho, Luís Avila, Eduardo Medeiros, Heronides França, Alfredo e Antônio Cordeiro, quem não se recorda destes versos de Ponciano, envolvidos na música apaixonada dos nossos inspirados compositores populares:

"Ao palmilhar estradas longas,
De longe vim para te vêr;
Ouvindo as tristes arapongas,
Nas moitas tristes a gemer".

Ou estes outros, não menos significativos:

"Por êsses teus olhos tão bonitos,
Cheios de luz e de langor,
Andam os meus olhos aflitos,
Neles procurando amôr.

Dá-me a doce luz que deles nasce,
Faze-me feliz, ó tem piedade!
A vida é tão fugace...
Ainda mais fugace é a mocidade..."

Ponciano tinha pelos seus uma ternura comovida. Dentro do coração ficara-lhe certamente, o sacrifício da irmã mais velha, ajudando-o com os seus trabalhos e a sua solicitude para que em Recife pudesse vencer os degraus do estudo .Mais tarde,

o amor lhe satisfez a ambição de um lar feliz, onde a sua poesia recebeu a doce e grande luz do melhor afeto, que encheu a mais íntima das suas aspirações. Casou-se, para gosar dessa felicidade dois anos, apenas. A morte havia de rondar a porta desse encanto doméstico, deixando uma saudade indefinida na tragédia da viuvez e da orfandade.

NUMA TARDE, AO PÔR DO SOL...

Aí está, meus senhores, minhas senhoras, meus confrades, alguma coisa da vida daquele que escolhi para patrono da cadeira que ocupo nesta Academia. Tanto foi poeta quanto prosador. E um fidalgo no trato pessoal. "Alto, magro, fidalgo", assim o recordou Ivo Filho numa enquete de Verissimo de Melo. O seu gesto era sempre de simpatia, de acolhimento. A sua presença invariavelmente uma homenagem á elegância. Se, em rigor, elegância poderiamos interpretar o cuidado com que habitualmente se vestia. Pobre, desprotegido, não viajou. As "estradas longas" que palmilhou foram as da sua imaginação e da sua tristeza. Enquanto outros poetas e outros jornalistas brasileiros iam conhecendo facilmente a Europa, e desciam em todas as Américas, passeiavam o Oriente fabuloso, pisavam os caminhos da Africa, escreviam impressões dos centros da cultura universal, frequentavam os famosos cafés da tradição literária de além mar, faziam versos em Paris e Londres, os nossos sonhadores sorriam na trêfega inquietação do espírito a debater-se no horizonte da sua terra, estiolada numa fecundidade sem glórias.

Ponciano Barbosa foi um destes. Pensou e foi poeta. "Ser poeta dizia Tobias Barreto, é, sobretudo pensar. O pensamento é a masculinidade do espírito" E foi também um cinzelador da frase livre, da prosa que soube resguardar da injúria e da má fé, porque além da fortuna da inteligência, Ponciano ainda possuia essa beleza moral, que é a bondade. E foi um orador, "seu verbo era fluente, sua palavra

segura, sua expressão enérgica, sem titubeios, sem vacilações, sempre sincero nas convicções". E foi um magistrado, "soubera fazer-se digno de admiração pela inteiresa do seu caráter, pela solidez dos princípios que defendia, pela integridade e pela insuspeitabilidade de sua dedicação á causa do direito e da justiça".

Ponciano Barbosa desapareceu deste mundo com trinta anos apenas. Para êle, talvez, fosse muito viver. Em plena mocidade Julio Dantas exclamava:

"Trinta e três anos já! Quasi uma eternidade!
E, em trinta anos, amôr, que séculos vivi!"

Morreu num dos seus crepúsculos de poeta, num daqueles ocasos que o faziam assemelhar ao "desmaio aflitivo da vida", imolado numa fúnebre invasão que tantos corações fez parar no socego da eternidade. Hoje, nesta Academia, sou eu que faço o elogio regimental, evocando-lhe a figura, a vida e o trabalho.

Há, entretanto, neste recinto, quem dele guarde melhor retrato e mais íntimas impressões do homem e do artista. No seu silêncio julgador, que me perdoem se não cheguei a dizer de tão ilustre patrono tanto quanto pede a sua memória.

---

* — Discurso de posse, na Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 12 de Maio de 1949.

Vida repleta de vontade e força criadora *

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Ponhamos nossa pedra branca marcando a festa acadêmica de hoje. É a posse de um companheiro de letras, um professor, um poeta latino, principalmente é a posse do primeiro sacerdote na Academia Norte-Riograndense de Letras.

Entre todas as eleições a sua foi a mais significativa. No primeiro escrutinio teve todos os votos menos um. Essa unidade discordante expressou o direito de impedir uma quebra dos Estatutos que determinam a obrigatoriedade da votação. Se êle não surgisse, opondo-se à unanimidade, tinhamos tido uma aclamação.

Depois dessa feita o gesto não se repetiu. E dificilmente se repetirá. Verdadeiramente a Academia não elegeu o sucessor do cônego Luís Gonzaga do Monte mas o arrebatou ao seu silêncio, à sua modéstia, à tranquila e nobre vida estudiosa e trabalhada sem os rumores da rua e da praça, apenas no ritmo do seu coração, do seu humilde relógio marcador de tarefas, e a dôce sonoridade da campainha da Capela do Seminário, dando a Hora de Deus.

No mapa do Estado há a povoação de Luiza em Florânia. Um nome de etimo luminoso e um clima sereno de esforço quotidiano. Ali se ergueu a casa pobre povoada de filhos. O chefe da família, Antônio Adelino Dantas, vinha dos Dantas Correia, os fundadores da Carnauba dos Dantas, raizes seculares guardadoras de seiva ainda forte e fecunda. A

luz da casa, dona Jovelina Dantas, vinha dos Azevedos Maia, os plantadores da Conceição do Azevêdo, semeando raça de trabalhadores obstinados no sólo petreo do Seridó. Fizeram eles o oasis de sombra e doçura acolhedora, fincando os mourões das porteiras nos primeiros currais de gado, as nascentes econômicas de Jardim do Seridó.

São assim reunidos os elementos de duas famílias seculares, entrelaçadas e unidas continuamente, numa tecidura intermina de casamentos, rêde vibratil de amôr que perpetua nome e lembrança das velhas raças povoadoras dos desertos nordestinos, tangedoras do gado, cavadoras de açudes, fiéis ao Ofício de Nossa Senhora ao quebrar da barra, adormecendo com as primeiras estrêlas, indo começar o dia com as últimas, ainda brilhantes, no céu da madrugada sertaneja.

Vida de trabalho tradicional é a de Antônio Adelino Dantas. É lavrador e criador. Não conhece nome profissional mais bonito nem de mais comunicativa sugestão. Criador! Parece que nas suas mãos Deus emprestou o segrêdo da vida ininterrupta e um desafio às fôrças desagregadoras da morte e do tempo.

Antônio Adelino Dantas e sua mulher mantém a vida de outróra no silêncio da harmonia doméstica. Vão às desobrigas, fazem a Páscoa completa, rezam, ajoelhados as orações antigas, as rezas que vêm de geração em geração, na mesma beleza ciciante e emocional, como a voz imortal do Passado cristão ressuscitada sempre, passando de lábio a lábio numa continuidade imorredoura de Fé.

Dezesseis filhos nascem. Doze engrossam o pescôço, resistindo, como plantas nobres à vida áspera. Quatro foram dados a Deus para que o casal se representasse no côro angelical nas horas abertas, meio-dia, trindades, pino da meia-noite, quando os anjos cantam para a eternidade presente.

Antônio Adelino Dantas faleceu em São Vicente, na povoação de Luiza, 2 de fevereiro de 1915. E morreu na morte heróica de sua classe e de estirpe.

Morreu ferido de queda de cavalo, derrubando gado na serra de Sant'Ana, dando campo nos grotões solitários da cordilheira, com seu gibão vermelho, a mão enluvada no guante rústico, colada â cauda do barbatão fugitivo.

Dona Jovelina deixou o Seridó e veio para o agreste com seu rebanho de filhos, o terço enrolado no pulso, a confiança no coração. Fixou-se em São Paulo do Potengí. Em fevereiro de 1925 o senhor Bispo fez a visita pastoral a São Paulo do Potengí. Um dos filhos de dona Jovelina, menino de 14 anos, magro, sizudo, de poucas falas, dois olhos negros e agudos, sondando o mundo pela energia terrebrante do clarão íntimo, rodeava com sua curiosidade tranquila o Prelado sedutor.

Recordemo-lo agóra. Foi o nosso terceiro Bispo, dom José Pereira Alves. Não cabia no ninho, sobrando as azas, impacientes de vôo, inquieto sempre, ancioso de trabalho e de conquista apostólica.

Deu-nos a impressão do orador sacro, do tribuno religioso noutro nível alheio à convencional palrice cantada e declamada, ôca e verbosa, enfeitada com os retalhos da História Sacra e os exemplários monótonos. Dom José trouxe para ouvidos moucos a percussão irresistível do talento vivo e maravilhoso. Era a cultura atual e pronta, era o conhecimento contemporâneo, era a coragem de aceitar todos os temas, resolver todos os quadros, indo à luta com as armas de prata em mão invencível de mestre supremo. As ciências da pesquisa humana, a História, a antropologia cultural, davam-lhe o âmbito amplissimo de suas correntes sem fim para o nadador perfeito. Deu-nos a noção exata do que realmente havia entre a Ciência e a Fé os limites intransponíveis apenas materiais naqueles que recusam o exame dessas entidades quasi idênticas. Mostrava o mundo católico com seus missionários, seus sábios, seus pesquisadores, seus santos modernos, o laboratório incessante, fremente, entusiástico, palpitante de vida, laborando pela Ciência em serviço do Homem para Deus. Que surpresa para quem se habi-

tuara à imagem imóvel duma Igreja mumificada, hirta, poeirenta, ignorante de tudo, arrastando o manto de purpura dos seus cardiais numa derradeira exibição de morte lenta. Foi êsse clarão que Deus acendeu para guiar a muitos, confessados ou não, mas sempre gratos, no silêncio do escrúpulo ou na taciturnidade covarde do respeito humano.

Dom José olha Jovelina e põe a mão magra e sêca na cabeça do menino curioso. Elogia-lhe a família. Pergunta: — Por que não faz deste menino um Padre?

— Ah! senhor Bispo... Não posso. Tinha tanta vontade. Que posso fazer?

Dom José olha o menino: — Quer ir para o Seminário?

O menino responde com o presente do indicativo do único verbo positivamente inapelável, masculo e decisivo: — Quero!

No outro dia, com a roupinha que tinha, timido, desconfiado, triste, impassível na obstinação fiel, o pequeno seridoense veio para o Seminário em Natal.

Em 1934 era Padre. Reitor do Seminário no ano seguinte. Hoje nosso companheiro de Academia, cônego José Adelino Dantas!

Para êsse estado, êsse ponto na sua floração intelectual, essa situação entre os seus colegas, amigos, na cidade e no Estado, o caminho foi lento e seguro, sem pressa e sem descanso, dia a dia, subindo sempre. É preciso ajudar a Deus em nós mesmos. O auxílio prestado a Deus para sua perfeição individual, ofereceu o cônego Adelino em todos os anos de sua vida.

Apresento-vos uma figura de dois mil anos e sempre contemporânea. Cada dia se torna mais alta, mais discutida, mais violenta em sua simplicidade, menos compreendida, menos explicada. Quanto mais a civilização aprofunda suas bases na terra infixa da convenção e estatui decálogos de fé, entroniza seus deuses dogmáticos servindo pela vassalagem da violência, mais essa figura diária, familiar, conhecida, sobe e se amplia, impossível de ser analizada,

medida, justificada pelos processos materiais de nossa verificação científica. Essa figura é o Padre. Pensemos um momento num fiel de vinte séculos vestido sempre com trajes que o identificam para o martírio ou para a glória, traje indisfarsável, notório, estridente em sua singeleza, negro pela penitência, pela renúncia, pela abnegação. Seja que fôr e onde estiver, sacerdote do Altissimo, visível aos olhos devotados ou adversos. Pensemos um homem comum, igual, trabalhando ou falando LOQUENS ou FABER, marcado na cabeça com um sinal de perpetuidade, apartado da multidão para um serviço supremo, para uma missão divina, para o encargo de morte e de salvação. Pensemos que o conhecimento para nós é a fórmula ondulante acariciando as formas pessoais da convicção, tomando como a estátua de Glauco, aspecto e côr conforme os nossos olhos e a vontade da nossa mentalidade. Pensemos num homem que possui a Verdade, a mais difícil, terrível, atordoante e comprometedora das companhias. A verdade, invisível e presente, acompanha-o sempre, vigiando, serena e séria, seus passos. Está ela sensível aos vagos sentidos de percepção espiritual como Ulisses a sombra divina de Minerva na solidão da casa de Eumeu. Pensemos que êsse homem não pode recusar, diminuir, negar ou esconder a presença da deusa resplandecente. Pensemos ainda em tudo quanto nos é permitido e a êle é defeso. Nos limites da contigência humana êsse homem vive a vida heróica diária .E deve estar pronto para morrer. E vive na atmosfera onde quasi todos os elementos de glória, de aplauso, de popularidade, de riqueza, de compreensão, de estima, estão em pleno serviço contrário, manejados como um exercito de demônio contra a Verdade que o segue, obstinada e tranquila.

Pensemos ainda na saudação de Dionisio Aeropagita: — Sacerdotes da Nova Lei, sois maiores que os Anjos. Para criar esses espíritos celestes, bastou a

Deus querê-lo; mas para fazer um Padre que pudesse imolá-lo todos os dias, foi-lhe preciso morrer!

O cônego José Adelino subiu devagar os degraus do seu altar. Subiu sentindo sua poesia e de tragédia ascencional. Sabe como êsses valores que haloam o sacerdote numa corôa de explendores solares, tomam as formas negativas e crepusculares. Todas essas superfícies polidas refletem cintilantemente as luzes opostas. A importância decisiva do sacerdote é o seu combate individual em permanente atuação no plano do espírito. Êsse equilíbrio, essa vitória serena, essa mansa e jubilosa obediência a uma Fé nascida ao mesmo tempo que a vida se forma, é um dos sinais poderosos da grandeza interior. É a visão mais notória, a impressão imediata no cônego José Adelino.

Teve e tem sobre muitos de nós a superioridade da Fé sem desfalecimento e em linha reta. O caminho não lhe trouxe a surpresa sinão quando olha para as margens. Aos seus passos, sabidamente habituados à cadência da marcha, a estrada desenvolve suas perspectivas de beleza e negrura, ineficazes para fazê-lo demorar ou deter o olhar.

Do Santo Cura d'Ars o cônego José Adelino ouviu um conselho que é test de confiança e devotamento. "Meu bom colega, se quiser conseguir alguma cousa, faça pouco barulho nos jornais, e muito na porta do Tabernáculo".

Certamente ai não está o repudio à bôa propaganda e à indispensável divulgação. O cura d'Ars advertia da necessidade de não perder-se maior energia com a imprensa em detrimento à própria essência do empreendimento.

Nêsse ângulo a ação do cônego José Adelino é perene e discreta. O Reitor do Seminário é um jornalista diário, soldado de batalha sem pausa. Jamais deixou de estender o escudo à pancada da clava. Sempre aparece esclarecendo, falando num timbre cordial de explicação afetuosa, vencedora inquestionável do amôr próprio natural.

Naturalmente é um latinista. Deixo ficar o ad-

vérbio porque o amôr ao idioma latino é um corolário erudito às atividades intensas de vida espiritual, interior, recatada. Aqueles que se aproximam sabem os encantos dadivosos desse convívio silêncio, êsse milagre de atualizar os gênios de Roma Imperial, fazendo-os participantes da nossa banalidade provinciana ou contemporânea. No silêncio da noite é uma doce volúpia sem maldade, num abrir de livro, receber-se a visita de Virgilio e de Horácio, de Ovidio e de Tito Livio, de Cícero e de Tácito .São a História e a crônica que nos cercam, com suas fisionomias poderosas, seus amores, sua paisagem, seus jubilos e suas máguas. Podem êsses felizes comprar a desmarcada amplidão luminosa desses espíritos que encontravam a matéria poética ainda virgem e lhe deram os contornos que vieram para os nossos olhos. Debalde ao redor de nós a vida moderna grita a notícia dos seus cataclismos e de suas ameaças tempestuosas. A luz do dial dos rádios não atrairá como a trêmula lucerna estudiosa, companheira da noite evocadora.

O leitor passa naturalmente a companheiro. O poeta nessa metade do século XX pode ser entendido, nas compensações do espírito, pelas grandes almas de outróra. Lavrando o verso latino, o cônego José Adelino tem essa mesma elegância natural e tranquila que lhe conhecemos e amamos. O vocabulário é claro e próprio, o verso vivo e nobre, a medida impecável e sonora.

Vezes, quem passa pela avenida adormecida, verá a luz doirada enquadrando o janelão que bebe os ares perfumados da noite. Lá dentro, na salinha simples, o tempo é um só, unido e sem divisões. Virgilio e Ovidio, tão amados, assistem, na presença que a admiração inconscientemente provoca, o trabalho do distante companheiro, tecendo a renda dos versos latinos, na graça da oportunidade verbal, na alegria íntima da expressão feliz, expontânea e lógica.

Assim, letrado e latino, um legítimo "scholar" um "clerc" na acepção mediável, não tem o cônego

José Adelino nenhuma devoção aos negros pecados da incompreensão. Negro apenas a iris nos olhos e a batina no corpo. Compreende as nuanças mais variadas e coleantes da cultura diária. Compreender não é solidarizar-se. É poder expor, discutir, aceitar, combater.

Na instalação da Academia Brasileira de Letras, Joaquim Nabuco pronunciou um discurso que o tempo tem respeitado. Há um trecho que cito hoje e aqui: — "Nascido em uma época de transição, prefiro em tudo, arte, política, religião, ligar-me ao Passado, que ameaça ruina, do que ao Futuro, que ainda não tem forma". São palavras de 52 anos passados. E são atuais, até mesmo na época de transição que se eterniza.

O amôr do Passado não tem para o cônego José Adelino o culto imóvel do feiticismo. Só as constantes espirituais da vida humana é que são dignas de defesa e de esclarecimento. São as constantes como as bases sustentadoras da estrutura da civilização. Todo sonho de substituí-las, abatendo-as, importa no desabamento do que se pretende apenas aperfeiçoar. A restrição, no limite da cultura, é que a Civilização só exerce sua missão milenar quando o desenvolvimento segue curso natural, lento ou vivo. Quando há a Santa Continuacion. O progresso quando é feito de enxertia, pega de galho, pode matar ao mesmo tempo enxerto e árvore.

São essas constantes que lindam a fisionomia desse artífice prudente de uma obra educacional admirável no Seminário de São Pedro, obra admirável pela assistência pessoal e direta, pela solidariedade afetuosa, pelo entendimento profundo e devotado.

Êsse esforço de escultura não é de camartelo ou escopo mas de perseverança, miniaturas de gota dagua, paciência de rendeira que a técnica está no coração e a arte institiva nos dez dedos dos pobres.

Poeta, professor, ensaista, missionário do exemplo, doutrinador do livro ágil e brilhante, ensopado no leite da ternura humana, FORMAÇÃO DO SE-

MINARISTA (Editora Vozes. Petrópolis. 1947), diretor de casa educacional, há nessa tão omnimoda e fervorosa campanha de esforço em serviço de Deus, as alegrias do dever cumprido e as máguas recatadas que o coração dissipa.

Não era possível que a Academia, tão pobre de joias, dispensasse essa que representa para nós o sacerdote puro e o patriota sem alarde, o trabalhador convicto e o sonhador confiante na sua obra realizada, vida repleta de vontade e de fôrça criadora, de resignação e de serenidade, vida com a digna vocação do Padre e a sabedoria sob a roupagem singela da expontaneidade levando ao sofrimento aceito com deliberação e confiança.

Enquanto que a glória rolava sua alma
Nas margens da História, na areia do Céu! . . .

---

* — Discurso de saudação ao Cônego José Adelino Dantas, no dia 13 de setembro de 1949, por ocasião da sua posse, na Academia Norte-Riograndense de Letras.

Cônego Leão Fernandes e Cônego Luis Monte: Um Perfil e uma Evocação *

Cônego JOSE' ADELINO DANTAS

Vou buscar de Stevenson esta frase com que Gustavo Corção abriu um dos primeiros capítulos de seu "Três Alqueires e uma Vaca": — Cada livro é, num sentido profundo, uma carta particular aos amigos do escritor. Sòmente êles apreendem a significação inteira, descobrem a notícia íntima, as afirmações de amôr, as expressões de gratidão espalhadas por êle em cada livro. O público é apenas o generoso patrocinador, que se incumbe das despesas postais".

Se assim é, minhas senhoras e meus senhores, se em cada livro se esconde de fáto uma carta, que dizer-se então de homens, cujas vidas se fixaram no sentido mais universal, de homens que ultrapassaram os limites de si mesmos e se extravazaram para muito além de seu mundo?

Uma coisa é certa, e é que cada um de nós imprime suas pegadas no plano da vida, mesmo aqueles que se incorporam na torrente amorfa da massa impessoal. Também esses tais contribuem para a harmonia da Criação.

Sinto, neste momento, recair sobre meus ombros uma grave responsabilidade, qual a de evocar e interpretar diante de vós a mensagem de dois varões assinalados, um dos quais esta Casa houve por bem escolher para um de seus numes tutelares.

No convívio amigo dos clássicos latinos encontrei três frases diferentes, sintonizando uma unidade de expressão. Nelas, como em muitas outras, colhe-se que o gênio Latino, librado nas asas da Formula e da Onipotência, buscou pairar muito acima dos domínios do Tempo e do Espaço. As figuras exponenciais do pensamento Romano acreditavam nalguma coisa que não se acorrentava nos sepulcros da Via Apia, nem se diluia nas cinzas dos sarcofagos. Cícero, cuja voz, cuja eloquência as sete colinas recolheram e ampliaram nas arcadas dos séculos, proclamou, cérta vez, aos ouvidos dos Pais Romanos:

—"Insidet quaedam virtus, quae admonet non cum vitae tempore esse dimitendam commemorationem nominis nostri, sed cum omni posteritate adaequandam"... omnia quae gerebam, spargere me ac disseminare arbitrabar, in orbis terrae memoriam sempiternam". Quer dizer: "Há um princípio que nos adverte que a fama de nosso nome não se méde pelo curso da vida, mas pelos valores que buscam as fronteiras da Eternidade. Tenho para mim que tudo aquilo que eu faço, é semente de mim mesmo, gerando imortalidade."—

Esta Academia de Lêtras, minhas senhoras e meus senhores, segue à risca a magnífica lição do inolvidável orador Romano, por isso que acredita também na perenidade dos valores humanos, fixando-os e cultivando-os, recolhendo ao longo da estrada provinciana, velhos marcos que o Tempo respeitou.

Sinto-me, hoje, sumamente honrado em incluir-me ao lado desses generosos exploradores, heróis de mil pesquisas, e, como a ave solícita de Seridan, evocada na lenda de Malba Tahan, rejubilo-me em vir depositar na cornucopia de suas conquistas, o lembrête de minha humilde elegia. Partindo do princípio do quanto é difícil retratarmos a nós mesmos, sempre pensei ser muito mais difícil ainda recompor os valores alheios. E' o eterno e natural receio de devassar mundos que não são nossos. O analista do corpo, como o do espírito, tem cada um a sua história, e essa história é a daquele que vai ar-

rancar da morte a figura de alguém, que o tempo vai apagando e a memória vai esquecendo. Sereno, porém, aguardo vosso juizo e, de minha parte, vos garanto que, ao tentar esboçar a pessôa e a ação do Cônego Leão Fernandes, desejei, acima de tudo, prestar culto sincero à Verdade e ao Mérito.

* * *

Abriram-se à luz os olhos de Leão Fernandes de Maria aos 11 de abril de 1881, na então vila de Páu dos Ferros, numa segunda feira, dia em que o calendário regista a festa do grande Papa, que livrou Roma das garras de Atila.

Foi assim, em pleno coração da gleba sertaneja, dessa gleba que a gente precisa conhecer e amar; foi à sombra de velhas oiticicas, acolhedoras e generosas, estância antiga e tranquila de heróicos boiadeiros, que veio ao mundo o filho mais moço de Francisco das Chagas Fernandes e de Dona Liberalina Gomes de Queiroz. Formou com o seu irmão Agnelo o número par da família, como a indicar, numa visão futura, caminhos paralelos e ideiais comuns.

No dia 2 de maio daquele mesmo ano, levaram-no seus pais à pia batismal da matriz de Nossa Senhora da Conceição, tendo sido seus padrinhos os tios maternos, o Tenente da Guarda Nacional, José Vicente de Queiroz e sua irmã solteira, Delmira Gomes de Queiroz. Batizou-o o vigário, cônego Bernardino José de Queiroz. Cinco anos mais tarde, foi crismado pelo cônego arcipreste Pedro Soares de Freitas, tendo como padrinho o padre José Paulino Duarte da Silva.

Nascia assim para o mundo, para a Pátria e para o Altar aquele prendado menino, fadado a honrar, um dia, as Letras e a História eclesiástica da Paraiba e do Rio Grande do Norte.

Os dez primeiros anos de sua infância, passou-os êle em Páu dos Ferros, num ritmo de simplicidade doméstica, de beleza e de inocência, que os pais

sertanejos sabiam tão bem imprimir a seus filhos. Veio o ano de 1891. O flagelo das sêcas assolou os sertões. Deu-se, nessa época, a transferência do padre José Paulino Duarte para a freguesia de Ceará Mirim, e a grande amizade que o ligava ao casal Fernandes, talvez mais que razões climatéricas, fez com que a família transmigrasse para o litoral. Eram nove as pessôas: Dona Maria, avó; Seu Fernandes e Dona Liberalina, pais; Dona Delmira, tia e madrinha de Leão; Leão e Agnelo, filhos; Toinha, filha adotiva; Prêto e Sainha, famulos. Agnelo contava, nessa ocasião, dezesseis anos, e Leão, apenas dez. Em Ceará Mirim, ficou até aos vinte anos. Sendo seus pais profundamente religiosos, não é difícil, por isso mesmo, penetrar os segredos que a grande amizade do vigário objetivava.

Não resta dúvida que o padre José Paulino tinha suas vistas voltadas para o futuro dos dois moços. Doutro lado, Seu Fernandes e Dona Liberalina eram, de fato, pais à altura do nome e da função, muito ciosos de transmitir aos dois rapazes o patrimônio de fé e de moral, vindo intacto de seus antepassados.

* * *

Simples e pobres, acolhiam a simplicidade e a pobreza como duas bôas irmãs. Poderiam, a exemplo da matrona Romana, apresentar suas joias aos amigos, na pessôa de seus dois filhos.

A Francisco das Chagas Fernandes e a Dona Liberalina Gomes de Queiroz, genitores de meu patrono, nesta Academia de Letras, quero render, neste momento, a minha homenagem e, rendendo-a, quero fazê-lo, emprestando-lhes aquelas palavras com que o Evangelista inspirado riscou o perfil dos pais do Batista: "—Erant autem justi ante Deum, incedentes in omnibus mandatis et justificationibus Domini sine querela". — Eram ambos justos diante de Deus, vivendo irrepreensivelmente, segundo os mandamentos e leis do Senhor. — Era, no legítimo conceito do termo, uma família feliz. — "Os dois meninos —

informou-me o padre Manoel da Costa — piedosos por indole, eram o encanto do lar e a admiração de quantos os conheciam. Leão revelou, desde pequeno, gosto pelas letras. Estudava sozinho as Humanidades, em que mais tarde teve como professores José Paulino Barroca e Zózimo Platão de Oliveira Fernandes, muito conhecidos e estimados pelos alunos.

Ainda criança, foi Leão mandado, certo dia, ao comércio, para comprar qualquer coisa. De volta, entrega o objeto a Dona Liberalina, e pede para voltar à rua. Esta lhe indaga o motivo, e êle lhe explica que, naquele papel, papel de jornal velho em que a encomenda viera envolta, estava escrita uma história muito interessante, e, por isso, desejava pedir ao comerciante a outra parte em que a tal história terminava. O vigário ensinara-lhe a ajudar a missa, e era curioso vê-lo erguer-se na ponta dos pés, para alcançar a mesa do altar, quando tinha de mudar o missal".

Entretanto, minhas senhoras e meus senhores, esse conjunto de predicados morais e intelectuais do futuro homem de Deus e das Lêtras teria estancado na fonte, não fôra a visão iluminada do vigário, grande amigo dos seus pais, que, com o desfiar dos dias, não teve dúvida em abrir ao jovem Leão o caminho do ideial a que demandava. Esse caminho era o do Seminário, o do Sacerdócio.

A história do Cônego Leão Fernandes e a de seu irmão Agnelo não se explica, jamais sem a evocação dessa imponente figura de padre e de vigário, que foi o mons. José Paulino Duarte da Silva. Ninguém ignora que os homens nem sempre se fazem ou se podem fazer à custa de seus esforços. Todos necessitamos de u'a mão que nos guie ou nos erga na via de nossos cometimentos.

Horácio, satirico e ferino, afeito mais a vergastar misérias que decantar epopeias, detem-se agradecido ante o vulto de Mecenas, e lhe tange a nota melódica do asclepiadeu famoso:

Maecenas, atavis edite regibus,
O et praesidium et dulce decus meum!

Pouco nos importa que duvidem da sinceridade dos poetas. O certo é que à clarividência, de mãos dadas à generosidade, se deve o desencanto da Musa Latina, inspiradôra de outras tantas Musas. Leão Fernandes de Maria e seu irmão Agnelo foram desses a quem coube a bôa sorte de encontrar um Mecenas, na estrada da vida. E, para êles, outro não foi, senão o mons. José Paulino, cúja solicitude pelos moços nos faz revocar o vulto bíblico de Helí, movendo para Deus os passos de Samuel. Os fatos, por si sós, cimentam os juizos humanos e, hoje, a figura do venerando vigário de Ceará Mirim cresce à sombra de sua memória, como a sombra de seu corpo se ampliava aos raios incidentes do sol poente.

Sem a sua ação de presença e de generosidade, jamais se teriam acendido esses dois luzeiros do Clero norte-riograndense. É o próprio cônego Leão que nos vai falar, que nos vai dizer aquilo que a sua mão gravaria no testamento próprio, numa hora solene e decisiva, quando seus olhos se iam fechar para as estrelas deste mundo: — "Profundamente comovido, orvalho de lágrimas e beijo reverente as sagradas mãos do estremecido padrinho, insigne benfeitor e desvelado amigo, cônego José Paulino Duarte da Silva: os benefícios de sua proteção a mim, a meu irmão e a minha família, a influência moral de seus cuidados, e exemplos na formação de meu espírito e caráter, a inexcedível dedicação de sua amizade jamais poderei agradecer devidamente".

Os sinas de vocação para o Sacerdócio revelam-se, cada dia, mais claros e mais convincentes em Leão. Como o patriarca da Caldeia, contemplando as constelações babilônicas, assim eles se deixaram atrair por alguma coisa que lhe acenavam as culminâncias do altar. E foi a mão de seu padrinho que, num dia de abril de 1901, o conduziu ao vetusto Seminário da Paraiba, e o entregou aos cuidados do cônego Joaquim de Almeida, reitor naquela época.

Feitos os exames de admissão, foi classificado em segundo lugar, tendo-se levado em alta conta a

base firme de Português e Aritmética, obtida nas aulas do Ceará Mirim. No Seminário da Paraiba, fez os cursos ginasial, filosófico e teológico, nos quais, além de outros, teve por professores alguns sacerdotes, estrelas de primeira grandeza nos destinos espirituais dos dois Estados. Entre eles estavam D. Adauto de Miranda Henriques, Bispo diocesano; mons. Joaquim de Almeida, reitor do Seminário e futuro Bispo do Piauí e de Natal; mons. Santino Coêlho, futuro Arcebispo de Belem do Pará e de Maceió; mons. José Tomaz, futuro Bispo de Aracajú; cônego Moisés Coêlho, seu diretor espiritual, futuro Bispo de Cajazeiras e atual Arcebispo Metropolitano da Provincia Eclesiástica da Paraiba; mons. Manoel de Paiva, futuro Bispo de Ilhéus e de Garanhuns; mons. Odilon Coutinho; mons. Alfredo Pegado; padre Fernando Lopes e padre Álvaro Cesar. O que tenha sido a passagem do seminarista Leão Fernandes pelo Seminário da Paraiba, depõem, una voce, todos os que o conheceram de perto, mestres, colegas e alunos. Nenhum deles se negaria a subscrever na integra este testemunho do padre Manoel da Costa:

"—No Seminário, era sempre dos primeiros de sua classe. De saúde precária, não consentiam os Superiores que estudasse todo o tempo, e obedecia prontamente aos companheiros que lhe fechavam o livro, por ordem do reitor. Mesmo assim, nunca perdia o seu lugar distinto. Era consultor de todos os colegas, que se sentiam atraidos pela modéstia e bondade nunca desmentidas. Mesmo sem terminar o curso, já era consultado nos debates, principalmente nos debates de filologia, em que se tornou emérito".

Minhas senhoras e meus senhores,

Cantou Virgilio nas suas bucólicas que em Roma se erguera acima das cidades do universo, na

mesma proporção em que o cipreste agiganta a coma além dos juncos humildes:

—"Verum haec tantum alias inter caput extulit
[Urbs
Quantum lenta solent inter viburna cupressi".

O hexametro virgiliano de tal modo acendeu o ânimo das gerações do Lacio, que, um dia, num triunfo das Festas Seculares, um coral de jovens Romanos, vivos e ardentes, atirou aos céus a apóstrofe afoita ao Sol, conclamando-o a que, no seu carro de fogo, rolando na meta do Infinito, nada visse maior que Roma:

"Alme Sol...
Rossis nihil Urbe Roma
Visere majus"!

Na grei humana, minhas senhoras e meus senhores, surgem ás vezes, vultos que se alteiam, como a cabeleira soberana dos cedros. O seminarista Leão Fernandes foi, no seu tempo, na doce comunidade do Seminário da Paraiba, o cedro real, dono da floresta. Tendo ali ingressado em princípios de abril de 1901, e sido admitido no segundo ano de Humanidades, foi, dois mêses depois, escolhido pelos colegas de divisão para saudar o reitor numa festa íntima, incumbência que se repetiu por duas vezes mais, nesse mesmo ano. Esse fato é pouco comum nos Seminários, e história que raros padres podem contar de seus tempos de seminaristas. Em 1924, o então cônego Pedro Anisio, uma das expressões intelectuais mais respeitáveis do atual Clero paraibano, coligiu e enfeixou uma série de vinte e oito sermões e discursos do cônego Leão, vinte e dois dos quais êle pronunciou ainda seminarista.

Como diácono, devidamente autorizado por D. Adauto, com quem residia, fez sermões na igreja do Seminário, nas matrizes do interior da Paraiba e do Rio Grande do Norte. O ilustre jornalista paraibano,

Hortensio de Sousa Ribeiro, num artigo inserto na "A União", de 1 de outubro de 1938, escreve ainda lembrar-se cheio de emoção, dum panegirico que o diácono Leão Fernandes pronunciou na festa da Padroeira de Campina Grande. "Foi do alto da cadeira sagrada — diz êle — que o padre Leão Fernandes se nos revelou. Creio que era a sua voz estentórica e o único atributo que sobressaia de seu todo de menino, a que ainda mais minusculizava a sua humildade sem par. Nossa memória fiel seria capaz de repetir sendo posta em função, os trechos principais de seu notável sermão, proferido numa noite de festa, a convite do vigário Sales, diante do altar da Virgem Maria, iluminado e coberto de rosas dos jardins campinenses".

O ano de 1907 foi o de sua ordenação. Para êle sorriu aquele dia, sonhado por todos os seminaristas, dia que para êles vale por uma eternidade. Na manhã de dez de novembro, num domingo, D. Adauto lhe impôs as mãos pontificais, na magestosa catedral de Nossa Senhora das Neves, e na do dia seguinte, cantou a sua primeira missa na igreja do Seminário. Foram seus companheiros de ordenação os padres Pedro Anisio, Luís Adolfo de Paulo e João de Deus Mindelo da Cruz.

Ordenado sacerdote em fins desse ano e levados em alta conta os dotes do jovem padre, houve por bem D. Adauto retê-lo no Seminário. Começa aqui a etapa decisiva de sua breve vida. Em princípios do ano seguinte, foi-lhe dada a cadeira de Português do Seminário e do Colégio Pio X. A sua fama de formoso cultor da Lingua pátria começou então a revelar-se em toda a sua pujança, na catedra, no pulpito e na imprensa.

Foi essa a fórmula de seu apostolado.

Com efeito, o cônego Leão, há muito, havia compreendido que o exemplo e a palavra eram os supremos polarizadores da missão sacerdotal. O lema evangélico de ser sal da terra só se intégra naquele outro, que é o de ser luz do mundo. Nós somos aquilo que dizemos, mas somos muito mais aquilo

que fazemos. A palavra dispersa, o exemplo fixa. Ambos se ajudam e se completam. Conhecedor profundo dessa doutrina, o cônego Leão acreditava no exemplo, como acreditava na palavra que gera a luz. Poderia fazer sua esta confissão de Hello: "Sempre me impressionei com a palavra e com a luz, através de seus traços escondidos. A palavra é o esplendor do mundo invisível; a luz é o esplendor do mundo visível. Pela palavra, a Criação se torna luz para o nosso entendimento; explica seus esplendores a nossas inteligências. Pela luz, a Criação se faz palavra para nossos olhos, e os faz perceber a magestade do Criador. Os céus seriam mudos, destituidos de luz, como o homem seria mudo, destituido de palavra. Ambas são imponderáveis, misteriosas, ambas se refletem. O éco devolve a palavra, como o espelho devolve a luz. O calor segue a luz, mas é o amôr que segue a palavra."

Prefaciando a coletânea de sermões e discursos do cônego Leão, escreve o mons. Pedro Anisio: "Conhecia bem a Lingua Portuguêsa, que manejava com facilidade, como aparece de seus trabalhos, ainda os mais antigos, e conversava os clássicos, de preferência Vieira, cujas belezas e louçanias, sem excetuar os próprios trocadilhos, fez passar algumas de suas composições. Só nos foi possível recolher os seus discursos, sermões, e uma conferência, restando por publicar muitos de seus artigos, alguns dos quais são joias de fino valor. Muito maior fôra a sua atividade literária, dada a sua facundia e os tesoiros de saber, que acumulou, se o labor do magistério não lhe consumira quase todo o tempo." Assim sendo, é natural não seja conhecido todo o acervo literário do cônego Leão. Há muita coisa dispersa e desaparecida. Muitas dessas joias de que nos fala o mons. Anisio, joias de brilho fascinante, parecem achar-se em lugares inacessíveis e não sabidos. Dos vinte e oito trabalhos coligidos, apenas seis êle os pronunciou como sacerdote, sem ter alcançado ainda o meio dia de sua maturidade intelectual. Falta, assim, ao pesquisador o material

completo com que possa arriscar um juizo mais perfeito sobre o homem de letras, tornando-se impraticável uma visão de conjunto mais larga e mais convincente. Essa deficiência, entretanto, nada parece comprometer daquilo que a fama consolidou e que, sem dúvida nenhuma, compensou vantajosamente as lacunas que as contingências criaram.

Mas, tomando emprestada uma frase de Ovidio, "Si licet exemplis in parvo grandibus uti", se nos é permitido comparar os grandes exemplos com os pequenos, se nos dispusermos a recolher ao longo da estrada as raras moédas do labor intelectual, como Rute apanhava cachos de trigo nos campos de Booz. catando daqui e dali as filigranas dispersas, chegaremos às profundezas do tesouro, estupendo de encanto e de preciosidades.

Conhecedor emérito e cultuador zeloso dos clássicos portuguêses, o cônego Leão modelava sua frase no talhe puro dos estilistas e estetas da lingua mãe, trazendo dêles ressonâncias e afinidades, como as Bucólicas virgilianas repercutem os idílios de Teocrito na voz dôce de Titiro, dialogando com Melibeu à sombra da faia amiga. Colhe-se de seus discursos a nota dominante da valentia e da vivacidade tão comum em Vieira.

Falando por ocasião do encerramento do ano letivo do colégio Santo Antônio, desta capital, no dia 15 de novembro de 1916, como paraninfo da turma concluinte, dizia com ênfase: "Eu afirmo que a Terra que habitamos, gira em redor do sol, centro do sistema planetário. Esta afirmação que, para o astrônomo seria um áto de ciência, é para mim um áto de fé. Mas, isto não me inibira, se eu estudar astronomia, de investigar e, portanto, de duvidar se a translação da Terra é ou não cientificamente demonstrável. Eu creio também, senhores, que todos nós que habitamos a Terra, dependemos de Deus, êsse sol eterno, fóco central da verdade, que ilumina todos os séculos. Mas, essa crença não me inibe também de investigar os problemas científicos da origem e dos destinos do homem, que

é a sua translação em torno de Deus. E, se julgais que essa crença é um preconceito, sabei que no preconceito é que se fundam todas as ciências, porque nenhuma delas pode prescindir de uma verdade ensinada ou descoberta por outrem. Não; nem Bacon, nem Descartes, nem os metodologistas modernos puderam banir a autoridade da ciência: o sábio continúa a acreditar noutro sábio. Pois bem, dai-me licença, que eu continúo a acreditar em Deus".

O cônego Leão Fernandes, seminarista e padre, viveu sempre na Paraiba, a cujo Clero pertencia. Não teve, oportunidade de militar no jornalismo conterrâneo, mas crê-se que, dadas as ligações com a terra natal, acompanhava de perto a vida literária de seu Estado. Além do mais, seu coração de bom potiguar estava sempre voltado para o Rio Grande do Norte. É digno de nota êsse seu entranhado amôr à gleba natal. Fazendo minha uma frase de nosso querido Câmara Cascudo, diria que o cônego Leão criára asas majestosas, voára por ares longinquos e ensolarados, sem nunca, porém, se envergonhar nem se julgar indigno do ninho onde emplumára. Como o herói troiano, do alto de suas quilhas, lançando o olhar sobre os campos pátrios, assim também o cônego Leão nunca perdia a oportunidade de evocar em seus discursos a visão amada dos céus natalenses.

Certa vez, saudando a um sacerdote norte-riograndense, no Seminário da Paraiba, referiu-se deste modo à sua querida Potiguarania: "Na mansa correnteza das limpidas aguas que se espreguiçam plácidas no leito do Potengí, reflete com intenso brilho o sol de outubro, escrevendo com seus lampejos fulvos, no espelho das vagas, o nome de um filho querido da terra de Camarão. E o Potengí gigante, rasgando as brancas montanhas das praias natalenses, saltando, por sobre alterosos arrecifes, que bordam as vetustas e gloriosas muralhas do Forte dos Santos Reis, vai açoitar o oceano indômito para num esfôrço hercúleo, abrir passagem e, invadindo os domínios da Paraiba, trazer a mensagem

de saudação que a Terra dos Potiguares envia ao filho de seus palmares."

Como se vê, sua linguagem se revistia das notas cantantes da Poesia. — Mas, a Religião de Cristo, escreveu Papini, não ignora nem despreza a Poesia. O Evangelho é todo êle um poema que se abre no alvor de uma pastoral, culmina na mais alta tragédia e conclui no esplendor de uma apoteose.

No discurso de paraninfo, feito no Colégio Santo Antônio em 1916, disse perorando: "Todos os dias, meus caros colegiais, se desenha diante de vossos olhos uma das mais belas paisagens da natureza: é o porto de Natal. Ali, em baixo, corre o Potengí. Nas suas aguas mansas e tranquilas, muita vez, se espelharam os vossos lábios em risos, as vossas faces em flôr. Aquelas aguas vieram do mar e para êle vão voltando. Aqui, ao pé da cidade, ao pé destes templos, elas correm serenas; mais além, transpondo a barra, se defrontam com os arrecifes que, alterosos, se levantam, como se quizessem interceptar-lhes o curso, impedir-lhes a comunicação com o mar e, na fúria doida de inimigos, os arrecifes desesperados atiram contra os céus a blasfêmia de suas espumas."

Suas férias passava-as em Ceará Mirim, aconchegado à lareira paterna, estuando de alegria, sob as bênçãos de seus pais e no convívio de bons colegas. O padre Manoel da Costa, testemunha preciosa, tantas vezes chamado a depôr, fez-me um esbôço de seus traços físicos, nestes termos: "Era de estatura reduzida, magro e de olhar vivo e penetrante. Cabelo liso e abundante, invadindo a testa pequena. Suas sobrancêlhas, escuras e espêssas, eram lateralmente cortadas por duas quedas".

Minhas senhoras e meus senhores:

Estou de pleno acôrdo com o autor de "Três Alqueires e uma Vaca" quando escreve que, neste mundo, não há vidas inúteis nem insignificantes. "Tenho como certo — diz êle — que não há vidas inúteis. A mais obscura, que ainda traga acêso e quente o mais malogrado coração, é ainda um bem

inestimável e insubstituível, único no gênero, necessário à harmonia do universo. A vida daquele homem que passa com o cêsto de legumes na cabeça, êle talvez não o saiba, é uma coisa cobiçada. A daquele que pisa o arranco do automóvel, é disputada em luta áspera entre os arcanjos".

Se, na verdade, não há vidas inúteis, qual então será a mais útil? Não será porventura a daquele que se enquadra na fórmula paulina: *Omnia omnibus?*

A do cônego Leão Fernandes correspondeu plenamente ao pensamento do grande Apóstolo, no sentido de uma generosa doação, de uma vocação que se realizou. Mas, se os talentos de seu espírito se multiplicaram cem por um, não assim os de seu corpo. Nêle, o vigor da Natureza não correspondeu à pujança da Graça. E, um dia, debruçado sobre si mesmo, sentiria aquilo que o humanissimo cantor das Ponticas revelára num gemido, lá da terra dos Tomitas:

"Jam vigor et quasso languent in corpore vires."

Como todos os mortais, percebeu e sentiu, um dia, que as suas energias físicas diminuiam. Desde seminarista, vinha assinalando os sintomas de uma moléstia que o levaria ao túmulo. Cautelas, repouso, assistência médica, nada lhe faltava. Tudo, porém, foi impotente para desfazer a trama que as Parcas teciam inexoravelmente. A luta travou-se sem tréguas, mas, com o decorrer do tempo, notou que nada lhe restava, senão submeter-se aos supremos ditames daquela lei universal que a morte impõe a todo homem que vem a êste mundo. Conformar-se com essa lei não constituia problema a um homem de fibra, a um sacerdote de tal quilate, a quem a Fé, iluminando os caminhos da vida, desvendara também as supremas compensações da morte. Como o soldado de ânimo erguido, a quem um golpe prostou em plena luta, desveste-se das armas e abandona a arena, assim também o cônego Leão teve de afastar-se do combate comum, para encetar e enfrentar outro não menos decisivo. Bem se pode imaginar em que estado de espírito houve de renunciar aos car-

gos de professôr e de diretor espiritual do Seminário da Paraíba. Em fins de 1915, a conselho de seu médico, o saudoso dr. Flávio Maroja, deixou definitivamente a Paráiba. Depois de uns dias de repouso em Pilões, retornou ao Rio Grande do Norte, e aqui iniciou uma série de viagens, numa vã busca da pérola preciosa que perdera. Deteve-se em Lages, na serra do Martins e, por último, recolheu-se à vila de Angicos, de céu puro e clima benfazejo, de gente simples e bôa. Foi ali a última tenda em que, contemplando de longe a silhueta cinzenta do Cabugí, ensaiou as primeiras notas da protofonia de sua eternidade.

Foi nesse transe de sua vida que êle confirmou com o exemplo aquilo que ensinára aos outros com a palavra. Foi uma lenta agonia de cinco anos, amenizada, é verdade, pele solicitude de sua mãe e de alguns colegas e, acima de tudo, pelos clarões da Fé, que lhe ensinára "não ser a pobreza, nem a doença, nem a hostilidade dos eventos, nem as decepções do coração, nem a morte, o que constitui a maior miséria do homem, e sim a ignorância de ter nascido hoje para desaparecer amanhã".

Depõe, mais uma vez, o prezado padre Costa: — "Sentindo-se atacado de terrível mal, que o arrebatou à amizade de quantos o conheciam, procurou, a conselho médico, o clima de Angicos. Progredindo o mal, proibiram-no de falar. Escrevia, quando necessário, com uma paciência de encantar. Traziam de longe os enfermos, que êle ouvia de confissão ao pé do leito. Ninguém surpreendeu jamais, um gesto de impaciência no seu semblante, eternamente sereno e levemente risonho.

Os angicanos, que tiveram a felicidade de acompanhar de perto aquelas sublimes lições de carinho para com o próximo, de ânimo diante da morte inevitável, guardam dêle imorredoura lembrança e um culto de profundo respeito. O valioso depoimento do ilustre diretor do Ginásio Seridoense em nada destôa daquele outro que Aluizio Alves registou em seu livro "Angicos", que é na verdade, um

éco fiel dos comentários de "A Imprensa", orgão católico da Paraíba, quando noticiou sua morte. Foi assim, nos últimos lampejos de sua vida, que o cônego Leão Fernandes procurou estabelecer de modo eloquente, a equação entre a palavra e o exemplo.

E o povo, que acredita muito mais com os olhos que com os ouvidos, fez-lhe justiça e continúa a fazer-lhe.

Certo cidadão, residente na vila de Pendências, contou a um jovem padre desta diocese que, estando o cônego Leão já muito doente, resolveu visitá-lo, um dia. Tinha um filho para batizar e desejava, além disso, tratar do caso. Pressentia a recusa do sacerdote em aceitar o nome que desejava impor, nome de um personagem conhecidamente anti-católico, que êle colhera em certo almanaque. Durante a visita, o cônego Leão lhe perguntou pelo filho e que nome ia dar-lhe. Revelado o nome, o cônego procurou demovê-lo, não o conseguindo, porém. O cidadão retirou-se, certo de impor o nome que escolhera. No dia do batismo, no momento de fornecer os dados ao sacristão, verificou que se esquecera do tal nome. Voltou a casa, indagou da família, mas ninguém se lembrou mais. Procurou o almanaque, folheou-o, mais nada encontrou. Retornou à igreja, e consentiu que o menino recebesse o bonito nome de Tarcisio.

Veio o ano de 1920. Escreveu, nessa época, o seu testamento, obra digna de ser lida e meditada, admirada sob qualquer aspecto. Eis alguns tópicos desse documento: — "À igreja matriz de Pau dos Ferros, minha terra natal, légo o missal de minha primeira missa. O meu anel de cônego quero que seja vendido e se aplique o seu produto em missas pelos meus antigos alunos e dirigidos. Não tenho inimigos; mas a todos quantos de qualquer modo, haja eu molestado, ofendido ou desedificado, peço por amôr de Deus me perdôem".

A ninguém negava assistência espiritual, apesar de tudo indicar que o fio de sua vida estava prestes

a romper-se. E foi na tarde calida de 13 de setembro de 1920, numa segunda feira, como numa segunda feira nascera, na pacata vila de S. José dos Angicos, terra que as plantas apostólicas de um outro sacerdote, o saudoso vigário Felix Alves de Souza, havia tornado acessível aos caminhos de Deus, — foi nesse dia, há 29 anos justamente, que o anjo da Morte, ruflando suas asas serenas, veio recolher o último suspiro de Leão Fernandes de Maria. A seu lado, velava outro anjo, o seu anjo de todas as horas: sua mãe. Apagava-se, assim, para o mundo o cirio eleito que a mão de Deus acendera. No cemitério local, dormem até hoje o último sono seus restos mortais, irmanados às cinzas do padre Agnelo Fernandes, outra figura do Clero potiguar, digna de estudo e de culto.

Eis, minhas senhoras e meus senhores, a mensagem humana de meu ilustre Patrono nesta Academia de Letras. Eu vo-la entrego e confio, neste momento, que haveis de guardá-la com carinho e veneração. Dele não se disse tudo, mas creio que um depoimento de Papini, acerca de eclesiásticos, aplicado ao cônego Leão Fernandes, poderia suprir todas as deficiências de meu modesto trabalho. "Lembro-me de ter encontrado, diz êle, no meu longo caminho, jovens sacerdotes nos quais a vontade de servir a Cristo transparecia numa palidez de amôr: chama viva por detrás do alabastro de uma lâmpada, sacerdotes que se consumiam em Deus, como a vela anônima do pobre se consome brilhante diante do Santíssimo".

Minhas senhoras e meus senhores:

O cônego Leão Fernandes foi tudo isso. Sua vida tem para mim a sonoridade de um solene acorde de orgão, cujas ondulações, ampliadas no Tempo, vibram e chegam até nós na evocação e na saudade desta noite.

* * *

A segunda mensagem que me resta fixar, nesta noite, minhas senhoras e meus senhores, é a daquele

outro vulto de padre, de mestre e de sábio que todos vós conhecestes, como eu. Tentá-lo-ia, na verdade, não fôra a mão poderosa da veneração e do respeito, que me detém.

Com efeito, não me atreveria jamais a impingir-vos um retrato completo do cônego Luís Monte, sem possuir o dom relativo de fixação e de fidelidade intelectual. Não o farei, pois, movido menos por um sentimento de evasiva, que dum pleno e formal acatamento aos imperativos do Tempo que, apesar de tudo, nem sempre é capaz de amortecer de uma vez as luzes de nossos olhos e de estancar as fontes de nossa imaginação.

A figura física e moral do cônego Monte, a sua ação de presença e de inteligência entre nós, ainda está muito viva e quente para ser exumada por quem quer que seja. Melhor seria que, por enquanto, ficasse guardada na terra virgem de nossa dôr, dessa dôr que ainda nos fere em cheio e que jamais se compensará em torneio de palavras.

Por assim pensar e por desejar manter-me coerente com êsse meu pensamento, é que me dispús a trazer-vos, nesta noite, não a fixação daquilo que o cônego Monte foi e fez entre nós, mas tão somente a nota reduzida de uma ligeira evocação. Desde sua morte, muitos têm sido os que, aqui e alhures, hão tentado desdobrar o tapete de sua personalidade, mas, nada, absolutamente nada, é mistér confessar, nos tem falado mais alto que a imagem viva que nossa saudade guarda.

Assim sendo, não seria eu quem tentasse discerrar a cortina, para apresentar à vossa memória saturada o lembrête fiel da figura exponencial que os nossos olhos viram e nossos ouvidos sentiram.

Minhas senhoras e meus senhores:

E' muito mais fácil medir as distâncias, que as alturas. Admiramos o lençol espraiado das planícies, mas respeitamos o perfil gigantesco das montanhas. O cônego Monte foi uma e outra coisa. Abriu-se a todos nós como uma planície acessível, mas, doutro lado, surgiu qual cimo majestoso e

altaneiro. Homem de Deus e homem dos livros, imprimiu no sentido de sua vida o duplo traço vertical e horizontal, próprio daqueles que, na expressão famosa de Horácio, tocam a terra com as plantas e ferem o céu com a cabeça.

Cônego Monte caminhou no meio de nós como o irmão e o amigo, no terreno comum que a Caridade e a Bondade nivelam aos mortais, sem nunca pretender as culminâncias do primeiro lugar.

As fulgurações de seu espírito jamais repeliram o contacto da modéstia evangélica. Foi, entre nós, uma grande lâmpada acêsa, brilhando e guiando, fiel, porém, e muito fiel, ao óleo humilde que se escondia nos reconditos da almotolia.

Nós, que o conhecemos tão de perto, que sentimos tão vivo o contacto de sua presença, nunca poderemos esquecer a linha reta a que se quís impor. Essa linha foi a da dignidade, da graça e do gênio, da simplicidade e da cultura.

Pio XI escreveu numa de suas Enciclicas que é de sacerdotes sadiamente modernos que o mundo está precisando, de sacerdotes que lancem no organismo vivo da Igreja e da sociedade jatos novos de luz e de sangue. O nosso cônego Monte foi um desses. Sadiamente moderno. Não foi um retogrado, nem um misantropo. Voltado para os mistérios do Céu, como para as maravilhas da Terra, penetrou, amou e cultivou as supremas belezas que a Fé e a Ciência lhe discerraram, fazendo-as funcionar num sentido ontológico de Eternidade.

Mas, a sua vida não foi só extensão. Não foi a areia da planície a guardadôra única de suas pegadas. Êle foi, acima de tudo, profundidade e, como tal, subiu e subiu muito. Nêle realizou-se harmoniosamente o feliz conubio da Ciência e da Fé, agindo num mesmo plano de ação e contemplação. Nêsse plano, objetivou seu ministério, sendo sal e sendo luz. Como luz, o cônego Monte ergueu-se qual enorme luzeiro no meio de todos nós, não o luzeiro imóvel e mortiço, postado no ápice da montanha, nem tão

pouco escondido sob o alqueire, mas vivo, e ardente, levado por toda parte, esclarecendo e iluminando.

Não lhe foi odioso estabelecer a equação entre a Fé e a Ciência. Conseguiu-o, crendo e pensando, sendo padre e sendo sábio, acreditando no Evangelho e acreditando na Técnica, servindo a um e a outro, pregando como padre e iluminando como mestre. Incursionou vitoriosamente por êsses reinos e não encontrou, como tantos dizem ter encontrado, aquele véu de incompatibilidade...

Nêle, a Fé buscou o intelecto, e êste, estupendo de vida, abriu-se aos eflúvios da Ciência e da Graça, revelados num rastro brilhante a denunciar o sábio, o gênio e o apóstolo.

Que estas minhas palavras não tenham outro sentido, que o de uma evocação rápida daquele que me precedeu nesta Casa; daquele que foi o filho exemplar, o sacerdote ilibado, o colega de todas as horas, o professor estimado, o polemista temido, o orador fluente, o jornalista, o matemático, o naturalista, o humanista, o escravo dos livros e do silêncio, o amigo da Luz e da Verdade, dessa Luz que êle buscou com avidez insatisfeita e que fixou como objetivo supremo de beleza e de idealismo no lema desta Academia, riscado por êle mesmo: AD LVCEM VERSVS.

Minhas senhoras e meus senhores:

Que os vultos assinalados do cônego Leão Fernandes e do cônego Luís Monte, eternizados já na memória e no coração de um Pôvo cristão, sempre prontos a semear de bênçãos e de luz os rastros de seus apóstolos, se eternizem também neste Panteon das Letras Potiguares, como duas estrêlas irmãs e inseparáveis, a alumiar os céus de nossos destinos e a fixar, entre nós, o eterno Primado do Espírito, que nunca envelhece nem morre.

* — Discurso de posse, na Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 13 de Setembro de 1949.

Saudação a Oto Guerra *

HELIO GALVÃO

Para vos trazer a saudação da Academia, sr. Oto Guerra, tenho dúvida se outro não o poderia fazer melhor. Do que não duvido, é que a simpatia humana que nos aproxima, fundamentada na identidade dos fins a que objetivamos nas atividades intelectuais, deixa-me em bôa posição para êsse mister, tanto mais agradável para mim quanto representais no nosso grêmio um valôr autêntico e inconfundível.

Aqui entrais com credenciais legítimas e incontestadas. *Doublé* de jornalista e ensaista, professor e conferencista, sois entre nós o mais autorizado conhecedor da doutrina social da Igreja, versado no trato das enciclicas papais, dos grandes documentos pontifícios que encerram a solução dos graves problemas que angustiam os homens. E da vossa cátedra de *A Ordem* pregais todos os dias, com insistência de apóstolo, essa doutrina viva, assimilada nas suas nuanças e postas ao alcance da inteligência comum. E' cêdo ainda para julgamento da vossa obra, mas quando houver perspectiva no tempo, e se fizer a história do jornalismo dos nossos dias, o lugar que vos será atribuido será o de realizador do jornalismo doutrinário.

Detentor de sólida cultura humanística, não vos refugiais no quadrilátero silencioso do gabinête, trancado e impermeável às solicitações do ambiente. E' que possuís o sentido cristão dos tempos, sedentos de apostolicidade, carentes de vocações missionárias, e para nós católicos a cultura não é adquiri-

da para uso próprio, egoista e individual, mas para instrumento de apostolado, para ensino e esclarecimento das multidões.

Se eu devesse porém escolher uma característica de vossa individualidade para assinalar a posição que ocupais no panorama da cultura riograndense, eu vos saudaria como homem de fé. Porque é a essa luz, á incidência dos seus raios, que podemos compreender e explicar o sentido de vossa atuação multiforme e vária. Está aí porque, reagindo às ressonâncias emotivas desta noite, a Academia reune para vossa recepção oficial, consagradoramente, o que Natal tem de melhor na representação de sua inteligência.

Meus senhores:

Ao estudar a obra do acadêmico Oto Guerra temos que nos demorar no exame das influências recebidas. Do menino enfezado que estreiou em Moçoró o emprêgo de injeções anti-crúp ao jornalista doutrinário de hoje; do estudante de humanidades ao advogado militante, passando pelo estudante de direito, pelo promotor público e pelo consultor jurídico do Departamento de Assistência aos Municípios; do professor ao lider católico e conferencista, cujo auditório se estende do Ceará ao Rio Grande do Sul — há um intinerário em tangentes, caminhos abertos a golpes de foice teimosa no mato enrascado do terra-a-terra provinciano, sob os impulsos do esforço próprio, da tenacidade pessoal, da vontade persistente e obstinada.

Teriamos que assinalar, andando por êsses caminhos, em primeira mão a influência materna, alimentando acêsa a labareda da fé, pela prática quotidiana e compulsória das nossas devoções tradicionais. Devoções intensificadas nas estadias periódicas no solar sertanejo dos avós maternos, e recordadas sempre com mais acentuada adesão interior. O nome de dona Maria Gurgel de Brito Guerra viria portanto em primeiro logar. Essa influência onipo-

tente das mães, qual de nós não a terá experimentado, mais viva ou menos predominante, em gráu maior ou menor, conforme as condições de receptividade de cada um? Vêzes até, nem nos apercebemos do depósito que nos ficou, quando sentimos irromper, de dentro do mais íntimo de nós, lá do mais escondido recanto do nosso mundo interior, a reminiscência do ensino materno, guardado desde os dias mais longes da infância.

Não seria despropositado intercalar aqui, no cômputo dessas influências, ou no ról dêsses educadores, o nome do prof. Ulisses de Góis, primeiro catequista de Oto Guerra, e hoje seu companheiro de laicato católico.

Aos professores Aprigio Câmara e Luís da Câmara Cascudo o acadêmico Oto Guerra é proclamadamente grato, pelas profundas repercussões de suas lições, pelas amplas perspectivas que souberam abrir à inteligência do estudante, na utilização de processos pessoais de ensino e pesquisa. Professor primário o primeiro, no Grupo Escolar Augusto Severo, onde Oto Guerra fez seu aprendizado inicial. Em torno do segundo há o depoimento pessoal:

> "Era, sem dúvida, um professor completo. Abria novos horizontes à mente dos alunos. Ensinava a pensar, a investigar, a procurar as razões primeiras dos fatos, a enquadrá-los dentro do mundo, não aparecendo todos aquêles sucessos, que os compêndios narravam, como acontecimentos à parte na história dos povos.
>
> . . . . . .
>
> Não adotava compêndios, não limitava terrenos. O campo era vasto, livre o aluno. Nenhum daquela turma póde negar o quanto deve a Câmara Cascudo, senhor absoluto da matéria, mas que ensinava como se aquilo tudo fluisse muito natural e fôsse

> muito fácil de se aprender. E sobretudo, que, realizando o grande ideal do mestre, sabia estimular o trabalho do aluno, despertar o gosto pela iniciativa" (1).

Da Faculdade de Direito do Recife não trouxe o acadêmico Oto Guerra influências notáveis. Encontrara a tradição de Afonso Bezerra, com a seta indicativa da direção a seguir. Fôram alí seus professores Joaquim Pimenta, Virginio Marques Carneiro Leão e Hercilio de Souza, materialistas impenitentes, respeitoso um, irreverente outro, enquanto que os dois grandes mestres cristãos daquele estabelecimento, Andrade Bezerra e Barreto Campêlo, não tomaram parte no seu curso jurídico. Aquêles professores entretanto, não tiveram nenhuma influência positiva, encontrando no moço estudante uma formação sedimentada no curso secundário, capaz de resistir aos impactos da descrença e do ceticismo. Momento até lhe ocorreram em que a verdade teve de ser reposta no seu lugar, quando em classe foi feita a afirmação de que a teoria do direito divino dos reis era criação da Igrêja Católica. Cumpre não esquecer, já que falamos em Afonso Bezerra, o jesuita Antônio Ciríaco Fernandes, que atravez da gloriosa Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica era muralha de resistência e de combate junto aos estudantes da velha Faculdade. Essa fase assinala para Oto Guerra uma intensidade de leituras variadas e raras, estimuladas pela frequência à biblioteca que o Padre Fernandes organizara para os moços. Já foi posta em relêvo, por quem tinha autoridade para fazê-lo, a obra gigantesca dêsse sacerdote:

> "Era bem de ver a raiva mal contida com que os inimigos da Igreja acompanhavam o apostolado do jesuita, mentor da mocidade acadêmica pernambucana. Esta, de ano para ano, apresentava uma elevação moral de alma e uma capacidade luminosa de inteligência, que não raro mereciam rasgados encômios dos professores..." (2).

Mas dessas influências nenhuma vincou mais profundamente, nenhuma foi mais decisiva, nenhuma continúa mais viva e mais presente, que a do seu progenitor, o des. Felipe Guerra. Influência que eu preferiria chamar de *cultural* em vez de *literária*. Cultural no rico sentido sociológico da palavra. Influência, de resto, que até chegou, marcando-lhe a individualidade, a pôr em relevo as inevitáveis divergências teóricas entre quem recebera lições de Tobias Barreto e quem frequentava o Padre Fernandes.

Do patrono da cadeira ao seu titular, haveria um vasio inexplicável, nêsse encadeiamento de interesse pela provincia, não fôsse a presença do des. Felipe Guerra. E é em virtude dessas predileções que o problema das sêcas representa para o acadêmico Oto Guerra uma espécie de bem de família, gravado com clausula de inalienabilidade. Poderiamos até falar num *apostolado de açudes,* reportando-nos á iniciativa do Barão do Açu com relação ao açude Corôas, aos trabalhos do des. Felipe Guerra e do acadêmico Oto Guerra. Livros como *Sêcas contra a Sêca* e *A Sêca de 1915,* documentam a dedicação continuada e persistente aos problemas regionais. *Ainda o Nordeste* é o rebate defensivo do guerreiro valente contra o ataque insólito do recruta inábil, contra as deformações da fisionomia nordestina por engenheiro do sul, revelando no desenvolvimento da pugna o ardor do combatente, amoroso da sua causa.

Elegendo para seu patrono o próprio avô, o acadêmico Oto Guerra permanece na fidelidade a um dos seus temas prediletos, a êsse espírito de continuidade familiar, que se traduz no apêgo e no carinho da terra, no zêlo e no estudo dos seus problemas. Fidelidade que se traduz também na tradição de prolificidade, que em três gerações sucessivas produziu trinta e cinco filhos: vinte e quatro do Barão do Açu, onze do des. Felipe Guerra e dez na série ainda não fechada do acadêmico Oto Guerra.

E a família tem sido, na sua pureza institucional, na integração do seu papel social, na reposição aos quadros tradicionais, uma constante nos estudos do nosso ilustre confrade. Bastaria recordar a êsse propósito o seu projetado livro sôbre *A Crise da Família,* seus ensaios publicados e suas conferências eruditas como *Aspectos Juridicos da Crise* da *Família* (3) ou *Notas sôbre a Família no Direito Civil e no Direito Social* (4).

Dentro dessa orientação, cumpriria tentar o enquadramento dos estudos do acadêmico Oto Guerra num plano de sistematização. Poderiamos então esquematizá-los em três sentidos: a) Sociologia Rural; b) Serviço Social; c) Doutrina Social Católica. Na área dêsse triângulo isósceles desenvolve o acadêmico Oto Guerra suas atividades culturais.

Morador da cidade, pelos impositivos de uma política secularmente errada, Oto Guerra é um sociólogo rural, amando a terra e o campo, conhecendo e debatendo-lhe os problemas de base. Poder-se-ia até arriscar que a residência urbana fornece-lhe os dados melhores em que colocar a matéria, á luz de uma experiência vivida. Seus estudos nêsse particular partem do ponto em que ficou o des. Felipe Guerra, e se desenvolvem no mesmo sentido, apenas ajustados ás mais recentes conquistas da Sociologia na sistemática do seu campo de ação. Não só isso, mais as observações da infância e da adolescência, passadas no Brejo do Apodí, e o aproveitamento da vilegiaturas periódicas no interior, valem como proveitosos cursos intensivos de ruralismo, no contacto pessoal e imediato com o homem e o meio. E' daí que deriva para as preferências municipalistas, setor onde detém irrecusável autoridade, tanto que ocupa sem concorrência possível, por quase dois lustros, o cargo de consultor jurídico do Departamento de Assistência aos Municípios. E' de ser posta em relevo sua colaboração aos problemas juridicos dos municípios riograndenses, nêsse ajustamento da vida municipal á moldura da organização constitucional em que recentemente ingressamos. (5)

O Serviço Social, que se não confunde com a Sociologia, nem nos fins a que demandam, nem nos meios de que se utilizam, apesar da identidade do objetivo final que é o homem (e vale aqui recordar a lição magistral do prof. Donald Pierson) constitui para Oto Guerra um tema de palpitante predileção, como complemento necessário e indispensável aos seus estudos em torno da instituição familiar. E Tristão de Ataíde lembrava há pouco, aos participantes do Congresso Sul Americano de Serviço Social, que faz-se preciso colocar o Serviço Social da Família, desde que êle existe antes e acima de tudo, para servir á Família(5). Não o vê de outro modo o acadêmico Oto Guerra, e quantos lhe conhecemos a atividade pedagógica, na cátedra de professor, no debate das conferências públicas ou na exposição jornalística, sabemos que elas se concentram ao redor dêsse ideial, consistente em "abrir as janelas da família", ainda para utilizar uma feliz expressão de Tristão de Ataíde.

A Doutrina Social Católica encontra em Oto Guerra um estudioso apaixonado, em dia com seus documentos fundamentais e com seus comentadores mais autorizados, nacionais e estrangeiros. No nosso meio ninguém lhe leva vantagem na exposição e no debate dêsses temas transcedentes, seguro na orientação e no encaminhamento das soluções locais á luz de dados universais. Deve ser aqui lembrada sua notável conferência no Congresso Eucarístico de Porto Alegre versando *"A Eucaristia e a Ordem* na *Vida da Pessôa Humana* (7).

Consultor jurídico, pela assistência gratuita, de quantas associações católicas existem, de todas as paróquias, de todos os colégios, de todos os padres e de todas as freiras, desdobra-se incansável e multiplicado em setores os mais variados da vida religiosa do Estado.

Por tudo isso, é que a Academia o recebe com ufania e orgulho, e o saúda com efusão e respeito, como um dos seus mais ilustres membros.

Sr. Oto Guerra:

Trouxestes para a nossa evocação a figura de um magistrado do Império, emoldurado na arte da vossa palavra, pelo carinho comovido do descendente. Sois feliz com poder ressuscitar, num reavivamento de côres, o retrato do vosso avô, para conhecimento dos que o não conheciam. E o fizestes com felicidade e raro senso de proporção, mergulhando as fontes mais claras do seu passado, ali onde o homem se revela como de fato é, na intimidade dos documentos de família, nas notas particulares, nas anotações de cada dia.

Tem notado Gilberto Freire, por mais de uma vêz e em mais de um livro, o valor dos documentos familiares como instrumento de interpretação sociológica. E êle próprio tem sido entre nós o precursor dos estudos firmados nessa documentação. O arquivo do Conselheiro Brito Guerra, que o carinho não deixou extraviar-se, esteve ao vosso alcance para o brinde que acabais de fazer à Academia. E ela o recebe com agrado, inserindo-o nos seus anais como um dos seus documentos mais altos. Atravez dos provimentos deixados a juizes e serventuários de justiça, no cuidado dos órfãos e das viuvas, o Conselheiro Brito Guerra exerceu de fato a magistratura, magistratura naquêle nobre sentido primitivo, do que julga e do que ensina.

Recompondo a fisionomia de um juiz do Império, nêsse Império tão rico em homens que fazem hoje o motivo da nossa admiração e a esperança de regeneração dos nossos costumes políticos, oferecestes-nos oportunidade de meditação necessária, nêsses tempos de desvalorização dos juizes.

E não seria a minha voz que se calasse, se a Academia me manda falar. Se não houve brilho, houve o calor da simpatia de irmãos que se abraçam.

Sêde, por tudo, muito bemvindo, sr. Oto Guerra.

NOTAS:

(1) *Extr. da Coletânea de depoimentos sobre Luís da Câmara Cascudo, pg. 10.*

(2) *Pe. J.H. Foulquier, s.j.* in *Tradição", n. 1, Petrópolis, julho, 1947.*

(3) *Conferência na Escola de Seviço Social, julho de 1949 (publicada no Boletim da L.B.A. Secção do Rio G. Norte, julho, 1949).*

(4) *Conferência pronunciada na série promovida pelo Tribunal de Justiça em comemoração do seu cinquentenário e inserta na publicação respectiva.*

(5) A Constituição Federal e a Discriminação das Rendas *(conferência no Tribunal de Justiça, publicada no Diário Oficial, 12-10-947).* . . . . .

(6) *Tristão de Ataíde,* O Serviço Social e a Família, *"Diário de Notícias", Rio, 10-7-1949*

(7) *Publicada* no Jornal do Dia, *Porto Alegre, 4-11-1948.*

---

* Discurso de recepção a Oto Guerra, no dia 27 de Setembro de 1949, por casião de sua posse, na Academia Norte-Riograndense de Letras.

Luis Gonzaga de Brito Guerra *

OTTO DE BRITO GUERRA

Quando paramos diante da figura circunspecta do Conselheiro do Império e barão do Açu, Ministro Luís Gonzaga de Brito Guerra, logo sentimos, nesse homem réto e sereno, um autêntico exemplar do magistrado e do homem de bem.

E ao estudar-lhe a vida, longa e afanosa, ressalta, como dado igualmente simpático, um amôr acendrado ao Rio Grande do Norte, em particular ao sertão, quaisquer que tenham sido as distâncias a que chegou, geográficas ou culturais.

São fatos e referências que lhe pontilham as atitudes, as cartas de família, o diário íntimo ainda hoje conservado, constituindo a mais irrefutável prova documental.

Nem era para menos. Êle trazia no sangue, tanto do lado paterno, quanto materno, gerações sucessivas de colonizadores pastorís, desses que nos deram a famosa "idade do couro", estudada magnificamente por Capistrano de Abreu. Gente rija e vontadosa, que não se deixára ficar, como caranguejos, arranhando as praias, na expressão viva de frei Vicente do Salvador, porém se atirára no sertão escaldante no Nordeste, ao compasso moroso das boiadas. E então se espraiára, lançando raizes profundas, pelas ribeiras do Piancó, do Espinharas, do Piranhas-Açu, do Upanema, do Apodí-Moçoró, do

Jaguaribe, plantando as futuras cidades, nosso encanto e glória de hoje.

A maioria se trancava para sempre, na lida rude das plantações e da gadaría, só aparecendo na rua para os grandes dias de festa da Igreja, enquanto outros raros, ainda mantinham espaçada ligação com os centros maiores, por meio das feiras de gado e dos comboios de abastecimento.

Estabelecer a árvore genealógica de Luís Gonzaga de Brito Guerra, por suas linhagens avoengas — e no seu caso é possível remontar até o português colonizador, pelas notas que se transmitem, de pai a filho — equivaleria traçar página emocionante da própria história do nosso povoamento.

Fiquemos, no entanto, com os ascendentes mais próximos, indispensáveis á fixação de certos pontos.

* * *

O coronel de milícias Caetano Dantas Corrêia, seu bisavô materno, viera ao mundo em 1710, na cidade de Paraíba do Norte. Aos 17 anos, já orfão de pai e mãe, subiu para os sertões do Piranhas, na companhia dum irmão mais velho, de nome Antônio Dantas Corrêia, de quem ficaria sendo vaqueiro, por longos 25 anos.

Quando reuniu um certo recurso próprio, deixou o irmão e veio fixar-se nos sertões do Seridó. Pouco depois, aos quarenta e três (43) anos de idade, casava com Joséfa de Araújo Pereira, moça de 16 anos apenas, filha do português Tomaz de Araújo Pereira e de Maria da Conceição Mendonça, natural da Bahia, esta última filha de Cosme Soares de Brito e Madalena de Castro.

Dêsse consórcio, nasceram 19 filhos, criando-se 17, "nos dogmas da religião católica e regras de bem viver", como depõe um dos filhos do casal, em crônica de 1845, ainda hoje conservada na família.

Êsse filho cronista é Manoel Antônio Dantas Correia, nascido na era de 1769, na fazenda "Cajueiro" (Acarí), que se casaria, em 1790, com Maria Jo-

sé de Medeiros, da família dos fundadores de Santa Luzia do Sabugí (Paraiba), cuja mãe, de igual nome deixaria, em 1840, ao falecer, 13 filhos, 166 netos, 378 bisnetos e 46 ternetos.

Uma filha dêsse casal, Maria Madalena de Medeiros, nascida em 1795, casou, por sua vez, no ano de 1814, na fazenda Picos, Acarí, com o capitão Simão Gomes de Brito, residente no Campo Grande, e que era filho do paraibano Manoel da Anunciação Lira, negociante de gado e de Ana Filgueira de Jesus, ainda sua parenta.

Ficou êsse casal morando na fazenda "Corôas", em Santana do Campo Grande, hoje Augusto Severo, havendo nove (9) filhos. Seis deles se criaram, inclusive Luís Gonzaga de Brito Guerra, o futuro magistrado, nascido aos 27 de setembro de 1818, no mesmo ano em que o Rio Grande do Norte passava a ter a sua independência judiciária, constituindo-se em Comarca única, com séde em Natal (Alvará de 18 de março de 1818).

Como se faria, naqueles tempos recuados, a educação dos filhos dêsse casal? Não existia ensino primário oficial, instituido mais tarde, por lei de 15 de outubro de 1827, ano em que falecia, a 30 de agosto, o chefe da família, Simão Gomes de Brito, vítima de antigas maleitas, apanhadas em Pedra de Fôgo, zona de feiras, que frequentava em seus negócios de gado.

Professores de ensino particular, mesmo primário, eram rarissimos, como depõe Rocha Pombo. No entanto, foi contratado o "mestre" Manoel José da Paz, que ficaria na fazenda, a "desasnar" a meninada. Dali, o pequeno Luís Gonzaga seria mandado para a escola de "mestre" Onofre, no Caicó. Depois, iria completar os estudos primários no Acarí, com o próprio avô materno, Manoel Dantas Corrêia, "homem de mansidão proverbial, modelo de esposo e de pai, iletrado instruido e cidadão virtuoso", na expressão do próprio neto.

Mas há um personagem que por anos seguidos vai se tornar o seu nume tutelar e segundo pai. E' o

tio paterno, padre Francisco de Brito Guerra, cura e depois vigário do Caicó, desde 1802. E' uma figura curiosa, de quem o nosso confrade Câmara Cascudo já traçou magnífico perfil. Êsse padre merece um livro.

Foi êle o defensor incansável de nossa integridade territorial .Como também o fundador da imprensa periódica em nossa terra e um dos primeiros batalhadores em prol da açudagem. "O Rio Grande do Norte será feliz no dia em que suas aguas não correrem para o mar", disse certa vez. Ainda o único senador pelo Rio Grande do Norte, em todo o Império, de fato filho deste sólo. Gozava da mais absoluta confiança de Feijó, mesmo quando êste se encontrou todo poderoso. Ia com frequência á Côrte, discursava em defêsa dos nossos interesses, aproveitava férias parlamentares para viajar pelo sul, indo a São Paulo e até Santa Catarina.

Nasceu o padre Guerra a 18 de abril de 1777. Ordenou-se no Seminário de Olinda, em curso por demais rápido. O estabelecimento fundou-se em 1798, inaugurando-se a 22 de fevereiro de 1800 pelo bispo Azeredo Coutinho. Em 1802, Francisco de Brito Guerra já era padre...

O Seminário de Olinda constituia, ao que se diz, um dos fócos do liberalismo, mais do que isso, uma sementeira do revolucionarismo europeu, um prolongamento da Universidade de Coimbra, um dos quartéis generais das revoluções pernambucanas. Mas Brito Guerra não figura nas listas de 1817, nem nas de 1824, que são cheias de batinas. Por que?

Foi êsse vigário do Caicó, mais tarde visitador do Bispado de Pernambuco, primeiro presidente da Assembléia Legislativa Estadual, deputado e senador do Império, quem tomou o encargo de educar o sobrinho, como, aliás, a outros rapazes, até mesmo do Ceará e da Paraiba.

Para êsse fim, instituiu um Colégio, cuja projeção cultural Câmara Cascudo analisa:

"A escola do padre Guerra foi o núcleo

> irradiante da sabedoria sertaneja, em toda a região do Seridó. De longes terras vinham rapazes em procura do padre, que ensinava gratuitamente e hospedava os alunos pobres. A pequenez do instituto não diminui a projeção fantástica, como elemento precípuo na formação mental de muitas gerações".

Eis a base da formação humanística do futuro juiz, desembargador e ministro do Supremo Tribunal, cujas sentenças e escritos outros denotam cultura equilibrada, seguro dominio do latim, trato constante com os livros.

Dêste seu gosto pelos estudos, aliás, há um depoimento seu. Já aposentado, mudou-se com a família, da Côrte para o sertão do Estado, chegando a Moçoró em começos de 1889. Para o fim do ano se instalara em Caraubas, até o fim da vida. Já muito perseguido pelas doenças da velhice e por causa das viagens e arrumações, fôra adiando o desencaixotamento dos livros que trouxera, desde o Rio. Mêses depois, em Caraubas, fez abrir os caixotes e verificou já estarem muitos volumes estragados pelo cupim, alguns nada mais valendo. E então escreve no diário, a 15 de outubro de 1889, esta frase melancólica:

> "Quem diria que algum dia, com meus livros, sucederia isso! Quando eu, diariamente, outrora, os manuseava! Tudo passa neste mundo..."

Mas, voltando à escola do pe. Guerra, temos que reconhecer nela, depois do seu lar, a grande plasmadora de seu caráter. Tanto mais quanto era uma escola, segundo depoimento do des. Felipe Guerra, onde "os alunos viviam em família, preparando-se para a vida, não se limitando a ingerir regras teóricas, alheiados da vida prática. Zelavam a Igreja, auxiliavam nos ofícios divinos, cuidavam de gados e da pe-

quena lavoura nos arredores da cidade, compravam nas feiras".

* * *

Em 1834, numa de suas viagens, tão frequentes, o já então visitador do Bispado de Pernambuco e deputado levaria o sobrinho para a velha Olinda, a concluir os estudos secundários. Pensavam, na família, fazê-lo sacerdote. Entretanto, o tio padre sugeriu a Faculdade de Direito, recém- fundada. Ela começara a funcionar em 1828, no mosteiro de S. Bento. E assim, o jovem Luís Gonzaga concluia os preparatórios naquele mesmo ano de 1834, matriculando-se na escola de Direito, logo no ano seguinte.

Seria o tio quem lhe garantiria a mesada, em média vinte e cinco mil reis, mensais, subindo qualquer coisa no ano de formatura. Ainda hoje existem os seus livros, com a anotação da receita e despesa, ano por ano, hábito que conservaria até o final da vida. Agora mesmo os tivemos em mãos. E foi-nos possivel saber que nos seis anos de estudos em Olinda, êle dispendeu um total de 2.881$820 (dois contos, oitocentos e oitenta e um mil oitocentos e vinte reis), quasi tudo auxíilio do tio padre, afóra pequenos donativos do dr. Pinagé, seu tio e cunhado, e o apurado de uma ou outra escassa rez, no sertão, de que a família se encarregaria.

* * *

Como eram os cursos jurídicos naqueles anos recuados?

Joaquim Nabuco, no seu livro "Um Estadista do Império", alude à sua feição pouco científica, por demais prática, nos primeiros tempos:

> "...Aprendiam-se as Ordenações, regras e definições de Direito Romano, o Código de Napoleão, a praxe, princípios de filosofia do direito, por último as teorias

constitucionais de Benjamin Constant, tudo sob a inspiração geral de Benthan".

Mas Odilon Nestor não estranha o fato e pelo contrário salienta que a geração de Olinda, "nos primeiros anos do curso deu para a vida prática muito maior número de homens notáveis, que aquele que fez mais tarde, no país, uma revolução nas ideias e no pensamento. Assim, os teóricos, os revolucionários, os idealistas, aparecem depois". (Odilon Nestor — "A Faculdade de Direito do Recife").

De todo o exposto, parece bem certo que o bacharel Luís Gonzaga, já por sua formação ancestral, já pela orientação inicial do ensino na Faculdade, um tanto afastada dos princípios de Coimbra, não se deixou contaminar por aquele mal que Gilberto Freire intitulou de "fuga da realidade", para caracterizar tantos de nossos bachareis, saidos das faculdades do país, mas portadores duma "erudição abstrata" (Gilberto Amado.) Mal cuja consequência é torná-los, tanto no Império quanto na República, autênticos "homens marginais", para repetir a expressão de Oliveira Viana, que vai situá-los entre duas culturas, a do seu povo, que lhes forma o subconsciente, a européia ou norte americana, que lhes dá as ideias, as diretrizes do pensamento, os paradigmas constitucionais, os critérios de julgamento político.

Ao bacharel de 1839 não se podem fazer increpações semelhantes. Ele não é um marginal ou um desajustado, dentro do Brasil. Certo, que não vai ser um doutrinador, ou um publicista vigoroso, da marca de um Pimenta Bueno, um visconde de Uruguai, um Lafaiete. Será, sempre, o juiz, realista, objetivo, ciente e consciente das realidades do meio, sensato, prudente, justiceiro, cumprindo e fazendo cumprir o dever, por cima de tudo.

* * *

Devemos-lhe, com certeza, aquilo, que o desem-

bargador Felipe Guerra, o 17.º dos seus 24 filhos, já reivindicou:

> "Pode-se dizer que foi o organizador da vida jurídica e forense da zona sertanêja da Provincia, deixando-a impregnada do espírito de justiça de que era dotado, trabalhando para que os funcionários cumprissem as obrigações de seus cargos, e conforme exemplo que dava, até nas coisas mínimas."

Está conservado grande número dos provimentos que deixava, após a realização das correições. Eles são modelo de solicitude, de orientação cuidadosa, de previdentes recomendações, preciosissimas, num tempo em que, salvo aos doutos, faltavam livros, comentadores, revistas de jurisprudência, até mesmo formulários e guias, que tanto facilitam o trabalho a juizes, advogados e escrivães, nas suas sentenças, razões e atos processuais. Era preciso ensinar tudo, até minutar fórmulas e roteiros, alinhar artigos de lei, multidão de avisos ministeriais...

Para só ficarmos na matéria civel, recordemos que não havia codificação, nem do direito substantivo, que por isso mesmo se constituia de imensa teia das chamadas "leis extravagantes", embora, em direito adjetivo — mas assim mesmo só a partir de 1850, vigorasse o magnífico Regulamento 737, ano aliás fertil, pois que também nos daria o Código Comercial, ainda vigente, com as conhecidas modificações.

Adotavam-se, também as velhas Ordenações do tempo de el rei D. Felipe I, (1595) já revogadas na pátria de origem, e outras leis do reino de Portugal, promulgadas até o dia 25 de março de 1821. Com serem "pobrissimas e reclamarem copioso suplemento" — quem assim fala é o insigne Teixeira de Freitas, "faziam remissão ao próprio Direito Romano, ás glosas de Acurcio, ás opiniões de Bartolo e mais doutores, além do Direito Canônico, a chamada "lei da bôa razão", estilos e costumes.

Era preciso, portanto, que o juiz andasse bem ao par de tudo isso. Acresce que as próprias correições eram complexas, demoradas, minuciosas, começando pelo exame dos títulos dos juizes inferiores e demais ofícios de justiça, em tôda sua escala, até o porteiro dos auditórios. Cumpria ao juiz, ademais, indagar da conduta dos orgãos e serventuários da justiça, se recebiam propinas, se cobravam custas excessivas, se demoravam procesos, se os bens dos orfãos e ausentes se administravam convenientemente, se os testamentos se cumpriam, por que maneira se estavam administrando as capelas, os hospitais, as ordens terceiras, as irmandades e confrarias, qual o zelo pelos interesses da Fazenda Nacional, etc. etc., de tudo se lavrando minucioso provimento, em várias vias, tudo manuscrito.

Num dêsses provimentos, datado de 1859, no termo do Açu, adverte severamente ao juiz municipal e ao escrivão pelo atrazo dos feitos. E tem esta frase, que ainda hoje é norma para nós todos:

> "Um despacho, uma decisão, uma sentença, ainda que muito justas sejam, levam já em si uma grande quota de injustiça, pela simples demora."

São insistentes, nas suas provisões, palavras e determinações em favor dos órfãos, dos menores, das obrigações dos tutores, juizes de órfãos, etc. Diz normalmente, em todas elas, quando encontra negligência, especialmente com relação a incapazes, que de futura correição, si Deus conceder fazê-la, não deixará de punir as omissões encontradas num "ramo que deve merecer tanta solicitude, assim pelo interesse social, como pelo dever religioso". (Correição de 1855, no Termo de Apodí). Cai rijo sobre a negligência dos tutores, mostrando os males decorrentes da indolência nos pupilos adolescentes e os beneficios do trabalho, jamais perdoando a preguiça ou o desleixo de juizes e serventuários.

Assim é que, na correição realizada em Portale-

gre, no ano de 1857, ficou indignado com a desorganização encontrada no fôro e, também, as facilidades excessivas. Não teve dúvida. Multou escrivão e juiz e os ameaçou de punição disciplinar, na futura correição, chegando a prolatar, em certo inventário, um despacho em correição, nos termos que seguem:

> "Quem, como eu, tiver a tarefa de rever êste feito (que por curiosidade ninguém o fará) não achará que sou exagerado em dizer que tem êle tantos defeitos, que talvez caibam quatro defeitos a cada página, se se houverem de fazer essa divisão: defeitos na escrituração, defeitos na compaginação e organização, defeitos nas notificações e mandados, nas procurações e nos selos, defeitos nos lançamentos dos termos, na descrição dos bens e na avaliação dêles, na assistência e representação das partes, nos despachos todos do juiz preparador, nas sentenças do juiz proprietário; no fazimento, lançamento e deliberação das partilhas; na contagem e lançamento das custas; defeito até nas respostas das partes, na harmonia e concórdia que o bom senso comanda entre os que, descendendo de um tronco comum, devem compreender que estão repartindo bem adquirido por quem já não existe e cujas cinzas, pede sempre a prudência, a moralidade e a religião, que sejam respeitadas, por uma decente combinação e harmonia, entre pessôas tão ligadas pelos valiosos vínculos do sangue; defeitos, em uma palavra, até no mesmo papel, de que se compõem os Autos, por sua má qualidade e por sua variedade; é êste processo, na realidade, um complexo saliente de irregularidades, que o tornam defeituoso da primeira á última folha, podendo bem dizer-se dêle — *ubi nullus ordo, sed sempiterna confusio*

inhabitat: mais acertado fôra que o Escrivão pusesse no frontespício um autoamento, em que dissesse: — Aos tantos de tal mês e ano, autuei a coorte de irregularidades, que se seguem, e nas quais fui um colaborador principal". E passa, então, pacientemente, a instruir sobre a regularização do processo em espécie, assim como dos inventários e partilhas em geral em dez páginas repletas de citações da legislação vigente e de orientação segura em favor do direito e da bôa harmonia das partes, prevenindo-as contra os efeitos da ignorância, do erro, do desleixo, da parcialidade, do compadresco e afilhadagem. Magnífica, aquela advertência contra o abuso, que observara, de descrever-se os bens pelo "valor de preferência que cada herdeiro quer dar, o que somente serve para estimular o capricho e atiçar a discórdia entre os herdeiros e dar ao mais rico o meio seguro de ficar com os bens da herança que melhor quizer, com exclusão dos mais pobres, o que a lei não consente.".

Adiante-se, porém, que êle não regateava elogios, quando merecidos. Eis o que diz, no seu Provimento Geral de 5 de setembro de 1864:

"Se o termo de Campo Grande é, nesta Comarca, o menor, o mais novo e, talvez, o de um Fôro e Cartório menos frequentado, é, não obstante isto, o de Fôro e Cartório mais regulares, mais honestos, mais pontuais e mais observantes, que sem dúvida tenho encontrado, por ocasião das Correições que hei feito, nos diversos termos da Comarca, ainda quando abrangia a de Moçoró; contas de tutoria tomadas; as emancipações simples de orfãos procedidas; inventários regularmente organizados; bens

de evento arrematados e seu produto recolhido; escrituração do Tabelião de Notas regularmente feita; audiência dos diversos juizes também em dia; falta de prevaricação em todos os ramos, inclusive da polícia; tais são os argumentos que me autorizam a declarar que neste termo tem havido vontade de acertar, da parte do funcionalismo; e que o desejo de bôa organização tem sido uma aspiração a que se tem procurado atingir."

Apezar de tudo isso, mostra as falhas ainda existentes, escrevendo um provimento geral de 14 folhas, cheio de ensinamentos e orientações seguras.

* * *

Êsse homem tinha mesmo vocação de magistrado. Jamais a perderia.

Deve ter sido um daqueles juizes, de cujo drama nos fala Calamandrei, sentindo no decidir do primeiro ao último dia, uma consternação quasi religiosa, que o fez tremer, ao prolatar a primeira sentença, tal como o pároco, que sente, até o último dia, quando marcha para o sacrifício do altar, passo vacilante pela velhice, a mesma perturbação experimentada quando, jovem padre, cantou a sua primeira missa.

Formado em 1839, ei-lo de volta ao Campo Grande, para a companhia da velha mãe viuva. Começou advogando, no Seridó, Martins, Açu, Apodí. Da primeira causa, ao que conta seu filho, desembargador Felipe Guerra, êle recebeu um par de esporas de prata, a título de honorários. Por suas notas sabemos dos resultados dessa banca incipiente de advogado. Em 1840, primeiro ano de trabalhos forenses, percebeu um total de 213$400, em 1841 êsses honorários somariam 313$400.

1842 vai ser o ano do seu casamento com d. Ma-

ria Mafalda de Oliveira, filha do tte. cel. Antônio Francisco de Oliveira, e de d. Mafalda Gomes de Freitas, natural de Caraúbas. Celebrou o casamento o velho tio padre, o senador Francisco de Brito Guerra, a 29 de setembro, na fazenda Conceição, a êsse tempo freguezia do Apodí, hoje nas Caraúbas.

Também seria êsse ano de 1842 o de sua primeira função pública. A 21 de março fôra nomeado, interinamente, pelo presidente Manoel de Assis Mascarenhas, para o cargo de Juiz Municipal de Orfãos, dos Têrmos de Natal, S. Gonçalo e Extremoz. Não aceitou. Mas, a 16 de julho, o mesmo presidente o nomeia interinamente, para cargo idêntico, nos têrmos do Príncipe (Caicó) e Acarí, cargo que assumiria no ano seguinte, a 28 de março de 1843.

Aguardava, assim, a confirmação e nomeação Imperial efetiva. Esta, lhe chegava ás mãos, de fáto, em novembro, embora datada de 9 de setembro. Mas não vinha para o Seridó e sim para o Açu. Curiosamente, o dr. Luís Francisco da Silva, ocupante interino do têrmo do Açu, recebia a sua confirmação para o Seridó... Não parece que se tratasse de manobras da política, tanto mais quanto estavam em pleno favor dos dois candidatos. Provavelmente, algum engano lá nos Ministérios...

Já casado, o sôgro, então viuvo, lhe fez oferecimento tentador: deixar de vez o emprego público e se estabelecerem os dois com casa comercial. Formado havia pouco tempo, rapaz pobre, não tinha o bacharel recursos pecuniários, que, dêsse modo, lhe eram generosamente oferecidos pelo sôgro. No entanto, resistiu á tentação. Não devia renunciar á carreira pública judiciária, que ia encetar, declarou, nem lhe parecia prudente servir-se dos recursos do sôgro, (aliás copiosos) quando havia tantos outros herdeiros, que poderiam encher-se de ciumes.

Assim, a 9 de janeiro de 1844, tomava posse do cargo de Juiz Municipal e de Orfãos dos Têrmos do Açu, e anexos com os vencimentos de 400$000 (quatrocentos mil reis) por ano, também assumido o e-

xercício do juizado de direito, em face de estar o mesmo vago, no momento.

Quasi meio século depois, aposentado pela idade e tempo de serviço, era galardoado pelo Imperador com o título de Barão do Açu, a terra para a qual fôra nomeado sem pedir, mas onde viveria tantos e tantos anos...

Sua judicatura se passa, toda ela, na quadra imperial. Quem lhe escrevesse a biografia, poderia intitular ao trabalho, com propriedade: "Um Magistrado do Império". A' monarquia prestou, com sua toga, 44 anos, 4 mêses e 23 dias de assinalados serviços, começando como Juiz Municipal e de Orfãos no interior do Rio Grande do Norte, para terminar Ministro do Supremo Tribunal, cargo em que foi aposentado, por decreto de 10 de novembro de 1888. Era o segundo dos quatro norte-riograndenses que, até hoje, na seguinte ordem, participaram da nossa mais alta Côrte de Justiça: Tomaz Xavier Garcia de Almeida, ainda formado em Coimbra; Luís Gonzaga de Brito Guerra; Luís José de Sampaio, e, finalmente, Amaro Cavalcanti.

Seu tempo de serviço está assim distribuido: 8 anos e 4 meses como Juiz Municipal e de Orfãos de Caicó, Acarí, Açu e termos anexos; 21 anos, 8 meses e 16 dias como juiz de direito de Maioridade (hoje Martins) e do Açu; 12 anos, 10 meses e 20 dias como desembargador em Ouro Prêto (Minas) e Fortaleza; finalmente, 1 ano 7 meses e 17 dias de Ministro do Supremo Tribunal.

XXX

Temos cópia de um seu ofício, datado da Côrte, 28 de novembro de 1873 e dirigido ao Presidente e Vereadores da Câmara Municipal do Açu, comunicando suas nomeações para desembargador e presidente da Relação de Ouro Prêto, então capital de Minas Gerais, ocorridas a 6 e 7 de novembro. Era, portanto, a terminação de sua magistratura de pri-

meira instância. Fazia a comunicação oficial e acrescentava:

> "Cumpro, também, um grave e imperioso dever, despedindo-me de VV. SS., e por seu intermédio, como representantes legítimos desse importante município, dos generosos, honrados e pacíficos habitantes do mesmo".

Mais adiante, no mesmo ofício, depois de aludir a suas atividades políticas, áquele tempo comuns, naturais ao juiz, êle declara:

> "Diz-me a consciência que uma aturada perseverança e cautelosa precaução foi sempre o farol que em minha vida judiciária iluminou e resguardou as funções do magistrado, para que não fossem subordinadas, nem exercidas, em vantagem e ganho do político."

Se, entretanto, como criatura imperfeita, dera margem a queixas, indisposições ou censuras, ou se, da parte dos seus administrados, qualquer deles incorrera em falta para consigo,era o momento, á luz do divino princípio da caridade, e depois de 29 anos, quando o magistrado e os administrados se encontravam para a despedida, de cumprir, com dignidade, mas com submissão cristã, êsse grande preceito divino, pedindo perdão das faltas ou ofensas cometidas, também aceitando como desculpados e perdoados a todos aqueles que, porventura, tivessem cometido faltas e praticado ofensas contra o seu juiz. Longe, não esqueceria aquelas terras, a que devia a infância, que ontem passou, a mocidade, que hoje terminou, a velhice, que em seguida apareceu como prelúdio da eternidade, que amanhã chegará.

Êste era o seu estilo, esta a sua maneira de sêr. Mesmo os que não privavam mais intimamente, a-

panhavam, de logo, essa impressão de dignidade, de aprumo, de serenidade.

Vejamos, por exemplo, o que diz um jornal da época, o "Diário de Minas", datado de Ouro Prêto, 7 de fevereiro de 1874, ao fazer o que hoje se chamaria a reportagem da instalação soleníssima do Tribunal da Relação do Estado, a 3 de fevereiro, cuja presidência lhe coube. Seu discurso foi pronunciado de improviso e em suas notas íntimas, diz que se acanhou menos do que esperava.

Destacaremos alguns trechos da notícia:

> "Está instalado o Tribunal da Relação de Minas Gerais... Não podia ser mais magestoso o ato... A' frente do Tribunal, um venerando ancião *(refere-se a Brito Guerra)* em cuja fronte se desenha a calma da consciência, ilustrada pela experiência; a seu lado, cinco outros juizes, encanecidos no serviço do país, e todos revestidos dessas togas, que são o simbolo do trabalho, da honra, do mérito e das virtudes cívicas, desafiavam profundas considerações... Em brilhante improviso, o sr. Conselheiro Brito Guerra fez o histórico da creação desses Tribunais, recordou a promessa constitucional e mostrou que, zeloso, o Govêrno Imperial nêsse dia lhe havia dado a satisfação, que há muito era devida ao povo que aspira uma vida de perfeita sociabilidade, e de pleno acôrdo com o sistema livre que nos rege. Sua frase correta, sintética e amena, revelou a justeza do seu espírito, a clareza de seu raciocínio. S. Excia., cabalmente justificou o ato da escolha do govêrno imperial, para tão elevada dignidade".

Na histórica Ouro Prêto, apezar da consideração e respeito de que sempre se viu cercado, das amizades que conquistou, de filhos que lhe nasceram, não esqueceria, nunca, a terra natal. Criado no

sertão sêco do Nordeste, estranhava "o infernal defluxo de Ouro Prêto, acompanhado do proverbial e intolerável frio". Ali sofreu golpes muito rudes na vida privada, sobretudo enviuvando da segunda esposa, d. Josefina Augustina da Nóbrega, natural de Santa Luzia do Sabugí, falecida a 15 de março de 1879 e cujos ossos traria, depois, para o Estado.

A 15 de março de 1885, ano em que, de Minas, passaria para o Ceará, já casado em terceiras nupcias com d. Maria das Mercês de Oliveira, irmã da primeira esposa, por parte de pai, ainda comentava o triste fato com as seguintes expressões:

> "E' hoje o 6.º aniversário do falecimento da minha prezada segunda esposa, d. Josefina, um dos acontecimentos fatais e dolorosos de minha vida, tão rica de pezares, por perda dessa natureza — filhos, irmãos, esposas!"

Golpe não menos rude sofreu com a morte, a 8 de julho de 1885, em Caraúbas, do filho do segundo leito, recem-formado, aos 21 anos, pela Faculdade de Direito de São Paulo, o dr. Boaventura Seráfico de Brito Guerra. Êle era natural do Açu e dono de inteligência vivissima, grande cultura humanística e jurídica, habil conhecedor das literaturas latina, francêsa, inglêsa e italiana, que lia no original. Inconsolável, deixa o velho Conselheiro cair no seu diário esta frase desolada:

> "Quantas esperanças frustadas... acabou-se minha única esperança de um sucessor oportuno ao meu nome, á minha posição social, que está no termo de minha adiantada existência!"

Nêsse mêsmo 1885 deixaria, em janeiro, a Presidência e o próprio Tribunal de Ouro Prêto, vindo para o Estado, com 9 mêses de licença, mas daqui obtendo a transferência para a Relação de Fortaleza,

cidade cujo clima era mais conveniente á saúde e hábitos. Seria desembargador em terras cearenses no decorrer de 1886, ano em que, a 4 de dezembro, se viu nomeado ministro do Supremo Tribunal de Justiça, tomando posse a 23 de março de 1887. Ocuparia a 6.ª cadeira, hoje a do ministro Ribeiro da Costa, aquela por onde passariam, depois dele, figuras como Herminio do Espírito Santo, João Luís Alves. Rodrigo Otávio, Otávio Kelly, Filadelfo Azevêdo.

Noticiando a sua próxima saida para o Norte, o jornal "A Provincia de Minas", a 1.º de janeiro de 1885 assim se expressava:

> "Si outros títulos não tivesse êste nosso ilustre amigo á estima e consideração pública, bastaria para deles ser credor, o modo por que se houve invariavelmente como magistrado nesta capital, á frente do Tribunal, cuja instalação lhe coube e que presidiu desde então até agora, sem jamais haver dado um pretexto ao menos para a mais leve censura, para uma queixa siquer.
>
> Ilustrado, inteligente, honestissimo e circunspecto — o conselheiro Brito Guerra tem ainda, em alto gráu, outro predicado do verdadeiro juiz, a serenidade, que é a manifestação respeitável das consciências tranquilas.
>
> As intrigas locais nunca ousaram envolvê-lo nos seu torpes meandros, as lutas irritantes da política não o atingiam em sua propaganda ou em seus desabafos, sem que êle, aliás, nos dias solenes em que as urnas convocam os cidadãos, se furtasse jamais ao dever cívico.
>
> No mesmo exercício do direito do voto se mostrava antes de tudo o juiz esclarecido e integro, que julga a causa pública á luz dos princípios e do patriotismo intemerato.
>
> Magistrados como S. Excia. honram á

ilustrada classe e são garantia da justiça. Por êstes títulos e por tanto haver contribuido para a consolidação e crédito do nosso Tribunal da Relação, a capital mineira e a Provincia estão em dívida de reconhecimento para com o venerando conselheiro Brito Guerra".

XXX

Foi também político. Mas a política, em sua vida, não passou de méro episódio, de sub-estrutura. Um tempo, aliás, de que só guardaria recordações ingratas. Nem era do seu feitio.

Ao formar-se, em 1839, seu tio, o padre Guerra, lhe escrevia uma carta de parabens, acompanhada de conselhos prudentes, naquêle estilo respeitoso dos outros tempos:

"Permita Deus que sejais feliz em vossa carreira e que não percais o conceito que mereceis. A intriga de eleição é mal geral do Império. E se vós, por desgraça, vos meterdes a lutar com êsse monstro, de certo vos tornareis desgraçado, arruinando a primavera dos vossos anos. Praza a Deus que vivais em paz, e vos felicito com a vossa família, destacada da infernal súcia que se tem comprometido a todos os males do Brasil. A virtude será sempre por mim respeitada, a intriga sempre odiada".

Os conselhos do tio eram magníficos. Mas não serviriam logo para o jovem. Ei-lo deputado provincial para a legislatura de 1842-43. Como ainda o seria nas legislaturas de 1846-47 e 1852-57, já então privado da sombra protetora do Senador Guerra, falecido repentinamente na Côrte a 26 de fevereiro de 1845.

Aproximavam-se, porém, os dias do desencanta-

mento. Certamente recordaria a lição daquele seu grande protetor, na carta de formatura. E o travo ficaria. Referindo-se ás lutas partidárias no Açu cuja imprensa descia a mais não poder, escreveria: "...luta infame, apaixonada e hedionda; por mim nunca escrevi uma só linha, nem em defêsa, nem agressão: afirmo-o *in perpetuam rei memoriam*". E também deixaria patenteada, em suas notas particulares, a dura lição recebida: "As intrigas, os enredos, as ingratidões, as difamações, as paixões... deram-me uma melhor lição no conhecimento dos homens e das coisas; o que se passou, amargurou-me profundamente".

E' verdade que continuaria fiel ao seu partido, o Conservador. Porém o espírito de militância morrêra. Isto mesmo diria, com elegância, em carta de 28 de junho de 1881, dirigida a João Carlos Wanderley, um dos chefes liberais no Estado, agradecendo-lhe a remessa regular, para Ouro Prêto, do "Correio do Natal". Em sua edição de 17 de setembro de 1881, o referido jornal publicava essa carta de que destacamos um trecho:

> "Não combato mais nas fileiras militantes da política do meu país. Tenho apenas colocação firme no aquartelamento dos invalidos, abraçado com a bandeira da escola política a que pertenço, e que jamais renegarei; em sistema político, como em religião, a idade já encravou a pedra de minhas convicções e de minha crença; nas urzes que orlam a estrada da vida, já deixei dependurada a ilusão da idade dos sonhos; no meu coração, porém, sempre encontrou alimento e seiva a árvore da gratidão; Deus me preserve de que, nas galerias do Panteon dos agradecidos, se encontre alguma vez vazio o modesto assento que tenho tido o cuidado de ai sempre ocupar".

Mas outro episódio vai mostrar, ainda melhor,

a sua maneira de fazer política. Fôra nomeado, a 20 de julho de 1868, primeiro vice-presidente da Provincia natal. E aconteceu ser chamado á presidência efetiva, governando os norte-riograndenses de 19 de agôsto a 1.º de setembro daquele ano. Não o fez de bom grado. Em suas notas íntimas deixou escrito, a propósito:

> ..."a 15 de agosto, segui para a Capital, depois de fortes instâncias e sugestões dos amigos, a tomar conta da administração da Provincia, como 1.º Vice-Presidente".

E ao retirar-se, dias depois, não esconde que é preciso maior vigilância com o carinho do correligionário, do que com o ódio do adversário, adiantando ter sofrido "grandes decepções pela exageração dos correligionários, que tudo queriam, à custa de minha responsabilidade."

Dele não se dirá aquilo que o marquez de Paraná acusava em Nunes Machado: de que era capaz de todas as coragens, menos da coragem de resistir aos amigos.

Já aposentado, residindo na pacata Caraúbas, não esconde, em suas notas íntimas, o desapontamento pela política partidária do país, liberal ou conservadora. A 13 de junho de 1888, ao saber da mudança do Ministério, com a ascenção dos liberais, faz êste comentário:

> "E' mais uma calamidade pública geral: é mais uma calamidade para o país, pela transformação que isso traz; mas infelizmente tem sido sempre assim a sorte da política nêste país".

A 15, comenta:

> "...tem sido uma derrubada completa".

E acrescenta:

> "E' esta, sempre, a tarefa do lado político que sóbe, em relação ao que cai; mal-

dita politicagem, sem vantagem e sem interesse real algum para o País".

Não abre excessão para os conservadores, que eram os seus e de fato não a mereciam. E assim escreve, a 18 de junho, comentando as derrubadas gerais:

"tarefa inglória, mas infelizmente sempre seguida, por ambos os lados políticos, do país, quando chega a sua vez".

E' mais um depoimento insuspeito, a confirmar o que dizem os grandes estudiosos de nossa vida política, passada e presente. De um Oliveira Viana, por exemplo, ao salientar "o nenhum sentido nacional dos nossos partidos políticos, mesmo quando, como no Império, êles se rotulam com o título de partidos nacionais". Na verdade, não passavam de "sistemas de ambições associadas para a conquista e a exploração em comum do poder, ou, — como diria Nabuco, maravilhosamente, — "sociedades cooperativas de colocação ou de seguro contra a miséria".

xxx

Episódio singular é aquêle de 1845, quando se viu envolvido em malicioso processo por "falta de exação no cumprimento do dever", acusado de não ter feito uma remoção de tutela, pretendida irregularmente por uma parte .A política contrária quis aproveitar o fato para manchar a tóga do magistrado. Tamanho era o absurdo, porém, que o denunciado não recebeu intimação da denúncia, nem teve ciência da inquirição de 5 testemunhas, que correu á sua revelia. Veio a saber do processo pela intimação da pronúncia que incluía a pena de suspenção das funções.

Pediu vista dos autos, deduzindo uma defêsa que, antes, é tremendo libelo acusatório contra os perseguidores:

"Quando o tribuno Vario, homem de má

reputação, acusou a Marco Scauro de haver traído os interesses de Roma, êste, depois de ter ouvido toda a sua acusação, disse apenas estas palavras: — Quinto Vario, espanhol de nascimento, acusa a Marco Scauro, Presidente do Senado, de ter sublevado seus aliados; Marco Scauro, Presidente do Senado, o nega; a qual dos dois, Romanos, dareis vós crédito?

O povo romano nada mais quiz ouvir e a acusação não teve êxito algum.

Tenho agora de apresentar minha defêsa perante o Meritissimo julgador; eu bem poderia, assemelhando-me áquele sublime exemplo, dizer, unicamente:

— O bacharel Luís Francisco da Silva pronuncia, por falta de exação no cumprimento dos seus deveres, ao bacharel Luís Gonzaga de Brito Guerra, Juiz Municipal e de Órfãos; êste chama a atenção sobre a matéria da pronúncia; a qual dos dois, Eximio Julgador, deveis vossa condenação? O julgador de agora, certo que tomaria a mesma resolução que o povo romano de então.

Mas como a legislação vigente, nem os costumes atuais, permitem limitar-me a isto, fôrça é que diga mais alguma palavra em minha defêsa.

Reum enin non audiri latrocinium est, non judicium: êste princípio imutável, universal, verdadeiro, assim na ordem física, como na moral, não foi certamente deslembrado pela Legislação Brasileira que, modificando, estatuiu, na matéria em questão, que o Magistrado não possa ser inibido de seu exercício por processo de responsabilidade, sem que seja previamente ouvido"

E então citava a Constituicão e leis ordinárias, mostrando os artigos que não foram observados pelo

juiz processante, falhas que patenteavam " a ignominia, oprobrio e criminalidade das entidades que assim se portaram".

Faltando essa defêsa prévia, "nulo, iniquo e inadmissível é também todo o prosseguimento ulterior". Também analisava a facciosidade das testemunhas, inquiridas sem citação do denunciado e depondo não sobre matéria de fato, mas de direito, com afirmarem que o seu despacho denegatório da remoção de tutor, antes de ouvido êste, fizera injustiça à parte.

Então escreve:

> "a quanto póde chegar a pesada ignorância! Misericórdia divina, protegei a jurisprudência, já avaliada por tais marzocos!"

Prosseguindo na defêsa, pergunta qual o seu crime, fazendo um histórico de todo o ocorrido e mostrando que trilhara o caminho da lei. "A não ser perfeito contrasenso, ou malícia requintada, só uma pura ignorância podia autorisar o juiz processante a pronunciar-me sob pretexto de proceder contra lei expressa, á vista dos próprios documentos da denúncia."

E conclui, com esta argumentação cerrada:

> "Se, pois, êstes documentos são a apologia de minha vida pública, no caso em questão e a prova viva de que obrei segundo lei expressa; se está demonstrado que falhou a base essencial deste processo, a audiência prévia; se consta dos mesmos autos que não fui citado para a inquirição das testemunhas, sendo por isso nulos os seus depoimentos, é consequência rigorosa que não pode a sentença definitiva ser, senão de absolvicão, se é que sem haver crime, se pode ser absolvido."

Essa defêsa é datada da Vila da Princêza, 31 de maio de 1845.

O juiz da sentença definitiva julgou, de fato,

que não só não houvera falta de exação no cumprimento do dever, mas, ao contrário, ocorrera exato cumprimento da legislação, absolvendo o denunciado e mandando que lhe fosse restituido o exercício do emprêgo e mais funções públicas, assim como a metade do ordenado, que deixou de perceber, desde a intimação da pronúncia.

XXX

O que ficou dito retrata o homem. Êle ainda recebeu outras provas de confiança, que na verdade equivalem a verdadeiros "testes" de dignidade, nas mãos rigorosas de Pedro II, se não bastassem aquelas do juiz, desembargador e ministro do Supremo Tribunal.

Teria também o título de Conselheiro (Carta Imperial de 11 de fevereiro de 1874); de Cavaleiro da Ordem da Rosa (1875) que se destinava a premiar merecimentos; comendador da Ordem de Cristo (1881) destinada para a justiça, intelectuais, homens de Estado, e, finalmente, barão do Açu (1888).

Oliveira Viana tem observação valiosa sobre o mecanismo seletivo do velho Imperador, com seu poder privativo de conferir as dignidades — senatorial, conselheiral e nobiliária, constituindo, assim, a grande elite do segundo império, verdadeiras vocações de homens públicos .Recorda que a República não soube estabelecer nenhum mecanismo dêstes, de maneira que, embora ainda existindo homens de bem, varões exemplares, êles não formam classe, como no Império, mas aparecem isolados, individualidades á parte, "no meio político, espécie de "desajustados" superiores, tomados de misticismo regenerador, eternos descontentes, sujeitos a crises bruscas de misantropia política e subitos afastamentos radicais da vida pública".

Tantas honrarias que chegaram até o conselheiro Brito Guerra, como no sul o tratavam, ao dr. Gonzaga, como o chamavam os amigos sertanêjos, não impressionavam áquele homem simples.

Aposentado, em fins de 1888, deixou a Côrte e

veio para o sertão do Estado, em plena sêca. Não quiz ficar nem mesmo em Moçoró, como a princípio ainda pensou. Fixou-se em Caraúbas, onde assistiu á queda da monarquia, de que só se veio a saber no dia 19 de novembro. A princípio, receiou desordens: "Meu Deus! que crise tremenda! Senhor inspirai o Brasil!" são as palavras que deixa cair em seu diário, naquele dia.

No dia seguinte, esta observação: "...parece que o país todo estava preparado para a extinção da última, a única monarquia da América; meu Deus, inspirai a nova ordem de coisas, nas deliberações de justiça e religião."

E quando, a 9 de dezembro, a Câmara Municipal de Caraúbas, em sessão solenissima, com mais de 300 pessôas presentes, se reunia para dar a sua adesão oficial e de todo o Município, ao regime Republicano, foi assistir á reunião, como um dos convidados .Não era uma adesão. Era a voz do passado, falando ao futuro. Suas palavras não se taquigrafaram. Mas ainda vivem alguns dos que as ouviram, inclusive o filho, desembargador Felipe Guerra, que as recolheu:

> "As páginas da minha vida estão preenchidas. Escrevi-as como pude. Não há mais espaço. Faço votos ardentes para que as novas gerações em nada deslustrem o esfôrço dos nossos antepassados, e que a República só ofereça páginas de ouro a acrescentar á nossa história. Certos todos, porém, de que longos anos de lutas e de desacertos serão necessários, para a organização da nova fase."

O fim daquela vida estava chegando. Nascera quatro anos antes da Independência. Morreria a 6 de junho de 1896, sétimo da República. Fôra em toda a extensão, "Um magistrado do Império".

*** — Discurso de posse, na Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 27 de Setembro de 1949.**

Recepção a Carolina Wanderley *

NESTOR LIMA

Poetisa Carolina Wanderley:

I — Logo de começo, tópo numa perplexidade: não sei bem como deva tratar-vos.

E' do estilo acadêmico nestas solenidades de recepção que o novo sócio sêja tratado por SENHOR.

A diferença do sexo imporía o tratamento correlato: Senhora. Vossa condição civil não se quadraría bem com êsse modo: não sois senhora, mas, senhorinha, ou senhorita, ou demoisele, no sentido gaulês.

Convenhamos, porém, não haverá ofensa áquele preconceito acadêmico nessa diversidade de apelativo?

Si vos chamasse SENHORA, feriría as vossas prerrogativas civís; si vos dissésse SENHORINHA, o estilo ficaria irritado nas suas normas; si vos tratasse por PROFESSORA, estaria também afastado dos dogmas do estilo.

Como proceder, então?

Derivei pelo modo como fiz de início. Sois uma poetisa no bom e justo sentido do termo. Assim vos consideramos todos.

Entretanto, a minha perplexidade e o meu embaraço não vão ao extremo de quebrar o encantamento deste momento, nem conturbar o prasêr de saudar-vos cordialmente, em nome da Academia

onde tendes assento, ainda que provisório, desde a fundação, nos idos de 1937.

Sois uma das fundadoras. Ao lado da vossa insigne companheira, Palmira Wanderley, cuja ausência tanto nos desgosta, tendes enriquecido as nossas reuniões e ilustrado os nossos trabalhos, mau grado a modéstia excessiva e a singelêsa da vossa atuação.

A posse de hôje é mera formalidade regimental.

Sêde benvinda, poetisa ilustre, ao nosso convívio!

Assim contornado o impasse, menos por dever de etiquêta do que em virtude de deliberada omissão da Academia Mestra, que véda o ingresso ás Mulheres, ainda ha pouco demonstrado em curiosa enquête de brilhante magasine carioca, (Quem sabe lá si por dificuldades do fardão ou do espadim), desejo, no entanto, justificar-me, antes de mais nada, da preferência dada a êste dia 27 de outubro, para a realização desta vossa posse acadêmica.

II — Esta data lembra uma existência, que nos é particularmente preciosa. Nela, há 77 anos, via a luz da vida, em terra que cordialmente presamos, um dos vossos, que seria também um dos nossos, si a morte o não tivéra colhido, vai para mais de quinze anos talvêz.

Refiro-me a Ezequiel Wanderley, espírito tão ligado á glória da vossa família, como a mim pelos laços de sincera amisade e gratidão.

Vosso tio e filho do vosso patrono, êle encarnou bem, em toda a trajetória da existência, o pendor espontâneo para as letras, a dedicação ás artes, o anseio do saber: ensaista, comediógrafo, dramaturgo, revistógrafo, jornalista, tribuno, Ezequiel consagrou a melhor parte das suas energias á seára da inteligência, ao fascínio da belêza, á concretização dos ideiais e aos nobres sentimentos pela elevação da alma humana.

Conhecí-o, ainda menino, lá no nosso amável Açu: êle môço, elegantemente trajado, bem tratado, brilhando nas rodas familiares, nos saráus sociais,

nas serenatas, ou nos palcos dos amadores, imprimindo sempre ás suas atitudes uma nota distinta de donaire e refinamento, difíceis de imitar.

Povoava-me, então, os sonhos de menino sertanêjo a sua irradiante mocidade, a sua rematada elegância pessoal. Imitá-lo, seria impossível; invejá-lo talvêz...

Mas, bem me recordo das noitadas no teatrinho "São João", que o sr. Sá Leitão mantinha, com extremos de ternura, naquela cidade, e onde estreiavam e praticavam os moços, na arte de Talma, encenando a "Louca da Montanha", de Segundo Wanderley, ou o "Fantasma Branco", de Joaquim Manoel de Macêdo, com o elenco de Ezequiel, Coêlho Ferreira, Palmério Filho, João Amorim, (Cajurema), João Celso, o velho, Sá Leitão, João de Macêdo, Antônio Saboia, e tantos outros, que faziam o deleite e o gáudio da sua geração. Assistia-os, menino, e os aplaudia.

Lembro também uma sua criação favorita e muito apreciada "O Patacão de Sóla...", que êle cantava e acompanhava ao violão, nas festas sociais. Era uma graça enfim...

Mais tarde, aqui, ensaiando e produzindo em vários gêneros: teatro, poesia, farsa, comédia, revista, modinha e queijandas coisas, que nós aplaudíamos e gabávamos.

Finalmente, já decadente, velho e doente, ainda consagrava horas inteiras do seu lazer de funcionário público, ás coisas do espírito.

Projetava-se, já, na sociedade, através de seus queridos filhos, mais especialmente, Oscar, meu discípulo, meu colega, meu amigo e meu compadre, a quem dedico especial ternura, na saudade e no reconhecimento ao seu boníssimo carater.

Conduzí-os ambos ao túmulo e lamento, que êles não possam receber a homenagem, que ora lhes consagro, com abundância de sincera admiração.

III — Constitúi dogma dos cerimoniais de recepção que o porta-vóz da Academia, incumbido de

saudar o novo confrade, estude, analise e julgue a produção literária, científica ou artística do imortal, "in fieri, si assim nos permitem dizer os nossos inveterados adversários.

Não me abalanço a tão altos desígnios: conheço-me a mim mesmo, *Nósco me ipsum*.

Farei, todavia, um ligeiro retrospecto das atividades literárias e pedagógicas da nova confreira, através dos seus livros e publicações e de originais inéditos, bem assim, da sua atuação no magistério primário estadual.

Os defeitos, si os tiver, que os não descubro, esqueço-os; as virtudes e qualidades, que são muitas, são de exaltar-se-lhe.

Longe de mim, porém, a veleidade de criticar. Deus me livre dessa tentação...

Esta é, em regra, um produto do "recalque", na expressão de Sigismund Freud; ou do despeito e da inveja, ou ainda, o que é pior, da ignorância, a fim de fazer cartaz, como hoje se diz.

Quando, em geral, aparece na téla da publicidade, um trabalho destinado a construir algo de bom ou de novo, ou quando se projéta no cenário das letras, um nome, por modesto ou humilde que seja, visando uma idéia justa, arremete sobre êle a malta dos críticos de *meia tijela*, movidos, quase sempre, por uma daquelas razões.

Porque si a obra é útil, bela ou verdadeira, fica servindo. Acontece, ás vêzes, que o trabalho malsinado contém algo de bom, e, depois, é citado, referido ou aceito por escritores de pról, como fonte da verdade.

Outras vêzes a coisa é mesmo ruim, e passa despercebida aos críticos por inadvertência, ou por complacência...

Sendo, porém, de um desafeto, Deus do Céu! a invectiva é tremenda e o banquete coprofílico é quase um regalo...

Também, acontece que ou a bolsa se fécha, em tempo, mesmo depois de vasada imprudentemente, ou por causa da inveja ou do despeito, rugem os Cer-

béros, que sempre se parecem com o "homem da pia"...

O alvejado passa indiferente aos dóestos e acrimonias e segue adiante, como no conselho do divino Dante:

"Guarda e passa...".

Todo o mundo é vítima dessas belezas do século.

Não há melhor exemplar dessas observações que a de Osório Duque Estrada, que desancou "meio mundo", neste país, com as suas críticas apaixonadas; mas deixou de sua veia poética um produto conhecido, no Hino Nacional, sobre a música de Francisco Manoel, o "Nosso Hino", como se diz por deboche, e que, emendado, remendado e retocado vêz por outra, fica sempre e mais estropiado e destituido de senso artístico, ou merecimento poético. Mas, é oficial...

Por isso e por aquilo, é que não ouso fazer crítica á nossa nova colega, mesmo porque não sei; si ela já sofreu o acicate da criticalha, ou da maledicência regional, faça como o poeta florentino:

"Olhe e passe..."

que os doéstos e as grosserias dos criticastros valem tanto como as louvaninhas de encomenda...

IV — Toda a gente, nesta cidade de Natal, conhece e estima a arte de Carolina Wanderley, tanto pela meiguice dos seus versos sentimentais, como pela suavidade dos assuntos explorados em fórma graciosa e fácil, que os ouvidos aceitam sem irritação.

Porque ela não é fruto da "igrejinha", não; é o que é, uma genuina cultora do verso lírico, maviosa e humana, que sabe aproveitar os veeiros da Beleza, sem as nevroses da "insânia poética", como diria Alvares de Azevêdo.

O nosso Danilo, elegante cronista da Cidade, que é o acadêmico Aderbal de França, já dizia, em julho de 1921, que Carolina surgia...

> "nas páginas do seu primeiro livro, como uma formosa romântica embevecida em sonho maravilhoso, sonho de Canaan, tão nítido e tão violento, que o seu espírito não poude, em silêncio, suportar-lhe, por muito tempo, a ausência, quando êle, sonho de felicidade como todos os "sonhos bons", foi passando, para além, deixando atráz o vácuo, o desconfôrto, a melancolia — alma florindo em versos, versos sementes da alma."...

Carolina faz a poesia pela poesia, o verso pela arte, a rima e o metro pelos seus próprios méritos. Não é rebuscada, nem tem complicações. Seus versos ressôam limpidamente, sonoramente, agradavelmente, como o marulho das ondas do Grande Rio, o Açu, naquelas enchentes diluviais dos invernos pesados; ou, então, como disse aquele apreciado cronista, versos

> "simples, sem as preocupações perdulárias, que cortam, quase sempre, o rigor do pensamento e fazem esmaecer a beleza do conjunto."

V — Poderiamos dividir, a obra poética de Carolina, em três épocas, ou fases bem características e fixadas no tempo.

Na primeira fase, 1919, ela publicou "Alma em Versos", coletânea de suas produções iniciais, em que se agrupam vários gêneros e em que predomina a *tristeza,* nota constante, predileta e profunda de toda a sua sensibilidade artística, talvêz, ou por certo, resultante de algum delicado aféto infeliz, creio eu; mas, não por simples facécia, ou mero snobismo.

Assim é no coração da Mulher. No do homem, porém, passam-se de diverso modo essas mudanças, ou, se imprimem as suas notas mais características. Ha sempre um fator presente e invariável: o amôr contrafeito, ou contrariado, que, de regra, é afogado no alcool, ou no seu uso e abuso, até á morte.

Na segunda fase, 1926, ela publicou "Rimario Infantil", ainda que tocado daquele sentimento melancólico, e derivou para o simbolismo escolar, concatenado em vários entrêchos e entreatos, para seus alunos, como sejam "Escudo do Rio Grande do Norte", "Neste dia", "As Cinco Zonas" e "19 de Novembro", mas, superiormente contramarcados pelos magistrais versos de "Justiça e Caridade", em que a amargura social sobrepaira no milagre daquele leilão, em que triunfa a Caridade cristã.

Finalmente, 1929-1939, em versos esparsos, retalhos de sua alma, quando ela encontra os suaves eflúvios da felicidade, em meio e em frente á felicidade dos seus sobrinhos, que filhos são do seu iluminado espírito.

xxx

Detenhamo-nos alguns instantes sobre a poesia de Carolina Wanderley, através das suas obras publicadas.

Em "Alma em Versos", 1919, ela espelha a tristeza sem fim, que lhe amortece a alma, tendência imanente no seu espírito de moça, mal saida da adolescência, que, abrindo o livro, em "Retrato", esclarece de antemão que . . .

> "...o semblante sempre há de mostrar
> a tristeza que exprime nos seus versos"

e que não pode, entretanto, esconder a alegria, a sua paixão em face das galas da natureza, quando no sonêto "Na Gaiola", fala das

> ....."expansões amenas,
> quando o canário, sacudindo as penas,
> saudou, cantando, o seu primeiro filho",

ou, então, quando na "Ave Fugitiva", antevia a felicidade do cantor alado:

> .....“vivendo em plena liberdade,
> envolvido no véu sutil dos meus carinhos,
> as penas a ruflar, cortando a imensidade,
> Soberano do espaço, imperando nos ninhos.”

Nada obstante essa tristêza, que lhe empenumbra invariavelmente o éstro e as produções, tem Carolina delicadissimas emoções ante os panoramas da Natureza, ou da Vida, e que enfeitam, a seu modo, o texto do livro "Alma em Versos."

Provavelmente, não é muito fácil escolher, entre tantos sonêtos lindos e poesias heróicas, em estilos mais diversos, qual é a mais digna de ser apontada como a expressão de sua alma de artista.

Ei-la que saúda a lua, o luar...

> “discréta confidente
> dos segredos sutís dos namorados,”

quando invetiva uma pérfida esperança de quem

> “gósa felíz, sem prantos, nem pesares,
> buscando outro sorriso, outros olhares,
> que a esperança lhe embala docemente.”

ou ainda, nas suas meditações, ao pé de um rio, e cantava:

> “—Como fôra risonho,
> Junto a êste rio, um ninho edificar,
> Puro como um sonho,
> Claro como o luar.
> E aqui viver, sentindo a naturêsa,
> Em toda a sua esplêndida grandêsa,
> Sob um céu sem procélas,
> Recamado de estrelas,
> Tendo pelas manhãs,
> Fulgentes e louçãs,

Os gorgeios sutís
Dos bem-te-vís,
E, da tarde ao clarão amortecido,
Do aboio ouvindo o éco entristecido."

E, assim, a lira de Carolina vai, passo a passo, nesta primeira fase, desfiando um rosário de impressões, ora de ternura, ou piedade pelos quadros da naturêza, que sabe tão bem decantar, ora de mágua e compunção ante a indiferença de quem lhe traiu o aféto e a confiança, ora justa e vigorosa para verberar a ingratidão humana ou a injustiça social, ora delicada e mansa, quando supõe renascer o sonho, que tanto acalentou...

"casto sonho diléto,
que... lhe fugiu tristonho",

e do qual ficaram saturados todos os eflúvios de sua alma emocional, desfeita em versos, no seu delicado livro de estréia.

Na fase seguinte, de que "Rimario Infantil" é o teste e a prova documental, ela envereda pelo campo da educação, por intermédio de cenas infantís, para exaltação dos símbolos e datas nacionais, ao alcance da mentalidade, em formação, dos seus alunos.

Considerá-los obra prima de poética cívica, não seria justo nem aconselhável, mas, muito dignas de recomendação aquelas estrofes de "Arvores em festa":

"Cantemos do sólo amado
A exuberante riquêsa,
Neste dia consagrado
A' Festa da Naturêsa,

entreato em que cada menina simbolisa uma das árvores da nossa Flóra, cada qual mais produtiva e mais eficiente fator da nossa vida econômica.

No "Canário Morto", "Espêlho", "Chapéu de Plumas", engendrou ela as melhores oportunidades para lição de moral prática, a propósito do episódio infantil, cumulando na "Última Lição", quando o autor da façanha,

"Confessa ao mestre amado
O crime perpetrado",

e recebe, como sanção de sua maldade, a lição do velho professor magoado, quase a desfalecer, que lhe diz:

"castigo não tereis, de amôr e de perdão
"quero dar-vos agora a última lição."

Nesse crescendo de emoções, só apreciáveis pelos que sabem lutar e prescrutar a alma da criança, chegamos ao termo do "Rimário Infantil", para receber as mais profundas que ressaltam do poema "Justiça e Caridade", onde ela consegue dominar o quadro poético e levar o espírito ao paroxismo sentimental.

E' o leilão dos móveis de uma infeliz viuva, entre os quais está a imagem do Crucificado, que o agente da lei apregôa impiedosamente e uma figura desconhecida e surpreendente arremata por preço demasiado alto com assombro e estupefação de toda a assistência... e do leitor também...

Na derradeira fase de sua produção, em retalhos de jornais, ou inéditos de um caderno em desordem, vemos que a poetisa se transfigura, por motivos novos, que fazem esmaecer aquela nota constante de tristeza.

Era em Novembro de 1939, a poetisa saudava quatro sobrinhos, enlêvo do lar do seu irmão mais velho, Alberto. Dizia então que

"No meu murcho rosal, entre ásperos [espinhos,
Tenho quatro raios de sol, os meus [sobrinhos".

E nessa dôce contemplação da infância, ela chegou a dizer-se "feliz, si os sentia feliz."

Algumas produções dessa fase, ainda ressumbram a mágua dos grandes transes de sua vida de filha carinhosa, ante os sofrimentos e a morte de seus queridos pais, sem, ao menos, poder aconchegá-los ao seu aféto, ou mesmo consolá-los com o Divino Redentor, para que lhes acalentasse as dores.

Sentem-se-lhes essas constantes diretivas de seu livro, quando traduz e interpreta Radindranath Tagore, o célebre poeta indiano, em "Volta", "Navios de Papel", e outros, até que a "Minha Bandeira", que ela chamava a do Brasil, arrebatou-lhe a mais comovida homenagem, porque, dizia ela:

"Dei-lhe de mais puro
E de mais nobre...
— Dei-lhe a homenagem
De minhas lágrimas."

E' assim, meus senhores, o que se pode examinar, inquerir, julgar e exaltar na obra poética de Carolina Wanderley, em meio da qual não existe uma nota dissonante de maldade, ou de irritação, mas, sim de mágua ou de queixa, como aqueles eternos queixumes das dôces avesinhas do meu sertão, que Caldas Sobrinho decantava:

"Ouço uma vóz, e êsse canto,
Que tanta belêsa encerra,
E' de saudosa avesinha
Das matas da minha terra."

Se vos causei qualquer desalento nessa jornada de espiritualidade, perdoai-me, senhores, que o coração quer demonstrar também as causas da sua preferência.

Acompanhai-me, agora, pelos sombrios caminhos da minha saudade, no ingresso comovido, que vamos realizar, aos confins da minha terra, que também o é da nova acadêmica.

VI — Meus senhores:

Não me é certamente defêso acentuar que a escolha do paraninfo nesta recepção tenha obedecido "áquelas razões que a razão, ás vêzes, desconhece."

Pertencemos a uma geração de açuenses que se têm dedicado ás lides da inteligência e da educação, na medida das forças de cada um. E temos, nesse pendor, nossos antecedentes, que já remontam a muitas décadas, na história da literatura regional.

Os Wanderley são, naquela cidade e naquela zona, uma tradição de inteligência e de cultura.

Oriundos de Ipojúca e Muribéca, em Pernambuco e originados remotamente da invasão flamenga, na primeira metade do século XVII, os Lintz e os Wanderley, associados aos Pimentel, transmigraram para aquele vale portentoso e ali se fixaram e se desdobraram em numerosos núcleos familiares, que se contam por dezenas e centenas.

No século passado, avulta, logo ao começo, a figura varonil do capitão, major, depois, coronel Manoel Lins Wanderley, homem de pról, vasto proprietário de terras, criador e agricultor, que, em éras de 1832, quando irrompeu o sebastianismo do caudilho cearense Joaquim Pinto Madeira, nos sertões dos Cariris, organizou, comandou e proviu um batalhão de guardas nacionais, com que seguiu em perseguição do revoltoso adepto da volta de Pedro I, ao trono do Brasil, e á frente do qual se manteve bravamente até o fim da campanha e o esmagamento do revoltôso caudilho.

Daí, a grande progénie dos Wanderley, que hoje se espalham, por quase todo o Estado, e têm, em diversos ramos da atividade social, projetado a sua participação sobre os destinos da terra comum.

Do Coronel Manoel Lins Wanderley derivaram o Dr. Luís Carlos Wanderley, o vosso ilustre patrono e avô, pela linha paterna, como também a vossa avó, D. Ana Augusta (Nãna), esposa de Adolfo Carlos Wanderley, pelo lado materno.

Destes dou eu bôa notícia, que os conhecí, na

minha infância, em terras do Açu; o sr. Adolfo era, ao meu ver, um homem precioso; tudo êle sabia: música, pintura, canto, sociabilidade e préstimos sociais; ninguém os teria melhores, nem mais apurados. Sua casa era o centro da elegância e distinção; sua sala de música e de danças era o *clou* da bôa sociedade açuense, de então. Bom músico e compositor, ensinou música a meu pai, regia e ensaiava a banda local e musicava e orquestrava peças sacras, cânticos das lapinhas, promovidas pelo sr. Sá Leitão e que eram a delícia da nossa infância, compondo valsas dançantes, marchas para procissões, modas e modinhas, com bastante perícia e geito.

Lembro-me bem das festas do padroeiro São João Batista, e outros, quando êle entoava, do côro da Matriz, a Epístola ou o Evangelho da Missa Solene e causava gáudio e admiração á imensa assistência.

Desses famosos troncos assinalados, por intermédio de seus pais, Luís Carlos Lins Wanderley, (o professor Lucas, aqui muito conhecido), e D. Maria Amélia Wanderley, (D. Maricas) primos carnais, segundo o vulgo, proveio a poetisa amável que hoje recepcionamos.

Seu pai, musicista também e apaixonado pela sua arte, ainda o recordo perfeitamente, nas serenatas do meu velho torrão, altas horas da noite ou já tingindo a madrugada, sob a maravilha dos luares do sertão, que o velho Catulo dizia que "não há, ó gente, ó não, luar como êste do sertão", quando acordávamos todos em casa, aos acórdes da sua prediléta flauta, ora em acompanhamentos, ora em sólos maviosos, que reproduziam as tradições dos aêdos e citarêdos das épocas remotas, mas, incomparáveis.

Herdeira de tais vocações, por si mesmas capázes de obras de belo teôr, na música ou na poesia, estava a nova acadêmica fadada á arte dos sons, que ela também cultiva, ou á poesia, em que se exercita

preferencialmente e lhe tem assegurado um destaque merecido, no meio em que vive e se agita.

Depois, propendeu o seu espírito para o magistério a que tem dedicado os seus melhores esforços, por mais de uma trintena, sobressaindo entre as suas colegas, pelo primor da inteligência a serviço de tão nobre causa.

Nessa afanosa tarefa, a que tem consagrado o melhor de sua vida, ela teve de encontrar-se comigo em várias etapas da sua carreira. Primeiro, minha aluna na Escola Normal, entre 1909 e 1911, recebeu das minhas mãos, nesse último ano, a ambicionada láurea professoral.

Devo-lhe, porém, uma confidência, que a distância dos anos não desfigura nem empalidece. Ela não demonstrava grande agilidade, nem notáveis proveitos no curso do 3.º ano, que era final, então, e eu tinha quase a certeza prévia de que ela seria sacrificada, como foram muitas outras companheiras de estudo, naquela primeira fase da minha gestão.

Mas, concluidas as provas e apuradas as notas e os julgamentos, eis que a plumitiva ressalta no aproveitamento, galgando a aprovação de que tanto eu duvidava.

E o logar, que eu, na preciência dos resultados, supunha caber a Melania Oliveira, cai nas mãos da gentil recepcionada de agora, com grande surprêsa da minha parte.

Assim diplomada, viajou para Açu, onde iniciou a carreira, transferindo-se para Natal, onde, no Grupo que guarda o nome do nosso mais alto padrão de civismo, isto por minha proposta ao então governador, Alberto Maranhão, continuou o seu tirocínio até hoje, primando, sempre, pelo esforço e dedicação á grandiosa causa.

Embora sem convivência diária, a professora açuense manteve sempre com o seu ex-mestre, as mais cordiais relações de estima e aprêço, realcados, nos quatorze versos que lhe dedicou, há bons 26 anos, quando êle reassumia os afazêres da Escola Normal,

de volta do sul, em nome das alunas do 3.º ano normal, a 18 de julho de 1923. Ei-los:

SAUDAÇÃO

do 3.º ano da Escola Normal, ao seu dignissimo Diretor:

Volveis, enfim, á terra dadivosa,
Onde deixastes carinhosos laços;
Ela, na ausência, vos chorou saudosa
E, hoje, risonha, vos estreita aos braços;

Já vos saudou a vaga marulhosa
Do verde mar e o sól, pelos espaços,
Abriu, em homenagem carinhosa,
Um caminho de luz aos vossos passos.

E esta falange de almas dedicadas,
Pelas vossas lições sábias guiadas,
A' voz da Natureza a vós unindo,

Em saudar-vos também feliz se apresta,
Trazendo o coração, agora em festa,
Jubiloso a cantar: — Sêde bemvindo!

A delicadeza da saudação, que o éstro inspirado da poetisa sintetisára nesse belo sonêto, que eu tenho guardado, como reliquia preciosa, no arquivo das minhas reminiscências mais gratas, traduzia melhor do que as outras demonstrações, o afeto das alunas ao professor, que regressava ao seu convívio.

São essas e outras as razões, a que aludí, como determinantes da eleição, que me penhorou, para falar nesta solenidade.

VII — Mas, outras haverá talvez que escapam á percepção, ou aos designios do coração.

Quero ligá-las ao fenômeno geográfico da nosssa procedência comum: ambos filhos de Açu, terra amável e bôa, onde a infância nos decorreu calma e tranquila; embalados ao dôce sussurro dos

carnaubais majestosos, que enfeitam e enaltecem a plaga imensa, coberta de riqueza e esmaltada de beleza natural; banhou-nos a vida, alimentou-nos a formação aquele manancial ubérrimo, que se despenha das alturas da Borborema, e desce, impávido, nas enchentes ibernais, alagando a várzea maravilhosa, até despejar-se pelas quatro bôcas sobre o Atlântico, naquele "vasto alagado", de que falavam os cronistas da éra seiscentista.

Somos do Grande Rio Açu, "a grande vertente ocidental", a que o iluminado espírito de Joaquim Inácio Filho dedicou uma oblata imortal, cantando-lhe as riquezas e a fecundidade sem par.

Unimo-nos pelos eflúvios da grande torrente, que constitui o traço de união mais acentuado entre as duas metades em que se divide a nossa querida Potiguarania.

Assim, nosso destino se identificou, desde a quelas origens geográficas, até as atividades intelectuais, no magistério e nas letras, cada qual a seu modo, mas, nem por isso diversificados, ou antagônicos como poderia parecer.

Emil Ludwig, o famoso escritor judeu alemão, ha um ano, falecido na Suiça, no seu livro "O NILO", — a história de um rio, — descreve com inimitável belêsa o destino daquele grande curso dagua, que dizia êle,

> "...se ergue diante de mim, como um sêr vivo, impelido por um destino implacável, dum princípio radioso a um fim útil, a minha aspiração é deduzir do seu caráter, como na história dos grandes homens, a íntima fatalidade da sua existência, mostrar, como, infante, sai do seu berço silvestre; como cresce, lutando, esmorecendo, quase sucumbindo, porém, triunfando no fim; como esbarra com um outro irmão remóto e arrojado; como juntos deslisam através do deserto, mordendo os rochêdos, como no auge da força máscula, êle trava luta

com o homem e se rende... e, finalmente, domado, cria a prosperidade humana, realizando, já no fim da sua jornada, ações mais trágicas do que na selvageria de seus primórdios." (pag. 10, prefácio. Edição de 1938, trad. de Marina Guaspari, Livraria Globo.)

A imagem é das mais sugestivas e sua aplicação ao volumoso rio do meu sertão é deveras emocionante.

Como aquele notável rio africano, o Rio das Piranhas, ou Açu, tem o seu ponto de origem nas escarpas fragosas dos contrafortes da Borborema, entre Piancó e Conceição, no grande divisor das aguas formado pelas serras Pintada, Baixa-Verde e Jabitaca, de alturas variáveis até mil metros sobre o nível do mar, (Jm. Inácio, *Baixo-Açu, Rev.* I.H.G.R.G.N., 1918, pag. 125), e, de lá se precipita, em vertiginosa declividade para ingressar nas terras do nosso Estado, com 125 metros apenas, no "Cáes", (m. do Caicó); daí, em relativo e suave declinio até encachoeirar-se no Boqueirão das Pinturas (m. de Jucurutú,) e, rompendo o massiço das serras marginais, vir formar o gigantesco empório agricola, "esse maravilhoso trato de terras", na expressão de Joaquim Inácio, que mede cerca de dez léguas de comprimento por dois a quinze mil metros de largura.

O Rio Açu é uma verdadeira dádiva de Deus e da Natureza, porque, extendendo-se. num raio larguissimo em procura do Oceano Atlântico, constitui um régio mar de verdura, nos mêses estivais; e, quando vencida a grande etapa, difunde-se por suas quatro *bôcas* ou *furos* do Amargoso, Emburanas, Cavalos e Conchas, se atira sobre o imenso Oceano, é para formar também, por sua vêz, aquele estupendo repositório das salinas, que são o nosso orgulho e a nossa vaidade.

E, quem sabe, senhores, si por sob aquelas várzeas salitradas, não existem e vicejam outros ma-

nancias ainda mais ricos e dadivosos, em gipsita e minérios, que tais, que desafiam a nossa iniciativa e a nossa ambição, para explorar, de futuro, fabulosas e surpreendentes jázidas, até agora inexploradas ou desconhecidas?

Pois, é, aí, aonde se elabora a majestosa várzea, cujas areias semelham ás do Nilo, no parecer de Cristovão Dantas, ao regressar de lá; é aí, aonde moram os imensos carnaubais farfalhantes; é, aí, aonde se fabrica a linda cêra de carnaúba, excelente matéria prima para finas indústrias modernas; é, aí, aonde o algodão médra, como dádiva do Céu, e os cereais, ao par das raizes alimentícias, abundam e vicejam deslumbradoramente.

Como num ridente *oasis* na planura comburida, mas, pleno de graça e de vigor, ao ritmo daquela produção esplêndida, ao suave palor dos ventos estivais, é que nós ambos nascemos, nos criámos e vivemos a primeira jornada da vida, estratificadas as impressões iniciais, fixadas as linhas mestras do caráter, da memória e da imaginação criadora, que nos vem impelindo para as pugnas do saber e da educação.

Aquelas terras magníficas, alegria de seus habitantes e maior riqueza de seus filhos, são como bençãos do Céu, e ninguem as poderá dissociar do caráter dos seus naturais, nem do pendor que têm para as letras, a imprensa, a poesia, a tribuna e o apostolado cívico.

Terra querida e dadivosa, nós te saudamos, nesta noite, por tua glória, na qual teus filhos, integrados nos mistéres desta Casa das Letras, ensejam a tua exaltação, "impelidos por um destino implacável, dum princípio radioso a um fim útil", na feliz expressão de Ludwig, porque déste e formaste, para a galeria dos Patronos, trêis dos mais ilustres, Luís Gonzaga, Luís Carlos e Elias Souto, e para as cadeiras, nós dois que hoje nos apresentamos aqui, e a que ajuntamos o nome de Antônio Soares, magistrado e poéta, todos filhos da gloriosa interlândia.

Reverenciemos, pois, conjuntamente, nas tra-

dições do velho e saudoso Açu, aquele nome ilustre e distinguido, que patrocina a sexta cadeira, que hoje se preenche tão brilhantemente, com a posse de sua ilustre descendente e sua titular, e que, por seus méritos, tornou-se digna da nossa consideração e do apreço mais subido.

VIII — Meus senhores; minhas senhoras:

A definitiva consagração do patrono dessa sexta cadeira, hoje ocupada, em caráter perpétuo, pela poetisa Carolina Wanderley, diante do elogio que acaba de ser pronunciado e nos moldes regimentais, parece-me que era dispensável.

O Dr. Luís Carlos Wanderley, médico açuense, primeiro norte-riograndense, que se laureou em Medicina, a 5 de dezembro de 1857, foi notável homem de letras no seu tempo e a sua fama encheu o cenário das letras provincianas, cerca de sete quinquênios, de 1855 a 1890, data em que faleceu, nesta capital, juntamente com sua segunda espôsa, D. Maria Carolina Lins Wanderley.

Toda a gente da Provincia leu, estimou e decorou as suas poesias, cantou os lundús, as modinhas, musicadas aqui e no Açu, declamou, publicou suas produções poéticas, assistiu os seus dramas, apreciou os seus romances.

Era criatura amável, serena, bondosa, acessível, caritativa, estudiosa, amante das bôas letras e sempre com elas preocupado, nos lazêres de sua profissão médica e dos afasêres de lente de Retórica, ensinando matemáticas, no velho Ateneu natalense.

De baixa estatura, rosado, barbas suiças, no seu todo, infundia respeito e simpatia, que lhe tributavam os seus contemporâneos. Não tinha vícios, senão as letras.

Nasceu rico, mas, viveu pobre e, assim morreu.

Deixou numerosa próle, em que se destacaram Segundo Wanderley, o grande poeta popular de fama nacional, Celestino, também poeta e magistrado, Ezequiel, burocrata e ensaista em vários gêneros, a que já me referí, Cincinato, que versejava facilmen-

te, Sinhazinha, que lhes sobrevive em Açu e nunca perde ensejo de fazer vibrar as cordas da sua lira apreciada, até Virginia, que, no martírio da dôr, vêzes há que empunha a teorba para versos inefáveis.

Só não foi poeta Luís Carlos, o filho, mas, era um apaixonado pelas artes, tendo-se aperfeiçoado na música, para deixar-nos lindas canções de sua lavra.

O Dr. Luís Carlos, o nosso homenageado de hoje, casou duas vêzes, com duas primas suas, irmãs, filhas ambas do jornalista e político João Carlos Wanderley.

E', por conseguinte, uma família de artistas, literatos, músicos e ensaistas, sempre amantes das bôas causas.

Também foi político o dr. Luís Carlos: era liberal, ou "luzia", como se dizia outróra. Fundou e dirigiu vários orgãos de imprensa no Açu e nesta capital. Vice-Presidente da antiga Provincia, teve ensejo de assumir-lhe a administração; deputado provincial, teve assento na Assembléia Legislativa. Era comendador da Ordem da Rosa.

Manteve, por motivos políticos partidários, acerbas polêmicas, inclusive com o meu tio Elias Souto, também patrono, aqui. Era jornalista vigoroso, elegante, argumentador.

Mas, era sobretudo poeta e de fino lavor.

Porque não há quem não recorde, com infindo gôso, aquelas noites claras de luar, lá no sertão, quando, nas saudosas serenatas, carpiam os bardos, nos seus violões, ou flautas, todas as desditas de sua alma, ou decantavam as maravilhas daquelas noites enluaradas, nos versos que Luís Carlos opulentamente compôs e assim diziam:

"A Lua nua se levanta e encanta,
Na vasta pasta dos cerúleos céus,
Fada encantada, delirante amante,
Passeia, anseia nos jardins de Deus!

Os raios baios se desprendem, fendem
Graças nas praças, no jardim, na flôr,

Ai, tudo é mudo, e ela fala, exála,
Perfume, lume, poesia e amôr!"

Eis aí o homem, o poeta, o jornalista, o tribuno, o médico, o dramaturgo, o romancista, o filósofo, e o professor de Eloquência, que a ACADEMIA DE LETRAS elegeu, para tutelar a cadeira n.º 6, o qual dispensa maiores encômios, ou preconícios de encomenda, porque êle vale por si mesmo, por sua obra, por seu estilo, por seu espírito humanitário e, sobretudo, pela inteireza moral da sua personalidade marcante, que ascendeu e brilhou em quase toda a segunda metade do século passado. Tenho dito.

---

* — Discurso, pronunciado pelo autor, no dia 27 de Outubro de 1949, saudando, em nome da Academia, a poetisa Carolina Wanderley.

Luis Carlos Wanderley *

CAROLINA WANDERLEY

A generosidade dos que compõem esta Casa da Inteligência e da Cultura traz-me hoje, ainda atônita pela distinção, a tomar assento numa de suas poltronas, em cumprimento a um dever imposto aos que nela ingressam.

Lanço um olhar ás páginas de um passado que já se vai distanciando, e vejo-me criança, amimada por todos os desvêlos, protegida por todas as bençãos e cercada pelo amôr indestrutível da família numerosa e unida por laços de sangue e de afeto, que nenhum outro pode existir mais forte nem mais profundo. A minha memória, hoje fatigada por tantas lembranças dolorosas, descança um momento no cenário quieto e confortador da infância e nele caminha, enveredando segura por todos os recantos outrora percorridos num enternecimento que é amôr, num recolhimento que é saudade.

E nesta jornada de recordações à terra do meu berço, vou à mesma terra que do meu patrono ouviu os primeiros vagidos, coloriu os primeiros sonhos, consolou as primeiras máguas, coroou os primeiros triunfos e hoje recolhe maternalmente as suas cinzas.

O Açu tem a sua história de início igual à de todo o Brasil adolescente.

Taba Indígena dos Janduís — que o colonizador conquistou pelas armas para a civilização e o jesuita catequisou pela Cruz para o Cristianismo.

Arraial sob a invocação de *Nossa Senhora dos Prazeres, Vila Nova da Princeza* e, finalmente, Cida-

de do Açu, a isto elevada a 16 de outubro de 1845, pelo alto valor cívico de alguns de seus filhos ilustres.

Foi na então *Vila Nova da Princeza* que Luís Carlos Lins Wanderley veio á luz no dia 30 de agosto de 1831.

Não conheci o meu patrono senão pela admiração e saudade dos seus filhos.

Descendente de holandêses e de portuguêses, êle herdou das duas raças de origem as qualidades que as caracterisam: a pureza de princípios, o amôr ao direito, o respeito á justiça e o sentimentalismo que foi o traço de sua vida particular e pública e se faz sentir em toda a sua obra literária.

Seu pai, Manoel Lins Wanderley, filho do primeiro Wanderley de que se tem notícia no Rio Grande do Norte, era alto comerciante no Açu, onde deixou traços inapagáveis de sua cooperação no progresso material e administrativo daquele burgo. Caráter integro, enérgico, mais se fazendo respeitar do que temer, nunca tergiversou no cumprimento do dever, mesmo que a êste se chocassem os seus sentimentos mais íntimos.

Conta-se dêle que mandando, certa vêz, por fôrça do cargo que ocupava, prender os que estavam incorrendo em irregularidades de que lhe deram denúncia, cientificaram-lhe, também, de que entre os faltosos encontrava-se um dos seus filhos mais moços. A notícia não o faz retroagir no propósito de manter a disciplina legal. A ordem foi mantida. Êle teria respondido: "A justiça principia por casa." E mandou prender o filho.

No capítulo em que a êle se refere no seu livro *"História e Geografia do Município do Açu"* diz o Prof. Fagundes o seguinte: "Imortaliza-o o fato de haver tomado parte na revolução de Pinto Madeira, no interior dos sertões. Sabendo da revolta, êle se fez acompanhar de 200 homens, em armas, casados e solteiros e marchou em defêsa da Pátria. Ao ter ciência da sua ida, o inimigo içou a bandeira da paz,

dizendo que o respeitava até mesmo tradicionalmente."

"Nesta ocasião, narra ainda o mesmo autor, o povo, segundo o uso da época, lhe conferiu pelo voto a patente de Coronel, como gratidão aos seus beneméritos feitos." Isto teve lugar em 1832, contando êle 28 anos de idade. Três anos antes havia se consorciado com d. Maria da Trindade Wanderley.

Educado nesta escola, Luís Carlos não podia deixar de ser, o que foi em todas as passagens de sua vida, um defensor rigoroso do Direito, um cultor intransigente da Justiça.

Tendo cursado as primeiras letras na sua terra e os preparatórios em Recife, ingressou, a seguir, na Academia de Medicina da Bahia, onde recebeu o gráu de doutor a 5 de dezembro de 1857, tendo sido o primeiro médico filho do Rio Grande do Norte. No ano seguinte contraia nupcias com sua prima Francisca Carolina Lins Wanderley. Desta cerimônia, que foi celebrada na intimidade por motivo de falecimento recente de pessôa da família, disse êle na Biografia que da espôsa escreveu nos primeiros dias de luta que se seguiram á sua morte, em 6 de abril de 1877:

"Um beijo que lhe imprimi na face, — sinal de beleza — um beijo que logo em seguida me imprimiu na mão — sinal de fôrça — substituiu a troca dos anéis esponsais que não tivemos". E continúa: "As minhas doces esperanças, os meus sonhos de amôr, as minhas visões fagueiras, estavam convertidas em uma realidade feliz.

O que há de ventura, de amôr, de amizade, de paz, de harmonia, de doçura, de cordialidade, de risos, de festas e de prazeres, foi justamente o que comecei a desfrutar em minha vida. Nunca tivemos rixas teimosas, dissabores puerís ou perigosos. Nunca também, o ciume, êsse inferno dos casais, anuviou o céu do seu espírito nem o sentimento de ira ou do despeito desconsertou a amenidade do seu sorriso e a placidez do seu ânimo.

Disseram-lhe um dia (foi uma bruxa) que uma

sua amiga entretinha-se em olhares com seu marido. "Quando eu não tivesse razão para confiar nele, respondeu ela, tinha, sem dúvida, para confiar nela".

Orgulhei-me da resposta, que só passados tempos me contou".

São rebentos desta união: Luís Carlos, Manoel Segundo, Celestino, João Carlos, Ezequiel e Maria.

Das suas segundas nupcias nasceram — Benjamim, Cincinato e Virginia.

* * *

Foi na Bahia que se abriram as primeiras flôres da sua inspiração poética. No seu único livro de versos intitulado "Lira do Amôr", ali publicado ainda quando estudante, transparece a influência de vários poetas da escola romântica. Sobre este livro de sua juventude, assim refere-se êle na Biografia de sua esposa: "Reconheço hoje alguns defeitos em muitos destes versos, mas mesmo assim eu os amo com os extremos de uma recordação feliz e os encantos do primeiro amôr".

E' que êste livro fôra todo inspirado nos seus dois grandes amores: a terra natal e a noiva querida que êle tão fielmente retrata no mesmo trabalho: "franzina e flexivel, esbelta de corpo, ágil, pronta e rápida na expressão e nos sentimentos, alva como a corola de um jasmim, macias e coradas as faces como as pétalas da rosa; com os olhos negros, vivos e luzentes como o reverbero, com os lábios rubros como a flôr da romã, com a bôca graciosa e sempre prestes a se desmanchar num sorriso doce e fascinador como a expressão da inocência e com os cabelos longos, negros e soltos aos ombros em canudos como os crespos da maravalha".

Poeta lírico, êle sempre o foi, não só por se ter filiado aos românticos como por um pendor do seu temperamento. Espírito moldado nos ensinamentos cristãos, sua poesia se reveste sempre de um profundo cunho de religiosidade.

Médico, jornalista, teatrologo, romancista e político, Luís Carlos foi sobretudo poeta.

O verso foi o veículo por onde deixou estravasar todo o sentimento, o confidente amigo de todos os momentos: dos dias tormentosos — que muito os teve — e dos minutos de alegria — que poucos lhe foram! Quando quintanista, na Bahia, rebentára o Cólera no País, atingindo a sua Provincia. A exemplo de tantos outros colegas, Luís Carlos oferece os seus serviços clínicos ao govêrno e vem enfrentando corajosamente o terrível flagelo em socorro das vítimas, percorrendo todo o sertão, na perigosa missão a que se dispusera.

A viagem da Bahia para cá fôra penosa e é o poeta quem a descreve num poema inserido no seu livro de versos dos quais escolhi estes trêchos:

E' meia noite. Em mal seguro barco
úmido, estreito, cheio de soldados,
eis-me deitado sobre nua prancha
cismando triste qual guerreiro prestes
a dar combate de onde vem-lhe a glória.
Dorme ao meu lado alguem que me
[interessa.
São meus colegas, companheiros cinco
que vão comigo. Para onde? O leme
volvendo o timoneiro as velas soltas
enfunadas do norte, fende a quilha
as aguas do oceano.

Onde vamos? Que destino
nos leva por estes mares?
Iremos prá terra estranha
Ou vamos prá nossos lares?

Onde vamos? Quem o sabe?
Lá onde o Cristo gemer,
Lá onde ouvirmos pranto
E' onde havemos ir ter.

Vamos levar esperanças
ao povo, de salvação
ou, talvez, morrer com êle
qual desvelado cristão.

Vamos, sim, de ânimo forte
confiantes no Senhor
livrar o povo das garras
do Anjo exterminador

E quão grande êste desvêlo!
Quão sublime esta missão!
Protegei, Senhor, quem sabe
ter humano o coração!

O poema continúa descrevendo o perigo da travessia numa noite de trevas... O barco sem govêrno, entregue ao arremesso das vagas, ameaçando partir-se a cada momento entre os rochedos. Mais tarde, finda a tormenta, quando o mar serena, o céu se desanuvia e a estrêla d'alva aparece — é a imagem da noiva que o poeta vê na brancura de sua luz e exclama:

"Foste tu, foste tu que nos salvaste,
Foi teu poder que demoveu cachôpos,
que amainou os ventos e mostrou-nos
de salvação o porto desejado.
Enfim ao teu poder todos devemos
aqui estar sem perigos sãos e salvos.
Oh! minha maga estrela, não te ocultes,
Prende um raio dos teus á vida minha.
Ilumina-me o trilho da ventura,
guia meus passos nesta incerta vida.

Pelos serviços médicos prestados á população, nesta ocasião tendo, num gesto fidalgo e patriótico, recusado receber qualquer remuneração do govêrno imperial, foi por êste agraciado com a comenda da Ordem da Rosa. E por igual gesto ao vir tempo depois em socôrro ás vítimas da varíola fê-lo o govêrno Comendador da Ordem da Cruz de Cristo.

Há reflexos de Castro Alves, o fundador, entre nós, da escola condoreira, na poesia "No Caucaso", inspirada no pesar de sua viuvez e considerada a mais forte das suas produções no gênero e de que apenas encontrei estes fragmentos:

Pedi, chorei, roguei, grito troante.
Foi debalde, porém, singra distante
O barco sempre além.
Inda diviso ao longe, a branca vela,
Inda mais uma vez chamo por ela,
Não me responde alguém.

Ahasverus! Se de andar estás cansado
Senta-te aqui e dá-me o teu cajado
Que eu quero andar por ti.

Vem repousar do teu suplício eterno,
Primavera, Verão, Outono, Inverno,
Ver-te-ão passar além...
Enquanto eu aqui na rocha dura
As estações da negra desventura
Verei passar também.

Luís Carlos amou e amou extremosamente a terra sertaneja do seu berço! Amou-a na festa de luz e de sons das suas alvoradas, na ardentia causticante dos seus meio-dias, na tépida maciez das suas tardes, na incomparável poesia dos seus luares, na brancura de suas várzeas que o carnaubal pontilha de verde, nas aguas tumultuosas do seu rio que o inverno faz transbordar do leito; na generosidade de enfermeira do seu clima; no carinho simples e acolhedor do seu povo, na glória do seu Passado, na esperança de progresso do seu Futuro.

E, ainda jovem, pedia:

Oh! meu Deus, isto é tão pouco .
Nada nos custa fazer:
Dá que a terra em que nasci.
Seja a mesma em que morrer...

Tudo nela o interessava: desde a "argolinha que os negros tiravam nas suas festas e vinham trazer-lhe, numa respeitosa homenagem de estima, até a vaquejada, que assistia acompanhando com o corpo os movimentos do vaqueiro, na corrida, estimulando, e aplaudindo com entusiasmo a mais bonita derrubada da rêz e premiando o vencedor com uma moeda de prata, para êste fim especialmente economisada.

Alguns dos seus versos foram musicados e sonorisaram os festivos serões familiares ou traduziram na beleza evocativa do luar do sertão, o sentir dos trovadores em serenatas românticas.

Desses versos transcrevo os seguintes, cheios de um ingênuo lirismo:

Ontem à tarde, a tarde era bela,
Estavas singela cercada de luz;
Teus lindos cabelos o colo bordavam,
Travessos brincavam teus olhos azuis.

Porque é que sorrias? Porque é que
[coravas?
Quem é que avistavas tão perto de ti?
Não negues, se negas eu fico zangado!
Confessa o pecado, confessa que eu vi!

Agora te digo falando sincero,
Mentir-te não quero, que eu nunca menti!
Se os prados têm zelos dos risos da aurora,
Confesso-te agora que os tive de ti!...

O Açu é e sempre foi a terra das serenatas: das modinhas sentimentais, alta noite, moduladas aos soluços do violão e aos estrídulos da flauta; das declamações ao som maguado da "Dalila", na confissão de um afeto, na revolta de um ciume, ou na angústia de um adeus.

Amando tudo na sua terra, Luís Carlos não fugiu ao amôr aos seresteiros e já enfermo, na Capital, numa noite insone de sufocação produzida pelo mal cardíaco que o vitimou, calaria um instante os gemidos para escutar os sons de uma flauta que rasga-

va o silêncio numa serenata que passava á sua porta, e recordar o filho ausènte que tocava aquele instrumento.

Na véspera de sua morte, a seu pedido, os filhos Celestino e Ezequiel cantaram e tocaram ao piano, a modinha muito em voga, de Castro Alves:

"Oh! eu quero viver, beber perfumes.

No teatro, como na poesia, Luís Carlos conservou-se fiel aos românticos. Os dramas de paixões tumultuosas, de lances cheios de emoções e de sofrimentos, de torturas íntimas e de sacrifícios dolorosos eram o assunto cultivado nos seus trabalhos teatrais. Levando, na capital do País, á apreciação de Furtado Coelho, mestre e estilista da cena, uma das suas produções intitulada "Os Anjos do Amôr", recebeu daquele técnico na arte de interpretar, os mais calorosos elogios. Não o aconselhou, todavia, Furtado Coelho a encenação do seu trabalho naquela Provincia porque "a plateia do Rio de Janeiro", já assim dizia nesse tempo, "só quer rir".

Regressando, tempos depois, á sua Provincia, encenou êsse e outros trabalhos no Açu, com o concurso de um grupo de amadores, presidindo êle próprio os ensaios.

Além dos "Anjos do Amôr" deixou ainda os dramas: "Amôr de um Anjo", "A Louca ou Riso da Dor" e a "Restituição". O "Anjo da Meia Noite", cena dramática, em versos, e "O Prêmio da Viuva" comédia que embora divorciada do seu estilo, fez época.

Abordando todos os gêneros da literatura, Luís Carlos tentou, também, o romance e escreveu "Os Mistérios de um Homem Rico" e a sua continuação, "A Feiticeira de Goiana" ambos de feição regional tendo por cenário a sua terra-berço.

E' a enternecedora história dos amôres de Henrique e Virginia, que vencem todos os obstáculos, resistem sem revolta e sem esmorecimento, no afeto,

a todos os sofrimentos e têm por epílogo a realização do seu formoso sonho de felicidade.

Da história verídica que tambem escreveu e publicou em 1872 sob o título *"Impressões de uma Viagem"*, quero aqui destacar a seguinte página em que o autor desenha o quadro empolgante de um amanhecer no campo:

"São cinco horas da manhã.

Recostado a uma janela eu contemplava absorto aquela hora de sublimes encantos.

A cúpula celeste era de um azul sereno e diáfano e uma ou outra estrela ainda lá tremulava desbotada como lágrima sentida nas faces maceradas da virgem que vai finar-se.

A lua descambava para a catacumba do poente e olhava a terra com essa lânguida e amarga tristeza que faz recordar a rainha que sofre as saudades do perdido trono.

Lá no levante, bem na extrema do horizonte, um friso de nuvens, como um debrum negro orlado de fios de ouro servia de reposteiro ao sol que devia pouco mais erguer-se do seu leito de rosas. De quando em quando um clarão fugaz cintava o firmamento e se apagava sem deixar vestígios.

Dir-se-ia o pranto da noite ou as lágrimas da aurora — se é que a aurora podesse ter lágrimas.

Cá em baixo o quadro não era menos vivificador e ameno: Nem a lua desbotava a terra com a palidez de sua luz nem o sol incendiava o mundo com o clarão dos seus raios. Bem longe de haver trevas o que havia era um mistério de luz naquela hora sublime.

Eu nunca tinha visto coisa assim!

Não era dia porque a lua ainda tinha raios e o firmamento estrêlas; também não era noite porque o sol já produzia a luz e a natureza acordava lesta.

Sim. A manhã é a vida que começa, é o movimento que se revela, é a luz que bruxolêia, é o prazer que se dilata, é a felicidade que se expande, é a flôr que desabrocha, é o noivado que sorri, é finalmente,

a fé casada com a esperança e a esperança a oscular a creação.

A manhã é a infância do tempo.

Concebei um dia sem manhã e tereis um quadro sem luz ou uma luz sem visão.

Sem a mulher o prazer seria o prelúdio do tédio, sem a manhã o dia seria o centro da voragem."

Na linguagem fluente e colorida com que Luís Carlos veste o pensamento, nota-se a influência de Victor Hugo de quem foi admirador e discípulo. Com êle percorreu toda a escala de sentimento, traçando caractéres, e estudando aspectos para fixar os motivos das obras que legou como patrimônio ás letras potiguares.

Militando na política da Provincia, defendeu sempre os princípios liberais com a palavra pela tribuna e com a pena pela imprensa.

Eleito legitimamente Deputado Provincial, nas eleições de 1880 e 1882, viu neste último ano, por um obstinado capricho da maioria do partido que lhe era oposto procrastinado o seu direito de posse e depois negado êste mesmo direito por um Parecer da Comissão encarregada do exame dos diplomas que, embora considerando válidas as eleições, exigia dêle a apresentação de documentos desnecessários e pedia a sua exclusão da Assembléia sob o pretexto de uma suposta incompatibilidade. Convidado, por proposta do seu correligionário e particular amigo, dr. Moreira Brandão, a discutir seu direito na Assembléia, o faz em vibrante discurso, mostrando, desassombradamente a sua procedência política que em nada o desmerecia perante a sua consciência, os seus conterrâneos e a Assembléia. Traça o histórico de sua conduta como homem público e como jornalista, externa as suas ideias favoráveis á *Liberdade de Crenças. Igreja Livre no Estado Livre". e "descentralização"*, questões que, entre outras, agitavam o país no momento.

Sua palavra nem uma só vêz é contestada pelos adversários e de um público inteligente e respeitá-

vel das galerias não lhe faltam vozes de animação e entusiasmo. Os documentos exigidos pelo "Parecer", são, dias depois, apresentados numa esmagadora resposta aos seus acusadores.

A sentença, porém, estava lavrada e foi mantida de pé: Luís Carlos foi excluido para que fosse aumentada a bancada Conservadora. Com êle o foram nesta mesma ocasião e também por motivos partidários, Lino Constâncio de Brito Guerra e o dr. Horácio Cândido de Sales e Silva.

Outro episódio, êste de carater íntimo, na sua vida política, demonstra claramente a sua presteza e o seu destemor quando o Direito era desrespeitado e a Justiça era atacada.

O Juiz de Direito do Açu, seu rancoroso inimigo político, ao vir o recrutamento, mandára prender, no visível intuito de deprimí-lo, um escravo negro de sua propriedade e estima, fazendo-o seguir para Macau, de onde se transportaria para a Capital. Ao ter notícia do ocorrido, Luís Carlos, toma imediatamente, o cavalo, corre até Macau, e ali, pelo prestígio de que dispõe, consegue do Comandante do navio que, ainda não partira, fazer voltar o recrutado. Entra com êle em Açu empunhando em triunfo, uma palma verde de carnaubeira e passando em frente á casa do Juiz que se achava á janela e se ufanava do seu ato, diz-lhe num desafio:

"Doutor, aqui vai o negro"!

Em casa, regosijada pela vitória do senhor e pelo regresso do escravo, a família, ataviada como nos dias solenes, os recebe comovida e festivamente.

* * *

Sua carreira jornalística começou muito cêdo, ainda no curso acadêmico, na Bahia onde colaborou na "A Opinião" e no "O Prisma" periódicos político e literário ali publicados.

Depois de formado atuou em *"O Açuense"* pri-

meiro jornal editado no interior, de propriedade do seu tio e sôgro João Carlos Wanderley e por êste fundado. Esteve ainda a sua pena ao serviço das bôas causas e das belas letras em diversos jornais da terra, fazendo, por fim parte do corpo redacional do *"O Correio de Natal"*, também de propriedade de seu sôgro.

* * *

Luís Carlos era fidalgo nos sentimentos e nos gestos e amava a vida em família.

"A não estar clinicando, diz o depoimento de sua filha, Professôra Sinhazinha Wanderley, ocupava-se no seu gabinête a escrever, a compôr. Ai tinha tudo: aparadores de papel, lindos pesos de cristal, bôa pasta." O que escrevia durante o dia lia durante a noite, reunindo os elementos mais íntimos da sua família e os amigos mais aproximados, para que ouvissem e manifestassem a sua opinião que era sempre por êle acatada e acolhida sem reservas.

Recordam-no, os que o conheceram, de estatura mediana, alvo e rosado, fronte espaçosa, olhar firme e expressivo, cabelos e suiças precocemente encanecidas.

Não se tem notícia de que haja recebido remuneração de serviços clínicos prestados aos seus conterrâneos nem que se tenha negado a atendê-los, tratando-os, sem distinção de classe ou de côr política, com a mesma dedicação e o mesmo desinteresse.

Inimigo pessoal e político do Cel. Luís Antônio Ferreira Souto e chamado, um dia, pelo seu filho Ponciano Souto a medicá-lo, o fez solicitamente, enfrentando grande distância e o sol escaldante de um meio dia de verão. Graças á dedicação do médico e ao seu trabalho cuidadoso para salvar-lhe a vida, o enfermo teve debelada a crise do mal que o prostára, causando apreensões á família.

Dias depois, vindo o Cel. Luís Antônio a falecer subitamente, seus filhos procuraram saber do médico o preço dos seus honorários no tratamento da

moléstia para que fôra chamado, alegando ter o extinto deixado recursos que chegariam para satisfazer além de outros, êste compromisso. Luís Carlos respondeu que nada receberia pelos seus serviços clínicos. E adiantou: — "Se alguma coisa me couber na partilha, seja esta repartida com as filhas do Coronel, que ficaram orfãs".

As canseiras de sua profissão de médico, as lutas que teve de enfrentar na política e no jornalismo, as situações aflitivas a que o levaram, muitas vezes, os embaraços financeiros, não lhe abateram o ânimo, mas apressaram-lhe o fim.

Luís Carlos faleceu nesta capital aos 10 de fevereiro de 1890, na residência do seu filho Celestino Wanderley, á rua "Vigário Bartolomeu", 212. Teve a assistência do médico do Exercito, dr. Jaime Guimarães. Neste mesmo dia, algumas horas antes, falecia a sua segunda espôsa, Maria Carolina Lins Wanderley.

Êle encarou a morte com a resignação dos fortes e a serenidade dos justos. No dia do seu falecimento, quando o Padre trazia-lhe o Viático exclamou, vendo-o aproximar-se: "Deixai entrar o Rei dos Mundos". E quando Segundo Wanderley, que impotente como médico para salvar-lhe a vida, rezando como filho e como crente, ao pé do seu leito, as orações dos agonizantes, deixou rolar uma lágrima pelo moribundo pressentida, êste disse, batendo-lhe no ombro numa recomendação extrema: "Seja homem"!

A êle se pode aplicar o que de Ramalho Ortigão escreveu Eça de Queiroz: "Vivendo a sua vida, foi um homem de bem".

Sr. Presidente,

Para traçar êste imperfeito esbôço do meu patrono, folheei mais as páginas do coração da família, do que consultei os volumes das bibliotecas.

Outro que não eu, deveria aqui com brilho e

proficiência perfilar a complexa personalidade intelectual que foi Luís Carlos.

A minha cooperação é modesta, como vêdes, srs. Acadêmicos, e com ela, porque outra não me é possível dar, ouso pedir sob a égide de vossa magnanimidade, um lugar ao sol rutilante desta ilustre Casa de Câmara Cascudo.

---

* — **Discurso de posse, na Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 27 de Outubro de 1949.**

Antônio Soares, poeta e historiador *

HELIO GALVÃO

Se uma das mãos que para aqui me trouxeram foi a do acadêmico Antônio Soares, como explicar que me encontre nesta tribuna a receber em nome da Academia um dos seus fundadores e até mesmo um dos seus antigos Presidentes?

Carece de explicação o fato, que até reveste certa estranhesa e poderia criar dificuldades no futuro, quando alguem pretender fixar a cronologia das nossas atividades. E' que disposição regimental fixou o prazo inelastecivel para elogio dos patronos, e o acadêmico Antônio Soares, atento aos apêlos do Presidente Paulo de Viveiros, fez côro ao programa da diretoria, agora que os lazeres de uma aposentadoria compulsória lhe proporcionaram oportunidade de estudo e pesquisa para um dos mais difíceis elogios aqui produzidos.

Quanto a mim, recebi com alvoroçada alegria o encargo da recepção, que deparou-me o inesperado ensejo de uma confissão pública de estima pelo meu velho mestre de história regional, aquêle a quem levei, há quatorze anos passados, os originais datilografados do primeiro livro. A lição naquêle dia recebida, envolvendo problemas de técnica, valeu para o resto da vida, e fiquei sabendo desde então que a história requer, na sua metologia mais íntima, vocabulário apropriado, liso e frio, sem enfeites coloridos ou florões enroscados. E quando levei a Câmara Cascudo, o paraninfo escolhido para o prefácio, meu

trabalho (que graças a Deus injunções de segunda ordem não lhe permitiram a publicação) recebera já retoques de mão amestrada e as sugestões de uma experiência pessoalmente vivida.

E' justo que eu vincule à evocação desta reminiscência o nome de Antônio Soares Filho, hoje deputado estadual de assinalada participação política, companheiro daqueles dias, meu compadre mais tarde, a cuja convivência devo a amizade de seu venerando pai. Esta convivência que temos mantido com tanto carinho, resistiu sobranceiramente aos empurrões da política partidária, levados que fomos a militar em campos opostos graças à solidez das suas bases, firmadas na identidade de objetivos culturais, desde quando, ainda nos bancos do ginásio, opunhamos nossas convicções espiritualistas à pregação anti-cristã de certo professor, que acompanhando a moda do tempo utilizava a cátedra para instiliar nos seus alunos o veneno de suas idéias.

Quiz destacar da personalidade intelectual do des. Antônio Soares — consinta a Academia que não mude o respeitoso tratamento de sempre — aquêles aspectos que me pareceram suficientes para a definição do seu papel na vida do Estado. Ao Estado, sim, à Provincia, digamos melhor, foi que êle serviu dedicadamente:

> "Todo o trabalho de tantos anos, tudo o que a minha média capacidade poude produzir de útil, foi a vós dedicado, porque doado à nossa terra, ao nosso Rio Grande do Norte".

1 — O JUIZ

Sabemos que foi longa a sua carreira na magistratura e que deixou vincada a sua passagem por inconfundíveis traços de alta dignidade pessoal. Dalí saiu, membro do Egrégio Tribunal de Justiça, sob a imposição constitucional do limite de idade. E quem lhe assistiu a despedida, audíveis ainda os écos

da solenidade recente, sentiu inequívoca a consagração dos seus merecimentos, não só através dos discursos proferidos, dentre os quais destaco o do juiz Edgar Barbosa, como pelo gesto, um tanto teatral e insólito, mas profundamente comovedor e sincero, do dr. Francisco Ivo, ao beijar-lhe, perante numerosa assistência, a fimbria da toga inconspurcada, fazendo-se representante daquêles injustiçados anônimos aos quais fizera justiça o des. Antônio Soares.

Um episódio merece recordado no *curriculum vitae* do juiz Antônio Soares, porque, raras como joias essas atitudes, devem ser apontadas aos novos como pontos de referência na estrada da vida pública, como obstáculos oponíveis à descensão escorregadia dos costumes. Aludo a fato conhecido, qual aquêle ocorrido em 1935, quando na presidência interina do Tribunal Regional de Justiça Eleitoral, o des. Antônio Soares teve de tomar medidas que, postas em práticas, viriam, como vieram, criar sérias dificuldades aos planos do partido oficial, no qual — ressalte-se novo aspecto do fato — era candidato um dos seus filhos. Ao juiz não intimidaram algumas manobras surgidas para diminuir-lhe a autoridade, e menos ainda ocorreu-lhe considerar os possíveis prejuizos eleitorais causados ao próprio filho. Recordo agora as explosões de incontida satisfação com que o orgão do partido oposicionista, em *manchette* a grandes letras, recebia a atitude dignificante.

Do discurso com que se despediu do Tribunal de Justiça um trecho vale ser destacado, documento de honradês profissional, de modelar honestidade para a magistratura, instituição sôbre cuja independência repousam a segurança das relações jurídicas e a confiança dos que esperam na fôrça coativa do direito:

> "Se existisse, ao tempo da minha investidura , e se estendesse aos magistrados, a exigência constitucional do depósito, no áto da posse, da relação de bens e rendas,

seria agora, devéras interessante uma tomada de contas, à vista de certidões das Prefeituras, dos Bancos e dos Cartórios, tôdas mostrando que nenhum imóvel adquerí, e atestando, por outro lado, que não possúo numerário disponível e que só assinei documentos de alienação para ajudar, com elas, a manter a necessária independência no exercício do honroso cargo".

Em tempos como os nossos, de tão numerosos *nouveaux-riches,* êsse depoimento merece o destaque que lhe dei, testamento legado aos nossos juizes e prova de que, as funções públicas se honesta e dignamente desempenhadas, jamais constituirão fontes de fácil e rápido enriquecimento...

2 — O JORNALISTA

Nos porões da casa em que nasceu na cidade do Açu o acadêmico Antônio Soares estavam instaladas as oficinas do "Brado Conservador", fundado e dirigido por seu avô materno, cel. Antônio Soares de Macêdo. Nascido assim, ao contacto das caixas, componidores, máquinas, tipógrafos, havia uma como que predestinação abrindo-lhe os horizontes do jornalismo.

Pudessemos averiguar por miudo a participação jornalística na provincia, iriamos deparar-lhe a presença nos jornais que foram aparecendo, no "Oasis", no "Guarací", no "Iris", na "Tribuna", na "Potiguarânia", na "A República".

E vamos depois encontrá-lo na direção do "Diário de Natal", primeiro diário católico a circular no Estado, posto aonde o levou a clarividência de um bispo ilustre, D. José Pereira Alves, cujo nome pronunciamos com respeitosa saudade. Ali Antônio Soares imprimiu feição característica ao jornal, escrevendo artigos de fundo e notas avulsas. O "Diário de Natal" deve-lhe o impulso inicial e consagrador, conduzindo a opinião católica, em colaboração pro-

veitosa e eficiente dos leigos com os sacerdotes, dentre os quais o mons. João da Mata Paiva e o padre Luís Monte, que ainda diácono ali estreiou, sob pseudônimo, as primícias de sua grande inteligência.

3 — O POETA

Ao deixar a magistratura o acadêmico Antônio Soares não publicou as sentenças do juiz, mas os versos do poeta, açuense fiel á tradição da terra. Seu livro recente (*Lira de Poti,* 1949) marca-lhe o itinerário lírico, longo de meio século, ajustado às linhas de sua escola, coerente na preferência dos temas, firme na influência bilaqueana. Seus versos estão ai, lidos agora mesmo por todos, para que me atreva a trazer-vos algumas amostras.

Muitas das produções do acadêmico Antônio Soares têm alcançado repercussão nacional, algumas reproduzidas no estrangeiro, e ainda agora o órgão oficial da Diocese de Botacutú está aproveitando para abrir suas crônicas sociais os sonêtos do *Lira de Poti.* Cantor das nossas lendas, que sabe transpor com rara fidelidade na conservação do tonus peculiar, é o primeiro entre nós a ensaiar êsse gênero de que Humberto de Campos é pioneiro, e quando estranhei da minha coluna no Diário de Natal a ausência de algumas relativas à fundação das nossas cidades, dêle recebí proveitosa lição na espécie, tão poderosos os argumentos utilizados que não lhes pude negar assentimento.

Tradutor de poemas do uruguaio Gaston Figueira, o acadêmico Antônio Soares possui a rara virtude de conservar a primitiva pureza do idioma original, acrescendo ás traduções suas vigorosas qualidades líricas.

Sonêto que se tornou célebre, mil vêzes reproduzido, infalível nas serenatas românticas, "Noivos" tem sua história, que peço licença para referir. Da amizade do autor com José Roque Dias da Silva, futuro juiz em Pernambuco, já falecido, nasceu o belo sonêto, pela primeira vêz publicado na "Pro-

vincia", do Recife, em 1899. Noivos ambos os estudantes, José Roque apresenta à sua eleita o colega riograndense, pondo em relevo as qualidades do poeta. Das sugestões dessa apresentação, associadas à lembrança da noiva ausente, "separada pelos mares", "Noivos" ficou marcando um momento culminante, de fixação impossível na significação transcendente das emoções que suscitou, não fôsse a sensibilidade artística do jovem estudante de Direito. Mário Mêlo recordava em artigo recente a popularidade que ganhou o sonêto, quase obrigatório nos recitativos de salões, tão frequentes naquela época.

Posteriormente musicado pela pianista Evangelina Barros, com estilização do maestro Waldemar de Almeida, também essa música tem sua história sentimental no fato de que, tendo para casar uma filha cujo noivo se ausentara para o Território do Acre a pianista que conhecia o sonêto, nêle encontrou eficaz derivativo para as saudades da filha, musicando-o para que ela cantasse...

Suave destino o dêsse poema, feito para matar saudades!...

4 — O HISTORIADOR

Se me fôsse exigido caracterizar numa palavra a atividade do des. Antônio Soares eu o apresentaria como historiador. As razões dessa preferência talvez repousem sôbre dados de simpatia pelo mesmo campo de pesquisa. Mas foi também sob êste aspecto que recebí sua influência ao lêr em 1934-35 o *Dicionário Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, editado apenas até a letra E, numa tiragem resumida de quatrocentos exemplares.

E' sabida a gênese dêsse arrojado cometimento. A questão de Grossos apaixonava os estudiosos dos dois Estados confinantes e o govêrno do Rio G. do Norte comissionara Tavares de Lira e Vicente de Lemos — sôgro êste do acadêmico Antônio Soares — para pesquisar nos arquivos locais e nos de Pernambuco, documentos que pudessem contribuir para a

solução do grave incidente fronteiriço. Vários auxiliares foram convocados pelos dois historiadores, dentre os quais o nosso ilustre confrade. Da recolha feita, vários livros surgiram, não só referentes ao debate lindeiro, como incidentes sobre outros assuntos. Notas iam aparecendo no correr dos trabalhos, embora sem imediata relação com a questão de Grossos. Foi daí que nasceu o clássico volume *Capitães Móres e Governadores do Rio Grande do Norte,* de Vicente de Lemos.

Foi também daí que nasceu o *Dicionário Histórico e Geográfico,* que embora inacabado, representa uma fonte de consulta insubstituível a quem quizer conhecer o nosso passado ou a nossa realidade geográfica.

A Academia há de permitir que eu ainda refira uma reminiscência pessoal, que calha bem ao tratarmos do historiador Antônio Soares. Tendo publicado em agôsto de 1938 num jornalzinho do interior, um artigo em que, expondo pontos de vista divergentes entre Câmara Cascudo e Antônio Soares, em torno da naturalidade de André de Albuquerque, sugeria uma terceira hipótese, que veio afinal prevalecer, a de que o chefe da revolução republicana de 17 nascera no município de Goianinha.

Pois bem: apenas teve conhecimento do artigo em questão, o des. Antônio Soares não hesitou em apoiar a tese que eu esposara, felicitando o autor do artigo pelo acerto do problema.

Não ficaria bem evocar o nome do des. Vicente de Lemos como uma determinante da predileção do acadêmico Antônio Soares pelos estudos históricos, sem por igual recordar o nome do cel. Pedro Soares, que coligiu copiosa legislação histórica referente aos nossos municípios. Avô jornalista, sôgro e pai historiadores, não poderia o acadêmico Antônio Soares fugir ao império contagiante dessas influências tão próximas.

Poeta e historiador ajuntam-se numa colaboração íntima e fraterna em torno das nossas lendas ou das nossas reliquias históricas. *Lira de Potí* represen-

ta nas duas partes finais o esfôrço dessa colaboração do poeta e do historiador, evocando as nossas cidades, nossos acidentes geográficos, nossas praías de banho, nossos tipos populares, nossas datas históricas.

Sr. Antônio Soares:

Não entrais nesta casa, como eu entrei, receioso de transpôr-lhe os humbrais. E' vossa esta casa, que surgiu porque de bôa vontade colaborastes na sua instituição. E' vossa esta casa, que sobreviveu porque zelastes pela sua existência. É ela que se honra, se alteia, se enobrece com incluir-vos entre os seus membros. Vossa recepção, feita como estais vendo com uma solenidade requintada de fidalguia, é uma prova do quanto representais para nós. Sois dos nossos, daquêles que muito queremos, porque têm um lugar à parte na nossa estima, no nosso respeito.

De mim, que nada tenho, quero oferecer-vos nestas palavras finais uma coisa sómente: o testemunho do imenso aprêço que vossa obra de historiador, vossos versos de poeta, vossa figura de magistrado sempre me mereceram.

Bôas vindas cordialissimas, é que vos dá por meu intermédio a Academia.

---

* — Discurso de recepção ao acadêmico Antônio Soares de Araújo, no dia 1º. de Dezembro de 1949.

FERREIRA NOBRE *

ANTÔNIO SOARES

Caros confrades Presidente e demais membros da Academia,
Dignissimas autoridades civis, militares e eclesiásticas,
Exmas. Senhoras e Senhoritas,
Meus Senhores,

Venho de uma longa viagem. Não é que fôssem demasiado extensos os caminhos percorridos, mas, o itinerário teve de obedecer a seguidas e diversas etapas.

Certa vêz, após ter lido e relido, durante semanas, velhos livros, de 1833 a 1892, dos existentes no arquivo da nossa igreja catedral, acorreu-me ao espírito a idéia de excursionar por algumas localidades mais próximas. Imaginem como, de pronto, acompanhando um carro-correio, daqui parti, rumo direto a pequena cidade visinha, outrora populoso aldeiamento de indios e onde, hoje, sôbre as ruinas da antiga "casa dos leões", se ergue expressivo monumento em honra de Nisia Floresta. Dalí, na mesma viatura, fui atingir a serena região da Guaraíras, lagôa no centro da qual se formou a Ilha do Flamengo, a evocar famoso episódio do tempo das guerras holandêsas. Pouco distante de sua margem está assentada a pacatissima cidade de Arêz. A seguir, penetrei no vale do Cunhaú, atualmente ocupado por outros centros de população civilizada e que guarda, na memória dos seus habitantes e nos vestígios do histórico engenho de açucar, a lembrança

dos mártires de 16 de Julho de 1645. Retornando, na direção noroeste, cheguei á formosa cidade do Mipibú, até meiados do século XIX a mais importante praça comercial da Provincia. Outra etapa, regressei a Natal, e logo rumei para o grande vale dos canaviais, banhado pelos rios Ceará-Mirim e Agua Azul, em cujo outeiro lateral está situada a maior das cidades da zona agreste.

Excursão de turismo? Absolutamente, não. Foram poucas e curtas minhas viagens de recreio. Andei, sim, numa cívica peregrinação, em busca do lugar onde tivera sepultura um patrício ilustre, a quem cruéis privações lançaram numa vida errante, obrigado a tirar meios de subsistência, de uma profissão para o exercício da qual não possuia título.

Manoel Ferreira Nobre, a princípio *Manoel Ferreira Nobre Junior*, cujo nome eu indicara para patrono da minha cadeira nesta Academia, soldado da Pátria, oficial-maior da Secretaria da Assembléia Legislativa, ajudante de ordens da Presidência, deputado provincial, bibliotecário, aposentado da Provincia, chefe de numerosa família, percebendo, da aposentadoria, exigua pensão dos cofres públicos, velho e pobre, viu-se forçado, fugindo de maior miséria, a dedicar-se á advocacia, nos lugares de que ha pouco vos falei e onde não residiam causídicos profissionais.

Saindo de Natal, terra bêrço, Ferreira Nobre passou a morar na antiga vila de Paparí. Dali se transportara a outros distritos, toda vêz que o chamavam a patrocinar pleitos judiciais ou a defender réus pobres, perante o Tribunal do Juri. Por fim, na última dessas vêzes, quando se preparava para atender a um dos serviços forenses, morreu repentinamente, não se sabendo em que data e nem, ao certo, em qual dos distritos fôra sepultado! Há uma versão segundo a qual o "Ferreira", como muitos o conheciam, fôra, em estado grave, transportado de Arêz para Paparí, por seu amigo José Joaquim de Carvalho e Araújo, em cuja residência teria falecido,

numa festiva manhã de Agôsto — Dia da Assunção.

De um ou de outro modo, desaparecia em lamentável situação, de quase abandono, um valoroso riograndense do norte, de tradicional familia natalense, ex-ocupante de diversos cargos na administração pública, com serviços na guerra contra o ditador paraguaio e com as glórias, ademais, de ter sido, na ordem cronológica, o primeiro conterrâneo que escrevera história do Rio Grande do Norte!

Em momento de natural entusiasmo pela atuação profícua desse esquecido coestadano, eu assumira, perante a Academia, um espontâneo compromisso, espontâneo e formal, sem medir possíveis dificuldades a enfrentar. Era preciso arrancar de criminoso olvido a figura de um homem, dos de maior cultura literária no seu tempo, o qual amara, servira e procurara tornar conhecida a sua terra natal. Era necessário fazer-lhe justiça, exalçando o seu mérito, real, indiscutivel.

Eu sabia ser praxe invariável, na organização das Academias de Letras, a de titularem-se as suas cadeiras com os nomes de notáveis patrícios mortos, mas, não entrara nas minhas cogitações a hipótese, quase inconcebível, de se não conhecer o lugar e a data em que falecera um comprovinciano de notório valimento, maximé, quando o seu traspasse ocorrera, como tudo estava e está a indicar, dentro das lindes geográficas do pequeno Estado em que nasceu e viveu.

Sabe-se que ainda em 18 de Maio de 1892 Ferreira Nobre trabalhava numa sessão do Juri em Paparí, comarca de S. José de Mipibú, onde também exerceu, interinamente, a função de Promotor Público.

Desaparecido, não foi possível descobrir nos registros civís ou eclesiásticos, o assentamento do seu óbito. De pé a triste afirmativa de que "não há registro da morte de quem primeiro registrou nossa pequena história provinciana". Isto mesmo, embora por diferente motivo, já se supunha ter ocorrido com o registro do casamento, de cuja existência dependia

a constatação da legitimidade de sua conhecida prole, condição implicitamente contida no art. 2º. dos nossos Estatutos.

As informações correntes, que iam sendo aceitas sem meios de contestação, eram as de que Ferreira Nobre nascera, nesta capital, em 1833, adiantando-se que falecera em 1892. O engano que estas duas datas representavam desviou, por muito tempo, a orientação das nossas pesquisas. Digo "nossas", para revelar que nelas tive a colaboração generosa do nosso eminente confrade Câmara Cascudo, a quem neste ensêjo, reitero minha gratidão pelo concurso das suas luzes e pela oferta de uma fotografia do homenageado.

Poderá parecer estranho, meus senhores, que eu, só agora, decorridos trêze anos da fundação da Academia, venha fazer, em plenário, o elogio do patrono de minha cadeira. Entretanto, o relato das penosas diligências, á cata de indispensáveis dados biográficos, em parte baldadas, justificará, plenamente, a demora na observância da exigência regimental. Cheguei a pensar na impossibilidade de levar a proveitoso resultado o esfôrço que era dispendido. Bastará considerar que é ainda valendo-nos de provas circunstanciais que teremos de admitir o fato de ser "pessôa morta" o patrono que elegemos. Atestam-no parentes e amigos sobreviventes, que o conheceram já septuagenário. Caso existisse, Ferreira Nobre contaria, atualmente, 125 anos de idade. E esta circunstância, por si só, denunciaria o seu paradeiro. Raro macróbio, seria facilmente localizado...

Reunamos as poucas notas, espaçadamente recolhidas. Comecemos pelo assentamento de batismo do nosso biografado. Consta do livro n.º 1 (1824—1832), do arquivo da Catedral, a fls. 18, e está redigido nos seguintes termos:

> "Aos vinte e um de Março de mil oitocentos e vinte quatro, nesta matriz, batizei e puz os santos oleos a Manoel, branco,

nascido nesta freguesia e filho legítimo do alferes Manoel Ferreira Nobre e D. Inácia Joaquina de Almeida, naturais desta freguesia, neto por parte paterna do capitão Vicente Ferreira Nobre e D. Ana Rosa da Apresentação, ambos naturais desta freguesia, e, pela materna, do capitão José do Rêgo Bezerra, natural da freguesia de S. Lourenço da Mata, em Pernambuco, e D. Antônia Ursula da Costa, natural desta freguesia. Foram padrinhos o capitão Vicente Ferreira Nobre e D. Antônia Ursula da Costa, casados e moradores nesta cidade. E para constar, fiz êste têrmo, que assinei. (a) Feliciano José Dornellas, vigário colado.

Como se vê, não se fêz menção, no termo, do dia, mês e ano em que nascera o batizando. Tão só, a data do batismo, realizado nove anos antes daquele em que os cronistas supunham ter ocorrido o nascimento.

Quanto ao documento comprobatório do enlace matrimonial (primeiras núpcias), narremos, sucintamente, como se operou o "quase milagre" da sua descoberta: Quando já desenganado de conhecer o registro, procurado entre milhares de outros, escritos na velha caligrafia e, em parte, danificados pela ação do tempo, retornei ao consistório da Catedral. Aí me avistei com o venerando Cura, monsenhor Alves Landim, que, das ocasiões anteriores, autorizára, mas, não testemunhara, o meu trabalho de busca. Lamentando, perante êle, o insucesso da procura, perguntou-me, então, se eu me orientára pelos "Indices". Respondendo-lhe que ignorava a existência dêsses guias, conservados, por certo, em outro lugar, o respeitável pároco, tirando-os de uma gavêta, abriu-os, sorridente, diante dos meus olhos, mostrando-me, com um justo alegrão de vitória, o nome de *Manoel Ferreira Nobre!* Só os que se dedicam a pes-

quisas dessa natureza podem avaliar da satisfação que tais descobertas nos proporcionam.

Conheçamos, a seguir, o teôr do registro do casamento, lançado ás fls. 53 do livro n.º 2 (1836 a 1852):

> "Aos seis de Maio de mil oitocentos quarenta e dois, pelas sete horas da tarde, em casa de D. Maria de Andrade, depois de feitas as denunciações canônicas Jux Trid. e não constando impedimento, em presença das testemunhas Doutor Basilio Quaresma Torreão e Antônio José de Moura, casei a Manoel Ferreira Nobre Junior, filho legítimo do tenente Manoel Ferreira Nobre e de D. Inácia Joaquina de Almeida, com Olímpia Gerarda de Andrade, filha natural de Inês Cipriana Gerarda de Andrade, todos naturais e moradores nesta Freguesia; e logo lhes dei as bênçãos, na forma do Ritual Romano. E, para constar, fiz êste assento, em que assinei. a) Bartolomeu da Rocha Fagundes, Vigário Encomendado".

Ferreira Nobre casou-se, pois, aos dezoito anos de idade; e a presença, a êsse ato religioso, do dr. Basilio Quaresma Torreão, a êsse tempo juiz de Direito da Comarca, filho do ex-presidente de igual nome, patenteia o prestígio de que gozava, na sociedade natalense, a família do jovem nubente.

Dêsse primeiro consórcio de Ferreira Nobre nasceram os seguintes filhos, consoante as informações colhidas:

Arsênia, que se casou com o capitão Joaquim José do Rêgo Barros, apelidado de "Joaquim Macha do", a quem conheci pessoalmente, no comando da nossa Polícia Militar e, posteriormente, escrivão do Juizo Federal. Deixou descendência.

Do sexo feminino, mais três: Emilia, Inácia e Maria, que também se casaram, não havendo notícia se tiveram prole.

Filhos homens: Joaquim, oficial do Exército, casado, sem filhos. Faleceu em Vitória, do Espírito Santo, no pôsto de capitão.

Alípio, também militar, solteiro e, no pôsto de alferes, morto, tragicamente, nesta capital.

Horácio, casado, deixou um filho único, José Luís, o qual morreu solteiro.

Ernesto, sargento de 1.ª linha, também aqui sepultado, no estado de solteiro.

Tendo falecido, a 30 de Maio de 1875, a sua esposa, dona Olímpia, cujo óbito consta de registro nos arquivos da Catedral, Ferreira Nobre convolou a segundas núpcias, com dona Inácia de Oliveira Sucupira, que era, igualmente, viuva, irmã dos srs. coronel José Domingues e professôr Manoel Fernandes de Oliveira, tia, portanto, do nosso saudoso confrade desembargador Sebastião Fernandes. Não consta se dêsse segundo casamento adviera prole.

Da linha descendente, são conhecidas nesta capital, apenas, uma neta e uma tetraneta de Manoel Ferreira Nobre, ambas aqui presentes, atendendo a especial convite, descendência do casal dona Arsênia — capitão Rêgo Barros. O bisneto, José Barros Tinôco, guarda aduaneiro, viuvo, faleceu, nesta cidade, a 24 de setembro p. passado.

A veneranda neta de Ferreira Nobre, dona Maria das Dôres Barros Tinôco, é viuva de José Felix Barbosa Tinôco. A tetraneta, senhorita Maria de Lourdes Tinôco é filha única do aludido José Barros Tinôco e neta de dona Maria das Dôres. Residem ambas, á rua Voluntários da Pátria, 764, indicação que fiquei a dever ao estimado amigo violonista Luís Ferreira de França Taumaturgo, um dos conhecedores do Natal antigo.

Desejo, ainda, nesta oportunidade, manifestar um outro agradecimento, com efusivo aplauso: Admirador das excelsas virtudes do Revmo. Cura da Catedral, exmo. monsenhor José Alves Ferreira Landim, é de justiça que eu louve, aplaudindo, o seu zêlo e operosidade na organização do valioso arquivo paroquial. Não fôra o seu paciente trabalho de orde-

nar, encadernar, rotular e catalogar os velhos livros dos registros, faltar-nos-iam, sem dúvida, duas das principais notas biográficas do primeiro historiador que tivemos.

Ferreira Nobre escreveu *Breve Notícia Sôbre a Provincia do Rio Grande do Norte,* baseada, segundo a sua própria expressão, "nas leis, informações e fatos consignados na história antiga e moderna".

O livro foi impresso, em 1877, na Tipografia do *Espírito-Santense,* instalada á rua de S. Diogo, n.º 3, em Vitória, capital do Espírito Santo. O autor "ofereceu, dedicou e consagrou" essa sua obra ao exmo. sr. Conselheiro João José de Oliveira Junqueira, senador do Império, como testemunho de profunda gratidão e sincera amizade", advindas, possivelmente, de convívio na época em que o eminente estadista governava, como Presidente, a Provincia do Rio Grande do Norte.

Brado Conservador, jornal que se publicava na cidade do Açu, edição de 1.º de junho de 1877, transcreveu e editou uma notícia sôbre o livro de Ferreira Nobre, estampada no *Espírito-Santense,* de Vitória, do qual destacámos êstes tópicos:

"Do ilustrado sr. Manoel Ferreira Nobre acabamos de receber um volumoso manuscrito, contendo fatos históricos e tradições da Provincia do Rio Grande do Norte, o que muito agradecemos.

Não se achando quase nada escrito sôbre aquela Provincia, o ilustrado autor presta á sua Provincia (Rio Grande do Norte) um valioso serviço, e, mais que tudo ao país em geral.

Breve daremos princípio á publicação dêsse importante trabalho, com que nos honrou o distinto cavalheiro".

Essa primeira História do Rio Grande do Norte é, hoje, obra raríssima. O volume que compulsei pertence á biblioteca do nosso Instituto Histórico, a ela ofertado pelo extinto consócio Dr. Augusto Bezerra Cavalcanti, que, a seu turno, o obtivera do espólio de um seu falecido tio, o padre João Alípio da Cunha, morador no sítio "Bosque", do município de

Goianinha. Ao precioso volume acompanha, ainda hoje, em ótima caligrafia, uma carta autógrafa de Ferreira Nobre, dirigida ao padre João Alípio e na qual se lê o seguinte:

Natal, 29 de Agôsto de 1878.
Ilm°. e Revm°. Amigo,

Tomando a liberdade de remeter-lhe o incluso exemplar do livrinho que acabo de publicar com o título — Histórias do Rio Grande do Norte — peço e espero que o meu bom amigo, com o cavalheirismo que lhe é tão conhecido, aceitará o meu humilde trabalho e prestará a êle sua valiosa proteção.

A importância da assinatura ficará á sua vontade, pois que não quero negociar, e apenas recorro aos sentimentos generosos dos meus patrícios amigos, para poder satisfazer as despesas da impressão de minha obrinha".

A carta deixa bem claro que o livro foi editado a expensas do seu autor, confiando, êste, em que os patrícios amigos, adquirindo exemplares, o poriam a coberto do onus da impressão. Não se sabe, entretanto, se o ressarcimento se deu, ou se o benemérito comprovinciano, escrevendo a história de sua terra, teve, ainda, de *pagar* para que ela se tornasse conhecida dos contemporâneos e vindouros.

Ignora-se, por outro lado, o motivo da preferência dada á tipografia de Vitória, onde, como já vimos, é certo que residia, servindo na guarnição local, um dos filhos do autor.

Em Natal, havia, ao tempo da publicação do livro de Ferreira Nobre (1877) duas emprêsas tipográficas, editando os jornais *O Conservador* e *O Liberal*, orgãos defensôres dos programas dos dois partidos políticos então militantes na Provincia. Pode-se, apenas, conjecturar, admitindo deficiência do material e do pessoal dessas oficinas gráficas, eis que o desembargador Luís Fernandes, na sua excelente monografia *A Imprensa Periódica no Rio Grande do Norte*, alude ao fato de que *O Potengí*, ou-

tro jornal impresso na Tipografia Conservadora, embora bem escrito, não se recomendava pelo seu feitio material. Sucede, também, que a outra tipografia era de propriedade dos liberais, não merecendo, talvez, por esta razão, as simpatias do autor do livro, o qual era decidido correligionário do partido Conservador.

A obra de Ferreira Nobre, um volume de 204 páginas, *in* 8.º, trata dos seguintes assuntos, de história e geografia:

Situação e extensão da Provincia. População, que era, em 1877, de 233.979 habitantes. Representação. Orçamento provincial (receita de 304:000$000, para uma despesa, maior, de 318:682$000). Produção. Minas. Fatos nacionais. Divisão Administrativa, da qual se vê que, naquele tempo, o Rio Grande do Norte se dividia em 8 cidades, 15 vilas e 13 comarcas, a respeito das quais o autor nos fornece resumida notícia.

Tratando da cidade do Natal, menciona a data da sua fundação, o nome do fundador, a divisão em dois bairros — Cidade Alta e Ribeira — e o aspecto das construções urbanas. Fala da fortaleza dos Santos Reis Magos e do seu telégrafo ótico, em combinação com o da tôrre da matriz; da situação do ensino primário e secundário e da criação de uma Escola Normal. Refere-se á fundação da Biblioteca Pública Provincial, cuja direção esteve, por alguns dias, a cargo do oficial-maior da Secretaria do Govêrno, Carlos Joaquim Pinheiro de Vasconcelos, entregue, depois, a êle (o autor), capitão Manoel Ferreira Nobre, nomeado bibliotecário, cargo que exerceu até a data da aposentadoria. Ocupa-se, a seguir, da Capitania do Pôrto, do Hospital de Caridade, da Companhia de Aprendizes Marinheiros, da Sociedade de Crédito Real (a instalar-se), da Sociedade Promotora da Agricultura e Indústria, da Imprensa, Hospedarias, Estrada de Ferro (em projeto), Fábrica de Tecidos (também projetada), Artes Mecânicas e Teatro. De páginas 23 a páginas 186, apresenta uma sintética história dos municípios da

Provincia. Vem, depois, o quadro da divisão judiciária e, por fim, algumas notas explicativas sôbre assuntos diversos.

De início, a título de prólogo, advertência, ou expressão equivalente, lê-se na obra um simples *Ao Público,* no qual, em 25 linhas, o autor justifica-se da maneira seguinte:

"Em meu trabalho de oficial-maior da Secretaria da Assembléia Provincial do Rio Grande do Norte, lugar que exerci por mais de doze anos, era adstrito fornecer ás comissões permanentes da Casa todas as informações necessárias para acêrto das deliberações.

Essa necessidade, continuamente repelida, induziu-me a tomar apontamentos; e tive para logo a idéia de os dar a lume, visto não ter aparecido ainda descrição alguma, especial, da Provincia a que tenho a honra de pertencer.

No empreendimento do meu trabalho encontrei dificuldades, quase insuperáveis; porém, foram destruidas pela fôrça de vontade, e agora cabe-me o desvanecimento de apresentar á luz pública as minhas fracas produções.

Não escrevo a história preciosa e interessante do Rio Grande do Norte: publíco, apenas, tradições e pequenas reminiscências, que são sempre agradáveis ao espírito que se alimenta em pesquisar as coisas do seu torrão, por mais estéreis que pareçam: é um ligeiro ensaio.

Nada faço, eu o sei; porém, faço mais do que aqueles que, podendo fazer muito, jazem na inércia.

Cidade do Natal, 15 de Março de 1877

O Autor.

Netas linhas, meus senhores, tão poucas e tão singelas, ficaram gravadas, sem preconcebido propósito, traços marcantes da personalidade de Ferreira Nobre: modéstia, apêgo ao trabalho, pronta ini-

ciativa, destemor pelas dificuldades e, sobretudo, um entranhado amôr á terra natal.

Aí se retrata, pelos seus dotes de inteligência, compreensão cívica e capacidade de trabalho, o homem que vencendo obstáculos, com uma visão admirável para a época em que viveu, tentou e conseguiu escrever e publicar a primeira História do Rio Grande do Norte.

Algo do que êle denominou de "tradições" e "reminiscências" consistiu no registro de fatos de interesse histórico, hoje sem outras fontes de conhecimento e que ficariam para sempre ignorados, se não fôra o seu zêlo de vigilante guarda. Iniciativas da administração pública, organização de serviços, construção de obras, acontecimentos da política e da vida social, dados estatísticos, muito, afinal, do que é hoje indispensável conhecer, pela sua utilidade histórica, ter-se-ia perdido, porque já não existem, no que lhe diz respeito, em origens ou detalhes, outras fontes de consulta. E, assim, Ferreira Nobre é, de quando em quando, citado pelos escritores que o sucederam na mesma difícil e honrosa missão.

As deficiências e imperfeições que se possam notar, aqui ou alí, no correr do seu trabalho, impresso fora das suas vistas, não serão de molde a diminuir, no conjunto, o real valor da obra, nem a ofuscar o mérito da prioridade, que é o maior e mais brilhante galardão do seu modesto autor.

Em meiados do século passado — diz-nos Pandiá Calógeras, na sua importante obra *Formação Histórica do Brasil* — iniciava-se uma grande época da história nacional. Fôra definitivamente sufocado o espírito revolucionário. As interrogações constitucionais haviam tido solução. Os desacôrdos de interesses e de ambições não levaram mais a conflitos armados, e os argumentos únicos invocados eram as eleições, a imprensa e as discussões públicas".

Precisamente nessa época, meus senhores, Ferreira Nobre aparecia na Assembléia Legislativa de sua terra, eleito deputado, para o biênio de 1860-1861. Entretanto, de sua atuação no parlamento

provinciano nada se conhece, até agora. Os anais e o arquivo daquele tempo se desorganizaram e não têm pouso certo, achando-se a documentação distribuida por lugares diversos, nem, sequer, confiada á guarda do Instituto Histórico, á espera de uma providência legislativa que a faça reunir, em repartição autônoma, sob o nome de Museu e Arquivo Público do Estado. Felizmente, a idéa está em véspera de realidade, na administração do governador José Augusto Varela, em cujas mãos já se encontra, para a sanção, a lei votada pela Assembléia Estadual.

Anos após haver exercido o mandado legislativo, Ferreira Nobre não deixou escapar outra oportunidade de servir á sua Pátria e á sua Provincia: Incluiu-se, como oficial, num corpo de voluntários, e foi defendê-las nos campos de batalha. Não consegui apurar, sequer, tenha êle chegado ao teatro das operações, sabido que muitos dos voluntários foram, antes disso, mandados regressar aos seus lares.

Em qualquer dos casos, cumprido o seu dever, Ferreira Nobre voltou a Natal, empenhando-se em novas atividades, vindo a morrer, muitos anos mais tarde, fóra do seu ambiente, a defender questões forenses.

Feito, desta maneira, com os elementos que estiveram ao meu alcance, o elogio do insígne patrono, tenho por justificada a indicação do seu nome para honrar uma das cadeiras da Academia Norte-Riograndense de Letras.

Antes, porém, de deixar esta tribuna, quero me seja permitido fazer-vos uma outra revelação, desta vêz, no interesse de minha própria defêsa. Quero dizer-vos que, quando escrevia estas páginas, a meditar sobre a deficiência do conteúdo e a imperfeição da forma, fui assaltado por uma tentação... Espero ninguém vislumbre na inocente narrativa uma desestima pela acolhida que os caros confrades me dispensam há tantos anos, nem uma censura áqueles que se encontram na mesma dificuldade em que me vi até agora.

Prossigamos. Os novos Estatutos desta casa, promulgados a 10 de Março passado, estabeleceram que seriam considerados "sócios ausentes" os que não tivessem tomado posse de sua cadeira, no praso de um ano. O plausível dispositivo estatutário veio, naquêle momento, á minha lembrança com o aspecto de "providência salvadora".

Não seria esta — refleti, então — uma propícia oportunidade para que eu, num dever de consciência, deixasse a outro a cadeira ocupada por tanto tempo e sem apreciáveis vantagens para a Academia? Dentro em breve direi, igualmente, o motivo por que logo repeli a tentação.

E' natural, é lógico — falava eu, de mim para mim — que, se durante trêze anos não contribuí eficientemente para as altas finalidades da Academia, não se há de esperar maior esfôrço quando, em verdade, há legítima presunção de que o avanço da idade irá importando em maior diminuição na capacidade intelectual, como nas próprias energias físicas. E pareceu-me, afinal, que o meu ingresso nas vossas fileiras produzira, em tempo, os seus efeitos. Esclareçamos.

Atentai, caros confrades, e sem receio de ofensas, em que no patrimônio propriamente literário do companheiro que ora vos fala não realça a qualidade da obra realizada. A quantidade também não sobressái, dispersa, durante mais de cinquenta anos, em diferentes caminhos da vida cultural, nela compreendidos um intercalado tirocínio de imprensa e mais de nove lustros de judicatura.

Do exame dos meus trabalhos nêsse longo período de atividades, exame que realizastes com excessiva indulgência, resultou, por certo, a vossa deliberação de incluir o meu nome no rol dos conterrâneos que deviam compôr a Academia Norte-Riograndense de Letras.

Submeti-me á vossa convocação. O constrangimento em que, a princípio, me vi, ao reconhecer-me um dos menores, de entre os mencionados na relação, foi vencido pela sedução da nobre companhia e,

ademais, pelo desejo de colaborar convosco na organização de um núcleo de letras, desaparecidos, que estavam, tantos outros a que me filiára, arrastados — que pena! — por uma crise de inércia intelectual, criada por lamentável e mal-entendido utilitarismo.

Logo depois, ouvia-se a palavra do sábio Alexis Carrel, que assim falava: "A primazia da matéria e o utilitarismo, que são os dogmas da religião industrial, levaram á supressão da cultura intelectual, da beleza e da moral, tais como as compreendiam as nações cristãs, mães da ciência moderna. E acrescenta: A enorme difusão dos jornais, da radiofonia e do cinema nivelaram as classes intelectuais da sociedade pelo ponto mais baixo. A radiofonia, sobretudo, leva ao domicílio de cada um a vulgaridade que agrada á multidão".

Convenhamos que é isto irrecusável verdade.

Remanescente, que sou, de uma "antiga guarda", um dos restantes abencerrages, dos que nunca se conformaram com a extinção, em nossa terra, de renomados grêmios literários e das suas ousadas revistas, fócos de sadia irradiação espiritual, tão úteis á formação intelectual e moral da nossa gente, eu recebera a idéia da fundação de uma academia de letras como prenúncio de ressurreição, como toque de clarim a convocar elementos em debandada, para o restabelecimento de uma nova éra de pugnas literárias.

Generais ou simples soldados, da ativa ou da reserva, cumpria a todos atender ao toque de reunir. E a milícia se recompoz, aqui batalhando, há trêze anos, por um maior padrão cultural da terra riograndense, tão digna do nosso amôr e da nossa veneração.

Quanto a mim, individualmente, contentava-me com a concretização da idéia. Além da palavra de estímulo, já nada mais lhe poderia dar de real proveito.

Ao lado da Fé católica, elemento mais influente na minha formação espiritual, é certo que nunca deixaram de seduzir-me, sem outro atrativo que o das

virtudes que lhes fôram atribuidas, duas das divindades de outros tempos — Erato e Clio — a primeira, ensinando-lhe a compor, nas horas de ócio, líricos poemetos, a que eu não sabia dar a desejada forma. Eram, entretanto, suficientes para trazer-me ao espírito um pouco do encanto que a sensibilidade experimenta quando a alma contempla ou escuta o que de belo se lhe apresenta do mundo interior ou do mundo exterior. A segunda — Clio — por me apontar os lugares onde se ministravam conhecimentos do passado, para servirem de farol e guia aos que vão palmilhando a estrada do futuro.

Durante muitas primaveras, percorrí, quase incógnito, o vasto jardim das Musas. Nos canteiros de Erato, colhia, aqui e ali, flôres silvestres, das que mais me agradavam pela sua singeleza, deixando a outros, mestres na arte de cultivá-las, a imensa variedade de custosas orquídeas, que eu só de longe mirava embevecido.

Hoje — pobre de mim! — estou a repetir, de Camilo Castelo Branco: "O aço do meu cérebro, oxidado pelos muitos invernos, já não espelha imagens líricas".

Nos domínios de Clio, detive-me, por decênios a reunir, com atenção e paciência, fragmentos espalhados, alguns inteiramente ao abandono, isso no mesmo honesto pensamento de Ferreira Nobre, ou seja, na esperança de que futuramente, podessem êles ser úteis á terra em que nascemos.

Chegou, afinal, o momento de dizer-vos porque repeli a tentação de tornar-me "sócio ausente". E' que o novo Regimento Interno da Academia, complemento dos Estatutos, aprovado em 31 de Março deste ano, faculta, conforme verifiquei, ao candidato que viesse ocupar a cadeira do "ausente" o direito de propôr a substituição, por outro, do patrono já eleito.

Não creio que algum aventurasse fazer essa proposta, em relação ao nome de Ferreira Nobre; mas, no terreno das competições, é difícil formar seguro juizo com base em alheio critério...

Daí, o dever, que passei a considerar imperioso, de tornar imutável, pela perpetuidade, a denominação da cadeira em que fizera apor, com a aquiescência da Academia, o nome do benemérito riograndense — Manoel Ferreira Nobre — nobre de nome e nobre nos seus demonstrados sentimentos patrióticos.

De outro modo, eu deixaria, conscientemente, caminho aberto á prática de uma injustiça. E isso não se ensinava na escola em que aprendi, nem se ajustaria ao sentir de quem, por quase meio século, exerceu a profissão de juiz, vestindo uma toga com algo de semelhante ao não menos honroso burel dos franciscanos. Mas, a pobresa não iria apavorar a quem já fôra educado á custa de grandes sacrifícios...

Com os meus queridos pais, a cuja sagrada memória, rendo, neste instante, mais uma particular e saudosa homenagem, aprendí a amar a Deus, com o dever de servir á Pátria. Dêles herdei — já o disse alhures — um constante pendor para o trabalho e recebi o melhor estímulo para enfrentar quaisquer vicissitudes. Dêles herdei, ainda, um recatado desprendimento pelos transitórios interesses materiais, a estes sobrepondo, invariavelmente, os sadios dons do espírito, perenes, imortais. E, se aludo, nesta hora, ao meu convívio com os do reinado de Temis, soberana de olhos vendados, a empunhar uma balança e uma espada, a serviço de quem estive por dilatados anos, a alusão se faz para corroborar a afirmativa de que, seguindo normas e sentimentos dos quais fui herdeiro, era, ainda, para as lutas da inteligência que se inclinava o meu espírito. Ao deixar a profissão, em obediência á lei limitativa da idade para exercê-la, sentia-me contente, tão só pelo dever cumprido. E êsse espiritual confôrto supéra todas as recompensas.

Assim, meus prezados confrades, no dia de hoje, sem poder apresentar-vos novas credenciais, sob a égide de um patrono digno, mas, graças, principal-

mente, á vossa magnanimidade, toma posse, efetiva, da cadeira n.º 4, dêste cenáculo, um êmulo do modesto Agláo, o mais obscuro dos Arcades, aquele a quem Apolo julgou mais feliz que Gyges, pelo motivo de que vivia satisfeito com os frutos da sua herança.

---

* — Discurso de posse, na Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 1º. de Dezembro de 1949.

FLORIANO CAVALCANTI,
sua evolução intelectual e filosófica

Discurso de Saudação, na Academia Norte-Riograndense de Letras.

DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Estudante em Natal nos colégios locais, bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito do Recife em 1918, depois de ter frequentado o curso anexo de Engenharia, advogado, professor de Lógica, Fisiopsicologia e História da Filosofia no Ateneu, fevereiro a dezembro de 1919, professor de História Universal, de dezembro de 1919 a janeiro de 1930, Juiz de Direito de São Miguel de Pau dos Ferros, de janeiro de 1930 a fevereiro de 1931, Juiz na comarca de Canguaretama, de 1931 a setembro de 1934, Juiz da Primeira Vara da Capital até junho de 1941, quando foi nomeado, por merecimento, desembargador no Tribunal de Apelação. Por êsse permeio, Diretor da Escola de Aprendizes Artífices em Natal, membro efetivo do Tribunal Eleitoral, setembro de 1934 a novembro de 1937, Juiz do Estado de Sítio de novembro de 1935 a março de 1936. Vice-presidente do Tribunal Eleitoral, presidindo a sua instalação em 12 de junho de 1945 e Presidente do Tribunal Eleitoral, dirigindo o pleito de 2 de dezembro de 1945. Proclamado candidato ao cargo de Governador do Estado pelas Oposições Coligadas em 21 de outubro de 1946, aposentou-se em 1.º de novembro do mesmo ano para desincompatibilidade de funções. Foi deputado estadual no

triênio de 1923-1925 e deputado à Constituinte Estadual de 1926.

Magistrado, filósofo, sociólogo, advogado, orador, conferencista, professor de História. Eis o *curriculum vitae* do acadêmico Floriano Cavalcanti de Albuquerque, membro fundador da Academia Norte-Riograndense de Letras, titular da cadeira XXI, de que é patrono ANTÔNIO MARINHO.

* * *

É o tipo do Letrado, o enamorado das horas serenas de estudo, o leitor infatigável, adorando o silêncio da biblioteca, as longas alegrias calmas da meditação, a volúpia casta dos descobrimentos intelectuais, a vida no mundo invisível da Cultura.

O hábito da leitura é um ato de vontade consciente e uma continuidade de tradição. Nada mais difícil nem mais cambiante. É preciso que o livro tenha amanhecido nas mãos jovens e não haja abandonado, através da vida, a companhia do homem leitor. Uma solução de continuidade afastará a sedução, quebrará o encanto da Fada fiel e dôce, musicalizadora dos momentos tristes. Impossível julgar do hábito da leitura por aquêles que têm a leitura como um passa tempo. O Livro exige a fidelidade, a continuidade do amor através do Tempo. Quem o abandonar não fará as pazes solicitadas. O Livro se defenderá enviando o SONO. O SONO não é apenas uma legítima defesa das más leituras, é também a vingança do Livro abandonado. Não posso lêr; dá-me sono... Lembramos então os grandes leitores infatigáveis, na média de um livro por dia, aquêles que estão impossibilitados de viver sem a diária e noturna viagem nas páginas dos livros.

D. Tomás de Mélo encontrou um fidalgo numa livraria em Lisbôa. Que fáz o amigo? Estou comprando um livro para passar o tempo! Ah! Eu queria justamente o inverso: comprar o Tempo para passar os livros...

Floriano tem sido dessa estirpe, que se torna rara, do homem do Livro, o fiel ao Livro. O epitáfio de Oliveira Lima no cemitério de Mount Olivet, em Washington, epitáfio escrito por sua mão, diz apenas: — AQUI JAZ UM AMIGO DOS LIVROS...

Floriano é um dêsses amigos dos Livros. O Livro lhe deu a visão conjunta de tôdas as civilizações, fixando a história do Homem na terra. Tudo tendo visto, tudo compreende, para amar e perdoar...

O nosso orgulho deve à incultura o segrêdo de sua fatuidade. Muitos, com ralas e fáceis letras fáceis, aceitam a impulsão da vaidade como uma consagração. Têm a impressão suprema da Sabedoria. Ascendem depressa ao ar, ganhando altura, na vertigem do vento e do fumo, como balões multicôres na noite de São João. O Livro dá uma direção diametralmente oposta. Evidencia apenas a nossa pobreza do conhecimento na imensidão do mundo organizado. Quando vamos subindo a montanha, os horizontes, que eram próximos na planície da vida, recuam para o infinito, mostrando o mundo vário, abaixo e acima dos nossos pés, sempre desconhecido. Apenas a luz da lâmpada interior alumia os passos mais próximos e vamos seguindo, seguindo sempre. Esta é a real atitude da cultura: — compreensão e tenacidade no reconhecimento dos elementos aquisitivos da sabedoria. Sabedoria para fazer-nos mais humanos, mais simples, mais tolerantes, mais próximos de Alguém que disse: — EU SOU O CAMINHO...

Floriano Cavalcanti nasceu com a fidelidade ao livro e daí sua história ser essencialmente a história de uma Inteligência e não a odisséia de uma ambição humana. Escolheu a tarefa mais solitária e mais alta, aquela de poucos companheiros, a função intelectual que lhe daria, forçosamente, o isolamento pela incompreensão: o culto da Filosofia. Não o culto gráfico, a efabulação, o uso da dialética, a evidência impressa, a batalha da exposição entre os estudiosos, mas a própria função filosófica, a participação pessoal e direta nos problemas, a busca das

soluções nos mestres e em sí mesmo, nas longas noites de meditação sem testemunhas e sem vestígios materíais.

Compreendemos a Filosofia ainda como Tobias Barreto a dizia viver, uma ciência aristocrática em serviço do Povo, mas não entregue ao Povo. A figura do Filósofo, na plaina popular, é sinônimo do displicente, do desleixado nas roupas, do exilado do bom gosto, do esquisitão, do anormal. Fulano é filósofo... Está dito o *veredictum* de sua inatualidade individual.

O mesmo se verifica com os poetas.

Henrique Castriciano contou-me que uma vêz, em Ponta Negra, passeava na praia pensando em versos, quando deparou um pescador ocupadíssimo em esgravatar um pé com a lâmina da faca de ponta. — "Que está fazendo, amigo?" — Estou aqui tirando êsse poeta..." Imaginai que o bicho de pé era o poeta e dito ao Príncipe dêsses príncipes.

Floriano teve inicialmente dois elementos indicadores de sua preocupação máxima. Nasceu com o pendor matemático e com a vida interior. Era capaz de ficar silencioso, sòzinho, horas e horas, pensando. Essa condição de vida interior é outra raridade. Comumente ninguém se diverte sòzinho, e há mesmo um certo pavor pela nossa companhia. Creio que muitos têm razão de apavorar-se quando examinam a si-mesmos e por isso nunca se examinam, como Dorian Grey olhando o retrato que acompanhava seus vícios. A matemática, disciplina, dedução, hierarquia, exercício de raciocínio, está quase sempre, inseparavelmente ligada aos filósofos dignos dêsse nome. Porisso Floriano, terminado o curso em Natal, viajou para o Recife para fazer-se Engenheiro Civil. Foi assistente do Curso Anexo da Escola de Engenharia.

Era o Recife da primeira guerra mundial. Era também os derradeiros écos de domínio de Tobias Barreto. Era o ambiente racionalista, evolucionista,

monista. A biblioteca da Faculdade era obrigada a ter duplicatas de Darwin, de Buchner, de Haeckel, de Spencer, das divulgações positivas. Vinha chegando Durkheim; apareciam exemplares do L'ANNÉE SOCIOLOGIQUE, com Bouglé, Fauconnet, o etnógrafo Marcel Mauss, Richard, de Bordeaux. Iam sendo lidos os trabalhos do neo-criticismo francês, de Pillon e Renouvier, a volta a Kant, o Kant da Crítica da Razão Pura. Era, enfim, a Filosofia na divulgação francêsa, renovadora ou expositora, em abundância de exame, de atitude e de penetração especulativa.

Floriano, acadêmico de Direito, dividiu seu tempo entre a Faculdade e a Biblioteca. Saía quando o porteiro, sorrindo, mostrava-lhe o relógio. E suas economias, a mensalidade, iam para as mãos dos livreiros, mandando buscar as edições que custavam caro e vinham de longe, atravessando o Atlântico. Aí aparece outro elemento sugestivo do verdadeiro *scholar*, a mania do livro próprio, lêr o volume não é o mesmo que poder consultá-lo numa biblioteca. Floriano desmentiu sempre o dogma popular do Filósofo mal amanhado. Era notòriamente um dos rapazes que melhor vestiam no Recife, airoso, elegante, impecável e cortês. Essa fama, Vossas Excelências podem olhar, ainda é verdadeira. Como o segundo visconde de Inhomirim, Floriano não consente que os parvos possam ter a vantagem da elegância pessoal e na maneira gentil.

Que podia ser Floriano sinão um monista, um admirador de Darwin através da exposição feiticeira de Ernesto Haeckel? Fáceis, encontráveis, acolhedores eram êsses livros, amáveis as doutrinas, uniforme o ambiente acadêmico, quase unissôno o côro a êsses semi-deuses do naturalismo matedialista, que arrastavam para o sec. XX a confusão inevitável da centúria anterior.

No Congresso de Estudantes, realizado no Recife em 1917, Floriano apresentou duas téses, muito elogiadas — A CRIAÇÃO NA TERRA, e APLICAÇÃO TRANSFORMISTA.

Ressalto apenas o cuidado do exame e a documentação. O estudante de matemáticas teimava em sempre apresentar os resultados das leituras num plano de sistemática. A Vida surgira na Terra e a transformação se aplicara num sentido de evolução das espécies, a sobrevivência dos mais aptos, a interdependência ambiental, o órgão como função: fôram escritos num estilo nítido e claro, vigoroso, materialmente seguro às fontes irradiantes dos livros indispensáveis. Certamente a visão da vida, como surgira, crescera e dominara o mundo, como as espécies haviam sofrido os processos de diferenciação, adaptação e desenvolvimento, fôram as curiosidades respondidas inicialmente.

O outro aspecto, ainda maior e mais alto da atividade humana, seria a condição de sua origem e depois, orgulhosamente, o conhecimento do seu estado. Era a mais alucinante e embriagadora de tôdas as pesquisas, em todos os tempos. A história do pensamento, a razão da curiosidade, a gênese obscura e tenaz da nossa idéia de sobrevivência, destino vital nos elos deterministas da causalidade implacável ou fôrça misteriosa, livre e afoita, em direção ignorada, rumo do aniquilamento na morte final.

No relógio do tempo era, para Floriano Cavalcanti, a hora de Emanuel Kant. O livro lido, Crítica da Razão Pura, levou-o a outros e bem distantes campos de abstração, de raciocínio e de pensamento criador. Não era a espécie que nascia da monera inicial, do átomo em sua perpetuidade vital, mas o homem com seu mundo imenso dentro do cérebro, criando pelo sofrimento das buscas ontológicas os problemas divinos das origens, iluminado pela obstinação da procura e pela insatisfação do impenetrável mistério originário. Kant foi o martelador dêsses destrôços, os destrôços das crenças residuais que teimavam em viver.

Mas era o tempo do neo-criticismo francês. Renouvier, devoto do *zuruck zu Kant*, voltemos a Kant, trazia para o criticismo kantiano a supremacia da Vontade. A vontade denuncia a não satisfação pelos

resultados negativistas. Êsse sentido obscuro é uma fôrça impulsora para verdades ou possibilidades que escapam à verificação experimental. A Metafísica timidamente renascia dos acampamentos inimigos. Com Renouvier vinha Bergson alargando a Vontade e valorizando a Intuição, como meio do Conhecimento.

Floriano, discípulo do mestre de Koenigsberg, fôra, lògicamente, um leitor de Fichte, de Schelling e de Hegel. Lera outro discípulo dêste último, epígono político tão citado como pouco lido, Karl Marx, e viera para o realismo pessimista de Hartmann, especialmente de Schopenhauer, que o fez admirar e para a poesia convulsa de Nietzsche. Curiosamente os Pessimistas desencantaram Floriano, leitor de Renouvier e de Pillon. A claridade lógica ia empurrando o negativismo estéril para as simples anomalias culturais. E' a data em que terminava seu curso de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, 1918, ano do Armistício, e voltava à cidade do Natal, sua terra do coração.

Tinhamos então o CENTRO POLIMÁTICO. Oliveira Lima, eleito pelas concluentes da primeira turma da Escola Doméstica, Paraninfo, viera do Recife. O CENTRO POLIMÁTICO homenageou Oliveira Lima. Floriano pronunciou sua conferência, na noite de 26 de outubro de 1919, no Teatro Carlos Gomes, O PESSIMISMO ENCARADO SOB O PONTO DE VISTA DO CONCEITO UNIVERSAL. E' o nosso primeiro trabalho de exposição crítico-filosófica. Floriano historiou, divulgou, criticou, em resumos felizes, o conceito do Pessimismo através das doutrinas indus, gregas, romanas, renascentistas, alemães, italianas, francêsas, inglêsas. Estudou refutando, demonstrando a inanidade de um sistema de desespêro e de tédio, de negação às fôrças vivas do espírito, de desolação e de esterilidade. Nessa época lia Kant, o Kant da Crítica da Razão Prática, aquele que levara Renouvier à reação da Vontade contra o dogmatismo do nada.

Uma casualidade, o Ignoto Dei, levou às mãos

de Floriano um volume de Farias Brito. Mêses depois lera os três livros essenciais: — FINALIDADE DO MUNDO, BASE FÍSICA DO ESPÍRITO, O MUNDO INTERIOR.

Farias Brito não é, rigorosamente, um teísta, mas foi a reação espiritualista ante o totalitarismo materialista.

O homem é ser pensante e reagirá forçosamente ante a visão exterior do Mundo. Procurará interpretar para compreender. Se para o conhecimento exterior teríamos as verificações e provocações dos fenômenos pelos processos materiais da ciência, para a essência das cousas, a realidade, a cousa em sí, só se podia empregar a observação interior, a introspecção. Por essa observação íntima o Homem havia chegado a descobrir a existência de realidades, que tinham escapado à precariedade das cousas físicas, encontrando um mundo ideal e moral que permanecia firme por sôbre as variações humanas e naturais. Êsse mundo ideal era a consciência, correspondência ao mundo metafísico que existia independente do homem e mais para além dos fenômenos da natureza. Assim o Espírito era para Farias Brito sinônimo de Pensamento. "O pensamento é a fôrça em nós mesmos e a fôrça é o pensamento fóra de nós." Essa dinâmica do pensamento-fôrça, tão distante das idéias-fôrças hegelianas, seduziu Floriano Cavalcanti, trazendo mais uma razão ao seu ímpeto analítico. Farias Brito fala no Homem ser irradiação da inteligência divina, pensamento de Deus. Era, realmente, o que o Pe. Leonel Franca denominou — um panpsiquismo panteísta. Não era um neto espiritual de Spinoza, mas a sua concepção trouxera, como salientava Jackson de Figueiredo, a coragem de uma crítica frontal ao materialismo e o convite para um exame noutras direções, que a cogitação especulativa abandonara desde que Santo Tomás de Aquino deixara de ser lido.

Floriano passou, ou voltou, fechando o ciclo de sua evolução espiritualística, a ler os Evangelhos. O Sermão da Montanha elevou-o à sublimação con-

templativa. Alí estava o mais alto e perfeito resumo moral, social, político, religioso e administrativo, de todos os tempos. Nenhum reformador alcançará as alturas iluminadas daquelas palavras serenas, água viva que mataria para sempre as sêdes e as fomes da justiça humana.

Os lábios declamadores, nas horas de excitação intelectual, de Haeckel e de Buchner, de Kant e de Noiré, voltaram a dizer, silenciosamente, a poesia eterna, a beleza cósmica e sobrenatural do Padre Nosso. Floriano começou a orar, agora pelas sete vidas que semeou no mundo, do seu sangue e da sua esperança, impondo-lhes o nome e a Fé, na continuidade da luta e do sonho.

Essa história de uma Inteligência a procura da Fé, não se abastardou nas proclamações. Floriano viveu sua tragédia estòicamente. Ninguém ou raríssimos sabiam da batalha mental que o empolgava. Ressalto êsse aspecto porque êle denuncia a pureza, sinceridade e elevação do pensamento e a necessidade inelutável de uma solução para o seu problema interior. Porisso proclamo em Floriano o Filósofo pela vida real da função filosófica, que viveu *in anima nobile* as próprias finalidades superiores da Filosofia, não apenas aprendendo a morrer, mas aprendendo a conquistar a vida eterna, a bastar-se espritualmente, integrando-se na comunidade que nasceu, sob a bênção de Jesus Cristo, no Sermão da Montanha.

Essa foi a sua história. História de raros homens heróicos, enfrentando a esfinge e decifrando o segrêdo do milagre do reencontro com as fontes puras da Crença e da Fé.

Enquanto essa batalha ardia e queimava, Floriano era Professor de História, professor que lera Grote e Mommsen; era o Magistrado com sentenças que o colocaram na primeira fila dos jurisperitos de sua terra e de sua região; era membro do nosso mais alto Colégio de Justiça, dignificando sua toga, erguendo seu nome, era o estudioso do idioma, o discípulo de Vieira, de Herculano, de Rui e de Camilo;

era o sociólogo na fase biológica dessa disciplina, correspondendo-se com Buglé, anotando Durkheim, Pareto; era o autor de sentenças que ficaram famosas como uma em Pedro Velho, sobre CRIME PRETER-INTENCIONAL, que foi publicada com destaque no ARQUIVO DE JURISPRUDÊNCIA CRIMINAL, uma sôbre DELITO SEXUAL, em Canguaretama, outra sobre a RESPONSABILIDADE CIVIL DO ESTADO, em Natal, peça clássica pela erudição e lógica, outra sobre uma rescisão contratual, em Natal, INADIMPLEMENTO DE CLÁUSULA CONTRATUAL e um, entre muitos dos seus acordãos no Tribunal, sobre AVARIA GROSSA, numa apelação de Areia Branca, citada como documento de cultura invulgar pela complexidade das questões interdependentes e luminosamente decididas.

Vímo-lo arrancado ao seu gabinete, como candidato ao cargo de Governador do Estado, sair da campanha tendo um halo de admiração maior, de viva simpatia, de justa unanimidade no julgamento aos seus superiores intuitos sociais. Todos os seus ocasionais adversários renderam-lhe a homenagem afetuosa e cordial. Muito dificilmente alguém deixa uma batalha com as aclamações de todos os componentes do debate.

Êste é o letrado que hoje toma posse de sua cadeira. Para nós é uma hora de emoção e de alegria. O silencioso pesquisador dos problemas filosóficos, o caçador de emoções íntimas, o simples, acolhedor, humano e generoso Floriano Cavalcanti revive e continua a tradição tantas vezes secular dos Cavalcanti guerreiros, letrados, poetas, enamorados da beleza, sacrificando-se pelo Ideal, trazendo para as horas fulvas e tempestuosas da inquietação contemporânea a lição, lição régia, de uma existência dedicada ao estudo e à meditação, vivida no plano do espírito, aberta às claridades da Fé, fiel às virtudes eternas do afeto e da amizade.

NOTA: — A vida intensa do des. Floriano Cavalcanti não sofre solução de continuidade em seu incessante

rítmo ascensional. Em 7 de fevereiro de 1950 foi designado para reger a cadeira de Introdução à Ciência do Direito na Faculdade de Direito de Natal, nomeado professor da mesma a 11 de novembro do mesmo ano, dia em que o Govêrno do Estado o nomeava Diretor da Faculdade. Reintegrado em 25 de janeiro de 1951 na cátedra de História Geral no Colégio Estadual, iniciou brilhante série de aulas nos cursos Clássico e Científico.

O Govêrno do Estado fê-lo reverter à atividade no Tribunal de Justiça em 29 de janeiro de 1951, eleito Vice Presidente no ano seguinte. Em 1954 foi elevado pelos seus pares á Presidência da Associação dos Magistrados do Rio Grande do Norte, pôsto que ocupa presentemente. Em 12 de junho de 1954 ingressou no Instituto Histórico e Geográfico local e em 1955 mereceu, por unanimidade, a eleição para Presidente do Tribunal de Justiça.

Sua atividade segue contínua e fecunda. Ensina diàriamente na Faculdade de Direito e no Instituto de Educação, sem prejuízos para o estudo e direção no Tribunal de Justiça.

Sua bibliografia se acresce com ensaios notáveis, como "O Pessimismo sob o conceito universal", "Rui Barbosa e a necessidade do culto cívico", "Sílvio Romero, o crítico, o filósofo e o jurista", "A Concepção Filosófica da História", tendo a publicar: "Tobias Barreto e a Escola do Recife", "Farias Brito e sua influência espiritualista" e trabalha numa "Introdução à Ciência do Direito", seu curso na Faculdade, com anotações e ampliações.

Tal é a tarefa múltipla e admirável que êste estudioso sem pausa realiza no ambiente provinciano, recebendo de si mesmo a fôrça viva do estímulo e as compensações espirituais da alegria criadora (L da C.C.).

Antônio Marinho e o seu tempo

(Esbôço biográfico e crítico)

De FLORIANO CAVALCANTI

Discurso de posse, na Academia Norte-Riograndense de Letras, em 23 de março de 1950.

A' GUISA DE INTRODUÇÃO

Devo a Henrique Castriciano a cadeira que passo a ocupar nesta conspícua Academia. Não sendo beletrista, porém modesto magistrado judiciário, tudo aduzi por escusar-me da excelsa distinção, mas aquêle espírito de escol, obstinado na sua vontade, a nada atendeu. Temia inadaptar-me ao novo ambiente cultural, e o discurso da posse atormentava-me desde logo, antecipando a angústia do momento em que seria exigido. Acostumado à tôsca algaravia das testemunhas processuais e às fórmulas arcaicas da praxe tabelioa, como conduzir-me num meio diferente, onde se rebusca a frase e se requinta no estilo? Elevar-me-ia ao nivel dos meus pares ou confirmaria, com o rançoso linguajar forense, o episódio do sapateiro de Apeles? Êsse, o meu mêdo.

E assim como não pleiteei tão insigne e nobilitante honra, igualmente não fiz a escolha do patrono. Foi ainda Henrique Castriciano quem indicou Antônio Marinho, encarecendo-me o assenso, por tratar-se de um ensaísta, a seu ver parecido comigo nas idéias e no temperamento. Aquiesci,

com a condição dêle ministrar-me os dados necessários à reconstituição psico-social do seu recomendado. Infelizmente Henrique Castriciano desapareceu, deixando-me na contingência de pesquisar sòzinho, tarefa que não foi fácil, porquanto nenhuma biografia orientadora, e a não ser pequeno folheto, hoje raro, enfeixando uma conferência, os trabalhos de Antônio Marinho se acham esparsos em revistas e jornais. Falecido em 1902, poucos se recordam do desventurado moço, que terminou a vida com menos de 24 anos. O silêncio envolveu o seu nome no véu do esquecimento, e ninguém tentou rompê-lo: os de sua geração, que podiam lembrá-lo, por ingratidão; e nós outros, que nunca ouvimos falar nêle, por ignorância. Mas como compromisso assumido é imperativo de que não se declina, aqui estou para reparar a injustiça, embora vivendo o instante que tanto receiava. E se não me desempenhar bem, minha não será a culpa, sim do generoso pontífice das nossas letras, que quis sagrar intelectual um simples juiz de sentenças arquivadas nos cartórios.

O ESFÔRÇO PARA A CONQUISTA DAS LETRAS

Antônio Marinho Pessôa nasceu a 6 de agôsto de 1878, nesta capital, à rua Santo Antônio, sendo seus pais Joaquim Rodrigues Pessôa e d. Josefa Marinho Rodrigues Pessôa. Família pobre, composta de seis filhos, dos quais era êle o mais velho. Lar honesto, edificado na fé cristã, cujas orações lhe foram ensinadas, desde o balbucio, pela virtuosa senhora sua mãe. Nesse ambiente doméstico, de sadia moralidade, decorreram os primeiros anos do menino, que perguntador e pronto de respostas, já revelava o que viria a ser. Levado à escola primária, dentro em pouco era o melhor aluno do professor Panqueca, aprendendo com rapidez as lições e sobressaindo-se nas contas. Matriculado depois no Ateneu, a fim de cursar humanidades, manteve a

tradição, tornando-se admirado dos professores, que não lhe regateavam gabos e predições.

Joaquim Pessôa, envaidado, sonhou fazer do filho um grande homem. Convencido de que o cultivo do espírito era o único meio de transcender o círculo social a que pertencia, incutiu nêle o gôsto pelos estudos, dedicando particular cuidado à educação daquele que haveria de dar lustre à casa. A imprensa foi o ponto de mira: o jornal seria a alavanca da transformação. E aos 11 anos, simultàneamente com os preparatórios, começou a aprendizagem tipográfica no "Correio de Natal". Iniciaram-se, também, as leituras fora das lições: poesias, contos e romances, abrindo a imaginativa e despertando o pendor para as letras. E quando surgiam para compor artigos de conteúdo científico e filosófico, ao contacto da análise e da síntese, a sua curiosidade se aguçava, na ânsia louca de devassar o Infinito e de penetrar o mistério das coisas.

Nesse estado de fascínio, Antônio Marinho leu "Fatos do Espírito Humano", de Gonçalves Magalhães. Foi o minuto decisivo .Tinha 13 anos. Os horizontes da visualidade distenderam-se-lhe e as idéias brotaram em caudal. Não se satisfazia mais com os livros recreativos, preferindo a aridez da prosa filosófica à harmonia da rima ou enrêdo romântico dos dramas. Dominava-o, agora, insaciável sêde de saber, ambicionando o conhecimento profundo da natureza humana e divina. Entrou em relações com os doutos, com quem discutia sôbre a causalidade e a finalidade universais. Alheio às diversões de sua idade, para êle não havia entretenimento comparável à especulação filosófica. Mas, com o mesmo zêlo dos problemas metafísicos, cumpria as obrigações de ginasial e tipógrafo. E assim, no estudo e no trabalho ia-se processando a sua formação espiritual. Desgraçadamente, funesto acontecimento veio perturbar a marcha ordinária de sua existência. Foi a morte do pai, do amigo que o guiava com os conselhos da experiência, ajudando-o na peleja reivindicadora. Estava ainda

por completar os 14 anos (março de 1892), e viu-se no dever de assumir o encargo da família, provendo às suas necessidades.

Encerra-se aí o primeiro período da vida de Antônio Marinho. A par do esfôrço para a conquista das letras, vai desenrolar-se a luta para a conquista do pão.

A LUTA PELA CONQUISTA DO PÃO

Sem herança patrimonial, que faria Antônio Marinho? Como sustentar a mãe e os irmãos? E' exato que os tios maternos — e por isso se lhes presta a homenagem dêste registo —, não faltaram com a solidariedade econômica, mas o corajoso jovem não se conformou com a situação, que lhe parecia parasitária, e, não obstante a pouca idade, foi procurar emprêgo, conseguindo um lugar de estafêta nos Correios (abril de 1892). Não pôde mais frequentar o Ateneu, porém em casa, à noite, continuou a estudar nos seus livros didáticos e a lêr as obras que lhe emprestavam. No fim do ano foi nomeado praticante dos Correios no Amazonas, e mais tarde, em 1896, promovido a amanuense. De sua vida intelectual naquele longínquo Estado, a notícia que colhi, foi a de que entrando em choque com o seu chefe, empenhara-se com êle em polêmica, analisando a sua administração numa série de artigos veementes, que lhe franquearam as portas da imprensa. E' provável tenha exercido farta atividade jornalística, que, entretanto, não chegou até cá.

Antônio Marinho não se deu com o clima amazônico. Sobrevindo o desajuste da saúde, regressou à terra natal, ficando adido aos Correios neste Estado, ainda em 1896. Não era mais o rapaz imberbe que daqui saíra em 1893. Contava agora 18 anos, tinha atingido a estatura definitiva, e um elegante bigodinho guarnecia-lhe o lábio. Tratou de reatar as amizades, estreitando o convívio dos intelectuais. A êsse tempo desenvolvia a igreja presbiteriana intensa propaganda religiosa, mantendo o jornal " O Sé-

culo". Atraido pela dialética do livre exame, entrou a colaborar naquela folha, escrevendo editoriais de crítica e combate. Por mais que me esforçasse, não encontrei êsses trabalhos, louvando-me em informações. Assinalo, todavia, como documentário da sua evolução espiritual, dando como terminado o segundo período. E' que se vai abrir a fase triunfal, a gloriosa etapa da "A Tribuna", em que êle brilhou como astro de primeira grandeza no firmamento das letras potiguares, e que constitui o terceiro e último período de sua vida.

ADVENTO DO "CONGRESSO LITERÁRIO" E ESPLENDOR INTELECTUAL DO RIO GRANDE DO NORTE NO SÉCULO PASSADO

Em 1897, uma plêiade de entusiastas, entre os quais Antônio Marinho, no "intuito de pugnar para que a literatura norte-riograndense se levantasse do *abatimento lastimável* em que jazia", fundou nesta cidade o "Congresso Literário", tendo como órgão de imprensa "A Tribuna".

A expressão usada, como qualificadora da situação intelectual, é por demais rigorosa. Havia no Estado, além da capital, diversos centros de irradiação, como Moçoró, Açu, Caicó e Macaíba, sendo numerosas as sociedades literárias, tôdas com os seus órgãos de publicidade. Não se podia, portanto, sem hipérbole, que aliás estava na moda, considerar decadente uma literatura tão seivosa. O "Congresso Literário" apenas incrementou um movimento que já se afirmava, transfundindo nêle a sua fôrça e energia. O amor das letras era epidêmico, e, ainda no mesmo ano (1897), organizou-se outra sociedade cultural, o "Centro Polimático", com a "Revista do Rio G. do Norte", que foi o melhor repositório de estudos que tivemos. Viveu-se até 1904, sem quebra de esplendor, um dêsses instantes áureos do pensamento, espécie de século histórico, como o grego, de Péricles, o romano, de Augusto, o universal, de Leão X, e o francês, de

Luís XIV, em que luziram os talentos mais variados na poesia e na prosa, na oratória e no jornal, na crítica e na filosofia.

Merece salientado, por ser fenômeno cíclico na vida dos povos, que Natal, ao alvorecer do ano de 1898, contando 15.000 habitantes, possuia quatro agremiações literárias, cada uma provida de jornal ou revista, e tôdas em franca prosperidade! E êsse fato é tanto mais para notar, quanto hoje, com uma população sete vezes maior, não ostenta florescimento igual. Era o "Le Monde Marche", com a revista "Oasis", em que se destacavam Sebastião Fernandes, Antônio Soares, Aurélio Pinheiro e Uldarico Cavalcanti; era o "Castro Alves", com o pequeno jornal "O Iris", no qual escreviam Raul Fernandes, Adalberto e Pedro Amorim; era o "Congresso Literário", com a revista "A Tribuna", em que cintilavam Antônio Marinho, Ezequiel Wanderley, Ovídio Fernandes, José Pinto, Francisco Palma, Auta de Souza e Ana Lima; era o "Centro Polimático", com a "Revista do Rio G. do Norte", em que se distinguiam Antônio de Souza, Alberto Maranhão, Tavares de Lira, Henrique Castriciano, Homem de Siqueira, Meira e Sá, Juvenal Lamartine, Pinto de Abreu e Luís Fernandes. Havia ainda os jornais políticos e religiosos, com os seus valorosos batalhadores, declinadamente: a "A República", sob a direção de Pedro Velho e redação de Pedro Avelino, Eloi de Sousa e Manoel Dantas; o "Diário de Natal", tendo como redator-chefe Elias Souto; "O Século", folha evangélica sob a responsabilidade de William C. Porter; e a revista católica "Oito de Setembro", orientada pelo virtuoso padre João Maria. E não é tudo. Ao lado das agremiações literárias existiam associações musicais e dramáticas, como o "Clube Carlos Gomes", a "Sociedade Dramática 13 de Maio", e a "Fênix Dramática Natalense", esta dirigida por Segundo Vanderlei, o renomado poeta e dramaturgo.

Que irrequieta gente essa "fin de siècle", que agitava a vida do burgo, fundando grêmios literári-

os e sociedades teatrais; editando revistas e encenando dramas; realizando conferências e promovendo concêrtos! Foi uma época deslumbrante. A filosofia, a religião, a arte e a crítica eram as leituras prediletas. Arvorados em árbitros do pensamento emancipado e da estética contemporânea, Darwin, Haeckel, Comte, Spencer, Renan e Taine ditavam leis, determinando diretrizes e prescrevendo cânones. Os livros passavam de mãos em mãos e, ao influxo das novas correntes, os moços faziam a revisão das velhas idéias. Positivistas ou evolucionistas, insurgiam-se contra a metafísica ou espiritualismo, acometendo dogmas e princípios. Influenciados por Proudhon, Marx e Engels, ventilavam questões econômicas e sociais. Firmados em Laboulaye, Hamilton e Bryce, debatiam problemas políticos, cheios de fé no republicanismo infante. Escudados em Tobias Barreto, Sílvio Romero e Nordau, ridicularizavam o ainda remanescente romantismo e atacavam tôdas as formas do misticismo. Autênticos representantes de uma época pessimista em literatura, naturalista em filosofia, agnóstica em ciência e cética em religião, revolucionando a última etapa do século! Mas eram sonhadores e altruístas, estimulados mais pelo cérebro do que pelo estômago, nada influindo sôbre o coração o materialismo filosófico de que estavam impregnados.

Eis o meio em que surgiu Antônio Marinho.

A "A TRIBUNA" E ANTÔNIO MARINHO

A "A Tribuna" veio a lume no dia 21 de abril de 1897, como órgão do "Congresso Literário". Revista quinzenal, tendo por redator-chefe José de Viveiros, redator-secretário Ezequiel Vanderlei e redatores Manoel Coêlho, Francisco Palma e Antônio Marinho. O artigo de abertura é de Antônio Marinho, e tem por título "21 de Abril". Nenhuma referência à fundação do grêmio ou da revista. E' tão sòmente um brado cívico a propósito de Ti-

radentes e da "Inconfidência", glorificando a República, "como a deificação dos povos livres". Êle era assim! Vibrante e arrebatado, deixava-se incender no amor da Pátria, vendo no martírio de Tiradentes o preço da redenção nacional, e no estabelecimento da República "o resultado da lei fatal, que rege o destino das nacionalidades". E' o mais antigo escrito que dêle descobrí. Soube, entretanto, que estreou na prosa com o conto "A mulher demônio", e, na poesia, com um sonêto, cuja história êle explicou mais tarde. E deve de ter havido outras publicações, visto que já se apresenta desembaraçado na linguagem e afinado no estilo, o que pressupõe treinamento.

Mas, se inacessíveis as primeiras produções de Antônio Marinho, pude, contudo, acompanhar a sua evolução espiritual através da "A Tribuna", cuja coleção examinei, detidamente, na Biblioteca do Instituto Histórico. É um grosso volume, abrangendo seis anos da atividade cultural norte-riograndense, de 1897 a 1903, que me proporcionou a mais abundante messe. E no fim da canseira estava recompensado. Deu-me a conhecer a geração de intelectuais que precedera à minha e despertou-me a simpatia pelo obscuro afilhado de Henrique Castriciano. Era, na realidade, uma pujante inteligência, com aptidão para os mais altos assuntos.

A PRIMEIRA FASE DA "A TRIBUNA" E A TRAGÉDIA ECONÔMICA

Membro do "Congresso Literário" e redator de "A Tribuna", Antônio Marinho tornou-se uma figura central na intelectualidade de sua terra, impondo-se pela seriedade dos trabalhos, quase sempre de natureza crítica e filosófica. A sua colaboração era assídua, não havendo número da revista que não trouxesse um artigo, até que teve de voltar ao Amazonas, a fim de reassumir, nos Correios dalí, o exercício de sua função de amanuense (19 de setembro de 1897). Mas já no mês de novembro recomeça

a faina, primeiramente com três cartas, dando as suas impressões de viagem, e, seguidamente, com a importante série "Idéias e Fatos". Adoecendo e sentindo que não poderia viver em Manaus, abandonou o emprêgo no princípio de 1898, indo para Belém, onde se demorou alguns mêses. Por fim, aportou a esta capital no dia 10 de junho.

Tão precária era a sua situação econômica, que em Belém houve de recorrer à profissão inicial de tipógrafo. E Henrique Castriciano informa, num artigo estampado por ocasião de sua morte, que no Amazonas êle adoecera "em consequência da vida de privações, porque repartia os seus mesquinhos vencimentos com a família aqui residente". E' mais outro traço que se revela de sua nobre personalidade. De par com o amor da Pátria, o amor da família. Que alma generosa e abnegada a dêsse jovem de menos de 20 anos, que longe de casa, no meio sedutor de uma cidade opulenta, se sacrificava pela mãe e irmãos, a ponto de comprometer a saúde!

Assim chegado, Antônio Marinho retomou o seu pôsto no "Congresso", continuando na "A Tribuna" a série "Idéias e Fatos", suspensa desde março, quando no seu terceiro número. E só dois mêses após, em agôsto, é que, para acudir às aperturas, lhe foi dado insignificante cargo no magistério municipal. Não descoroçoou. Perseverando nas leituras e lucubrações, levou a série "Idéias e Fatos" ao número XVIII, ou seja até março do ano seguinte (1899). E como se avizinhasse o segundo aniversário do "Congresso Literário", foi escolhido para fazer, na comemoração, uma conferência sôbre o movimento intelectual do Rio G. do Norte, no último decênio. No descargo do árduo cometimento, êle se houve com inexcedível mestria. O seu trabalho teve a mais larga repercussão, graças ao método empregado. E' que foi fundido nos moldes modernos de Taine e Sílvio Romero.

Depois dessa conferência, efetuada em abril de 1899, a sua saúde, já combalida, agravou-se, forçando-o a procurar melhoras no interior do Estado.

Nesse ano ainda reapareceu na "A Tribuna" de dezembro, sob o pseudônimo de Anselmo Marialva, reservado às composições meramente literárias, contando a história de um sonêto, que teve o dom de curá-lo da tentação dos versos, convencendo-o de que não nascera para poetar. E no ano seguinte (1900), apenas despertou da letargia em março, com o relato de um sonho com o seu casamento, no qual descreve a noiva: "alta, de formas arredondadas, cabeleira espêssa e negra como ébano, olhar petulante, bela, no seu vestido branco de cauda, carinhosa e apaixonada com todo ardor da puberdade recente." Que deliciosa ilusão de quem morreria solteiro, e que tão perto estava da fatal viagem! Certamente, a psicanálise encontraria nesse sonho um vasto campo para as suas observações, dês que nêle vê a realização de desejos recalcados, surgidos à consciência por fôrça de processo inconsciente, quase sempre motivado por uma influência estimulante, e possível de determinação pelo método analítico. Qual teria sido a inclinação reprimida e soterrada no subconsciente do sonhador, que despertava sob a forma descrita? Ignoro a sua vida amorosa. Sonho ou devaneio, valia a pena seguir, através das regiões abscônditas, as raizes de sua idéia central, até descobrir ou identificar o fato mascarado. Fica, porém, a tarefa aos psicanalistas ou aos críticos instruidos na técnica de revolver as camadas profundas da psique.

A SEGUNDA E DERRADEIRA FASE NA "A TRIBUNA": TRIUNFO E MORTE

Eleito governador do Estado o dr. Alberto Maranhão, sócio do "Congresso Literário" e colaborador da "A Tribuna", da qual era Antônio Marinho diretor, ao assumir o cargo, em 25 de março de 1900, chamou o ardoroso confrade para oficial de gabinete, e no intuito de melhorar-lhe a situação econômica, obteve do govêrno federal a sua nomeação de comissário de estatística no recenseamento daque-

le ano. Deu-se novo intervalo na atividade do intelectual, que sòmente voltou à imprensa em julho, apreciando o romance "Rainha do Ignoto", de Emília Freitas. Nesse ano ainda escreveu substancioso trabalho acêrca do drama "O Engeitado", de Henrique Castriciano, e um artigo sôbre o livro de Eurico Facó, "Poemetos". Ninguém contestava mais a sua autoridade de crítico. E o ano de 1901 seria o de sua definitiva consagração, se a maldita tuberculose não o tivesse prostrado ao leito. Iniciou-o com a missiva "Meu suave Aurélio", sob o pseudônimo "Ypsilon", com que assinalava as suas "Petites Chroniques", e, após de uma série magnífica em tôrno da "A mulher e a sociogenia", de Tito Lívio de Castro, encerrou-o com a famigerada crítica a Segundo Wanderley, compreendendo quatro artigos, o último na revista de 24 de julho, que foi o seu canto de cisne, pois daí em deante emudeceu, até apagar-se de todo no dia 4 de maio de 1902, na vila de Angicos. No cemitério dali existe um tùmulozito, indicando o seu repouso final. Era, então, Administrador dos Correios neste Estado, cargo para o qual fôra nomeado no ano anterior (junho de 1901), e contava 23 anos, 8 mêses e 28 dias de idade.

TRAÇOS ETNO-PSÍQUICOS: TEMPERAMENTO E CARÁTER

Fixados os pontos principais da biografia de Antônio Marinho, o quadro ficaria incompleto, se não se esboçasse também o seu retrato antropológico. Que espécie de homem era êle? Simpático ou antipático? Sociável ou taciturno? Áspero ou afável? Qual, finalmente, o seu temperamento e caráter?

Antônio Marinho, em cuja mistura étnica sobrepujava o elemento europeu, era moreno claro e de estatura mais baixa do que alta. A sua cabeça, nem grande nem pequena, representava o meio têrmo entre a braquicefalia do cearense e a dolicocefalia do pernambucano, patenteando a forma comum

da sua terra: era um mesaticéfalo. Tinha a testa espaçosa e o olhar penetrante. Sem ser belo, era agradável de presença e fino de trato. Bom *causeur*, movimentado, polêmico. Em regra, atencioso, porém fàcilmente irritável. O seu temperamento de litorâneo intertropical era o de um hiperestésico, porventura orgulhoso, embora que por convicção do próprio valor. E se as glândulas endócrinas, reguladoras do metabolismo basal, condicionam o equilíbrio orgânico, alterando o temperamento e modificando o caráter, exagerado devera ser nêle o funcionamento das suprarenais, porquanto além da vivacidade da inteligência, presteza do raciocínio e dinamismo da ação, tinha pronunciada descaída para a impulsividade, tornando-se por vêzes agressivo, como se depreende da arremetida contra o administrador dos Correios em Manaus e da ruidosa missiva "Meu suave Aurélio".

Afetivo, impetuoso e altivo, Antônio Marinho possuia as qualidades fundamentais da miscigenação brasileira. Daí o seu arraigado amor da pátria, sentimental apêgo da família e exaltada paixão da liberdade. Espírito independente e sincero, exteriorizava, sem subterfúgios, o pensamento. Alma generosa, era capaz de sacrifícios, como o de privações no Amazonas, para melhor prover à subsistência da mãe e dos irmãos. Por outro lado, não lhe soube de manias, fobias ou cacoetes, apenas que gostava de dançar, de vestir-se bem, sendo apodado de "Boneco da Moda", devido ao cuidado com as roupas. Usava sempre uma flôr na lapela. Não perdia festas; quando não era convidado, ficava no sereno, a namorar ou galantear as moças. Não se casou, provàvelmente por falta de recursos.

Em suma, somática e psìquicamente, era um tipo normal: simpático, morigerado e sociável.

PRINCIPAIS TRABALHOS E VOCAÇÃO CRÍTICO-FILOSÓFICA

Da atividade intelectual de Antônio Marinho

na "A Tribuna", destacam-se, como mais importantes, as seguintes produções: "Suicídio", "O homem e a ciência", "A mulher", "Liberdade Humana", e "Liberdade de culto", do ano de 1897; "Idéias e Fatos", série de 18 artigos, de assuntos diversos, os 14 primeiros de 1898, e os outros 4 de 1899; "Comentários sôbre "O Engeitado", de H. Castriciano, de 1900; "A mulher e a sociogenia", de Tito Lívio de Castro, em 3 artigos, e "O Dr. Segundo Vanderlei como dramaturgo e como poeta", compreendendo 4 artigos, de 1901. Versam filosofia, psicologia, sociologia, religião, literatura e crítica, havendo entre êles trabalhos notáveis, como o XI e o XII da série "Idéias e Fatos", no setor da filosofia; "A mulher e a sociogenia", de Tito Lívio de Castro, no setor da sociologia; e "O Dr. Segundo Vanderlei como dramaturgo e como poeta", no setor da crítica literária.

Decididamente, a vocação de Antônio Marinho era a crítica, predominando a *vis* filosófica. Se a pobreza não tivesse impedido a aquisição de livros, ou se houvera habitado noutro meio, que não o da pequenina cidade que era Natal, sem bibliotecas ou salões de leitura, certo integraria a classe dos sábios, nada perdendo num confronto com Tobias Barreto, Sílvio Romero e Farias Brito. Aliás, aproximava-se de Tobias Barreto, com quem se parecia nas suas preferências culturais e pendores filosóficos, chegando mesmo a identificar-se com êle na adoção das idéias e no desassombro de proclamá-las. Careceu, porém, de estudo sistematizado. Com Taine e Sílvio Romero elaborou seu processo crítico em literatura, e com Comte e Tobias Barreto construiu a sua concepção universal em filosofia.

INSTABILIDADE RELIGIOSA E FILOSÓFICA

Racionalista, mas sem diretivas, Antônio Marinho deixava-se conduzir pelas impressões do momento. Haja vista a sua evolução religiosa e filosófica. Católico romano, ao primeiro sôpro da crítica protestante ruiram os alicerces da crença paterna,

e, sem uma análise demorada das questões, investiu contra os dogmas, que aprendera no catecismo da paróquia (fase do "O Século"). Pouco depois, enfronhado nas vulgarizações científicas de Buchner e Tobias Barreto, emancipou-se da religiosidade revelada, para fazer-se materialista, e por fim, já sob a atração de Comte, transferiu-se ao positivismo (fase da "A Tribuna"). E seria essa a última forma? Não é de crêr-se, dada a sua constituição receptiva, pois outras poderiam ser as leituras, provocando uma revisão de valores, sobretudo morais, que o abalariam no sentido espiritualista. Ademais, o materialismo é estéril e cansativo. Como tôda filosofia negativa, termina não satisfazendo a inteligência. Sobrevém o desengano, e o decepcionado, sentindo a irreprimível fôrça do absoluto, renega da matéria e eleva o pensamento para Deus.

E POR QUE ISSO NÃO ACONTECERIA COM ANTONIO MARINHO?

Assim sucedeu com Jackson de Figueirêdo e por que não dizê-lo? — comigo também! Como Antônio Marinho, desviei-me da religião. Os livros de Haeckel influiram extraordinariamente no meu espírito, levando-me ao monismo. Os "Enígmas do Universo" e as "Maravilhas da Vida" deram-me a visão cosmológica; e a "Antropogenia" e a "História Natural da Criação" ministraram-me a base biológica necessária à compreensão do sistema. Li Vogt, Buchner, Darwin, Lamarck, Huxley, Le Bon, Le Dantec, Spencer e tantos outros, que seria fastidioso citar, os quais me persuadiram de que no monismo evolutivo se encontrava a chave da explicação universal. Para mim, o "ignorabimus" de Du Bois Reymond, frente aos sete enígmas por êle enumerados no célebre discurso da Academia das Ciências de Berlim, e que Haeckel reduzira a um só, não tardaria a ser banido pela ciência, que ofereceria, afinal, a solução do máximo problema da substân-

cia. E enfatuado nessa vaidade, cheguei a escrever e defender teses! Era o resultado das minhas leituras transformistas. Que cândido engano! Já se foram 33 anos e o problema permanece o mesmo.

Eis a minha posição, quando li a "Crítica da Razão Pura", de Kant. Nunca esqueci do efeito dessa leitura. Um novo mundo de idéias, mas que confusão! Falava-se ali em conhecimentos puros e empíricos, *a priori* e *a posteriori*, em julgamentos analíticos e sintéticos, em razão teórica e prática, em filosofia transcendental e ciência da razão pura; numa teoria transcendental dos elementos com a estética transcendental e suas formas de percepção (tempo e espaço) e a lógica transcendental com a analítica dos conceitos (categorias) e dos princípios (julgamentos), e mais uma dialética transcendental dos conceitos (idéias) e dos raciocínios (paralogismos e antinomias da razão pura); e, finalmente, numa teoria transcendental do método, com a disciplina, o cânon e a arquitetônica da razão pura. Confesso que pouco entendi, e seria de desistir se as dificuldades não me fôssem estímulos. Recorri à "Lógica" do autor, a ver se penetraria melhor naquela nebulosa nomenclatura, cheia de transcendentalismos. E assim apercebido, reli o livro. Agora, as dificuldades estavam aplainadas, e pude compreender a finalidade daquele trabalho monumental, obra de um pensador sobrehumano, sòmente comparável a Aristóteles, que, no silêncio do seu gabinete, fazia o mais gigantesco esfôrço para salvar do êrro o espírito humano, corrigindo as aberrações de Locke, Berkeley e Hume, no tocante ao problema do conhecimento. Nem a matéria de Locke, nem o espírito de Berkeley, e menos ainda o nem matéria e nem espírito de Hume! Que cérebro genial o dêsse filósofo de Koenigsberg, que reagindo contra o sensismo, o idealismo e o fenomenismo, repôs a questão epistemológica nos seus devidos têrmos e eixos! Justifica-se, dêsse modo, o apêlo desesperado de Lange e de

Paulsen, na segunda metade do século passado, para que se voltasse a Kant.

Mas não é ao Kant da "Razão Pura" a quem mais prezo, e sim ao Kant da "Razão Prática", que conheci depois, porque foi êste que me levou à revisão das minhas idéias. Ao outro Kant, aquêle da "Razão Pura", admiro; mas a êste, o da "Razão Prática", amo e bendigo, vez que me salvou do abismo materialista. De sua analítica e dialética da razão prática, estabelecendo a supremacia desta sôbre a razão pura, e deduzindo, como seus postulados necessários, a liberdade, a imortalidade da alma e a existência de Deus, é que começou a minha reviravolta. Mudei de disposição. Li a "Crítica do Juízo", do mesmo Kant, a "Ética", de Spinoza, "Os Dilemas da Metafísica Pura", de Renouvier, "O Mundo Interior", de Farias Brito... e, insensìvelmente, caí nos "Evangelhos", no "Sermão da Montanha", onde encontrei confôrto e solução para as questões que as obras de ciência e de filosofia não foram capazes de dar-me. Releguei o materialismo, e quanto mais pondero os sistemas, mais se fortifica a minha fé cristã.

E quem poderá garantir que isso não ocorreria com Antônio Marinho? É pena que a sua evolução mental não chegasse ao fim, cessando justamente quando da crença passara à descrença, antes de atingir a meditação e de experimentar a crise psicológica que reverte à religião ou consolida no ceticismo.

AINDA SÔBRE A INSTABILIDADE FILOSÓFICA DE ANTÔNIO MARINHO; DETERMINAÇÃO DE SUA CAUSA

Pela coleção da "A Tribuna", vê-se que Antônio Marinho, nos artigos de 1897, afirmava sempre Deus, a alma e o livre arbítrio, referindo-se às leis divinas e a uma "faculdade inata instintiva, que nos conduz"; mas, já em 1898 refutava o livre arbítrio, porque anula o princípio geral da causalidade a

que estão subordinados os fatos da vida social", considerava "incabida e inverificável a hipótese do supremo espírito creador", qualificava de "pura abstração a ciência da alma" e adotava as três fases históricas da escola positivista no desenvolvimento da humanidade; e, daí por deante, a impressão que se tem, é a de um homem que se esforçava por sacudir de todo o jugo das escrituras sagradas e por libertar-se de vêz de qualquer influência das filosofias apriorísticas, convencido de que "o indivíduo, física e moralmente, não é mais do que o produto completo e variado dos seus ascendentes, de sua educação, do meio ambiente em que se desenvolve e de outros agentes menos relevantes, que se neutralizam mùtuamente".

Qual a causa dessa mudança ou impermanência? Nada mais fácil de que a sua determinação. Antônio Marinho não seriou disciplinas. Tudo nêle era apenas inteligência e intuição. Em rigor, não foi além do curso primário, pois, mal entrado no secundário, teve que abandoná-lo. Ficou, assim, na aritmética, sem alcançar as ciências físicas e naturais. Mas, justamente essa falta de lastro é que o levou do espiritualismo ao materialismo e dêste ao positivismo. Na sua febre de conhecer e de explicar, empanturrou-se de vulgarizações filosóficas. Em lugar de estudos propedêuticos, que o habilitariam à concepção universal que tanto o seduzia, começou por onde fôra de acabar, filosofando sem ciência, como se possível a síntese antes da análise. Inverteu a ordem, e não encontrando ponto de apôio para resistir às sugestões, ia aderindo ao que melhor lhe parecia. E nisso é que está a causa da instabilidade de suas idéias.

De feito, sem base gnoseológica, o espírito fica à mercê das procelas. Quem quer que se destine ao trato da filosofia, tem que ser antes de tudo um sábio. Há de munir-se de preparo geral e especial: geral, porque sendo ela uma síntese do conhecimento, necessita de tôdas as ciências, e especial, porque se esteia mais numas do que noutras, citadamente, a

matemática e a biologia. E, particularidade interessante, quando a cultura se firma na matemática, em regra a filosofia é subjetiva ou espiritualista; e se na biologia, quase sempre é objetiva ou materialista. Por isso o filósofo deve aprofundar-se por igual nessas duas ciências estruturais, porque em vêz de observações insuladas, que oferecem aspectos fragmentários, terá logo a visão completa, abarcando os dois polos da cognoscibilidade, o espiritual e o material, que o aproximarão mais da realidade. Direito Platão quando vedou a entrada da Academia aos que não fôssem geómetras; todavia, deixou-se empolgar por um lado apenas da verdade. Foi o que também se verificou com Descartes e Spinoza, dando forma geométrica à filosofia. Falharam com os seus sistemas, como depois Leibniz, Kant, e Comte, outros filhos diletos da matemática. E do mesmo modo enganaram-se os que seguiram exclusivamente a orientação biológica, como Aristóteles, Lamarck, Darwin, Haeckel e Spencer. É que partindo de dados unilaterais, não chegariam senão a resultados fracionários. Mas isso é próprio da ciência, que é saber parcialmente unificado, e não da filosofia, que é saber totalmente unificado. Daí o malôgro. A solução está em fazer da matemática, como, aliás, tentaram Russel, Couturat e Whitechead, e, entre nós, Pontes de Miranda, uma introdução à filosofia; e da biologia, o seu núcleo ou corpo central.

MOVIMENTO UNIVERSAL PRODUZIDO PELO TRANSFORMISMO

Antônio Marinho refletiu as idéias do seu tempo. Vivendo numa época de divulgação transformista, foi arrastado na corrente tempestuosa. Lamarck, Darwin, Haeckel, Noiré, Comte e Spencer eram os prógonos do movimento; Huxley, Buchner, Letourneau, Le Bon, Tobias Barreto e Sílvio Romero, os epígonos da propaganda. A agitação era imensa. Lamarck, na "Filosofia Zoológica", lançara as bases da ciência da natureza, e Darwin, retomando os seus

estudos, acabava de revelar o segrêdo das espécies, por êle entrevisto, desfazendo a ilusão antropocêntrica. E assim como a queda do geocentrismo, efetuada por Copérnico e Galileu, trouxera, com Bacon e Descartes, a decadência da escolástica e o advento da filosofia moderna, a destruição do antropocentrismo, operada por Lamarck e Darwin, acarretou profunda revolução, mais complexa ainda nos seus efeitos: descrédito do cartesianismo e do sensismo, crise do criticismo e do positivismo, e aparecimento da filosofia contemporânea sob a forma naturalística: monismo e evolucionismo.

Foi a substituição definitiva do dedutivismo apriorístico pelo processo indutivo do método experimental. Com a nova técnica, as ciências naturais e físicas, principalmente a biologia e a mecânica, assumiram proporções extraordinárias, deslumbrando os espíritos que se tomaram de uma como paixão libertária contra todo subjetivismo. O materialismo unicista ressurgiu do passado, continuando a obra dos filósofos da Jônia, embora com a indumentária do monismo evolucionista. Tudo, então, foi reduzido ao *monos* universal, espécie de *fieri* ou *processus* de diferenciação crescente, que vai da célula ao homem, em virtude de uma lei biogenética fundamental, cuja descoberta permitiu estabelecer a progonotaxe humana, e que não tardou em ser aplicada ao vegetal, ao mineral, ao mundo e até ao superorganismo social. Por sua vez, a química, a física e a mecânica, com a leis da conservação da matéria, da atração universal e da constância da energia, supeditavam os princípios de coordenação, subordinação e equilíbrio, que aliados aos de organização e coexistência fornecidos pela biologia, pareciam desvendar o mistério cósmico, originando as mais engenhosas concepções filosóficas. Tôda fenomenalidade tinha explicação no mecanismo físico-químico dos átomos e das células. Cientistas e filósofos, armados do método indutivo-dedutivo, refugavam o conhecimento *a priori*, para aceitar apenas o que derivasse da experiência, situando-se o

problema epistemológico dentro do critério positivo da análise e da síntese.

A ESCOLA FILOSÓFICA DO RECIFE E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DE ANTÔNIO MARINHO

Êsse movimento produzido pelo transformismo foi geral, e no Brasil avultou mais em Pernambuco, formando a denominada Escola do Recife. Ali, Tobias Barreto com o materialismo, Sílvio Romero com o neo-criticismo, Fausto Cardoso com o monismo e Clovis Bevilaqua com o evolucionismo, sublevavam o meio, propagando, por via da cátedra, de conferências, do jornal e do livro, os princípios filosóficos, jurídicos, críticos, sociais e políticos em voga na Europa, sobretudo na Alemanha, decorrentes daquele sistema. E ao lado dêles pululava uma coorte valente de intelectuais do quilate de Artur Orlando, Anibal Falcão e Martins Júnior, que imbuidos das mesmas idéias, trabalhavam também na implantação monística-evolutiva. Darwin e Haeckel, Comte e Spencer imperavam. Só se falava em seleção natural, sobrevivência do mais capaz e adaptação ao meio (darwinismo); em monera, ontogénese, filologénese e lei da substância (haeckelismo); em lei dos três estados, relatividade do conhecimento, generalidade decrescente e complexidade crescente (positivismo); em passagem do homogêneo para o heterogêneo, lei bio-cósmica da evolução e incognoscível (evolucionismo).

E' lógico que tudo chegando aqui, trazido pelos filhos da terra que iam ao Recife estudar Direito, tivesse a sua repercussão. Foi o que se deu com Antônio Marinho. Lia sòfregamente quanto vinha dali: jornais, revistas e livros. Tobias Barreto fascinava-o. Aspirava o conhecimento das grandes obras por êle referidas. Henrique Castriciano e Homem de Siqueira, dois valorosos talentos que acompanhavam o progresso cultural, emprestaram-nas. E assim leu: "Origem das Espécies", de Darwin; "Histó-

ria da Creação", de Haeckel; "Curso de Filosofia Positiva", de Comte; "Os primeiros Princípios", de Spencer; "História da Literatura Brasileira", de Sílvio Romero; "Filosofia da Arte", de Taine; "Vida de Jesus", de Strauss e de Renan, e outros livros mais de vulgarização científica e filosófica. Dissiparam-se as dúvidas, e o moço, outrora católico romano, e depois protestante, tornou-se materialista. O racionalismo, que motivara a primeira mudança, foi substituido pelo transformismo. A metafísica ontológica, que era a sua inclinação espiritual, foi suplantada pelo positivismo evolucionista, atitude em que se achava quando faleceu aos 23 anos e mêses de idade.

ANTÔNIO MARINHO E OS SEUS TRABALHOS DE CRÍTICA

Antônio Marinho, na série "Idéias e Fatos", ns. II e III, tratou da "Literatura do Rio Grande do Norte", apontando como causas de sua obscuridade e apatia o pauperismo do povo e a sua consequente condição social. Artigos bem redigidos, porém calcados em Sílvio Romero, que assinalara essa influência na formação da literatura. Mais importante foi a sua conferência realizada na comemoração do segundo aniversário do "Congresso Literário", sôbre "O Movimento Literário do Rio Grande do Norte de 1889 a 1899". Aí o crítico põe em cena os seu dotes analíticos. Todavia, ainda trilha Sílvio Romero. Fixa, primeiramente, a paisagem histórica (momento), para, em seguida, apreciar os fatores psicológicos (raça e individualidade) e sociológicos (meio social e cultural), e, finalmente, fazer o registo dos intelectuais, tecendo-lhes seguros comentários. Ensaio excelente e meritório, que se recomenda ainda por ter sido, no Estado, a primeira tentativa de crítica sistematizada. Mas, o seu trabalho culminante, onde fêz crítica filosófica e sociológica, foi "O Dr. Segundo Vanderlei como drama-

turgo e como poeta." Obra de técnico. Poderá ter sido rigoroso e até mesmo implacável, quando negou ao consagrado vate a coroa de primeiro poeta, que êle a detinha por consenso dos coevos, e que lhe eu reconheceria. Tirante isso e lá um outro ponto em que dêle discordo, citàdamente, a assertiva de que a personalidade artística de Segundo, como dramaturgo, não resistia à análise, e a de que faltava sentimento às suas poesias, "sendo quase sempre falsas", a sua crítica é modelar, tendo sínteses admiráveis, como as da vida intelectual do Estado, da literatura brasileira e do teatro nacional, cuja penúria, a seu ver, é maior do que no romance, devido à impossibilidade do drama adaptar-se às escolas naturalistas.

Depois dêsses prolegômenos é que entra no exame do drama "Amor e Ciúme", que ensejou a sua crítica. E reconstituindo o enrêdo, assenta que se trata de um ensaio de psicologia mórbida, em que o psiquiatra e o dramaturgo, ombreados, não fôram além de um certo círculo convencional, para ficar de acôrdo com a platéia. Reputa as personâgens deslocadas da vida real, increpa o drama de não ser de feitio moderno e censura o autor por não ter a preocupação da arte, mas a de lisonjear o gôsto do público. Passa, então, a julgá-lo como poeta, dizendo que só como tal será relembrado no futuro, e estuda o homem, o seu temperamento e individualidade à luz dos agentes taineanos — raça, meio e momento —, para concluir que êle era um retardatário romântico, de feição hugoana, que se filiou à escola dez anos depois da queda do gongorismo; em suma, um belo talento, prejudicado pelo meio. Eis a crítica que tanto escândalo provocou. Houve irreverência, mas a justiça não se compadece com considerações de ordem sentimental. Houve excesso também, o que não é para louvar-se. Não obstante, porém, as demasias e as restrições que se façam, ninguém é capaz de negar o seu merecimento.

OS TRÊS FATORES DE TAINE — RAÇA, MEIO E MOMENTO — E O QUARTO DE ZOLA — A INDIVIDUALIDADE

Antônio Marinho era um discípulo de Taine. Dentro dos cânones traçados pelo abalisado mestre, exerceu a crítica. Mas, aos fatores raça, meio e momento, que Taine estabelecera como condicionantes da obra darte, associava a individualidade, sugerida por Zola, e perfilhada por Sílvio Romero. Por isso a sua crítica era psico-sociológica, abrangendo o pessoal e o social, numa análise inteligente das qualidades atoras e reatoras do escritor, o que não fôra possível sòmente com os três agentes clássicos. Na realidade, êsse quarto elemento veio suprir uma lacuna na famosa teoria, pois os seus fatores, por mais valiosos, não explicavam o fenômeno da natureza íntima ou caráter próprio de cada obra e autor, tendo razão Hennequin quando denunciava a sua insuficiência.

E se os três fatores, que são poderosos agentes de diferenciação, só por só não satisfazem, menos ainda insulàdamente, como algures se tem pretendido. É que a produção mental depende mais do meio endógeno, antropológico ou psíquico, que constitui a individualidade, do que de qualquer elemento exógeno, modificativo, não há dúvida, mais secundário. E com ser assim, ocioso se torna examinar à qual dos agentes taineanos cabe a primazia. Evidentemente, nem à raça, como sustentava Muller e, entre nós, Sílvio Romero; nem ao meio, como queria o próprio Taine, e, entre nós, Araripe Júnior; nem ao momento, como afirmava Nisard: mas ao fator individual, como tônica da personalidade.

A CRÍTICA, A OBRA DARTE E A ESTÉTICA UNIVERSAL

A crítica é forma de conhecimento, e como tal, cosmológica, abrengendo o mundo e o universo.

Visa à determinação do valor ou expressão da verdade e opera em função do bem, do belo e do justo, correspondendo às três manifestações fundamentais do pensamento: ciência, arte e filosofia, em cujo domínio intervêm. E assim, como ciência busca a realidade inteligível e sensível; como arte, a interpretação da natureza; e como filosofia, a explicação universal. Para colimar êsses fins, serve-se de todos os dados de perceptibilidade e concepção, da análise e da síntese. Particularizada à literatura, a crítica não muda de substância. Pouco importa o fator destacado — raça, meio, tempo —, desde que representam aspectos fragmentários da realidade. Mera biografia com Sainte—Beuve, simples *processus* mesológico com Taine, histórico com Deschanel, etnológico com Grosse, social com Guyau, a crítica será sempre fiel ao seu princípio *de determinação do valor ou expressão da verdade*. O mal está no exclusivismo dos autores, que tomam por absoluto o que é relativo, por integral o que é parcial.

De feito, a crítica sendo um processo lógico do entendimento, há de enquadrar-se na conceptualística filosófica dos sistemas. Dentro dêles é que se desenvolverá a sua técnica. É óbvio que não podem pensar de idêntica maneira aquêles que se firmam em princípios opostos. Uns se tornam realistas, outros idealistas, conforme a propensão do espírito. Quem procura no escritor mais a época em que êle vive do que a sua pessoa, reduzindo o temperamento a simples efeito das influências étnicas e sociais, faz crítica histórica, sociológica, porém exclusivamente objetiva, e por isso incompleta, porque não leva em conta o fator mais importante, que é a individualidade do autor, o seu poder de ação e reação sôbre o meio, a sua originalidade ou criação, numa palavra, o seu caráter. Uma crítica dessa natureza, sem embargo do seu valor científico e mérito literário, é deficiente, contendo apenas uma parte da verdade, porquanto o escritor não é sòmente um refletor do mundo que o cerca (teoria

objetiva social), mas também um refrator do seu próprio eu (teoria subjetiva idealista). Por conseguinte, a obra darte tem que ser objetiva e subjetiva ao mesmo tempo. O eu e o não eu devem fundir-se numa só concepção. E dêsse modo é que se completam Platão, Kant e Taine, não havendo mais uma estética do ideal, uma estética da percepção e uma estética dos fatos sociais, porque ùnicamente a estética universal ou crítica do juízo.

PALAVRAS FINAIS

Antônio Marinho foi o maior crítico norte-riograndense e a mais vigorosa organização de pensador que jamais possuimos. Lutou, porém, com vários fatores desfavoráveis, que não permitiram o pleno desenvolvimento de suas fôrças. Foi-lhe de todo adverso o meio econômico e, em parte, o social. Faltou-lhe, também, o tempo, morrendo antes da maturidade, ainda no comêço de sua evolução mental. Ficou, assim, na fase de refletor, não podendo, portanto, dar tudo quanto era de esperar de sua portentosa intelectualidade. É pena, porque teria sido um dos mais ilustres filósofos nacionais. Mas, o que produziu é bastante para imortalizar o seu nome na história cultural do Rio Grande do Norte.

Está feito o elogio.

Saudação a Dioclecio Duarte *

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Eça de Queiroz tem uma página deliciosa sobre a distancia e a lei da emoção. Poderiamos reduzí-la ao enunciado: — A Emoção está na razão inversa do quadrado das distâncias. A comunicabilidade é um elemento, talvez o único, no processo da aproximação. Bem mais opressiva nos parecerá uma enchente do rio Açú, alagando a várzea, inutilizando as plantações, surpreendendo o gado e matando três a quatro pessôas, do que uma inundação do rio Amarelo que afogou 300.000 chinêzes. E um "tornado" que espatifou ruas e abateu florestas é menos importante que a perna quebrada de um nosso amigo, companheiro velho, esbarrado por um caminhão. Pensando nisto ou pensando noutra cousa, Machado de Assis monologava: — "Não há alegria pública que valha uma bôa alegria particular".

Todos nós temos os nossos feriados domésticos muito mais gloriosos que os dias oficiais de comemoração obrigatória.

Não haverá muito debate para aceitação da tese. Há, entretanto, o outro lado da medalha. A distância valoriza. Uma das formas mais consagradoras é a Fama, mesmo sem os pormenores comprovadores do mérito. Basta a Fama. E tanto mais longinquo seja o núcleo irradiante desta energia criadora, mais poderosa e persuasiva é a onda vibratória e contagiante.

Tácito escreveu a síntese do axioma: — OMNE IGNOTUM PRO MAGNIFICO. Diremos, em versão livre, que todas as cousas desconhecidas são magníficas. Um sertanejo, ouvindo as excelências da cidade grande, explicou, desabafando para Leonardo Mota: — "Na terra onde eu não vou o feijão dá na raiz".

A distância dissipa a emoção e aumenta o mérito. O essencial para nós é a auto-defêsa da cultura oniciente. Não ignorar. Conhecer tudo. As coisas, e os entes que conhecemos e privamos, e mesmo que amamos, não valorizam a nossa possibilidade de impressionar, de transmitir a fôrça da nossa cultura. Aí a distância azula a cordilheira e nivela o oceano. Para que citar as águas verdes do Potengí, tão familiar aos nossos olhos diários. Vamos buscar rio de longe, água distante, nome longinquo. OMNE IGNOTUM PRO MAGNIFICO.

Todos os objetos que possuimos em casa, vistos todos os dias, terminam por desaparecer. Não damos pela sua presença fiel. Já não impressionam. Esquecemos sua história, seu valor, sua beleza. QUOTIDIANA VILESCUNT...

Um dia aparece uma visita. Vê o que já não vemos. Detem-se, admira, estende o elogio caloroso, quente, interminável. Então revalorizamos, bruscamente, o objeto demitido. Certamente, é uma lindeza, gosto imensamente dele, é uma perfeição, não é verdade?

Há quem quase tenha esquecido da mulher que Deus lhe deu. De tanto ver, de tanta certeza da proximidade fiel, não a vê com os olhos velhos do interesse. Mas se alguem descobre a beleza desprezada e a valoriza com olhares teimosos, espetadores e interesseiros, então, o marido, imediatamente, sente reavivarem as chamas que dormiam nas brazas do amôr sonolento e cuida de defender, de reconquistar o encanto que se habituara a não prezar. E, normalmente, fica indignado com o elemento extranho que lhe despertara o perdido interesse...

Na vida intelectual, na vida política, no mundo

social, assistimos e participamos desses fenômenos de apreciação, de compreenção, de estima e desestima. Santo de casa não faz milagre... A galinha da vizinha é mais gorda do que a minha. Mas nós fazemos promessas aos santos velhos dos nossos oratórios familiares e a galinha dominical, aquela que Henrique IV falava como indispensável no cardápio camponez da França, é justamente a nossa, se a temos, que irá para a mêsa e para a nossa fome. Gorda ou magra, a galinha da vizinha servirá para o marido da vizinha, possivelmente ambicionando a nossa.

Chamo a vossa atenção para a figura da GENTE DE FÓRA, da GENTE DE CERIMÔNIA, relativamente aos de casa, família e amigos íntimos. Amizade exclúe normalmente o cuidado aflitivo do protocólo. E' de casa, conhece a todos, sabe desculpar. Nas festas, almoço festivo ou jantar de espavento, o íntimo, o-de-casa, é o último servido. Interesse é que o vinho não falte e parte mais saborosa e tenra vá para o prato da pessôa de cerimônia, o-de-fóra. Você como é de casa, fica para a segunda-mêsa, mais íntima, êm amigo velho? O amigo fica, resignado, comovido, em segundo lugar, porque também êle fará o mesmo, obrigatoriamente. Se pinga o molho do assado ou o garçon canhestro não sabe servir bem o vinho, nossa ância é que vinho e gordura cáiam nas calças de gente de casa, amiga, que desculpa, que compreende, que sabe. O de-fora, o-de-cerimônia, meu Deus, deve pairar acima de todas as possibilidades do desastre, do acidente e da preterição.

Depois da vitória política, há sempre a classe do íntimo, o fiel, fanático, entusiasmado, rouco de berros, amassada a roupa, cercado de desafetos criados pela sua dedicação transbordante, incômoda e ridícula para os que não participam da igual temperatura emocional. Para estes, vez por outra, há uma frase deliciosa: — Você, como meu amigo velho, pode esperar... E o desgraçado fica esperando até á consumação dos séculos. Ou lhe dão

função inferior porque é preciso, logicamente, agradar aos outros elementos, conquistar os adversários, arrancá-los das hostes contrárias. O amigo, o de-casa, o íntimo, coitado, deve esperar.

No terreiro dos letrados, o mesmo fato se evidencia. Livros rumorosos que não resistem a uma leitura isolada e serena. Erudições que são apenas bôa memória. Pesquisas aclamadas que não foram feitas pelo divulgador feliz. Novidades surpreendentes que tem séculos de registo. Glórias por nomeação. São os atos comuns em qualquer parte do mundo. Não somos piores que os demais povos da Terra.

A Academia Norte Riograndense de Letras é justamente, valentemente, o contrário desta valorização distante e destas girandolas aos deuses longinquos. Escolhe seus pares entre os conhecidos, diários e tradicionais trabalhadores de letras, jornal e livro. Pouco se lhe importa que não sejam famas nacionais ou internacionais. A Academia lhes dá o que somente cabe á Divindade conceder, o dom da imortalidade, *ad immortalitatem*, em plena ascenção luminosa no caminho da perfeição, *ad lucem versus*...

E' a feição mais nobre, humana e cativante das Academias provincianas êste sentido perceptivo do elemento real e próprio para seu convívio. Têm êles, os acadêmicos da terra pequena, o potencial de simpatia e a fôrça latente de realização. Podem não ser os "melhores" mas são os mais expressivos", áqueles que, fiéis á terra da Provincia, de perto e de longe, valorizam-na, vivendo nela com os sonhos letrados, poesia, romance, crítica, história, jornalismo, etnografia, plantando sempre que uma estiagem de desinteresse extermina o primeiro plantio, numa obstinação significativa que é, em última análise, a fidelidade do espírito literário, sem a esperança da safra remuneradora do esfôrço, ou vivendo longe, conservam nas almas o clima da terra, o sabor da continuidade mental que lhes prolonga no espaço a unidade do sentimento, fazen-

do-os presentes e solidários ás manifestações multiplas da existência social comum.

Mesmo que uma Academia não determine atividades mais altas de produção intelectual, mesmo que não possa animar, premiar e consagrar o trabalho da inteligência local, consegue a parte vultosa de sua missão aproximadora, dando a cada trabalhador a moeda rápida e efêmera da recompensa no carinho positivo que o grupo pode realizar, reunindo seus componentes.

No seu discurso de recepção na Academia Francesa, há 75 anos, Renan fixava este supremo encargo das Academias: — "Reunir os homens é estar bem próximo de reconciliá-los; é no mínimo prestar ao espírito humano o mais assinalado dos serviços, porquanto a obra pacífica da civilização resulta de elementos contraditórios, mantidos face á face, obrigados a tolerar-se, levados a compreender-se e quase a se amar."

Não digo que uma Academia tenha o destino pacificante da Arca de Noé, juntando a diversidade zoológica ante a catástofre. Mas será o modesto canteiro de nossas residências de outrora, onde as flores mais famosas oscilavam sua beleza junto ás mais modestas; a soberba Paul Neron, a Bola de Ouro, a Rosa Chá, ficavam na mesma igualdade aos olhos deleitados da jardineira fiel com as simples Violetas, os Jasmins de São José, os dôces Estefanotes.

Deverá ela, como na "Consolação" de Olavo Bilac, dar

Um pouco de modéstia aos mais felizes,
Um pouco de bondade aos mais perversos...

É indispensável que os acadêmicos, não podendo ter a Fé, tenham necessariamente a Bôa Fé, como dizia Joaquim Nabuco, em 1897, na inauguração da Academia Brasileira.

Passageiros da mesma náu, não a transformem na barca de Gleyre, na hora melancólica do crepús-

culo, vendo a morte das esperanças, assistindo à lenta procissão das sombras...

Se esta é a missão das Academias, em Arte Maior ou Menor, em Cidade Grande ou Cidade Pequena, é a mais alta, a mais urgente, a mais útil das campanhas humanas para o problema milenar e angustioso do conhecimento, da confiança e da amizade entre os homens, estabelecendo, não digo as pazes duradouras mas um armistício prolongado.

* * *

Dioclécio Dantas Duarte representa na legitimidade de toda sua vida social, intelectual e política exatamente êste ideial de solidarismo, êste desejo de trabalho em comum, esta esperança de entendimento e de elevação sob o primado da Inteligência.

Natalense da rua da Palha, Dioclécio nasceu de famílias ligadas á história administrativa e política da Provincia e Estado. Já em 1778, o vereador José Duarte da Silva participa do govêrno da Capitania. Antônio Basilio Ribeiro Dantas, duas vezes deputado provincial, duas vezes como vice presidente administra a Provincia. Em 1867 e 1868, seu filho do mesmo nome, quatro vezes deputado provincial governa o Rio Grande do Norte cinco vezes. Dioclécio é bisneto do primeiro e neto do segundo.

Há, evidentemente, a vocação do comando, a vontade da ação, de que falava Amiel.

Parte de sua meninice é vivida em São José de Mipibú. Fôra a terceira cidade na Provincia. Açú, a primeira, venceu-a apenas no algarismo da lei, n. 124, quando S. José foi 125, no mesmo dia, 16 de outubro de 1845. De sua importância lembrarei apenas que, dez anos depois, em 17 de julho de 1855, propunha-se na Assembléia Legislativa a transferência da capital da Provincia para a cidade de São José de Mipibú.

Era domínio dos Duartes e dos Ribeiros Dantas, Pares na aristocracia rural do vale. Ambos viviam

na Capitania, desde meiados do século XVIII. O fundador dos Ribeiro Dantas, Miguel, português de Lisbôa, falecido em S. José, em 1795, é avô do Barão de Mipibú, o 2.º Miguel Ribeiro Dantas, e 4º. avô de Dioclécio. É uma dinastia de senhores de engenho, professores, padres, políticos. Logo depois de 1882 há abolicionistas, chefiando o movimento.

A paisagem é inesquecível. A cidade corôa o cimo da colina, presidindo para qualquer ângulo do horizonte a imensidão do vale verde, onde os canaviais ondulam. As duas torres da Matriz sacodem para o alto as linhas esguias e atrevidas de sua elegância senhorial. Na chã úmida pelas águas vivas, o canavial derrama sua frescura sussurrante, ondas que se encrespam ao vento morno da tarde, oscilando os pendões guerreiros como grupos de guerra, reunidos ao derredor das chaminés fumegantes, pastôres gigantes do imóvel rebanho vestido de verde. Todas as casas-grandes eram centros de vida social, com as festas sonoras das "botadas" de engenho com os aniversários dos donos, com as "partidas", improvisadas danças que mobilizavam a sociedade dez leguas em círculo. Era um mundo que ainda veio, pobre e orgulhoso, das glórias moribundas, até nossos dias de menino. Era escola de boas maneiras, de venias, de saber conversar, dançar o "schottisch," o solo inglês, a quadrilha imperial, ao som da orquestra do professor Belém.

Dioclécio, menino da geração republicana, ainda olhou as figuras graves dos velhos senhores de engenho que tinham dirigido Liberais e Conservadores no Império. O avô materno, Antônio Basilio Ribeiro Dantas, presidia a Provincia, quando a república foi proclamada. Debalde o seu chefe político sugeriu que fizesse instalar um govêrno republicano por elementos liberais adesistas. Antônio Basilio resistiu e entregou a administração a Pedro Velho, fundador do Partido Republicano, desde janeiro. O Partido era quantitativamente insignificante mas representava a legitimidade do ideial. Se Antônio Basilio fizesse proclamar a República por

alguém do seu grupo, outra seria a história local. Foi sob êste signo de lealdade que Dioclécio formou sua mentalidade partidária. Depois, Colégio Santo Antônio até 1905; Ateneu até 1911. Foi orador oficial de sua turma na Faculdade de Direito do Recife, bacharel de 1917.

É a turma do historiador Barbosa Lima Sobrinho, um dos mais claros e soberbos ensaistas do Brasil, de Povina Cavalcanti, teatrologo, jornalista, do filósofo José Euclides, do jurista Meiroz Grilo, do crítico Olivio Montenegro. É a época em que Oliveira Lima, erudito, lepido, sem mêdo e sem mácula, fazia de sua residência em Parnamirim sob as mangueiras acolhedoras, uma academia de môços. Dioclécio foi um dos rapazes íntimos de Oliveira Lima. Faz jornal, discute letras, escreve, critica. É o Diretor da Imprensa Oficial de Pernambuco. São deste tempo seus dois primeiros livros, PARA OS QUE FICAM... e UMA PÁGINA DO BRASIL (Recife, 1918 e 1919). Em 1918 está deputado no Congresso Legislativo do Rio Grande do Norte. Conheci-o neste ano, discursando, interessado e vivo, sobre a questão operária, um dos primeiros discursos na espécie. Esta legislatura foi a sua velada d'armas. O orador acadêmico fêz o tribuno parlamentar, ampliado o vocabulário, profundos os recursos de técnica, vigorosa, imediata e pronta a ciência do debate, da réplica, da improvisação. Volta para a legislatura de 1924-25-26. Terminando-a passa à Câmara Federal no triênio de 1927-28-29. A sua já é história contemporânea. Recordo apenas a sua velocidade inicial.

Traduzira do inglês MASCARADA INTERROMPIDA, de Edgar Poe, 1922 e, no mesmo ano, publica PROBLEMAS CONTEMPORÂNEOS; em 1930, ESTUDOS DE ECONOMIA BRASILEIRA, discursos e notas como membro da Conferência Interparlamentar de Comércio que se reunira em Berlim em 1929; COMO EXERCÍ O MEU MANDATO, Rio, 1934, e em 1941, A INDÚSTRIA EXTRATIVA DO SAL E A SUA IMPORTÂNCIA NA ECONOMIA DO BRASIL.

Não é possível computar artigos de jornal e revista, discursos e pareceres na Câmara Federal, nos Congressos Internacionais, de estudantes em Buenos Aires, de jornalistas Pan Americanos em Washington, Interparlamentar de Comércio em Berlim, da Société Amérique Latine, em París, de economia em Dusseldorf, de municipalistas em Porto Rico, Buenos Aires e Santo Domingos, onde falou sobre Nisia Floresta.

Dioclécio possui êste pendor associativo que é o instinto real de solidarismo. Nenhum egocentrismo fascinou seu trabalho de tantos anos. Ama o esforço ao lado dos companheiros, animando ao rumor do ritmo criador. Para êle, realmente, terminou a era do trabalhador solitário.

É um sacerdote no culto do amigo.

De todos os seus cargos, secretário geral, secretário da Agricultura entre nós, membro do gabinête do Ministro da Marinha e da Justiça no govêrno Epitácio Pessoa, o nosso Ferreira Chaves inesquecido, do consulado do Brasil em Bremem, membro permanente do Conselho Consultivo das Conferências Interparlamentares, onde sucedeu ao senador Adolfo Gordo, por indicação dos delegados da Bélgica, Tcheco-Slováquia e Alemanha, diretor do Instituto do Sal, fundador da revista RENASCENÇA, no Recife e de LEITURA no Rio de Janeiro, ao lado de Orlando Ribeiro Dantas, o DIÁRIO DE NOTÍCIAS, presidente do Banco Aliança e diretor do Banco Central Mercantil; com Ulisses de Góis fundador da Caixa Rural, animador e devotado do cooperativismo, há sempre folha viva de atenção e de interesse pelo *talent de bien faire,* como num príncipe da dinastia dos Avis.

Americanista, municipalista, Dioclécio vive os problemas que interessam a todos e que, positivamente, em muitos foi pioneiro. Seu discurso pelo monumento de Simão Bolivar trouxe para seu peito a condecoração de Cavaleiro da Ordem do Libertador, homenagem da Venezuela ao parlamentar brasileiro que tão bem conhece a história americana,

insular e continental. Seus estudos, projetos, pareceres, parte saliente em debates, deram-lhe a comenda do mérito Naval e a dedicada divulgação da cultura francêsa a Legião de Honra, entregue direta e pessoalmente pelo Presidente Vincent Auriol no Salão dos Champs Elisées, em París.

Os projetos de Dioclécio foram multidão. Abrangem área bem ampla dos nossos problemas especiais e gerais. Recordo o que localizava os Batalhões Agrícolas no interior do nordeste, evitando o exodo de 20.000 jovens que não voltam mais ao campo depois do serviço militar; o aproveitamento das Aguas Mães nas salinas do nordeste, mostrando como se poderia obter o adubo necessário para a recuperação econômica do solo. Antes de 1930 sugeriu a criação do Ministério do Ar e aparelhamento nacional dos campos de pouso; criação da Escola Técnica de Aeronáutica de Parnamirim e verba para a estrada de Natal á mesma vila. Não há município onde haja Maternidade, centros de Puericultura, Postos agro-pecuários, Institutos de Assistência aos Trabalhadores Rurais, Ambulatórios de Pescadores, que não lhe deva iniciativa, defesa e auxílio maior. Foi o primeiro cidadão no Rio Grande do Norte que, durante a Constituinte de 1946, depois de regressar dos Estados Unidos, onde examinara a capacidade e influência econômica hidráulica do Niagara-Fall, sugeriu a inclusão do nosso Estado no plano do aproveitamento da força hidráulica de Paulo Afonso, trabalho baseado nas observações do engenheiro Otávio Tavares e amplamente elogiado por um técnico da altura de Henrique Novais.

Não faço a estatística dos projetos de Dioclécio Dantas Duarte como demonstração de sua operosidade. Essencial é apenas indicar como seu espírito atende aos campos mais diversos da atividade econômica e cultural, estudando a reforma educacional, os problemas navais e aeronáuticos no tocante ao desenvolvimento dos serviços, discursando sobre os nossos homens maiores, interessando-se por todas as solicitações, idéias e planos.

Este é o homem simples, acolhedor e sensível, menino da rua da Palha, calcando as ruas de todas as capitais do Mundo, olhando a vida com a mesma serenidade e o mesmo destemor, serenidade de compreensão, destemor de altivez. Atravessou batalhas e anos tumultuosos com a mesma impertubável boa-educação, educação tranquila e composta que não exclue seus arrebatados e arrancos, de lança em riste sobre os monstros ou sobre os moinhos de vento.

Esta geração de 1917, tempo do bacharelado, era ainda idealista e dramática. A base humanística garantiu-lhe, ainda hoje, essa marcha sonora, batendo os pés, chamando atenção de quem piza em terreno sabido e piza quando quer. Intelectualmente não perderam tempo, voando para todos os horizontes na ilusão do livre arbítrio sem direção. Foi uma geração lastreada, uma das primeiras com o olho no Homem Brasileiro, na Realidade Brasileira, no Ambiente Brasileiro. Dioclécio escritor demonstra justamente ter sido um ótimo observador do realismo brasileiro já despido das folhagens retóricas e dos tropos floridos que disfarçavam sua verdade. Mas o estudo da verdade não afasta o amor natural, o sentimento telúrico pela Pátria.

Ha tantos anos Acadêmico, familiar ás reuniões, nesta noite de verão é que Dioclécio toma posse de sua poltrona já tradicional e por êle fundada.

Arredio Romeu político, fez muito esperar a sua Juliêta fiel, sozinha no balcão espiritualmente florido na rua da Conceição. Esta posse não será um sonho de noite de verão, um *Midsummer-Night's Dream,* com as fadas e os *clowns* bailarinos do interludio shakespeareano, mas uma noite brasileira, cordial, alegre, homenageadora, feliz oportunidade de proclamar, em face das horas sábias do Tempo, a glória discreta, glória afetuosa, íntima, feita pelos jubilos do conhecimento velho, com que se recebe, com que se saúda, com que se declara Imortal nos limites da Provincia e nas fronteiras

sem fim da própria Inteligência determinadora, a Dioclécio Dantas Duarte, o trabalhador sem repouso, o nosso deputado, seja qual for o sufrágio, a serviço do Rio Grande do Norte, seu povo, seus problemas, sua cultura, sua esperança...

---

* — Discurso de saudação ao acadêmico Dioclécio Dantas Duarte, na Academia Norte Riograndense de Letras, no dia 28 de Outubro de 1954.

FRANCISCO DE SOUSA RIBEIRO DANTAS,

HUMANISTA, EDUCADOR, MAGISTRADO, ADVOGADO, POLÍTICO, E, SOBRETUDO, APÓSTOLO DA JUSTIÇA

DIOCLÉCIO DANTAS DUARTE

Senhores Acadêmicos:

Esta Academia surgiu num período que sucedeu a imprevistas subversões da ordem. Os espíritos inquietos e dos quais nunca se afastam o sentimento e o encanto pelas coisas ideiais não se conformaram com a passividade do novo regime que impedia as manifestações da inteligência insubmissa a qualquer restrição da liberdade.

Para os homens livres, a conquista alcançada através de lutas sangrentas e sacrifícios inauditos, que abalaram a consciência universal e exterminaram os ímpetos do feudalismo, o derivativo da política seria, naturalmente, a atmosfera da cultura espiritual. Foi assim na idade média, durante a qual, os perseguidos pelos tiranos atrabiliários se recolhiam ao silêncio dos mosteiros, dos conventos e das universidades hieráticas, para meditar e estudar. Enquanto os exércitos volantes, obcecados pela guerra, com o objetivo único de saque e anexação de outros territórios, no histerismo imperial, criavam-se, longe dos olhares profanos, os laboratórios para as pesquisas científicas e se agrupavam os artistas de

gênio que deslumbrariam mais tarde a aurora do renascimento.

Analisados os vários aspectos, nenhum período histórico foi tão fecundo como a idade média, obrigando a humanidade a refletir sôbre as consequências políticas, científicas e artísticas. Formou, sem ostentação, porque temia a violência dos príncipes ignorantes e intoxicados pelas intrigas dos áulicos mercenários, uma escola imortal de pensadores e de sábios.

Nos alicerces dessa escola se erigiu o destino da própria humanidade. É que a inteligência e a cultura constituem o fundamento do organismo universal. Nenhuma fôrça é capaz de sobrepujar a fôrça da inteligência criadora.

Foi ela quem criou o mundo e tudo que em derredor dêle se movimenta, dando-lhe forma, existência, vibração. Quando o mundo se afasta da inteligência, mergulhado no baixo sensualismo, depressa se aniquila asfixiado pelos tentáculos insensíveis das ambições materalistas. A história está cheia de exemplos. Os impérios mais sólidos não fôram os que apresentavam maior poder material. Em pleno apogeu, quando tudo lhe parecia insuperável, Roma começou a decair. No berço do Lácio se manteve apenas o espírito do Direito, a origem de todas as inspirações jurídicas. E êsse espírito ainda vive, firme, lúcido e dominador, depertando a consciência apática de um mundo desviado do seu destino. Através das estradas, ainda jovem, Goethe, como soldado do exército comandado pelo príncipe de Brunswick combatia e pensava. O espírito do filósofo e o coração do poeta transpunham as fronteiras de uma época prestes a desaparecer.

Goethe exclamava, como profeta: "Estamos às portas de um mundo novo. Os homens deste século já perderam a confiança. Alguem hà de surgir com outros métodos para nos orientar". Tinha razão o poeta. Goethe antevia o advento de Napoleão. O novo sol clareou em toda a Europa. Bonaparte não foi, entretanto, fenômeno do acaso. A espada do Corso

atrevido, que marcou outra fase na história dos povos, surgiu como consequência da Enciclopédia. Não fôssem a filosofia de Diderot e D'Allembert, a ironia sarcástica de Voltaire, as sentenças de Rousseau, e, em seguida, a palavra flamejante de Danton, unida ao caráter inflexível de Robespierre, demoraria, por muito tempo ainda, o privilégio dos reis sagrados por direito divino. E' verdade — O' dolorosa verdade! — que a multidão julgadora dos homens nem sempre aprecia com justiça os servidores leais e que por ela se sacrificam num combate desigual contra prevericadores e insensatos. Foi assim na França, com os dias trágicos do terror. As águas do Sena ficaram vermelhas no sangue dos defensores do povo Milhares de cabeças rolavam na guilhotina, enquanto a multidão desvairada aplaudia o carrasco de quem morria por muito haver amado a liberdade e pretendido defender o direito legítimo, pregando uma política de honestidade contra os que vendiam e compravam miseràvelmente a consciência do povo. Infelizes criaturas de todos os países, sempre enganadas, sempre maltratadas, sempre mal dirigidas e sempre submissas aos que mentem e permutam a solidariedade efêmera pelo pedaço de pão, incapazes, todavia, de procurar resolver definitivamente o problema da vida martirisada. Que vale a moeda que compra hoje a opinião dos indivíduos e amanhã já desapareceu, tão vil é o seu poder aquisitivo?

Os homens sobem ao govêrno, mas o povo continúa miserável. E aquêles que falavam com sinceridade, nunca mentiram ao povo, porque tinham a mística de servir, são derrubados, enchem as masmorras da Bastilha e caminham decepcionados para o cadafalso, com a alma torturada e o coração sangrando, porque os amigos não os ajudaram e a multidão esqueceu os benefícios que a terra e ela receberam durante tantos anos de esforços continuados. E o idealista encarcerado, assistindo à vitória dos inéptos, cansado de protestar contra os que o trairam e trairam ao povo, vendo o sorriso hipócri-

ta dos que tudo lhe prometeram e nada realizaram, obrigado a ouvir as declarações cínicas dos jovens que deveriam ter ainda a alma voltada para as enobrecedoras campanhas, tenta evadir-se do ambiente infecto. Não é crível conter a emoção. Como poderá servir à sua terra e ajudar ao povo, se até os melhores companheiros, em cujos corações jamais pressentira maldade, esqueceram compromissos antigos. Massacrados os reformadores românticos, triunfaram na política e empolgaram o govêrno os calculistas e os melhores conhecedores da psicologia contraditória da massa. A grande revolução perdera o objetivo humanitário, cedendo lugar aos adesistas e aos mais terríveis adversários da véspera. Estabelecida a confusão, dentro dela apontou ao lado de Fouché a figura arrogante de Bonaparte. Como meteoro de fogo, avançou por tôda a Europa estarrecida perante o rôlo compressor nas mãos do gênio bravio. A França cresceu, mas ao apagar-se a estrêla do guerreiro nas planícies de Waterloo e preso entre os rochedos de Santa Helena, do triunfador de batalhas memoráveis, simplesmente ficou intacto o Código que Napoleão coordenara, revelando a intuição de legislador argúto. Mais um exemplo da eternidade da cultura. Foi nessa persuaasão, Senhores Acadêmicos, que nos reunimos e fundamos a nossa Academia. Desejávamos, ao mesmo tempo, fugir das falsas interpretações sociais que uma era tumultuária determinara, subvertendo a hirarquia dos elementos, e restabelecer o prestígio da inteligência. Entre quadros antigos e volumes circunspectos que ornamentam a mansão harmoniosa de Luís da Câmara Cascudo, transformada em uma tranquila catedral de estudos, onde os crentes da cultura ouvem as orações do mestre acolhedor, tendo ao nosso lado Henrique Castriciano, proclamamos e compreendemos a urgência de uma elite dirigente. Sem uma élite, em condições, pela formação moral e inspirada na ciência, de resolver os problemas apresentados, a Nação perderia o seu rumo e todos seríamos vencidos pela demagogia

desenfreiada e inconsequente. O tempo passou, mas a situação continúa idêntica. Buscamos inspiração no passado. Os povos se alimentam da tradição dos homens de pensamento. São êsses homens os guias verdadeiros das nações que não se desejam suicidar.

A nova Academia, de acôrdo com as determinações estatutárias, deveria ter também os seus Patronos. Cada sócio fundador escolheria o seu. Diversos nomes me surgiram à lembrança. Para mim, não era suficiente o talento. Os conselheiros espirituais precisam de harmonisar a sabedoria e a moral. Encontrava-me indeciso, entre o intelectual, o político, o universitário, o santo e o jurista, quando Juvenal Lamartine se apressou e, correspondendo, com admirável precisão, aos conceitos por mim externados sugeriu o Patrono perfeito. — "Quem seria?", indaguei. — "Francisco de Sousa Ribeiro Dantas, que pertence à sua família." Reúne êsses predicados que você exige. Foi, no Rio Graande do Sul, uma das personalidades mais insignes do seu tempo. Intelectual de cultura humanística, político austero e combativo, professor universitário, magistrado íntegro, Francisco de Sousa Ribeiro Dantas foi um talento de múltiplas facetas. Estudando a sua personalidade — acentuou Juvenal Lamartine — você prestará homenagem à sua família e trará ao conhecimento da terra a ação polimorfa e honesta de um cidadão ilustre que exaltou a cultura nacional e dignificou, principalmente, o caráter brasileiro.

Lembrei-me, então, da visita que recebera no Rio Grande do Sul, e aquela figura raquítica, já encanecida, nervosa, respeitável na maneira simples de tratar, estava preso a mim pelo sangue e possuia realmente uma admirável ética. Francisco de Sousa Ribeiro Dantas era o Patrono indicado. E eu agradecí a Juvenal Lamartine a idéia oportuna.

Procurei examinar os diversos traços de sua vida, quase tôda transcorrida no Rio Grande do Sul, para onde se transportara ainda muito moço, logo após bacharelar-se em ciências jurídicas e sociais

na Faculdade de Direito do Recife, onde integrou a turma de 1884. Fôra êsse um grupo brilhante. Ali estavam Fausto Cardoso, filósofo e tribuno de irradiações geniais; Godofredo Cunha e José Soriano de Sousa Filho, que mais tarde foram membros conspícuos da mais alta Corte de Justiça do País; João Alfredo de Freitas; Coelho Lisbôa, eminente orador que fulguraria no Senado da República, e Farias Brito, que abriu novos horizontes às interpretações filosóficas. Infelizmente não foi possível aprofundar-me, como desejara, certo de que prestaria inestimável serviço à cultura do país, apontando às gerações novas um exemplo digno de ser imitado. E o faço em uma época de tristeza moral, apenas egresso de uma luta política, cujo panorama se me afigurou lamentável e reclama, quanto antes, completo saneamento. Recordo a conversa que tive, durante muito tempo, no "Grande Hotel" de Porto Alegre, com Francisco de Sousa Ribeiro Dantas, então deputado à Assembléia de Representantes do Rio Grande do Sul.

Aqui me encontro, Senhores Acadêmicos, obedecendo aos imperativos da nossa comunidade, para dizer quem foi o conterrâneo preclaro, glória de uma geração que possuia a mística do caráter e mestre de várias gerações que recordam, nas atitudes de Júlio de Castilho, a forma de interpretar e praticar os postulados da democracia orgânica, no sentido de melhor servir aos interesses do povo e ao progresso da terra.

Perdoai se eu não corresponder à vossa confiança. Êste discurso é apenas a síntese de trabalho mais extenso, pois a biografia de Francisco de Sousa Ribeiro Dantas, exige mais meditação, nos diferentes capítulos de uma atividade intensa e brilhante.

SÃO JOSÉ DE MIPIBÚ, TERRA DE SEU NASCIMENTO

Durante o govêrno monárquico, a cidade de São José de Mipibú era um centro de extraordinária atividade política. Três famílias predominavam,

não sòmente na política como na economia rural. Eram os Ribeiros Dantas, os Duarte e os Sales. Havia íntimo entrelaçamento. Nada se resolvia sem o concurso dos representantes dessas três famílias. Desde o século XVII, procedentes de Portugal, se enraizaram na gleba antiga. Foram os organizadores da administração local e até o último ano da monarquia exerceram influência decisiva, quando, em 1889, com o advento da República, o Coronel Antônio Basílio Ribeiro Dantas — então na presidência da província — mandou convidar Pedro Velho de Albuquerque Maranhão e, pacìficamente, lhe entregou o govêrno, retirando-se para o engenho Sapé, de sua propriedade. Apesar da insistência de Júlio de Castilho, chefe republicano do Rio Grande do Sul, o Coronel Antônio Basilio Ribeiro Dantas não quiz aderir ao novo regime, respondendo que a sua lealdade o impedia de assim proceder. Fôra cinco vêzes Presidente da Provincia e jamais se deixara seduzir pelo poder. A República, que tivera em seu pai ardoroso partidário, signatário do manifesto redigido em 1872 pelo Dr. Cisneiros, residente em Goianinha, não o obrigaria a esquecer os compromissos assumidos. Outros o poderiam fazer, e o fizeram. A um Ribeiro Dantas, da estirpe de São José de Mipibú, não seria permitido tal comportamento. Dessa estirpe nasceu Francisco de Sousa Ribeiro Dantas. Tinha seu pai o mesmo nome, e fôra advogado e proprietário rural de incontestável prestígio em todo o município. Preocupado com a educação dos filhos, mandara-os estudar em Pernambuco, onde se bacharelou o nosso Patrono.

Companheiro de Francisco foi o seu irmão José Ribeiro Dantas, redator da "Samana Ilustrada" sob a direção do famoso caricaturista Angelo Agostini, de extraordinário sucesso na época, pelos seus desenhos originais, criticando com o lápis inimitável as personalidades mais eminentes.

A tradição dos Ribeiros Dantas se notabilizou pela inflexibildade de caráter. Pertencentes à corrente liberal, jamais transigiram com os princípios

partidários. Estiveram sempre de acôrdo com os movimentos que objetivavam a liberdade do povo. A Sociedade Libertadora, fundada em Natal, em combinação com o "Clube do Cupim", no Recife, tinha à sua frente D. Anunciada Vilar Ribeiro Dantas, esposa do Coronel Antônio Basilio Ribeiro Dantas. Tornaram-se famosas suas atividades e numerosos escravos foram libertados antes do advento da abolição, graças à influência de D. Anunciada e de seus companheiros dedicados. Muito antes de 13 de maio de 1888, já não existia negros cativos no engenho Sapé, onde a figura de D. Anunciada era cercada de todos os carinhos. Ex-escravos ali continuaram como operários livres. Conheci ainda alguns, velhinhos, que, chorando, contavam episódios daquele tempo remoto e lembravam a bondade angélica da Senhora branca que, sem perder a autoridade, via no negro uma criatura humana, e a todos tratava com brandura.

D. Anunciada possuía temperamento político. Enérgica e, ao mesmo tempo, suave, persuasiva, era incansável na ação que desenvolvia. Tenho ouvido repetidas vêzes de Eloi de Sousa referências entusiásticas à sua capacidade política nos últimos anos da monarquia. Tinha tempo para tudo. Os vinte filhos, as ocupações domésticas jamais foram descuidadas e tudo sempre marchou admiravelmente sob a direção dessa mulher de élite.

Eloi de Sousa prometeu ainda escrever, com a elegância literária de seu estilo e o profundo conhecimento dos fatos por êle presenciados nesta terra que êle adora e à qual tanto serviu, no decurso de sua existência longa e benemérita, um estudo a respeito de D. Anunciada Vilar Ribeiro Dantas, cujo nome oficialmente é lembrado apenas no pórtico de uma pequena escola rural na propriedade Sapé.

Ninguém melhor que o brilhante escritor e jornalista o poderia fazer, pelo exato conhecimento que guarda dos fatos referentes à crônica política e social do Rio Grande do Norte.

12 de maio do ano de 1863 assinala a data do

nascimento de Francisco de Sousa Ribeiro Dantas, na pitoresca cidade de São José de Mipibú. O menino franzino e precocemente circunspecto não gostava de brincar. Cêdo revelara excepcional inclinação para os estudos. O meio acanhado não admitia largas expansões. Encontrara na companhia paterna o mestre austero que lhe ensinara as primeiras letras. Aprendera, de acôrdo com os hábitos do tempo, latim e francês, disciplinas que conhecia profundamente, não obstante ainda muito jovem. Aprofundou-se também no estudo da História Universal e da Geografia. Em seguida, o pai o enviara à capital pernambucana, a fim de concluir o curso de humanidade, para matricular-se na Faculdade de Direito. Era esta a sua aspiração maior. Desejava integrar-se na ciência de Justiniano, com o ideial superior de ver aplicada a justiça, da qual foi sempre um apóstolo abnegado. Ainda criança, no ambiente da família, conversando com o pai que era também seu mestre, reclamava contra a diferença no tratamento entre crianças ricas e crianças pobres. Não podia a sua sensibilidade suportar os castigos infligidos aos infelizes escravos, a cujos filhos procurava como companheiros, tratando-os como amigos afetuosos.

O filho do Senhor branco dominava pelo carinho o coração dos "moleques de engenho". Essa lembrança o acompanhou durante tôda a sua vida, entregue ao apostolado permanente da justiça.

No ambiente da Faculdade de Direito fêz estreitas relações de amizade com o seu conterrâneo André da Rocha e o sergipano Melquisedec Cardoso futuros companheiros seus como desembargadores do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, onde honraram a magistratura em uma demonstração ininterrupta de inteligência, de cultura e de integridade moral. Foram, ainda, companheiros no mesmo órgão judiciário, os norte-riograndenses José Bernardo de Medeiros e José Lucas da Câmara. Nenhum dêles desmentiu o conceito moral da gente nordestina, destimida, sentimental, franca e afeti-

va. Todos atingiram ao gráu máximo da magistratura na terra que os acolhera, adaptando-se ao coração da gente hospitaleira com a mesma influência telúrica que também os absorveu, sem destruir, entretanto, a lembrança das águas da Lagôa de Bonfim e os verdes canaviais do vale do Capió.

Estimaria, — disse-me — voltar à nossa terra depois de tantos anos de saudades, para banhar-me, como em criança, naquela lagôa legendária e sentir, novamente, o cheiro dos engenhos de açúcar bruto, correr nas bagaceiras atrás dos cambiteiros que conduziam a cana para a moenda rústica. Vejo, porém, que é impossível. Sinto-me velho e doente. Apenas o espírito resiste. E é êsse espírito que me conserva a fôrça para protestar contra os êrros e maldades que tenho observado.

Nas suas palavras transparecia um sentimento de revolta. Já estava, então, aposentado como desembargador. Mas não era homem que pudesse permanecer inativo. Aceitara a eleição para a Assembléia Legislativa e continuara na cátedra de direito criminal da Faculdade de Direito de Porto Alegre.

Das personalidades mais eminentes do Rio Grande do Sul, como João Neves da Fontoura, Maurício Cardoso, Getúlio Vargas e Ariosto Pinto, que lhe receberam as lições eruditas, ouvi os mais entusiásticos elogios ao talento e à cultura de Francisco Ribeiro Dantas. Dois professôres, e ambos norte-riograndenses se distinguiam no corpo docente da conceituada escola: André da Rocha, mestre de direito civil, e Francisco Ribeiro Dantas, catedrático de direito penal. O segundo era, porém, mais brilhante e melhor atraía a atenção dos alunos. Vários e magníficos trabalhos escreveu, entre os quais se destacam "A Legítima Defesa no Direito Rio Grandense", "Casos Julgados" e "Comentários ao Código de Processo Civil e Comercial do Estado", além de numerosos pareceres sôbre a matéria de que era mestre conspícuo.

Em colaboração com os desembargadores André da Rocha e Armando Azambuja, elaborou a reforma

do Código de Processo Penal e a Organização Judiciária do Rio Grande do Sul, dois trabalhos que evidenciam largos conhecimentos jurídicos. Os governos do Rio Grande do Sul apelavam sempre para a sua extraordinária capacidade de trabalho, experiência e senso jurídico, sempre que tivessem qualquer serviço de responsabilidade a empreender no terreno do direito ou da administração da justiça. Juntamente com o desembargador Melquisedec Matusalém Cardoso e o desembargador André da Rocha, integrou a comissão incumbida de rever o Código de Processo Civil e Comercial do Estado. Participou, igualmente, da comissão encarregada de emitir pareceres sôbre o Código de Águas e, a êsse respeito, elaborou notável trabalho. Impôs-se á admiração geral como deputado à Assembléia de Representantes do Rio Grande do Sul, mantendo na política o mesmo comportamento austero e a mesma integridade moral inatacável do antigo juiz. Na Comissão de Orçamento daquela casa legislativa, tornaram-se notáveis ou pareceres que apresentava, nunca se afastando do plano de servir dignamente aos interesses da coletividade. O político, o professor, o magistrado, merecendo a confiança de Julio de Castilho serviu às comarcas e municípios de Santo Ângelo, Rio Pardo, São Joaquim, São Leopoldo e Pôrto Alegre. Chegando ao Superior Tribunal, já havia fixado o conceito de sua integridade e do seu valor como juiz eminente, cuja cooperação fôra estendida à Presidência do Conselho de Apelação da Brigada Militar e do Conselho Penitenciário do Estado, desde a sua instalação em maio de 1923. Em tôdas essas funções, Francisco de Sousa Ribeiro Dantas deixou marcas indeléveis de sua extraordinária capacidade de trabalho, com independência de caráter e amor à causa pública, duas características predominantes nos seus antepassados. A toga do magistrado honrou de uma forma religiosa.

Ninguém se atrevera jamais a pleitear dêle qualquer modificação em suas sentenças lapidares. Diferente não foi a conduta do professor e do

político. Quando juiz municipal e de órfãos do têrmo de Santo Ângelo, por um imperativo de consciência, resolveu demitir-se do cargo devido ás suas crenças republicanas. Não desejava que o viessem acusar de facciosismo as correntes partidárias. E, inteiramente livre, passou a exercer a advocacia, tendo como companheiro de escritório o seu dileto amigo Pinheiro Machado, que sempre o teve na maior consideração. Ao falecer, no dia 25 de abril de 1931, a sociedade de Porto Alegre experimentou profundo abalo. Verdadeira apoteose cercou o carro fúnebre do varão plutarquiano. Renderam-lhe homenagens sentidas tôdas as classes e todas as camadas da população gaúcha. Elementos oficiais e o povo. que cêdo ou tarde, não deixa de reconhecer e admirar o valor das figuras de élite. Os moços estudantes recordavam as lições magníficas e os mais velhos choravam o companheiro de conduta exemplar. De um jornal da época, o "Diário de Notícias" da cidade de Porto Alegre, retiro a seguinte reportagem sôbre a morte de nosso ilustre conterrâneo e Patrono, estampada no dia 29 de abril de 1931:

"Com avultada concorrência, realizaram-se às 10 horas de ontem, as cerimônias de encomendação e sepultamento do desembargador Francisco de Sousa Ribeiro Dantas. A' porta da igreja de Nosso Senhor dos Passos aguardava o corpo a irmandade da Santa Casa, tendo à frente o provedor desta, Dr. Guerra Blesman. A cerimônia de encomendação, celebrada pelo jesuita Xavier, acolitado por dois sacerdotes, foi solene, havendo o côro daquele templo entoado o "Líbera-me Domine". Dalí, o cortejo fúnebre, constituído de várias dezenas de automóveis e de dois caminhões repletos de corôas, dirigiu-se à necrópole. Ao ser dado o corpo do venerando magistrado à sepultura, o bacharelando Peri Pinto Diniz da Silva (hoje Professor Universitário e Se-

cretário da Universidade do Rio Grande do Sul) proferiu a seguinte oração:

"Senhores:

As sombras que a morte projeta sôbre nossas almas fazem-nos mergulhar na mais profunda das contemplações. Junto a êste túmulo, que se abre para abrigar em seu seio os restos mortais do grande mestre, o nosso coração se confrange, pulsando na monotonia lúgubre dos grandes pesares; mas, sob a impulsão mais forte de uma necessidade interior, somos levados a meditações benéficas que, desprendendo-nos das contigências humanas, nos fazem encarar a vida de um ponto de vista abstrato ou no que ela tem de mais sublime, que é o que nos dignifica e eleva. Nos movimentos rítmicos do universo, o homem passa como a fulguração de um sol entre os seus dois extremos de nascer e morrer, como a existência de um sonho que se aninha em nossa alma e cuja transitoriedade é a condição mesma da vida. Nós, criaturas humanas, frágeis moléculas do organismo social, reproduzimos êsses fenômenos naturais! A vida passa nos fulgôres da infância, nos ardores idealísticos da mocidade, na concentração da maturidade e na penumbra da morte. Felizes aquêles que na passagem terrena deixaram gravados sulcos profundos na consciência geral. Extingue-se então uma vida, para ressurgir o espírito na germinação dos ideais que encarnou.

Mestre, cuja vida desaparece hoje no vértice da morte, fôste sempre o pensador e o trabalhador insigne, cuja atividade insana, nos vários domínios em que a exerceste, foi sempre reveladora das tuas poderosas fôrças morais. Magistrado impoluto, de caráter adamantino, sem jaça nem eivas por onde pudesse penetrar o virus da maledicência; professôr culto e iluminado, cujas fulgurações eram o clarão que dissipava as trevas em que nos debatíamos, fazendo-nos ingressar na verdade científica, no domínio da ciência jurídica, perfeitamente integrados nos ideais contemporâneos, sem o ultra-

montismo dos retrogrados detidos pela lei da inércia acompanhavas o progresso científico, colaborando para o seu desenvolvimento.

A tua vida, em suma, foi a encarnação de tôdas as virtudes. As tuas qualidades de espírito e de caráter eram o pedestal solene em que se alçava tua personalidade nas fulgurações do gênio e na solidez marmórea de tuas energias. Consagraste-te sempre ao florescimento da justiça e ao progresso do Direito, numa constante convergência de ação e pensamento.

A tua pulcritude de conduta, no meio das insanas tentações da vida presente, da constante diversidade dos caracteres, te circundou sempre com a auréola do respeito e da consideração gerais. Somos privados de teu convívio pelo arrebatamento da morte, mas em nosso espírito as tuas palavras, as tuas ações, a tua vida modelar estão gravadas indelevelmente.

Passem os anos na sua voragem infinita de destruição, porque a tua lembrança subsistirá radiosa em nós, dando-nos valor moral para tripudiar sôbre os cardos da vida.

Descansa, mestre intemerato. Assáz sofreste, porque em nossas consciências apareces circundado de tôdas as virtudes que te imortalizaram. Aqui vimos nós, os teus últimos alunos, prestar esta derradeira homenagem ao ilustre mestre que desapareceu do cenário da vida. Não vimos chorar sôbre o teu esquife, pois foste superior ao sofrimento como o foste no cumprimento dos teus deveres, mas jurar sôbre êle que saberemos honrar a tua memória, assim como soubeste honrar a dos teus maiores!"

Eis, aí, Senhores Acadêmicos, como se externou o coração da mocidade gaúcha. Interpretou todo o sentimento da terra de Júlio de Castilho e de Bento Gonçalves, fortaleza ardente e imperecível dos ideiais republicanos.

Quando em outros rincões da pátria, o caráter político se amolda às conveniências do momento, o Rio Grande do Sul se levanta e protesta contra as

deturpações da democracia. Ali pelejou Garibaldi, inspirado pelo amôr e pela liberdade. Nos pampas eternos, heroi de dois mundos deixou a semente da Justiça, pela qual a sua bravura combateu. E a semente se transformou na árvore acolhedora de tôdas as consciências livres e intrépidas. À sua sombra viveu e dorme para a eternidade Francisco de Sousa Ribeiro Dantas, formando gerações de gente leal, doutrinando e lutando como o apóstolo intransigente da justiça.

Não sei, infelizmente, se poderei afirmar encontraria êle, na terra em que nasceu, o mesmo acolhimento afetivo e generoso. Os filhos do Rio Grande do Norte conservam sempre pelo seu Estado a paixão que trouxeram do berço, não importa onde vivam. Quantos, por êle, vêm trabalhando, exaltando-lhe a tradição e pensando no futuro. E na hora do reconhecimento, os olhos se fecham e os ouvidos não escutam. Foi preciso transcorresse quase um século para que Nisia Floresta Brasileira Augusta recebesse a consagração dos méritos excepcionais, a pioneira altruística de tantas causas humanitárias. E assim ocorreu com outras figuras eminentes.

Não sei porque, Senhores Acadêmicos, o Rio Grande do Norte, às vêzes, parece tão insensível à compreensão dos valores morais. É urgente curar o povo dessa diatese, recuperar, antes mesmo da economia da terra, cansada pela exploração irregular, o sentido moral da vida. Nenhuma campanha mais nobre se me afigura. É o dever dos espíritos que cultivam a inteligência e não desprezam os fundamentos da cultura. É a hora de deixarmos o silêncio dos gabinetes e de irmos para as praças públicas esclarecer a consciência das massas que se deixam explorar pelos mercenários de tôdas as classes.

Não acredito haja morrido na alma de nossa gente o espírito heróico dos que expulsaram do território nacional os exploradores extrangeiros. Êstes se mestiçaram e transformaram em falsos nacionalistas e péssimos patriotas. São muito piores do que os

antigos, porque envenenam a alma das novas gerações e desviam o sentimento do proletariado já descrente das fôrças espirituais.

Se os homens de inteligência, por covardia ou incompreensão das responsabilidades, permanecerem em atitude contemplativa, criticando os fenômenos da hora presente nas inócuas e tranquilas tertúlias literárias, mentem à sua missão histórica e patriótica.

Encontramo-nos às vésperas de uma revolução. As classes desfavorecidas não podem suportar por muito tempo as pressões do poder econômico. Fêz-se uma Constituição para restringir essa influência nefasta. Mas, o que amargamente presenciamos em todos os setores desta sociedade em decomposição rápida? O domínio absoluto do poder econômico. Arranca-se dinheiro, de qualquer modo, utilizando-o para seduzir a multidão mendiga, no propósito de se alcançar a consagração de um triunfo efêmero. O capital, que deveria contribuir para a elevação do nível existencial do proletariado, mediante aplicação em indústrias produtivas, desenvolvimento da agricultura, recuperação das terras esgotadas, construção de escolas, hospitais, maternidades e estradas, é desviado para atender à satisfação de vaidades políticas.

E não para aí o crime. As fraudes eleitorais tão conhecidas e de tão notórios resultados na composição dos quadros políticos corrompem, distorcem, falseiam a manifestação da vontade popular. E no grande mercado se vão apresentando, não apenas os votantes analfabetos e inscritos contra o que dispõe a lei, mas os próprios chefes das organizações políticas, correndo ao leilão dessas parcelas ideais da consciência do povo, que são os votos mercadejados. Enquanto pleiteam favores, desmancham-se em promessas os exploradores do povo e, logo em seguida, sem a menor explicação, esquecem os compromissos quando atraídos por outros processos e modos, sob a pressão de ameaças e de violências.

Todos os sintomas acusam a gravidade da doença que corroi o organismo da sociedade contemporânea. Se o físico está enfraquecido pela desnutrição, muito piores são as condições da estrutura moral. E as crianças morrem ao nascer. e quando resistem à fome, tombam frequentemente na degradação do vício, sem lar, sem escolas.

Essa é uma consequência do afastamento dos elementos mais capazes para a direção da coisa pública. Dizendo — capazes — não me quero referir simplesmente aos que, mesmo dotados de cultura superior, perderam a noção exata da moralidade ou do dever cívico, seduzidos pelo amor ao luxo, à vaidade, ao sibaritismo de uma existência inútil. Encontramos a miséria por tôda a parte. Miséria material e moral. A reação se impõe, e é de nós que deve partir. Temos uma enorme culpa do que se está passando. Muitas vezes temos silenciado ante os erros dos ignorantes e dos exploradores insensatos, porque uns e outros, dentro de pouco tempo, serão arrastados ao precipício que êles próprios constróem. Os prazeres terminarão, e apenas restará a triste lembrança de uma época de injustiça social, de corrupção, de ingratidão, de mentiras e deslealdade. Ferem-me, também, como a todos nós, as consequências desta época fatídica. Não deixarei, entretanto, de protestar. E as vozes que clamarem hão de ser ouvidas, hão de ser atendidas por aquêles que ainda não perderam a sensibilidade e a fé.

Espero, Senhores Acadêmicos, que acompanheis o exemplo de Francisco de Sousa Ribeiro Danta, patrono digno e ilustre da cadeira que tenho a honra de ocupar nesta Casa, onde se reunem aquêles que pensam alto e livremente, examinando com clareza e discernimento os fenômenos angustiosos que se agitam no cenário do mundo.

*** — Discurso de posse, na Academia Norte Riograndense de Letras, no dia 28 de outubro de 1954.**

Um nome á imortalidade *

PAULO DE VIVEIROS

No campo santo de Piza ainda hoje se vê pintura fresca de Orcagna idealizando, num quadro ogival o Triunfo da Morte.

Aquela morte horrível qua nas danças macabras os artistas mostram o desespêro do homem na presença da sua maior inimiga.

A morte do corpo, no simbolismo das estampas de Alexandre Class, Torbido del Moro e tantos outros, ao contraste feroz da imortalidade do espírito que aflóra às contingências finais da vida e se agiganta e cresce e vive na própria eternidade do tempo.

Tudo quer dizer:

Como superar e como viver perpetuamente?

Como embalar o sonho do não esquecimento, no tempo?

A fantasia é pouca para descrever a idéia do desaparecimento. E se a vida findasse e quando o coração estagnasse pela velhice, tudo desaparecesse, á sombra dos ciprestes e dos cemitérios, como se sentiria o homem no conceito de viver, dentro da filosofia do "por que viver", sem a compensação sequer de ser lembrado?

A confiança na eternidade do espírito tem, por isso mesmo, na vida material, o conceito da certeza da perpetuidade.

Mas, o homem aquele irriquieto, não se sente bem ainda e deseja saber como seria lembrado, depois que a vida lhe faltasse, como seria o seu necrológio, que de si poderiam dizer os seus amigos e qual

o comentário ferino ou leviano, à passagem do cortejo da sua última homenagem.

E então, na velha Espanha dos touros, os homens se ajuntam e fazem, na reciprocridade agradável dos amigos, a notícia da morte, de cada um com os elogios e os galanteios ás virtudes do que ainda vai morrer.

Êste é o quadro, se não digo o conceito, do homem material que teme desaparecer e vê, naquela figura dos livros de carochinha, a alegoria da mulher da foice, esquálida e perseguidora que tanto lhe malquista.

Outros, porém, superam o conceito geral e reconhecem no fim, o começo da vida.

Se são tantos os que pelo exclusivismo do sentimento religioso, crêm em Deus e na imortalidade do espírito, pelo menos são aqueles que confiam no valor da inteligência e no império da virtude.

Os que se sacrificam no decurso das noites, prêsos aos laboratórios e aos gabinetes despovoados de outros viventes, perquirindo, procurando, na análise maravilhosa dos livros e das reações, o motivo do bem para os seus semelhantes e para os seus próprios inimigos...

Nunca, na prática, a lição do Padre Nosso poderia ter uma realidade tão eficaz.

Eis, desta forma, a perpetuidade da vida e a imortalidade do homem pela cultura, de que esta festa é a mais sugestiva homenagem que, na Província amiga e entre os de boa vontade, se pode prestar ao HOMEM IMORTAL, no desafio do tempo, pelo valor e pelo poder da inteligência e da sabedoria.

Êste homem subjetivo, impalpável, eterno, internacional, que como imagem do Divino, está em toda parte, criando, imaginando, comandando por um conjunto de fôrças produtoras que se somam e se multiplicam fórma no tempo a grande cultura universal.

Êste HOMEM IMORTAL é tão combatido pela incompreensão dos ignorantes quanto ridiculariza-

do pelos que não se levantam e não crescem no sentido do alto que é Deus, porém, rastejam como vermes, entre as folhas outonais de uma inútil existência.

A êle que não se corporifica, nem se individualiza, ao IMORTAL despersonalizado, é que se cultiva nesta Casa para onde ingressam, apenas, os turiferários da sabedoria, e os abnegados colaboradores da cultura.

Recebo, deste modo e sob o conceito das minhas palavras iniciais, ao meu amigo, professor e jovem acadêmico Raimundo Nonato da Silva, ao penetrar nos umbrais desta Casa.

Aquela imortalidade com que a imaginação alheia coroou a cabeça dos que aquí se irmanam, outra significação não podia ter, meu caro apresentado, senão a da compreensão sadia das coisas do espírito e da inteligência, despidos todos nós das naturais vaidades e férreos preconceitos que a maturidade, pelo menos, não pode admitir.

Imortais não somos e nem tão pouco poderiamos ser, senão pela lembrança dos nossos defeitos e das nossas virtudes, sem que para isto fôsse necessário receber o placet deste ingresso que hoje vinde de fazer sob tão auspiciosa vontade.

Situar a nossa posição no recesso desta Casa, é um dever de leal esclarecimento para que o homem que chega, quase sempre encanecido, não suponha encontrar trêfegos e irriquietos vaidosos a serviço de grupos e de preconceitos inferiores.

Somos humildes, dentro da humildade do conceito provinciano, porém alertas sentinelas de princípios imutáveis e eternos que fazem do homem de vida mental guardiões daquela sabedoria de que lhes falei, formadora, embora em parcela pequenina, de uma grande sabedoria humana a serviço do bem.

Como assim entenda o ilustre recipiendário, para êle não se dê, como contrasenso, o elogio costumeiro de noites de orgias intelectuais, porém se o apresente à sua própria sociedade, pela qualificação

que o distinga à consagração de seus próprios méritos.

E assim irei qualificá-lo.

Seu nome: Raimundo Nonato da Silva.

De onde vem: do alto sertão; nascido sob o signo de um terra tão esquálida como a figura da própria morte, porém sempre rediviva pelo poder da reação e pela fortaleza dos seus habitantes. Terra chucra, às vezes ingrata; mas que o seu filho a ela se ligou pelo próprio sentimento da dor e dela não se aparta, retirando do seu seio as reservas necessárias para o seu próprio sustento, à espera da chuva que verdeja os prados e dá ao homem a alegria de viver e o sentimento da dignidade da raça.

Terra que ensina a reagir, a ser útil pelo trabalho construtivo e produtor e que dá ao homem a formação moral da resistência, forjando a fôgo um caráter inamoldável.

Que fizeste? Raimundo Nonato é daqueles que promanaram do nada da vida.

E' dos mais valiosos e valerosos, portanto.

Bem aventurados os que, na vida, podem alcançar posição de méritos, sem rastejar como verme, nem diminuir o conceito pessoal. No reino das bem aventuranças do Sermão da Montanha, poderia ter faltado mais êste conceito da dignidade de viver, se as bem aventuranças tivessem sido ditadas para a vida terrena.

Não pode ser esquecido, portanto, na hora que passa, êsse conceito de condição humana, tão poucos, como o novo acadêmico, capazes de mostrar à face de seus semelhantes, o rastro do sofrimento e da dor, na dignidade da grande caminhada para o alto.

Creio, piamente, que esta festa representa para êle o ápice de suas esperanças e de suas vitórias.

E isto porque, já poderia êsse mérito representar o suficiente às suas aspirações, engastadas na

modéstia de viver com aquela dignidade que desafia à vigilância de um próprio censor romano.

Esta consagração, no entanto, não é feita no presente que dignifica a personalidade, porém, ao passado que suportou a luta cruciante em busca de "ser alguém", em meios desprovidos dos elementos necessários à vitória alcançada quando a juventude falecera e a realidade da vida já se apresentava com o seu aspecto desanimador e confrangedor.

A sabedoria que pôde obter, ao tempo em que Martins e Moçoró representavam, apenas, no Estado, pontos orográficos de uma terra que nascia para a luz, fizeram-no pràticamente um autodidata, como têm sido tantos outros que, por fôrça dessa capacidade, chegaram a um alto conceito intelectual e orgulharam a seus semelhantes, pelo brilho de invulgar poder cultural.

E porque aquí o recebe este augusto cenáculo, respondemos nós outros, já agora que a sua personalidade, formada pela meditação e pela sedimentação da cultura, é valor individual que respeitamos e homenageamos.

Filiado a uma corrente literária de que participa, igualmente, êsse outro precioso valor mental que é o nosso Presidente, Raimundo Nonato, como lhe definiu Gilberto Freire, descreve, apaixonadamente, a paisagem, a vida e a gente rústica de uma região tão interessante do Brasil.

"Roteiros da Zona Oeste" escrito quando a distância o fizera ausente de uma região que palmilhara na sua mocidade, é a fotografia se não digo de um estilo, mas de uma escola literária, fixadora dos costumes e da valorização de uma terra que se ama.

Para mim, como diz Gilberto, o valor intelectual dêsse apaixonado da terra, é escrever, apaixonadamente, sentindo a emoção do quadro que descreve, mentindo, se for necessário, para ter a fôrça de expressão suficiente a convencer os outros da verdade que descreve. "Velho passado de Moçoró. Perdido nas eras. Sombreado de saudades. Român-

tico, como todos os passados...". Nesta frase, o intelectual revê com olhares de ternura um tempo passado, como se o vivesse à época em que escreve, sentindo a amargura romântica de tôdo passado que sempre existe no presente como cruz a crucificar um coração.

"Província Literária", mais jovem, escrito com a experiência, ao envez daquela ternura em direção à terra, é a exaltação do homem, na multiplicidade do seu esfôrço mental, sempre a serviço do bem.

E como tal, "Quarteirão da Fome", "Histórias de Lobisomem", "Moçoró no espaço e no tempo" e "Rua das Pedras", êste último, romance em preparo.

Quem não conhece, nas ruas de Natal, a figura singular do professor Raimundo Nonato? O "causeur" do Grande Ponto, à hora da tarde, quando volta do trabalho, cheio das canseiras da vida, a tudo vencendo com a sua admirável resistência e o bom humor de um grande cidadão romano?

Adora ser acadêmico, tanto assim que ao se despedir da Faculdade de Maceió, ingressa nesta Academia e o título não perde, embora lhe chamem de professor.

Vive, com sinceridade, a vida do lar que tanto dignifica o professor, fixa nos alunos e nos estabelecimentos a sua própria personalidade, pelo carinho com que ensina e pela persuasão com que também conquista corações.

O homem é êste, na sua inteligência e no seu valor cultural.

Chega até nós, podendo apresentar um honesto e volumoso pedigree.

Tem talento e não lhe consagra o título que hoje recebe, porque êle já nos veio consagrado.

Resta-nos, apenas, a certeza de que entre nós, êle será mais um a serviço do espírito e das lêtras do Rio Grande do Norte; o animador dos grandes serões da cultura; o condotiere igual dos nossos melhores empreendimentos.

Pouco mais e será proclamado para a imortali-

dade, afim de que possa no futuro ser lembrado, a exemplo do seu antecessor.

E assim, com a dignidade que sempre possuiu, na sua vida pregressa, o futuro lhe espera e o consagrará, desde o instante em que as portas desta Casa nesta noite votiva e memorável lhe sejam abertas para aqui penetrar para o mais alto, e para a glória.

---

* — Discurso de recepção ao acadêmico Raimundo Nonato, no dia 19 de maio de 1955.

Adauto Câmara,*

exemplo de uma geração idealista

RAIMUNDO NONATO

Snr. Presidente:

Com o natural entusiasmo dos que chegam à realidade de hora como esta, devo confessar-vos, de princípio, que não me detive bastante em pensar nas extraordinárias influências da causalidade, quando iniciei êste trabalho sôbre Pe. Miguel Joaquim de Almeida Castro e Adauto Miranda Rapôso da Câmara, cujo itinerário sentimental, outro não é, senão o da própria evocação de vidas e de nomes tão profundamente ligados às instituições literárias que se abrigam à sombra desta casa acolhedora do pensamento e da cultura.

Daí, a razão por que, dêsde cedo, manifestei o desejo de que êste ato transcendental para mim, que assinala o meu ingresso no plenário da Academia de Letras, fosse realizado neste mesmo cenário, impregnado das reminiscências do passado e enriquecido à lembrança de feitos heróicos e emoções coletivas da história nacional, para que à feição dos vestígios da sua passagem, pudesse também avaliar como o destino, essa presença invisível das coisas, é sempre um determinismo necessário, em certos encontros da vida e da sensibilidade das criaturas.

Dêste modo, se outras formas da amizade não retratassem o mesmo pensamento que povoa de saudades o quadro dessas memórias, para justificá-lo, bastaria a própria circunstância desta solenidade promovida, agora, no convívio do espírito acadêmico, a que acabo de me integrar nesse primeiro con-

tacto com suas atividades intelectuais, motivo tão grato e cheio de vivas emoções, prêmio e estímulo ao esfôrço e horas de canseiras, longo e inabalável trabalho, por vêzes desconhecido, quando não desencorajado, mas sempre animado de viva e serena confiança, fiel às convicções do pensamento, que definem a mentalidade e abrem ao espírito os caminhos ideais das suas aspirações.

Êste encontro, pois, imaginei-o assim, neste salão de festas do Instituto Histórico e Geográfico, tantas vêzes aberto, graças à solidariedade de Nestor Lima, às manifestações da inteligência e da arte, iluminado pela crença e pelas tradições e por cujas paredes como que estão a reviver, na galeria dos seus homens símbolos, os grandes vultos da Pátria, seus heróis, soldados, sacerdotes, homens de letras, parlamentares, jornalistas, diplomatas, juristas e historiadores da estirpe de Rio Branco, Rui Barbosa, Padre Guerra, Almino Afonso, Amaro Cavalcanti, Felipe Camarão, Padre João Manuel, e êsse esplêndido espírito de universalismo democrático, que foi o Presidente Franklin Delano Roosevelt, para só lembrar mais alto, numa mensagem à predestinação de sua piedade, a sotaina humilde dêsse Levita do Senhor, que foi o Padre João Maria, vocação de altruismo mais puro, elevado por seu amor aos desgraçados, áquela eloquente e silenciosa glorificação dos bons, de que falava o filósofo, retôrno e ressarcimento do benefício, que nem todos têm o direito de ambicionar neste vale de vaidades e decepções humanas.

Agora, para apreciação e julgamento de vidas e valores como êsses, colocados em épocas tão diversas, na distância social e no espaço geográfico, à luz de um critério sociológico que poderia ser o do senso técnico, de um visualista eslavo de mentalidade americana como Pitirin de Sorokin, de humanismo nacionalista de Alceu de Amoroso Lima, ou da dimensão polarizadora da pesquisa do etnógrafo, a exemplo de Câmara Cascudo, é que voltamos, hoje, pelos mesmos meridianos afetivos, à presença do nome

glorioso do patrono desta cadeira, Pe. Miguel Joaquim de Almeida Castro, — o heróico, vibrante e idealista Frei Miguelinho — a entidade histórica número um, no calendário das memórias e das datas da Academia Norte-Riograndense de Letras.

Fôssem outros os julgamentos da Revolução Pernambucana, o processo de revisionismo inevitável dos acontecimentos de 1817, não tardaria em restabelecer nos seus legítimos planos, na história brasileira, os nomes dos seus verdadeiros protagonistas, entre os quais viria figurar em ponto alto, o do bravo norte-riograndense arcabuzado no campo da Pólvora, na Bahia, modêlo incomparável de combatente e autonomista, padre rebelde, conspirador e pioneiro intelectual do movimento. * Com êle, vinham também o contágio das idéias que convulsionavam a França, a identidade dos princípios filosóficos que abalavam o século e a ação influenciadora dos sentimentos nativistas, que levantavam os brasileiros dos três redutos da resistência cívica da Colônia, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraiba, aos primeiros rebates das lutas da Independência, cujos dias madrugavam perto, para breves e claras alvoradas.

A rebelião jugulada a ferro e a fogo, à fôrça de um rio de sangue e de ódio, deixara, contudo, o exemplo imperecível dos nomes dos que foram imolados à sua causa.

E, ao considerar tantas razões sentimentais, se o símbolo dêsse suave apóstolo do desespero, que foi Spinosa — o judeu admirável — de cuja filosofia se disse que "foi uma tentativa de amor num mundo que o transformara num proscrito", ** permite confronto humano com os que não sacrificaram o bem da verdade pelas conveniências, pela tortura ou pela violência, a disposição de corajosa

* — Fuzilado no dia 12 de junho de 1817.

** — Will Durant — História da Civilização.

lealdade em que se manteve Frei Miguelinho, foi um belo e nobre gesto de independência e de altivez, grande demais para ser compreendido pela ferocidade daqueles julgadores que lhe infamaram a memória e o nome.

Na história das místicas da civilização e da liberdade, a atitude dêsse clérigo revolucionário foi um espetáculo genial, digno da glorificação da espécie, na forma daquele ritual dos povos primitivos, onde os sacerdotes deificavam seus guerreiros para que as gerações do futuro nêles vissem o símbolo da sua imortalidade.

Para alcançá-la, porém, como no martírio do Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, na expressão de Almeida Barreto, "monge arrancado ao claustro para as campanhas do civismo", fôra necessário, sobretudo, sacrifício e heroismo, coragem, espírito de predestinação e ideial.

Ibsen estava com a razão quando escrevia para a história dos tempos: — "é belo ser martir de uma grande ideia". **

Quando mais de 80 anos já se transpunham a essa agitada época da história nacional, registava-se a data do nascimento de Adauto Miranda Raposo da Câmara, ocorrido em Moçoró, a 14 de março de 1898, em casa que já não existe, e que, ao tempo, ficava ao lado da igreja de Santa Luzia, nas imediações do sobrado de Aderaldo Zózimo,em ponto, hoje da Praça Vigário Antônio Joaquim, daquela Cidade.

"Quando nascí, assim falava Adauto Câmara do seu passado, meus pais já residiam em Moçoró, no mesmo ano, de 1898, meu pai deixava o tesouro e se dedicava, exclusivamente, ao magistério primário no Colégio 7 de Setembro, do paraibano Antônio Gomes de Arruda Berreto, em 1900, e no ano seguinte, no Colégio Diocesano Sta. Luzia, dirigido pelo Cônego Estevão Dantas". ***

** — José Américo — Ocasos de Sangue.

*** — Adauto Câmara — Evocações e Memórias.

Foram seus progenitores o professor Teódulo Adolfo (depois) Soares da Câmara, nascido em São José de Mipibú, a 26 de julho de 1867, filho legítimo de Miguel Soares Raposo da Câmara, comerciante naquela cidade, Senhor do Engenho "Cibaúma", em Goianinha, e de Urbana Leolpodina de Sales Câmara, nascida e falecida na mesma cidade, quinto neto do morgado português de São Miguel, Manuel Raposo da Câmara. E dona Áurea Augusta Miranda da Câmara, antes do consórcio, Áurea Augusta de Miranda Henriques, nascida em St°. Antônio, a 26 de junho de 1881, povoado a seis quilometros da cidade de Moçoró, antigo e movimentado pôrto por onde carreavam as mercadorias que procediam ou se destinavam ao litoral. Filha de Augêncio Virgílio de Miranda Henriques, primeiro Presidente da Intendência Municipal de Areia Branca e de Josefa Nazaré da Cunha. Áurea Augusta vinha ser, nas raizes genealógicas, neta do famoso patriarca Antero Frederico Borges de Miranda Henriques e trineta do Capitão-Mór e Governador do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraiba, nos anos de 1739 e 1764, Francisco Xavier de Miranda Henriques.

A respeito dêsse curioso tipo de sertanista e desbravador de terras, do século passado, que foi o paraibano de Areia, Antero Frederico Borges de Miranda Henriques, deixou Adauto Câmara, trabalho de pesquisa dos mais importantes sôbre passagens da sua vida, cujos dias são entremeados de peripécias, perigos, lances de coragem e extraordinária revelação do seu caráter, hábitos e traços da sua personalidade inconfundível de sertanejo da velha guarda.

"Antero Frederico Borges de Miranda Henriques, escreve o saudoso polígrafo conterrâneo, nasceu em Areia, Paraiba, aos 19 de abril de 1819, e faleceu em Parelhas, Rio Grande do Norte, em 23 de abril de 1915, contando, pois, 96 anos de idade. Filho de Francisco Xavier de Miranda Henriques, e de Joana de Miranda, era neto paterno de Francisco Xavier de Miranda Henriques, que foi capitão-

mór e governador das armas do Rio Grande do Norte (1739-1751), Ceará (1755-1759), e Paraiba (1761-1764), Senhor do Engenho "Bolandeira", onde faleceu nos confins do século 18 em avançada idade.

"Antero Frederico viveu na Paraiba, Rio Grande do Norte e Ceará. Em Conceição de Azevedo (hoje Jardim do Seridó), casou-se com Zeferina Maria da Cunha, nascida em 26/VIII/1828 e falecida em Moçoró, em 3/XI/1890. Possuia êle, naquele município, uma propriedade, hoje situada em Parelhas. Foi político na Monarquia e na República, adversário de Felinto Elisio de Oliveira Azevêdo, que em carta de 16/VI/42, a meu saudoso primo e amigo João Crisostomo Galvão Filho, falecido repentinamente, em Natal, aos 2 de dezembro de 1945, após as eleições presidenciais, recordou os episódios ligados à vida e ao temperamento reto do velho Antero, a quem ainda conhecí de perto, em casa do meu avô Augêncio, em Natal, êle quase nonagenário, perfeitamente lúcido, esplêndido conversador, polido, linguagem elevada, gestos fidalgos. Em Natal, nos seus últimos anos, privei com êle, e tive oportunidade de ouvir muitas reminiscências suas. Tinha uma inteligência penetrante, uma memória que era um escrínio. Orgulhoso de sua jerarquia, suas palavras e modos lhe confirmavam a alta linhagem. Recordava que o pai usava calções de nobre, meias de sêda, sapatos de entrada baixa com fivelas de prata, etc. nos dias de gala. Era, entretanto, discreto nestas expansões para que "a gente de hoje, que não sabe o que é isto, não se ria". A descrição, em versos, do brazão dos seus antepassados que Luís da Câmara Cascudo viu no Paço de Sintra, muita vez escutei de seus lábios, e pude identificá-la no Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende.

"No Ceará, possuia uma fazenda em Iguatú. Nos princípios deste século, aí por 1905, sucedeu tirar 30 contos na loteria ,soma avultada para a época. Foi a Fortaleza receber o prêmio que lhe foi pago em casa do seu filho, José Bruno. Comprou uma propriedade em Porongaba, nos arredores da Capi-

tal, vendendo a de Iguatú. Convolou as segundas núpcias em Senador Pompeu, com a Senhora Maria Moreira (dona Marocas). Ela contava 62 anos, e êle 80. Um dia sua casa foi assaltada. Trabalhadores que executavam obras na estrada, foram acusados do crime. O velho Antero, a fama de cuja riqueza se espalhara, não sem alguma razão, pois dona Marocas falava muito imprudentemente na loteria, foi amarrado, espancado, mas suportou tudo e não revelou o esconderijo do tesouro. Assim resmo ainda carregaram três contos. Depois disso enviuvou novamente, por volta de 1908 ou ano seguinte. Viajou para o Rio Grande do Norte, onde ficou até morrer. Depositou seis contos de reis na casa comercial de um neto, Jerônimo Xavier de Miranda, meu tio, na esquina da rua Dr. Barata com a travessa Venezuela, em Natal — "A IRACÍ".

"Beirando um século, preferia viver só em seu sítio de Parelhas, com os seus criados, a ser tutelado pelos seus filhos. Não morava com nenhum destes. Uma vez ou outra ia visitá-los, e então aceitava a condição de hóspede de cada um. Sentindo aproximar-se a morte, quís morrer em sua terra, mandando e sendo obedecido até descer à sepultura. Recolheu-se à velha fazenda de Parelhas, hoje perto da cidade, porque esta progrediu em sua direção, e se finou alí êsse rebento de uma prosápia ilustre, em 1915. Dez anos depois, conclui Adauto Câmara o retrato de seu irriquieto ancestral, excursionando pelo Seridó, fui até Parelhas, e deitei olhar melancólico sôbre aqueles domínios em que imperou a vontade soberba do neto do capitão-mor Francisco Xavier de Miranda Henriques, governador, por doze anos, do Rio Grande do Norte, cuja capital não tem uma rua que lhe guarde o nome, embora esta homenagem não se recuse a outros governantes d'antanho" *

Foi assim, através dêsse sentido de patriacalis-

* — Serões Genealógicos — Anuário Genealógico Brasileiro — S. Paulo. (Adauto Câmara).

mo do velho remanescente da melhor gente da península, senão da mais alta nobreza de Portugal, que Adauto Câmara estudou e fixou os traços da existência do seu bisavô materno, do seu espírito de bandeirismo nordestino, sobretudo da sua influência na ramificação do nome da família, pois ao falecer, em 23 de abril de 1915, deixou uma descendência verdadeiramente digna de comparação à de certos patriarcas bíblicos, constituida de nada menos de 18 filhos, 110 netos e 119 bisnetos.

*

Até a idade de 7 anos, viveu Adauto Câmara em Moçoró. Dessa quadra conservava retratos indeléveis, pequenas notícias, como o registo do nascimento alí, do seu irmão Godescardo, a 14 de janeiro de 1904.

A êsse tempo, exercia o professor Teódulo Câmara atividades mais intensas na escola, pois é a própria memória do filho que fixa essa época tão movimentada da sua vida.

"A situação do meu pai naquela importante cidade foi realmente notável. Era formador de caracteres, na rigorosa acepção vocabular.

Deixou-se absorver com entusiasmo criador pelo ensino das humanidades, ministrado de maneira nova. Não era um repetidor de compêndios. Servido por acuradas leituras, por uma ilustração invulgar para o meio onde, aliás, havia homens cultos como o Dr. Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque, o Dr. Almeida Castro, o Dr. João Dionisio Filgueira e pouco depois, chegaria o jovem promotor público, Sebastião Fernandes de Oliveira, cintilante figura de nossas letras. Meu pai contava então 33 anos.

Durante sua estada, aí, por oito anos, foi animador de atividades cívicas e literárias da juventude, membro e Presidente do Instituto Literário 2 de Julho, fundador da "Idéia" e colaborador da

"União" — tudo quase sem aparecer, parecendo pedir desculpas por estar impulsionando aquelas energias espirituais, capazes de tantos triunfos.

Há meia centúria, não havia em Moçoró outros centros de instrução, além daqueles.

O Colégio 7 de Setembro, instalado em Moçoró, por sugestão do farmacêutico Jerônimo Rosado, em 1905, foi transferido para Martins.

Meu pai continuou no Colégio Diocesano e se exauria em aulas a domicílio.

Não se cançava de lecionar nos colégios e em casa. Como no tempo não se admitiam educandários mistos, as famílias mais distintas o chamavam para preceptor das suas filhas.

Era professor de Matemática, Português, Francês, Inglês, Geografia e História da Civilização e do Brasil.

Todo o acêrvo do seu ginásio, com as aquisições provenientes do seu hábito inveterado de ler, pôs à disposição da mocidade da Zona Oeste do Rio Grande do Norte e dos jovens de uma dilatada região da Paraiba e do Ceará.

Sempre teve por Moçoró um grande e sincero afeto. Aquela grande cidade que não perdia da memória da sua vida, foi o cenário de uma das fases mais fecundas do pedagogo. Nasceram alí, cinco dos seus filhos. Sua população o cercava de carinho e respeito.

Em meu pai, confirma Adauto Câmara a leitura era uma necessidade orgânica. Leu acuradamente durante a vida, até um mês antes de sua morte. Sem óculos (que nunca usou) costumava ler à noite, à luz de uma vela conquanto nociva à visão e oferecesse perigo de incêndio, não sabia ler de outra maneira".

A serviço do desenvolvimento da cultura, "vários eram os grêmios literários em Moçoró: Arcadia Juvenil, do Colégio Stª. Luzia; o Instituto 2 de Julho; a Mocidade Católica, com orgãos de imprensa, cujas colunas estampavam profusa colaboração dos seus membros, muitos dos quais se dis-

tinguiram na vida pública do país: dois governadores, um Senador Federal, Desembargadores e Diretor de um grande jornal carioca (Orlando Ribeiro Dantas), médicos etc.", relação a que se poderiam acrescentar ainda os nomes de João Suassuna, Antônio de Oliveira, Joaquim Inácio de Carvalho Filho, Francisco Sales da Silveira Martins, Eufrásio Mário de Oliveira, Heráclio Vilar Ribeiro Dantas, Manuel Benício de Melo Filho, João Agripino de Vasconcelos Maia, Tércio Rosado, Chateaubriand de Arruda Barreto e José Queiroga, todos figuras de relêvo na administração, em cargos eletivos e outras funções da vida nacional.

Foi nêsse cenário de um pequeno lugar do interior, que decorreram os dias da sua meninice. Nêle, a expansividade natural das primeiras aspirações tiveram, certamente, os limites marcados pela influência e pelos hábitos da sua sociedade tradicionalista, de rígidos costumes e fechados preconceitos. Terra de apreciável atividade comercial, mas pouco lembrada do progresso. Cidade sem plano, de ruas arrumadas ao acaso e calçadas desiguais, sem iluminação, além dos solitários lampiões das esquinas, que se apagavam às 10 horas e não eram acesos nas noites de luar, sem grandes festas, que não fossem as da Padroeira, alegradas pelas bandas de música, fogos e balões, e lá uma vez ou outra, despertada pelo alarido de um circo de cavalinhos, que ficava armado no pátio da igreja ou na praça do mercado, alí, a um grito da sua casa.

Daí, pois, não ser difícil perceber que as impressões, amizades, brinquedos, manifestações sensorias e retratos da imaginação infantil, tenham sido delineados à base da influência dominadora dêsses elementos.

Mesmo assim, ainda que presa ao determinismo dêsses fatores exponenciais da sua geografia econômica, a comunidade apresentava certas derivações associativas, tendo jornais, grupos literários, colégios com ensino de grau de humanidades, sociedades como a Libertadora dos Escravos, além de

outras mais exóticas, como aquela a que se reporta o cronista Francisco Fausto, e que o povo irreverente batizara de "Panela de Ferro" ou a Carbonaria, * indicações de que a cidade não vivia insulada dos acontecimentos que turbilhonavam a vida nacional.

Fatos como êsses, cuja descrição lhe era familiar, não poderam deixar de refletir na sua juventude a impressão dêsse sentido de liberdade do povo e da terra, magnificamente, evocada por Edgar Barbosa, numa paráfrase merecedora mesmo da sobrevivência dos monumentos:

— "gente digna de levar-se a uma cruzada, a uma expedição, a toda emprêsa que necessita de fé". —

Êsse sentimento, aliás, estratificado nos planos da formação intelectual de Adauto Câmara, tinha suas origens nas lições daquela história, que tanto ouvira repetir e que seria, depois, motivo dos estudos e dos capítulos dos seus livros, onde permaneceria em potencial, numa espécie de paralelismo ideológico com suas próprias tendências espirituais e convicções filosóficas.

O tempo fôra, assim, um fator de cristalização das idéias influenciadoras do pensamento, de tal modo nítido, que, mais tarde, ao fazer circular em Natal, em 1912, um pequeno jornal de estudantes, dava-lhe significativamente o nome de "30 de Setembro", ** transbordamento de ternura e de reminiscências, que embora afastadas, sempre lhe avivam a presença daqueles pedaços da infância, cujos quadros principiava a antever através das primeiras sombras da saudade.

Mas, sem que fôssem esperados, acontecimentos

---

* — Francisco Fausto de Sousa — Moçoró no século XIX

** — Periódico de feitio estudantil. Tinha formato de uma pequena revista, circulando com várias páginas. Seus números estão hoje na Biblioteca Municipal de Moçoró, e foram conseguidos na pesquisa de notas feitas para este discurso.

novos vieram desviar o rumo daqueles dias despreocupados da mocidade.

Êle mesmo conta essa mudança, numa página de vivo colorido e impressionante realismo das suas memórias.

"Em dezembro de 1906, viajavamos para S. José.

Estava meu pai em uma encruzilhada difícil da sua vida. Fazia uma arremetida heróica para imprimir outra diretriz à sua existência.

A travessia foi feita em onze dias de Moçoró a São José (444 quilômetros — 72 léguas).

Empreitou os serviços de José Vaca Morta, um valente andarilho cuja profissão era de tropeiro, por 60$000. Andamos a cavalo em liteira, de sol a sol. As alimárias foram servidas por amigos: Cônego Estêvão Dantas, Cel. Raimundo Fernandes e Alfredo Melo.

Minhas recordações dessa viagem são um tanto imprecisas e desconexas. Elas me vêm aos retalhos, não tendo assim, conseguido refazer nitidamente, o itinerário.

Chegamos a S. José ao entardecer, e meu pai, habilmente guiou a caravana para que a entrada não se fizesse espalhafatosamente pela praça e sim pela rua dos fundos, acertando bater no portão de pai Augêncio. Foi um alvorôço festivo, e já nos esqueciamos dos desconfortos da marcha interminável." *

A cidade, porém, era outra.

Com mentalidade diferente daquela que deixara, diversa nos hábitos, nos costumes do povo, no trato de uma sociedade de casta, conservadora por excelência, estruturada à base dos engenhos de açúcar, regime econômico de sustentação de uma aristocracia feudal, espécie de nobreza agrária enraizada nos canaviais, enriquecida no suor do braço

* — Adauto Câmara — Trabalho citado.

escravo, e que por largos ciclos da História Social do Brasil, tivera o poder nas mãos, fôra parte nas manifestações da política dos Partidos do Império e mantivera titulares nos quadros da nobiliarquia da Coroa.

O aspecto e a influência do regional passariam assim, a fixar, nessa altura da vida do jovem descendente dos Câmaras e Henriques, aquelas linhas diferenciais da sua personalidade aberta aos conflitos das tendências temperamentais entre o homem do sertão, onde nascera, e o homem do litoral, que representava por fôrças latentes da hereditariedade, que nêle sobreviviam, poderosamente.

O primeiro, evidentemente, o tipo dos pequenos horizontes visuais, de alma introvertida, de ordinário mergulhado na plenitude do afeto, o grande e nobre sentimento que prende o homem à terra,, essa forma funcional de brasilidade, de disciplina do espírito e de sedimentação do nacionalismo.

O segundo, o litorâneo, o praieiro, com a perspectiva dos panoramas grandiosos, olhos permanentemente abertos à fúria das tempestades, aos espaços salsuginosos, é a figura nostálgica do exotismo, nômade por disposições orgânicas iniludíveis, apaixonado das longas travessias, tipo de aventureiro do mar que Cícero já observara, quando estudando a influência de Cartago nos domínios das civilizações mediterrâneas, advertia o Senado sôbre os perigos que a existência da cidade marítima constituía para a segurança de outros povos.

À semelhança das impressões com que o clássico João Lisboa, o famoso panfletário do Jornal de Timon, pintava as cenas da partida do filho de Cristovão Vieira Ravasco, o jovem Antônio Vieira, para terras do Brasil, mal contava Adauto Câmara de oito para nove anos de idade, quando em 1907, se dava nova migração da família do professor Teódulo Câmara, desta vêz, dos vales verdes da

Freguesia de S. José, para o histórico e tradicional reduto de Jerônimo de Albuquerque.

Os seus registros dão conta dos atropelos e das horas de preocupações que cercavam todos, nesse período de incertezas, de quase aventura, por assim dizer.

"Dias depois, meu pai foi a Natal, a sondar os horizontes. Em fins de fevereiro, fomos também à Capital.

Meu pai desanimado, se inclinava a regressar a Moçoró onde o chamavam amigos dedicados."

"Em Natal, estivemos no hotel do Quincas Pita, primo-irmão do meu pai. No mesmo local que se ergueu o Politeama, na Praça Augusto Severo.

A nossa bagagem ainda esteve na calçada para seguir para bordo do navio que nos levaria para Areia Branca. Foi quando os primos-irmãos do meu pai — Filadélfio Lira, Dr. Mário Lira e o meu tio afim Viterbino de Paula Barbosa, lhe impuzeram a desistência da viagem que êles não consentiam se realizasse.

E a 13 de março de 1907, foi contratado, juntamente, com o dr. Tertuliano da Costa Pinheiro, que foi meu professor de Inglês, para professor adjunto do Ateneu, pelo Governador Antônio de Sousa.

Enfim, era alguma coisa, uma âncora. *

Seu encontro com a capital, campo de experiências às suas primeiras tentativas culturais, pode ser imaginado como um acontecimento decisivo nos rumos de sua formação e na paisagem da sua juventude, despertada para as realidades e as sensações de um mundo desconhecido.

Relembra, com a emoção daquela personagem do romance de Raul Pompéia, quando apontando

---

* — Adauto Câmara. — Idem. Idem.

o educandário do Professor Aristarco, dizia ao jovem — "vais encontrar o mundo" — o seu ingresso, em 1909,** no velho casarão da Avenida Junqueira Aires, por onde revê os nomes de tantos mestres, aos quais se refere com expressões de amizade, como o Padre José de Calazans, Dr. Vale de Miranda, professores João Tibúrcio, Abel Barreto, Moisés Soares, Joaquim Tôrres, Cônego Estevão Dantas, Nestor Lima, José Augusto, Mário Lira, Joaquim Manuel Teixeira de Moura, sem esquecer o pitoresco retrato do Professor Manuel Garcia, que todos os dias, vinha lá do fim do mundo, do recanto do seu sítio, nas bandas da Rua Jundiaí, dar aulas no Ateneu, itinerário em que percorria, invariavelmente, certos pontos da Cidade, montado num jerico, e de chapéu de sol aberto aos céus, a qualquer hora.

Natal de então, era tipicamente, uma cidade provinciana. Se a moldura geográfica emprestava-lhe certos motivos pictóricos tão de gôsto dos poetas e escritores regionalistas, o sentido de urbanismo da cidade, nos primeiros lustros do século, não apresentava projeção nos seus relevos, nem nos moldes da sua arquitetura, ainda de fisionomia nitidamente colonial.

De tal modo, a modesta metrópole se enraizava à margem do Potengí, que suas principais artérias nasciam ali mesmo, à borda do rio, e de onde desfilavam para o centro, da Ribeira para a Cidade Alta, nomenclatura característica dos dois bairros da velha capital, levantada à sombra das bandeiras e das armas dos primitivos povoadores.

Aquêle labirinto de ruas sinuosas e quebradas, era, realmente, a anatomia urbana de Natal, dos dias do passado. O plano de sistematização que se esboçava graças à ação de um grande Govêrno do Estado, Alberto Maranhão, "que materializou o

---

** — Adauto Câmara. — Ateneu Norte Rio-grandense — Reminiscências — 1909 — 1916.

sonho de Pedro Velho, na fundação da Cidade Nova", com o descobrimento de Petrópolis e Tirol — A CIDADE DAS LÁGRIMAS — como a estigmatizara o jornalista Elias Souto, estava longe do seu futuro, para justificar aquela parábola atrevida de Manuel Dantas, no famoso vaticínio anunciado com uma conferência memorável, subordinada ao tema: "NATAL DAQUI A 50 ANOS."

O meio pequeno, com as naturais restrições que poderia oferecer, não importava, contudo, em limitar o pensamento do jovem estudante, que, pelo contrário, nêle se integrava com a expontânea vibração de sua mocidade, para a vitória de tantos movimentos literários em que apareceria ao lado das figuras mais brilhantes da sua geração, organizando grêmios e animando centros de conferências, dirigindo jornais e fazendo revistas, iniciativas a que emprestava aquele original espírito de liderança que era peculiar do seu fetio, onde se aglutinavam poderosas determinações orgânicas do seu talento e fôrças iniludíveis da sua inteligência verdadeiramente privilegiada.

Os cenários e impressões dessa quadra seriam relembrados, mais tarde, nos seus trabalhos literários, nas crônicas, nos livros e nas pesquisas que promoveu, e onde retratou pessoas, jornais, costumes e tantas instituições de Natal, de que hoje já quase não se fala mais.

É dêsse tempo, o registo que deixou, aliás, num grande trabalho de memorização sôbre o Colégio de Pedro Velho, o Ginásio Norte-riograndense,* instalado no ano de 1882, em prédio que ficava à antiga rua Nova, depois Visconde do Rio Branco, educandário que lograra renome, a exemplo do famigerado Colégio do Professor Abílio — O PEDAGOGO BAIANO — por cujos bancos transitara o diretor do instituto natalense. Contava o Ginásio de Pedro Velho com o concurso de um professorado

* — Adauto Câmara — O Colégio de Pedro Velho.

eficiente, de que merecem referências, além do próprio Diretor, os nomes de Alvaro Barreto de Albuquerque Maranhão, Hermógenes Joaquim Barbosa Tinoco, João André Backer, — João Tibúrcio da Cunha Pinheiro e Mons. José Paulino de Andrade.

"Foi na Província, afirmaria Adauto Câmara, o primeiro grande estabelecimento de ensino particular."

Também não era sem razão que se dava êsse prestígio ao Ginásio Norte-riograndense, pois, o ensino oficial, em época anterior, andava de tal modo desviado da sua alta função, — "que um Vice-Presidente da Província, durante uma curta interinidade, na Administração, conta o historiador conterrâneo, obrigou um dos seus mestres que morava no Açu a vir para Natal e a dar aulas."

Mesmo assim, sem que contasse com grandes centros de irradiação cultural, era Natal uma cidade agitada pelas iniciativas intelectuais, onde se multiplicavam as oficinas literárias algumas com, expressivo registo das suas atividades na vida e nas letras da provincia potiguar.

Dão idéia do vulto dessas organizações, umas mais ou menos efêmeras, os movimentos que foram patrocinados pelo Grêmio Civico-Literário Frei Miguelinho, Grêmio Literário Ferreira Itajubá, pelo Congresso Literário, Grêmio Literário Mocidade Católica, Grêmio Literário Martins Junior, Grêmio Literário José do Patrocínio, Oficina Literária 2 de Março, Grêmio Literário Pedro Américo e pelo Centro Polimático do Rio Grande do Norte, êste, com uma revista de que ainda hoje se fala, pelo lugar definitivo que conquistou, entre as publicações do seu gênero, nas letras norte-riograndense.

A vida da imprensa fôra motivo de atração e das atividades de Adauto Câmara, que cedo se deixara envolver na trama dos seus debates.

Ao tempo, a polêmica não perdera ainda a ação magnetizadora dos seus floreios de retórica.

Nessa lide, como em tantos movimentos, que só adquirem impulsos para a luta quando são estimu-

lados pela adversidade das idéias que separam os pioneiros, os novos de Natal se dividiram em grupos, abriram fronteiras ao pensamento e encheram um largo período da vida intelectual do Estado, com um trabalho vigoroso que marcava os primeiros ensaios da crítica literária, a que não escapavam comentários á forma, ao estilo, ás definições culturais e aos próprios conceitos emitidos nos domínios da gramática de que tanto se exigia, no uso da boa linguagem.

Á época, os grupos literários de Natal tiveram feição personalissima, seus orgãos de publicidade, como sempre apaixonados, por vêzes violentos.

De um lado, "O TEMPO", fôlha de combate que pulverizava os trabalhos de Jerônimo Gueiros, era dirigido em 1917, por José Barreto, Nascimento Fernandes e Armando Seabra de Mélo, êste último inequivocamente, a figura típica do esgrimista da palavra, sem dúvida a mais forte representação do ensaismo crítico-lítero-filosófico, de que se faz registo na história do Rio Grande do Norte.

E do outro, "A NOTA", jornal surgido na defesa do filólogo pernambucano, de que eram redatores Clementino Câmara, J. Lins Baía, Oscar Wanderley, Raul Caldas e Adauto Câmara, grupo de expressivo espírito de resistência, que manteve o jornal ao nível da agressividade que orientava a polêmica.

Já em outra fase, com rumos diferentes, aparece em 1920, "A Revista do Centro Polimático", tendo como Diretor Jerônimo Gueiros e comissão de redação constituida de Adauto Câmara, Galdino Lima, Bruno Pereira e Floriano Cavalcanti. Êste número, além de variada colaboração, encerra a conferência de Oliveira Lima, pronunciada no Teatro Carlos Gomes, sôbre Nisia Floresta, e o discurso na Escola Doméstica, trabalho de Galdino Lima, Jerônimo Gueiros, Jaime Adour da Câmara e a tese sôbre indagação filosófica, de Floriano Cavalcanti: O Pessimismo encarado sob o conceito universal.

Funcionário dos Correios, com modesta função, depois do quadro do Telégrafo Nacional, quando concluiu o curso jurídico em Recife, em 1924, já se achava Adauto Câmara lecionando no Ateneu, na cadeira de História do Brasil para a qual fôra nomeado, efetivamente, em 1920, e onde já se encontrava em exercício interino, desde 1919, ensinando gratuitamente, conforme se depreende de comunicação do Secretário do Govêrno para o Tesouro do Estado.

Com um passado ligado á vida do jornalismo, pois fôra redator de "A IMPRENSA", fundador de "A ORDEM" jornal do Grêmio Literário Pedro Velho, Diretor de "A LIBERDADE", além da responsabilidade na publicação de "A NOTA", em 1917, quando foi nomeado redator de "A República", trazia para o lugar um passado de trabalho e longa experiência.

Nesse trânsito pelo velho órgão do Partido Republicano, teve oportunidade de firmar um largo círculo de amizades e afeições, que se estendiam dos nomes mais conceituados dos colunistas, responsáveis pelos editoriais ou rodapés, aos modestos operários das oficinas, situação de que dá um belo retrato sentimental, o poeta-tipógrafo João Estevão, essa admirável simbiose de homem de letras e boêmio, tão conhecido de Natal das serestras, funcionário, então, do órgão oficial.

Alí, congregou ainda, Adauto Câmara o grupo de jornalistas e escritores de 1930, pôsto em evidência num grande trabalho de Manuel Rodrigues de Melo e nas memórias de Juvenal Lamartine, de que eram nomes salientes, Aderbal de França, precursor de grandes revistas, modêlo de "A CIGARRA", Câmara Cascudo, Luís Tôrres, Edgard Barbosa, Antônio Bento, Garibaldi Dantas, Lauro Pinto, Otacílio Alecrim, Nilo Pereira, Jaime Adour da Câmara, Cristovão Dantas, Felipe Guerra, Eloi de Sousa, Joaquim Inácio, Esmeraldo Siqueira, Otoniel Menezes, João Maria, Dioclécio Duarte, Renato Dantas, Palmira Wanderley, Jorge Fernandes, Valdemar de

Almeida, Jaime Wanderlei e Abner de Brito.

Deputado à antiga Assembléia Legislativa Estadual, com uma atuação brilhante naquela casa dos representantes do povo, como assegura o Des. Antônio Soares, no seu Dicionário Histórico e Geográfico, foi por mais de uma legislatura seu primeiro secretário, e lider da maioria, no Govêrno José Augusto.

Sua situação no Departamento de Segurança foi motivo de um trabalho de erudição do acadêmico Virgílio Trindade, lido em sessão da Academia, fixando sua passagem por aquêle órgão de administração pública do Estado, e chegando a afirmar, em outro depoimento, que só três homens dos que exerceram a Chefia de Polícia lhe deixaram visão inapagável: OSCAR BRANDÃO, SEBASTIÃO FERNANDES e ADAUTO CÂMARA.

*

Depois, a revolução de 1930, êsse acontecimento que a exemplo de uma evocação machadiana, constituiu para êle um verdadeiro salto no espaço.

Evidentemente, se para tantos, a quartelada outubrista foi um grande mal, para Adauto Câmara ela foi apenas um acidente.

A mudança brusca, naquela noite tumultuária em que deixara o Estado, atirando a sorte sua e dos seus ao abismo aberto pela violência de um levante armado de consequências imprevisíveis, é que lhe ensejaria a grande oportunidade de vitória, no contacto das entidades representativas da vida da metrópole e das suas instituições culturais.

Nessa conjuntura, pois, revivendo a tradição dos seus antepassados, pois êle próprio afirma, "na minha família são numerosos os professores que têm dignificado a missão, havendo uma vocação, que eu direi hereditária porque decorre dos primeiros professores nossos ascendentes, * não tergiversou Adauto Câmara ante as adversidades. E só, no Rio de Janeiro, sem dinheiro e sem amigos, nas po-

sições, contando com o valor e com a coragem, atira-se á grande aventura, adquirindo um educandário de subúrbio, "em precária situação econômica e prestes a fechar", e que, dentro de pouco tempo, graças ao seu esfôrço se transformaria no magnífico Ginásio do Meyer, estabelecimento de ensino que tanto soube dignificar com o seu entusiasmo, com o patrimônio da sua cultura e honradez do seu trabalho.

De lá, foi que saíu, mais tarde, para colaborar com a Federação das Academias de Letras, militar na imprensa e arrojar-se á vitoriosa carreira de publicista, cujos trabalhos puderam tornar o nome do Rio Grande do Norte mais conhecido nos meios culturais do País.

Sua atividade de escritor, conferencista e historiógrafo, é atestada numa vasta bibliografia, divulgada em livros, folhetins e revistas, de que são trabalhos principais: — História da Revolução de 1817; O Padre Miguelinho; História de Nisia Floresta; D. Manuel de Assís Mascarenhas; Câmaras e Mirandas-Henriques; Henrique Castriciano; O último Senador do Império; O Padre João Manuel, ensaio crítico-literário; Itinerário de um menino pobre e Amaro Cavalcanti; O culto de Barauna; Reminiscências do Ateneu Norte-riograndense; Evocação de Menino; O Colégio de Pedro Velho; O ocaso da Velha República no Rio Grande do Norte (Inédito); O Rio Grande do Norte na Guerra do Paraguai, além de não menos importante colaboração na imprensa cotidiana.

Dessa extensa relação de obras publicadas, cinco livros, pelo menos, configuram os meridianos vinculares de sua erudição: D. Manuel de Assís Mascarenhas, que no período de 16 anos representou a Província do Rio Grande do Norte, no Senado do Império; Câmaras e Mirandas-Henriques, Serões Genealógicos, consideravelmente ampliados, publi-

---

* — **Adauto Câmara — Evocações e Memórias. —**

cados em nova fase, já depois da sua morte, pelo Anuário Genealógico Brasileiro, em 1953; o Culto de Barauna, curiosa bibliografia em que remata com essa conclusão desalentadora para o herói da terra de Souza Machado: "cheguei a duvidar da existência do cabloco Barauna"; o Rio Grande do Norte na Guerra do Paraguai, edição do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e História de Nisia Floresta.

Sôbre o valor dêsses trabalhos é Anfilóquio Câmara quem presta um grande depoimento, quando afirma que Adauto Câmara era um intelectual de escrupulosa honestidade, em tudo quanto escrevia. Jamais citava fato ou acontecimento, sem que sôbre êle possuisse documentação suficientemente elucidativa. Lembra-se que da Metrópole do País, não lhe dava tréguas, sempre a pedir certidões, cópias, peças dos arquivos e livros de registos. Essa circunstância, confirma aliás, a preocupação que sempre teve Adauto Câmara de restabelecer a verdade de certos fatos que poderiam passar ao esquecimento se a seu respeito não se tivesse referido o poligráfo norte-riograndense.

E' dessa ordem, o caso da lei sôbre o voto feminino no Rio Grande do Norte cujo relato vale a pena ser ouvido como êle próprio escreveu:

"Quando, em 1927, se procedeu á elaboração da lei eleitoral do Rio Grande do Norte, para adaptar à Constituição revista em 1926, eramos o lider da Assembléia Legislativa. O projeto correu todos os tramites, até a redação final. Aprovada esta, chega do Rio um telegrama de Juvenal Lamartine, afim de que se fizesse incluir uma disposição consagrando a igualdade de direitos políticos dos cidadãos de ambos os sexos. José Augusto que era então Presidente do Estado, relutou, e replicou a Lamartine, usando, entre outros, o argumento de que a redação final estava aprovada. Lamartine não se deu por vencido, e voltou à carga. José Augusto deixando de lado os seus escrúpulos de exageta de testo constitucional, arranjou as coisas para satisfazer La-

martine, certo como estava de que tudo aquilo era um fogo de artifício...

Eramos também redator do órgão oficial, "A República", e, nesta qualidade, faziamos a resenha dos trabalhos parlamentares.

José Augusto, que vivia mais na "A República" do que em Palácio, sugeriu-nos incluir na resenha uma emenda apresentada por nós, instituindo o voto feminino. Assim se fez. Quando a lei foi publicada, lá estava a grande "conquista" concretizada no art. 77 das Disposições Gerais: "No Rio Grande do Norte, poderão votar e ser votados, sem distinção de sexos, todos os cidadãos que reunirem as condições exigidas por esta lei".

"Assim nasceu o sufrágio feminino no Brasil. No relato destas reminiscências não temos intuito de desmoralizar as suas origens. Apenas estas recordações nos acodem em tropel, e não vemos nenhum mal em que esta história de bastidores, ignorada de tanta gente, entre para os domínios de Clio" *.

*

Numa bela e clara manhã de junho de 1952, estivemos, eu e Jessé Freire, em sua residência, no bairro do Meyer, a metrópole dos subúrbios.

Ao encontro, êle demonstrou o mais vivo entusiasmo com a presença dos conterrâneos que vinham de longe, das velhas plagas ensolaradas, para relembrar-lhe as impressões do rincão distante, povoado de sonhos e de reminiscências tão gratas à sua memória.

Depois, afastados do grupo, passamos à sua biblioteca, em salão contíguo. Falou alí, dos escritores norte-riograndenses, apontando livros de muitos deles, pois, apesar de afastado do Estado, por longo período, se mantinha em dia com os seus

* — Adauto Câmara — História de Nisia Floresta.

acontecimentos, com a leitura dos jornais e o trabalho dos seus homens de letras.

Sem fugir do rumo da conversa, abriu, com carinho, um volume de Nisia Floresta, esclarecendo: "foi um presente de Henrique Castriciano. Vale hoje um tesouro. Andei procurando outros, até em publicações dos "a pedidos" dos jornais. Mas, infelizmente, nada encontrei".

Naquele instante, com o pensamento voltado para Machado de Assís e sua carta a Mário de Alencar, em que afirmava, em pleno ocaso da vida, com alusão ao "Memorial de Aires" — "êste será o meu último livro; já não tenho vistas nem forças para escrever outro" — ouví de Adauto Câmara, referindo-se ao seu trabalho e à contribuição humana do Estado, à Guerra do Paraguai, a mesma confissão melancólica daquele homem extraordinário: "êste será também o meu último livro".

E quando a partida era uma despedida definitiva, que ninguém imaginava, pois viria a falecer dalí a 4 meses, em 17 de outubro de 1952, da porta da casa, êle ainda repetia com palavras afetuosas, que retratavam quadros e evocações mais queridas de sua vida:

— Não deixem o Meyer, sem visitar a nossa terra.

Passem alí, e vejam a Praça do Rio Grande do Norte!

---

* — **Discurso de posse, na Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 19 de maio de 1955.**

Poetas do Brasil

ESMERALDO SIQUEIRA

O nome de um poeta verdadeiro,
Para quem ama a poesia,
Tem amável sabor, dom sugestivo,
Que já de si vale um poema.
Uma idéia, porisso, nos passou pela mente
De reunir num poema os nomes mais notáveis
Da grande família poética nacional.
Ao nosso ver, Bento Teixeira Pinto,
Português celebrado como pernambucano,
E os baianos frei Manuel de Santa Maria
E Manuel Botelho de Oliveira,
Autores respectivamente da *Prosopopéia,*
Da *Ilha de Itaparica* e da *Ilha da Maré,*
Fôram pouco mais do que simples versejadores.
Cantaram quase sem nenhum brilho
As exuberâncias de nossa natureza.
O primeiro que em versos no Brasil
Soube pôr outra coisa além da métrica
Foi José de Anchieta,
O apaixonado místico do *Poema à Vírgem Maria.*
A crítica apressada, pouco judiciosa,
Se entusiasma exagerada com Gregório de Matos,
A quem eleva ao grau de iniciador
Da poesia genuinamente brasileira,
Como o satírico maior dos costumes pátrios
Em tôdos os tempos.
Que ficaria, entretanto, do Gregório,
Se lhe tirássemos os plágios,
Principalmente os de Quevedo e Gôngora,
Lope de Vega e Quintana?
Descanse em paz o "bôca - do - inferno",

Que mais valeria chamar-se de bôca-de-empréstimo,
E prossigamos nesta resenha galopante.
Santa Rita Durão e Basílio da Gama,
Conquanto falsos e artificiosos
Nos seus poemas *Caramuru* e *Uruguay,*
São nossos já por certos tons e graças
Do lirismo e dos quadros naturais.
Cláudio Manuel da Costa,
Tomaz Antônio Gonzaga,
Silva Alvarenga, Alvarenga Peixôto
— Outros nomes queridos da escola mineira.
Cada um dêles, a seu modo,
Honra a lírica brasileira.
Dirceu, contudo, é o mais amado e conhecido.
Quem não recórda a dôce Marília?
De corrida, pois sinceramente os não amamos,
Citemos, com respeito, Pôrto Alegre e Magalhães,
Precursores do nosso romantismo.
Agora, um nome excelso:
O cantor de *Y — Juca — Pirama* e dos *Timbiras,*
Antônio Gonçalves Dias.
Êste, em parte, já incarnava ardentemente
A alma nacional.
E Laurindo Rabelo, o repentista?
E Maciel Monteiro, o adocicado
Do famoso soneto mulherengo,
Plagiado do primeiro ao último verso?
E José Maria do Amaral, e Moniz Barreto,
Ambos de vôo rasteiro e fôlego curto?
Deixando ainda Aureliano Lessa
E Bernardo Guimarães, mediano de porte,
Um, que morreu criança e tinha arrôjos de gênio,
Merece lugar de honra entre os maiores:
Manuel Antônio Álvares de Azevedo,
Irmão de Byron e Schiller, de Musset e Verlaine.
Quanto a Junqueira Freire, o poeta do claustro,
Foi mais um espírito devoto.
Mais perto de nós, do nosso coração,
Sentimos êstes dois humaníssimos poetas:
Casimiro de Abreu e Fagundes Varela.
Casimiro — o mais puro dos românticos;

Fagundes — o vago, o sonho, o desespêro lírico.
Cesse tudo que a antiga musa canta,
Que outro bardo abre as asas de condor...
E' Antônio de Castro Alves, o cantor dos escravos,
Com o *Navio Negreiro, Vozes da África,*
Cachoeira de Paulo Afonso.
— "Andrada, arranca êsse pendão dos ares!
Colombo fécha a porta dos teus mares!"
— "Multidões de homens negros como a noite,
Horrendos a dansar."
— "Auriverde pendão da minha terra
Que a brisa do Brasil beija e balança!"
Fulgem mais astros no Capitólio Nacional:
Pedro Luís, José Bonifácio,
Tobias Barreto, Machado de Assís,
Augusto de Lima, Luís Delfino...
Finda o século dezenove,
O século vinte reponta,
E vai, de mão em mão, sempre esplendente,
O facho sagrado da poesia.
Cruz e Souza, o negro sublime,
Revela as ânsias da alma em símbolos profundos,
O enorme torturado Augusto dos Anjos,
Baudelaire dobrado de sábio e de filósofo,
Pode dar expressão ao inexprimível;
Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac
Faz palpitar a estrofe estuante e viva;
Alberto de Oliveira,
Pintor e músico do verso,
Também, às vêzes, tem brandos lirismos
E a vastidão dos céus enche de pensamentos;
Raimundo Correia, mesmo se levarmos em conta
O haver plagiado Stechetti e Gautier,
Foi mil vêzes maior que Luís Murat,
Pedantescamente arrevezado e ôco.
Mas, Senhor Deus, quanta gente ainda falta
Nêste tentâmen louco
De escrever um catálogo dos nomes
Dos nossos mais preclaros vultos na poesia!
A lista, até aqui muito incompleta,
Há-de, certo, causar grande azedume

A muito paspalhão que se julga poeta
E não se vê citado.
Não importa. Atingiremos nossa méta
Indiferente à fúria dos cretinos.
Quem não revê, na mente, comovido,
Alceu Wamosy ao lado de Raul de Leoni,
Moacir de Almeida junto de Gomes Leite?
E o imortal Júlio Salusse,
Petrarquiano divinamente terno e apaixonado?
Francamente, depois dêsses rostos suaves,
Inda mais belos pela transfiguração da morte,
Não poderiamos suportar certas fisionomias...
Um Olegário açucarado, por exemplo,
Inconsistente e fôfo como um dôce japonês,
Um Guilherme de Almeida, um Menotti del Picchia,
Perfeitamente insulsos,
Mas endeusados por chulos criticoides
E o histerismo de mocinhas sentimentais.
Não. Para seguir aquêles rostos inolvidáveis,
Rememoremos Da Costa e Silva,
O feio belo pela espiritualidade,
Hermes Fontes, que tanto sofreu,
Martins Fontes, que viveu nobremente.
Que diremos, por fim,
Dessa feira de vaidades e desatinos
Que por aí campêia
Com o rótulo de "movimento modernista"?
Excetuemos os poemas da primeira fase de Bandeira,
Vários de Ascenso Ferreira,
Poucos do gordalhão Schmidt e do vêsgo Drummond,
Outro tanto de Jorge de Lima,
Parnasiano fracassado e modernista difuso,
Quase nada dos dois Murilos...
De nossa terra, o Rio Grande do Norte,
Por prudência, melhor seria dizer nada.
Auta de Souza, Itajubá, Castriciano,
Juvenal Antunes e... quem mais no passado?
Em relação ao presente, o silêncio é de ouro.
Anda o amor—próprio dolorido e inchado:
Ao mais leve arranhão, é grande o estouro...

Ode a Nossa Senhora da Apresentação, Padroeira da Cidade do Natal *

PALMIRA WANDERLEY

Eu te saúdo, estrela matutina,
Amanhecendo, o verde da colina!...

E agora, Mãe de Deus, teu nome louvo,
Tú que és a honra e a glória do teu povo!...

Eu te saúdo, flôr de graça cheia!
Não há quem te conheça e em tí não creia,
Nem quem te crendo, deixe de te amar...
Por onde passas, fica o teu perfume
Levas, contigo, o nosso coração...
Deixas, conosco, o brilho do teu lume,
Nas marcas de teus pés, na escuridão.

Eu te saúdo rosa amanhecida,
Sôbre a pedra da íngreme descida,
Na enseada do rio abençoado.

Tôda formosa és, ridente aurora,
Maria concebida, sem pecado!...
Minha e nossa Senhora!

Tú és o canto alegre da alvorada,
O hino triunfal da madrugada,
Virgem das virgens, Mãe angelical!...
Entre as mulheres, tôdas, a primeira,
Concebida sem mácula original.

Tú és a milagrosa Padroeira,
Da risonha cidade do Natal!

A luz que vem de ti, clareia o dia,
O pão da Eucaristia de ti vem!
Do povo de Israel és, a alegria,
Tú és, a glória de Jerusalém!
Não há poder mais doce, neste mundo,
Nem amor mais suave e mais profundo,
Nem vejo o teu olhar, em mais ninguém!

Oh, tú que vens de longe e trazes mel,
Que trazes vinho e trigo, em teu farnel!
Que a lua calças no teu pedestal,
Que te vestes de sol, Virgem fiel!...

Dá remédio, Maria, às nossas queixas!...
Desgraçados de nós, se tú nos deixas,
Sem teu aféto doce e maternal!

Tú que possues o bálsamo das flores,
Alivia, Senhora, as nossas dores!

Tú que tens o perfume da açucena,
Do tormento, das mães, oh, mãe de Deus tem pena
Volta, Rainha, a nos chegar de novo,

Para remir teu desditoso povo!

Tú, que encerras, no arco da aliança,
O divino segredo, da bonança,
Dos homens, apazigua os corações!...
No azul de teu regaço é que encontramos,
A paz, que nesse instante, procuramos,
Na amizade de todas as nações.

Só tú podes, Maria, por quem és,
Unir todos os mundos nos teus pés!...

Faz tanto tempo!.... Há duzentos anos,
Que sôbre as aguas, desvendando arcanos,

Em nossa vida, docemente, influes...
Desde êsse tempo, neste mesmo dia,
Em que chegaste, aqui, Virgem Maria!
Beirando os mangues, marginando as curvas,
Do Potengí, as aguas, que eram turvas,
Ficaram para sempre, muito azúis.
Vinhas boiando, num caixão deitada,
Tua frente serena, iluminada,
Descansava do rio, no estuário...
Num dos braços, trazias Deus Menino,
E com o outro estendido alvo e divino,
Nas aguas procuravas, teu rosário!

Encalhaste, afinal, na pedra fria,
Como um ramo de estrelas, no escarcéu...
Tua imagem fechada parecia,
Uma joia, um tesouro, que seria?...
Uma corôa, um cetro, um colar de rainha,
Um braçado de flores?
Qualquer coisa do Céu?

Um setestrelo, que no rio abria?!...
— Até, que em mãos de humildes pescadores,
— Da escalada os herois, cheios de fé, —
O teu mistério, enfim, se descobria...
Dentro dágua encontrando a imagem tua,
No rio alviçareiro,
Trouxeram para nós, mais do que a lua,
Trouxeram para nós, o Céu inteiro!
Na açucena gracil de Nazaré.

Olhaste para a terra que dormia,
Sòmente os pretos bons, de que nos fala a história
Velavam junto, a ti!
Acordado, na rua, mais ninguém!...
E como tudo aqui te parecia
O caminho da glória,
Da saudosa "lapinha" de Belém?!...
Surge o presépio, em forma de cidade.
Das colinas a doce amenidade,
Tranquilizava o porto.

As boninas floriam à ribanceira
Como se fôsse, perfumado hôrto.
Passarinhos cantavam, na ladeira.
Nos vales, o rebanho amanhecia...
Bem perto o mar, as dunas, o rochêdo,
Qualquer coisa escondida no segredo
Da bela Natureza que dormia,
Nas muralhas da grande "fortaleza"
As bandeiras içavam com alegria...

Em cima, o verde olente dos oiteiros,
Em baixo o "vale ameno dos coqueiros",
Batendo palma, ao Filho de Davi!...
Era, Natal!... Ficaste, Mãe querida,
Até agora, para tôda vida,
Presa aos encantos dos mistérios seus
E a terra que escolheste, presa a ti...
Porque sabias, Mãe miraculosa
Que esta tua cidade luminosa,
Nasceu no dia do Menino Deus.

Eu te saúdo, oh sol que a terra vences,
Em nome das mulheres Natalenses!
E te peço, Maria, em teu altar:
— Pelo branco fulgor da lua cheia!...
Acende a fé do povo Potiguar!
Quem não te ama, ao menos creia
Em ti,
No milagre do rio Potengí
Que se cumpra a inscrição miraculosa,
Escrita em teu caixão, Virgem formosa!
: — AONDE A SANTA FÔR POR SUA GRAÇA,
A TERRA SERÁ LIVRE DA DESGRAÇA.
E assim tem sido, Mãe terna e bondosa,
Na hora do receio e do perigo,
Não tens faltado com o teu doce abrigo.

Escuta minha Mãe a nossa prece!
Os campos abençôa, as águas cresce.
Amaina o vento, aquece as pombas mansas,
Enche de ninho as árvores frondosas,

As campinas de cravos e de rosas,
Enche de riso, a boca das crianças...
Com a tua benção, oh Mãe, a todos cobre!
Não falte, nunca, o pão na mesa pobre,
— O Mundo triste, enche de esperanças!

Se ao bem, que tú nos dás, pagamos mal,
A nossa ingratidão, Maria, esquece,
Por tua graça, Mãe, por teu favor!...
Nossos êrros perdôa!... E a grande ofensa
A tua virgindade maternal!...
Nunca se viu tamanha indiferença,
Em troca, Mãe de Deus de tanto amor!...
Nossas fraquezas, nossas máguas cura!
Escuta nossos brados nossos ais!
Trata as nossas feridas com doçura,
Que é muito grande mesmo a nossa dor!...
Cai sôbre nós, da noite, o negro véu...
Dá-nos mais do que isto, muito mais,
Dá-nos, Maria, a graça azul do Céu!

Na hora enluarada, dêste dia,
Nossa Senhora d'Apresentação!
Aceita a oferta pobre, sem valia,
Do nosso enfermo e triste coração!

Louvado seja o rio, que te trouxe,
Nos braços carinhosos, com emoção...
E aqueles pescadores esquecidos,
Anjos negros, sem nome e sem brazão,
Louvados também sejam e preferidos
Para a coroação.

E assim como na luz, da madrugada
De Natal te apossaste pelo brilho...
Na PEDRA DO ROSÁRIO, iluminada,
Toma conta da terra de teu Filho!

*** — Recitado pela autora, na sessão magna do dia 21 de novembro de 1953, data do encerramento das homenagens que foram tributadas à Excelsa Senhora, por ocasião do Bi-Centenário da sua chegada à "Pedra do Rosário", localizada à margem direita do rio Potengí.**

O Bravo Potiguar

MATANÇA DO URUAÇU (1645)

Geme a Pátria — que horror! — sob o jugo estran-
[geiro.
Vai-se talvez, com a crença, o nome brasileiro,
O território, a língua, a família querida,
Tudo o que o encanto faz de tôda a nossa vida.
Luta, porém, rugindo, o bravo Leão do Norte:
"Deus e Pátria" é a bandeira! Ou liberdade ou
[morte!"
Eis que um dia, à traição, uns pobres prisioneiros
São lançados às mãos dos índios carniceiros.
Grita o herege invasor, rubro de fúria louca:
— "Abjurai vossa fé!" Ninguém descerra a boca...
— "Ajoelhai-vos, então!" — Despi-vos... e ao
[suplício!"
Mostrando corpos nus, cortados do cilício,
Uns após outros vão dando a vida por Cristo,
Mas o tirano quer tormento nunca visto.
Um mancebo o contempla, orando, de mãos postas.
— "Tirem-lhe o coração, em vida, pelas costas!"
Impávido sorrí o moço potiguar,
Sentindo não ter mais que um coração a dar,
E num lago de sangue ao tombar, esvaido,
Nas etéreas regiões o doce olhar perdido,
Exclama, enquanto exala o seu último alento:
— "Bendito seja Deus, no Santo Sacramento!"
Das mãos, então, do algoz, o coração fugindo,
Ainda quente de amor, cercado do mais lindo
Cortejo de anjos, foi, de nuvens sôbre um véu,
Subindo suavemente ao mais alto do céu,
E aí, de novo entrou a bater, na áurea luz,
Junto do Coração Divino de Jesus!

E agora, ao relembrar o herói Mateus Moreira,
Freme de orgulho a voz da pátria brasileira!

E. Vilhena de Moraes

Le Brave Potiguar

Traduit du portugais par l'auteur

La voilá quell'horreur! — notre pauvre Patrie,
Sous le joug étranger, languissante et flétrie!
Il s'en ira, bientôt, peut-être, avec la foi,
Et le nom brésilien, et la langue, et le toit,
Tout ce qui fait le charme et la joie dans ce mond...
Mais il est dans le peuple une force profonde,
Les armes à la main, rugit le Lion du Nord
Qui porte le drapeau: Dieu, Patrie, ou la Mort!
Or voici qu'un beau jour de pauvres prisonniers
Sont livrés, par embûche, aux indiens carnassiers.
— "Abjurez votre foi" — s'écrie d'un air farouche,
L'hérétique oppresseur. Mais nul n'ouvre sa bouche!
— "Déshabillez-vous donc, à genoux, et au supplice!"
Laissant voir des corps nus, meurtris par le cilice,
Ils tombent à tour de rôle em proie au noir carnage,
Mais le tyran n'a pas encor calmé sa rage.
Un jeune homme, debout, le regarde en priant.
— "Arrachez-lui le coeur, par le dos, sur le champ!"
Le jeune potiguar lui sourit sans bouger,
Regrettant de n'avoir qu'un seul coeur à donner,
Et tandis qu'inondé de son sang, il se meurt,
Le regard rayonnante d'une douce lueur,
Il s'écrie, du trépas au dernier moment:
— "Que Jésus soit béni, au très Saint Sacrement!"
Des mains du brute, alors, le coeur s'est échappé,
Brûlant encor d'amour, et, d'anges entouré,
Sur un nuage blanc, il monta au ciel bleu,
Et là, il se remit à battre tout joyeux.

Dans la splendeur sans fin où siègent les élus
Auprès du Sacré Coeur, em flammes, de Jésus!
Mathieu Moreira, ô brave, en évoguant ton nom,
Tout le Brésil frémit d'orgueil et d'émotion.

E. Vilhena de Moraes

N. da R. O Dr. E Vilhena de Moraes, Diretor do Arquivo Nacional, historiador de renome e poeta de refinada sensibilidade escreveu, por ocasião das festas do Tri-Centenário da Restauração Pernambucana, êste belo e expressivo poema inspirado na Matança de Uruaçu, cuja transcrição se impõe pelo valôr da contribuição e pela significação que possui para a história e a cultura do Rio Grande do Norte. Ao lado do original em lingua portuguêsa publicamos a versão em francês feita pelo proprio autor.

O Sertão do meu tempo *

JUVENAL LAMARTINE

Venho falar do sertão do meu tempo, do sertão dos meus 15 a 20 anos de idade, tão cheio de recordações e rico dessa poesia popular, que tanto encanta o espírito dos que procuram surpreender a alma dos nossos sertanejos, através de suas lendas, de seus cantos, das suas crendices, das suas surperstições, da sua observação aguda e desconcertante, da sua coragem e da sua audácia.

Não julguem, porém, que eu vá conduzir o benévolo auditório ao tempo da primeira epidemia do cólera morbus ou da revolta do quebraquilo. Não sou tão velho assim. O sertão do meu tempo é o de 55 a 60 anos atrás, sem luz elétrica, sem automóvel, sem rádio, sem uma idéia, mesmo longinqua do avião, e quasi sem contacto com a civilização litorânea, que lhe deturpou o espírito e lhe alterou a característica, que interessa aos que estudam o nosso folklore.

Eça de Queiroz, num dos seus mais encantadores livros — CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES — escrevendo a um engenheiro que fizera o traçado da estrada de ferro de Jafa a Jerusalem, dizia: — "Considero que a tua obra de civilização é uma obra de profanação. Bem sei engenheiro! Pedro ressuscitando a velha Dorcas; a florescência miraculosa das rozeiras de Saaron; o Menino bebendo, na fuga para o Egito, á sombra das árvores que os anjos iam adiante semeando, são fábulas. Mas são fábulas que há dois mil anos dão encanto, esperança, abrigo consolador e energia para viver, a um terço da humanidade. Os lugares onde se passaram essas histórias, de certo muito simples e muito huma-

nas, que depois, pela necessidade que a alma tem do Divino, se transformaram na tão linda mitologia cristã, são por isso veneráveis. Nêles viveram, combateram, ensinaram, padeceram, desde Jacob até São Paulo, todos os seres excepcionais que hoje povoam o Céu. Jehová só entre êsses montes se mostrava, com terrifico esplendor, no tempo em que visitava os homens. Jesus desceu a êsses vales pensativo para renovar o mundo. Sempre a Palestina foi a residência preferida da Divindade. Nada de material devia desmanchar o seu recolhimento espiritual. E é penoso que a fumaçarada do progresso suje um ar que conserva o perfume da passagem dos anjos e que seus trilhos de ferro revolvam o solo, onde ainda não se apagaram as pegadas divinas.

"Tu sorris e acusas precisamente a velha Palestina de ser uma incorregível fonte de ilusões. Mas, a ilusão, Bertrand amigo, é tão util como a certeza: e na formação de tôdo o espírito, para que êle seja completo, devem entrar tanto os contos de fada como os problemas de Euclides. Destruir a influência religiosa e poética da Terra Santa, tanto nos corações simples como nas inteligências cultas, é um retrocesso na civilização, na verdadera, naquela em que tu não és obreiro, e que tem por melhor esforço aperfeiçoar a alma do que reforçar o corpo, e, mesmo pelo lado da utilidade, considero um sentimento mais útil do que uma máquina. Ora, locomotivas manobrando pela Judeia e Galileia, com a sua materialidade de carvão e ferro, o seu desenvolvimento inevitável de hotéis, ônibus, bilhares e bicos de gaz, destroem, inevitavelmente, o poder emotivo da terra dos milagres, porque a modernizam, a industrializam, a banalizam."

Foi o mesmo que aconteceu no sertão com o Ford, que alterou a sua fisionomia com a maquinagem grosseira de uma civilização mal digerida, que varreu da alma do povo, sem a ter penetrado, toda a sua poesia antiga, espontânea e encantadora de simplicidade.

Lembro-me ainda do grande interesse e intensa

curiosidade com que ouvia, quando menino, as histórias de assombração, de lobisomem, de burra sem cabeça, que os velhos sertanejos me contavam, com uma seriedade, que não me deixavam dúvida no meu espírito de criança. Homens fortes, audazes caçadores, ou destimidos clavinoteiros empalideciam e os cabelos se lhes arrepiavam de pavor ,quando ouviam ou narravam na linguagem pitoresca do matuto, qualquer das lendas de assombração, de que estava cheio o sertão de meu tempo.

As casas antigas, que pertenceram a fazendeiros abastados, eram tidas, quase todas, por malassombradas, correndo as mais diversas e estapafurdias lendas sôbre cada uma delas... Numa, se dizia, que se haviam cometido crimes horríveis, guardados em segredo absoluto, através de várias gerações, noutras estavam valiosos tesouros, em moeda e joias, enterrados pelos primitivos habitantes. A' noite, ouviam-se gemidos prolongados, o barulho de louça quebrada, e vidros partidos, portas que se abriam ou que se fechavam, vendo-se não raro, silhuetas de pessôas que passavam de uma peça da casa para outra. Eram almas que penavam, sem poder entrar no Paraizo, porque ou haviam enterrado dinheiro, cometido algum crime, ou ficado a dever uma missa ás almas. O diabo que tinha grande interesse em que a alma não se salvasse, a seguia de perto, espalhando o terror, por meio de visões terraveis, afim de impedir que alguém procurasse ouvir a alma penada e arrancasse o dinheiro, ou mandasse rezar a missa prometida e devida, salvando-a assim das penas eternas.

Das histórias de casas malassombradas que me contaram, quando eu era creança, uma das que mais me impressionaram foi a de um velho casarão, que fôra habitado por um homem rico e máu, que nunca se casara e nunca fizera uma caridade. Depois de sua morte a casa ficara abandonada, as ervas invadiram o terreiro e as portas e janelas se fenderam. Ninguém se atrevia a penetrar nela á noite, e os que se lhe aproximavam, ouviam gemidos pro-

longados, gritos de angústia e tropel de pessoas calçadas que subiam e desciam uma longa e velha escada. Um rapaz da visinhança, forte e vigoroso, que era dos primeiros na arrancada contra o gado bravio, disse, por vanglória, que se atrevia a dormir só na casa malassombrada. Fizeram-se apostas e êle desistiria, por certo, da arriscada empreza, se uma morena esbelta, de olhos negros e penetrantes, por quem andava morrendo de amores, não tivesse tomado o seu partido, afirmando que o rapaz era homem para cumprir sua palavra. Fechadas as apostas e combinado o dia em que êle devia ir dormir na casa maldita, muniu-se de um cordão de São Francisco mandado benzer por sua avó e penetrou no casarão. Fêz fogo na cosinha e tratou de assar um pedaço de carne. Quando pôs o espêto sobre as brazas aparece um moleque bem negro e põe também a assar sôbre as mesmas brazas um sapo. O rapaz reclama, mas não é atendido pelo moleque. Lembra-se então do cordão de São Francisco e o prende em uma trave que havia na cosinha. O moleque reclama, protesta, ameaça; mas êle o não solta e assa tranquilamente a carne. Trata depois de dormir. Mas antes de adormecer ouve do tecto da casa uma voz dizer: *"eu caio"*. Responde-lhe o rapaz: *"pode cair"*. E cai a perna de um esqueleto humano, em seguida outra perna, depois um braço, o outro, a cabeça, e em fim todo o esqueleto, que se junta e põe-se de pé e diz que sua alma está prestes a ir para o inferno, que o moleque preso com o cordão de São Francisco é o próprio diabo, responsável por todos os fantasmas, com o intuito de amedrontar o povo e evitar que alguém tentasse falar com a pobre alma penada e aliviar os seus padecimentos; pedia para desenterrar um pote de barro, cheio de moedas de ouro, mandar celebrar uma capela de missas, dar algumas esmolas e ficar com o resto para êle. O moleque ou melhor o diabo deu um estouro tão violento que abalou o casarão e desapareceu, deixando o ambiente saturado de um cheiro forte de enxofre queimado e um enorme buraco no solo por onde fu-

giu. E' excusado dizer que eu acreditava piamente nessa história e que passei muitas noites tremendo de medo que me caisse sôbre a rêde a tíbia ou a caveira de um esqueleto humano.

Superstições

Os sertanejos tinham e ainda têm várias surperstições. A superstição é peculiar á alma humana. Povos e homens cultos não conseguem se libertar de superstições, algumas bem infantis. O sertanejo ainda hoje prefere trabalhar aos domingos do que no dia de Santa Luzia, com medo de perder a vista e dificilmente sai a campear o gado ou a caçar na prmeira segunda feira de Agôsto, que é considerado dia aziago. O canto da coruja, tida por ave agoureira, anuncia sempre, para o homem do povo, a morte de uma pessoa amiga ou de um parente. A chave do sacrário posta na boca da pessoa mordida por um cão danado evita a transmissão do mal. A imagem de São José tirada de uma casa, sem que as pessoas dessa casa percebam o rapto, faz cair abundantes chuvas, quando o verão ameaça matar a lavoura. Quando vem a chuva a imagem é restituida numa procissão festiva acompanhada de todas as pessoas da visinhança. O arco iris, que aparece para beber a chuva, na crêndice popular, se desfaz rapidamente se traçam uma cruz com pequenas pedrinhas no chão. Para evitar o máu olhado na lavoura é remédio eficaz colocar nas estacas do roçado uma caveira de um animal bovino. O dente da aranha caranguejeira, no pescoço de uma creança evita o máu olhado e o de jacaré facilita a dentição. Uma mulher grávida não deve pôr um objeto no seio porque algumas vêzes, êsse objeto sai reproduzido, em forma de sinal, no corpo da creança. O belo canto da acauã é, para certos indivíduos, agoureiro. As estatuetas de gesso trazem desgraça a quem as possuem, e muitas outras pequenas crendices, aceitas, algumas delas, por pessoas cultas.

São, porém, os caçadores os mais supersticiosos.

O recesso das florestas está povoado, na imaginação dos caçadores, de espíritos protetores dos animais. Sertanejos intrépidos, e afoitos caçadores não se atrevem a caçar na noite de sexta para sábado. Acontece sempre, dizem êles, cousas extraordinárias e extravagantes. Um deles narrou-me que fora esperar um veado numa comida da flôr de craibeira, trepou-se num galho de árvore. A lua era clara como o dia. Surge, de repente um belo espécime, que êle visa com a espingarda e atira. O veado levantou a cabeça, olhou-o demoradamente e voltou a comer. Novo tiro de pontaria segura e demorada, e novamente o veado o olha durante alguns momentos e continua a comer. Terceiro tiro, já nervoso, pois o caçador lembra-se de que estava numa noite de sexta feira. O veado fita-o longamente com um olhar de grande ternura bate com a pata no chão e torna a comer tranquilamente, como se nada tivesse acontecido. O caçador, que era um homem sério, disse que deixou o veado comer até se fartar, e deu por finda a caçada daquela noite

Outro velho caçador, famoso na arte venatória, contou-me que numa noite de sexta feira quiz desafiar os espíritos da floresta. Possuia bons cachorros e depositava grande confiança na coragem de um creoulo, que sempre o acompanhava nas caçadas mais arriscadas como as de onça ou do porco selvagem. Internou-se na mata, a uma legua distante de sua casa, onde a caça era abundante. Os cachorros não tardaram a levantar caça grossa que internou-se pela mata em vertiginosa carreira, perseguida de perto pelos valentes cães. Tudo indicava tratar-se de uma ágil sussuarana. Mas, de repente, ouve o latir aflito dos cães, como se tivessem sendo violentamente açoitados. O creoulo, seu companheiro, começou a tremer, logo que os cachorros, sempre gritando debaixo de violentos açoites, procuraram a proteção de seu dono e meteram-se por entre as suas pernas, ganindo de medo. Aparece, então uma figura impressionante dominando a mata: cabeça coberta por um chapéu garibaldino, olhos enormes,

redondos e azuis, bigodes compridos e louros, vestindo jaqueta azul; mas sem os membros inferiores. Move-se, não obstante, com grande rapidez, embora lhe faltem as pernas. Não lhe dá uma palavra; mas o acompanha até o terreiro de sua casa, donde desaparece ao primeiro cantar do galo. Quando o velho sertanejo terminou sua fantástica narrativa percebeu um certo ar de dúvida no semblante de alguns dos ouvintes. Disse então, com senho severo, como o velho guerreiro Timbira, do poema de Gonçalves Dias : *"Meninos eu vi"*.

O canto do galo, que anunciou o nascimento de Cristo, afasta os espíritos máus e é por isso que os sertanejos deixam primeiro cantar os galos, alta madrugada, para passarem pelos lugares malassombrados.

A burra sem cabeça e o lobisomem são velhas creações do povo que se encontram espalhadas por muitos países, com variações diversas. Para o sertanejo do meu tempo, o lobisomem era um sujeito que fazia pacto com o diabo (o sertanejo diz: pauta, em logar de pacto), para conseguir a realização de um desejo. Para isso é preciso dar demonstração de grande coragem. Vai se postar, numa noite de sexta feira, na encruzilhada de um caminho, com a camisa vestida pelo avesso e invoca três vezes o nome de satanaz, que na terceira vêz lhe aparece, na figura de um animal forte e valente. E' preciso lutar destemerosamente com o diabo, que vai se transformando, durante a luta, em diversos animais, ora num touro, ora numa serpente, ora num enorme porco; mas sempre negros êsses animais, dos quais se desprende forte cheiro de enxofre queimado. Depois de dar provas de coragem, assina o pacto com o diabo cujo prêmio é sempre a alma do sujeito, que vai ficando pálido e amarelo e que á noite sai para agredir as pessoas que encontra e a beber o sangue de creanças, acompanhado de um tinir de correntes, que são as cadeias que lhe hão de agrilhoar a alma no inferno. Se, porém, tem um encontro com um homem valente, que luta com êle

e o fere, mesmo de leve, se desencanta; mas precisa fazer grandes e rigorosas penitências para se desligar do pacto assinado com o diabo.

O diabo para os nossos sertanejos se apresenta bem diferente do tipo elegante e sarcástico do Mefistofelis de Goethe, que rejuveneceu, a troco de sua alma, o velho Fausto, apaixonado pela beleza moça de Margarida. O sertanejo só compreende o anjo do mal, encarnado num indivíduo asqueroso, ou num animal forte de olhar máu, a soprar fogo pelas narinas e sempre negro e cheirando a enxofre.

Quando um indivíduo enriquece rapidamente e todos os negócios lhe correm bem, tornando-se ao mesmo tempo, egoista e avaro, o sertanejo atribue-lhe que tenha feito pacto com o diabo; mas nêsse caso o satanaz para ganhar a alma do avarento, tem que ficar prêso numa garrafa, cuja rolha é selada com um papel, onde foi desenhada uma cruz e permaneceu durante três missas debaixo da pedra ara do altar de uma Igreja. A garrafa, onde o diabo se encontra prêso permanece oculta debaixo da cama do indivíduo, que lhe vendeu a alma para enriquecer, até sua morte, quase sempre anunciada pelo grito lugubre de uma coruja.

Se uma pessoa é assassinada no sertão e não se conhece o autor do crime, procura-se fazer conduzir a rêde que transporta o cadáver para o cemitério pela pessoa de quem se desconfia que seja o autor do crime, porque se o assassino pega na rêde, o cadáver começa a sangrar abundantemente, mesmo que já tenham decorrido muitas horas do crime. Quando, porém, o criminoso tenta fugir, chama-se um resador, que recita uma oração forte sôbre o rasto do assassino, que não consegue mais se afastar para longe e acaba vindo se entregar á autoridade.

As orações fortes, ás quais recorrem, indistintamente, para o bem e para o mal, servem para fechar o corpo contra veneno de cobra, contra faca de ponta e contra bala. Todos os bandidos trazem pendurados ao pescoço essas orações, que lhes protegem a

pele; mas não lhes abrandam o coração. Mas, a grosseria da superstição vai mais longe: contra um indivíduo que tem o corpo fechado, o meio de ferí-lo é envolver a bala em cêra de uma vela benta.

Os recursos às rezas para evitar moléstias, curar doenças ou combater pragas ainda hoje são largamente empregados sobretudo no sertão baixo, próximo ao litoral, onde, não sei porque, há mais crendices e o povo mais supersticioso. Talvez maior influência africana.

Há orações que curam érisipela, dor de dentes, dor de cabeça, espinhela caída e tôda sorte de moléstia. E essas orações muitas vêzes curam mesmo, pois a sugestão é um dos processos terapêuticos empregados hoje pelos cientistas. Mas, ha outras que curam os animais, quando rezadas no rasto ou mesmo para os lados em que êle pasta, e outras ainda contra as pragas que atacam a lavoura. Para não alongar êste trabalho, vou citar apenas uma oração contra a lagarta que costuma atacar anualmente as lavouras. O rezador vai ao roçado durante três sextas feiras seguidas e diz, ao nascer do sol, em cada um dos três cantos do roçado: "Bom dia peste maldita; Deus Nosso Senhor manda dizer que quem come e não trabalha sai por alí, e aponta para o canto do roçado onde não foi dita a oração, e como a lagarta tem um ciclo de vida muito curto, o milagre se realiza e o agricultor acredita no rezador, embora a lavoura já tenha sido devorada.

E' interessante, porém, assinalar que as orações chamadas fortes, que fecham o corpo contra o veneno de cobra, ponta de faca e bala ou fazem as armas de fogo não dispararem, só podem ser ensinadas por uma pessoa de um sexo a outra de sexo diferente, sob pena daquela que ensina perder o poder que lhe conferia a oração.

No que diz respeito á cura por meio de rezas ou orações fortes, o folclore brasileiro é muito rico notadamente no sertão baixo e no litoral.

Festas Populares

As festas populares mais comuns no sertão do meu tempo eram as vaquejadas, o bumba meu boi, os sambas, as cavalhadas, as festas de São João, de São Pedro e as do Rosário. A Nau Catarineta e o Rei Congo são mais conhecidas no litoral. As cavalhadas ou torneio de cavalheiros estão hoje em desuso. Eram uma das mais típicas e interessantes. Cerca de uma dúzia de rapazes da melhor sociedade, durante as festas do Padroeiro do lugar, vestindo trajes de gala, montados em belos cavalos ajaezados com luxo e armados de compridas lanças, corriam dois a dois para apanhar com a ponta da lança uma argola pendente de uma fita, que iam depositar aos pés da moça de sua paixão, na arquibancada onde assistia ao torneio, e que lhe retribuia colocando uma fita no braço do cavalheiro. Muitos noivados e casamentos surgiram desses torneios.

Nos sambas, o instrumento musical era sempre a viola, pouco a pouco substituida pela sanfona, que tirou a poesia dos sambas antigos, onde se exibiam os melhores cantadores do sertão, notáveis improvisadores, meio vagabundos, convidados para todas as festas, vivendo ao Deus dará, como os aedos da antiguidade, que nos transmitiram, através de muitas gerações, os mais belos poemas da poesia popular das civilizações passadas. Vão infelizmente, desaparecendo êsses boêmios analfabetos, de pés descalços, que fizeram as delícias dos nossos antepassados.

As festas de São João e de São Pedro ainda conservam o mesmo cunho popular dos tempos passados. As fogueiras crepitando em frente a cada casa, as sortes tiradas pelos rapazes e moças casadoras, as cangicadas e o milho verde assando nas brasas, sôbre as quais passam a pés descalços, as modinhas cantadas ao som do violão. Uma alegria sadia e ruidosa, faz dessas festas as mais apreciadas dos sertanejos, cujas casas se enchem dos parentes e amigos das cidades.

As festas do Rosário eram feitas pelos pretos, que elegiam, todos os anos, um rei e uma rainha, os quais ocupavam, na Igreja, um lugar de destaque, acompanhados de suas damas de companhia e guarda de honra. Era a mais ruidosa das festas. Os pretos dançavam e bebiam dia e noite ao som de tambores. Hoje estão muito modificadas e já não ostentam a mesma alegria de outrora, nem o mesmo cerimonial.

As vaquejadas eram as festas mais populares do sertão do meu tempo. A creação se fazia em campos abertos e no fim do inverno os vaqueiros das fazendas de um raio de dez leguas juntavam os gados, durante a semana, para a apartação no dia de sexta ou sábado, numa fazenda previamente determinada, e onde se podiam contar muitas centenas de pessoas e se exibiam os vaqueiros mais dextros e os cavalos mais corredores e mais treinados. Durante os dias da junta os vaqueiros se reuniam à noite, cantavam ao som da viola os feitos mais destacados, que notabilizara bois bravios e cavalos afamados. Eram ABC feitos por poetas anônimos sôbre bois corredores como o Rabicho da Geralda, o Mão Torta, o Boi Espaço, o Boi Surubim, e outros mais, ainda hoje relembrados pelos sertanejos e que constituem a parte mais rica do nosso folclore.

Havia vaqueiros célebres como corredores no mato cerrado e ainda hoje citados, como José Donato, Henrique Dias e rastejadores extraordinarios, que rastejam um boi, correndo a cavalo. Distinguiam o rastro de um animal entre muitos outros e eram capazes de dizer se o animal que rastejavam era macho ou femea, velho ou novo, se tinha algum defeito na vista ou numa das pernas. Além de possuirem uma vista admiravel, eram observadores raros, que sabiam se guiar por um simples ramo torcido ou uma pedrinha deslocada. Hoje, com os campos cercados, desapareceram as vaquejadas, que foram substituidas pelas corridas. São um esporte interessante; mas não há dúvida não tem a mesma

beleza selvagem, nem constituem fontes da poesia popular.

Os bandoleiros e cangaceiros, que viviam do crime, e para o crime foram outra fonte e bastante rica da poesia popular. A vida dos cangaceiros mais célebres era cantada em versos e A B C, que perpetuaram a sua fama. Os feitos tenebrosos uns, de bravura cavalheiresca, outro, de cangaceiros como Rio Preto, Jesuino Brilhante, Chico de Couto, Antônio Silvino e Lampião inspiraram uma abundante literatura popular, que há de servir para um estudo mais profundo da vida aventureira desses tipos rebelados pertencentes à grande família universal dos fóra da lei.

Costumes que vão desaparecendo

Em quase todas as fazendas de meu tempo de criança, acendiam-se à noite fogueiras no terreiro. Era um costume vindo da época em que o sertão estava ainda despovoado e os viajantes fàcilmente se perdiam nas estradas mal seguidas e através de longas distâncias desertas. A fogueira servia de orientação. Alguns fazendeiros mandavam um escravo tocar búsio à noite para orientar melhor o transviado. Esse costume traduz muito expressivamente a nossa hospitalidade. Com a densidade da população sertaneja, raros são os que ainda acendem essas fogueiras no terreiro de suas casas.

Algumas das cruzes plantadas á margem das estradas lembrando a morte de uma pessoa, por crime ou por acidente, estão rodeadas por pequenas pedras que quase lhe atingem o cimo, cada uma dessas pedras representa uma oração que o viajante, ao avistar a cruz, descobre-se e reza por alma do morto.

Outro hábito que já não existe no sertão era a maneira da pessoa se anunciar ao chegar a uma casa. "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo", dizia quem chegava; "para sempre seja louvado" respondia o dono da casa.

* * *

O nosso sertanejo tem uma agudeza intelectual admirável, levando nisso grande vantagem sôbre o caipira do sul. Sua resposta pronta, os ditos de espírito e a facilidade com que aprende qualquer ofício ou o manejo de uma máquina, surpreende a todo o mundo.

A um deles a quem comunicaram que seu visinho — um rico proprietário dera sua palavra de honra como respeitaria, daquele dia por diante a linha divisória de sua propriedade com a dêle, respondeu: — "a palavra de honra do seu coronel é risco nágua". Outro, ouvindo alguém se queixar da estrada que era muito comprida, disse prontamente: "mais comprida é a esperança do pobre." Um matuto conversando com um médico empregou a palavra *esporádica*. O médico que sabia ser o matuto um homem ignorante, quiz pô-lo em aperturas, e interpela-o: você está empregando palavras, cuja significação ignora — diga-me o que quer dizer esporadico. Difinir não sei, retruca o matuto, mas posso dar um exemplo: "o senhor é médico; trata de dez doentes, escapa um, foi um caso esporadico". E como êsses, há milhares de exemplos da vivacidade intelectual do sertanejo, que é também um sentimental. Nota-se bem isso na delicadeza e lirismo da poesia popular, da qual é exemplo a seguinte quadra:

"Esta noite eu tive um sonho
Mas, oh! que sonho atrevido!
Sonhei que estava abraçado
Com a forma do teu vestido."

O sertanejo nordestino é um sentimental e um forte. Foi criado nessa escola de energia e de asperezas que é o sertão. Não é fácil traçar-lhe a evolução do caráter, para o qual contribuiram o amor á liberdade do índio, o espírito aventureiro do português colonisador o fundo sentimental do africano e o meio físico áspero e cheio de surprêzas.

Euclides da Cunha diferencia a mestiçagem dos sertões da do litoral nordestino. "São formações distintas, diz êle, senão pelos elementos, pelas condições do meio. O contraste entre ambas ressalta ao paralelo mais simples... O sertanejo é antes de tudo um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral... O vaqueiro nordestino, criou-se em condições opostas ao gaúcho, em uma intermitência, raro perturbada, de horas felizes e horas crueis de abastança e miséria — tendo sôbre a cabeça, como ameaça perene, o sol arrastando de envolta ao volver das estações periodos sucessivos de devastações e de desgraças.

"Atravessou a mocidade numa intercadência de catástrofes. Fez-se homem, quase sem ter sido criança. Salteou-o, logo, intercalando-lhe agruras nas horas festivas da infância, o espantalho das sêcas no sertão. Cêdo encarou a existência pela sua face tormentosa.

"Fez-se forte, esperto, resignado e prático. Aprestou-se cêdo para a luta. Atravessa a vida entre ciladas, surprezas incompreensíveis, e não perde um minuto de tréguas. E' o batalhador perenemente combalido e exausto e perenemente audacioso e forte; preparando-se sempre para um reencontro que não vence e em que se não deixa vencer."

Encerrando esta palestra com essas observações de Euclides da Cunha, quero apenas acrescentar que o sertanejo nordestino oferece o exemplo mais admirável, na história deste Continente, de coragem e de tenacidade, lutando e vencendo, primeiro o deserto que devassou, depois os indios, que expulsou, ou incorporou, e por último a natureza, que vai corrigindo e dominando à custa de esforços e trabalhos inauditos. Embora anônimo, é um grande e legítimo herói.

---

* — **Lido, pelo autor, numa das sessões da Academia Norte-Riograndense de Letras.**

A Ressuscitada de Cunhau

ANTÔNIO FAGUNDES

A história do Rio Grande do Norte contém lendas e tradições interessantes e curiosas. São o enlêvo dos amadores do folclore, sempre ávidos em fazê-las reviver na posteridade.

Criadas pelo fetichismo do aborígene, as lendas são o traço etnográfico da raça mestiça e chegam até nós através da forte lei do atavismo, manifestada pela congênita inclinação para as crendices e as superstições.

As tradições estão, por vêzes, envolvidas em mistérios e contradições inverossímeis, ou não, e constituem assunto predileto entre os que se aprazem de comentar o passado na doce ilusão, talvez, de que possam, com elas, revigorar o físico do mesmo modo que revivem os dias barrufados pela ventura e cheias das esperanças transbordantes na risonha juventude.

Que possam elas servir de tema nas tertúlias do cenáculo das letras potiguares, onde a maestria da pena e os encantos da arte criam-nos momentos de delícias, de enlêvo, de sublimação.

Por mim, respeitáveis confrades, manda a verdade confessar, que podereis esperar do espírito atribulado e sempre defrontando exhaustivo trabalho, quiçá improfícuo, diuturnamente, por dez horas, em meio de crianças e jovens, coibindo-lhes os abusos, desejoso de incutir-lhes o hábito das boas atitudes, incentivando-os a que saibam e queiram usufruir da escola o que de salutar e nobre ela possa dar-lhes?

Sòmente um pouco de boa vontade, palavras

descoloridas, sem viço e sem alma, que é sòmente o que me resta desse labor. Cumpre-me esperar a oportunidade essencialmente agradável de ouvir e apreciar o "engenho e arte" da vossa robusta inteligência.

Estremoz possui a lenda do "Tesouro Encantado", tantas vêzes doado em sonho aos crédulos do soterramento de moedas de ouro e prata, brilhantes e fascinadoras, e a do "Carreiro" insone, que, por desídia ou cansaço, deixou que o sino da capelinha de São Miguel ficasse com êle mergulhado nas profundezas da lagoa misteriosa, para, nas horas quietas da noite badalar, dolente, espalhando, no ar, sons graves de convite, para as cerimônias do culto divino, ou pedir orações em favor da alma penante do carreiro negligente que morreu em pecado mortal.

Em Cunhau já não é a velha Cantofa, nem a cândida Jandí, a primeira em pleno ocaso da existência e a última na alvorada da vida, ambas no entanto, escrevendo a epopeia do amor tão docemente cantado pelo estro do ilustre desembargador Antônio Soares, um dos mais brilhantes intelectuais que honram a Academia.

Núcleo dos mais importantes ao tempo da Colônia Cunhau pertencia à aristocrática família dos Albuquerques Maranhões, prestigiosa, rica, influente e respeitada em um raio de dezenas de léguas. Foi alí, por algum tempo, o refúgio dos homens encarregados das "emprêsas arriscadas", que encontravam guarida à sombra do prestígio e do poderio das armas, contra as quais eram improfícuos os bons propósitos das autoridades constituidas.

A êsse feudo — aldeia memorável que assistira ao trucidamento do venerando padre Soveral e muitos fiéis — prende-se uma tradição das mais singulares, assaz curiosa e de imensa repercussão no espaço e no tempo, misteriosa, tétrica, impressionante pela monstruosidade e curiosa pelo emaranhado do enrêdo, de contradições e controvérsias.

Meu avô paterno, de quem herdei o nome por

inteiro e que viveu durante quase 60 anos dos labores da agricultura, em um trato de terra distante de Cunhau apenas 12 quilômetros, reproduzia a tradição por informações fidedígnas.

Estava eu nos meus 11 anos, idade do alçapão e da arapuca, da caça aos ninhos e da pesca de anzol quando a ouvia, em tôdas as minúcias, nas horas de serão do velho solar em tôrno do qual brotou a minha alma de garôto amigo das campinas e das aves indefesas.

Câmara Cascudo, nosso ilustre confrade, o amador mais entusiasta do folclore e a mais respeitável autoridade, no assunto, entre nós, investigador paciente e pertinaz, teimoso, reproduziu-a em suas apreciadas "Atas Diurnas". Reafirmo que o nosso cronista revelou-se essencialmente fidedígno à tradição, pois que a reproduziu tal como a ouvira eu com interêsse vivo e rara curiosidade, tão presente à reminiscência ainda hoje, após sete lustros.

O FATO EM SUA REALIDADE

O Comendador Antônio de Albuquerque Maranhão Cavalcanti, da família dos Albuquerques, antigos possuidores daquele sítio e circunvizinhanças, habitava-o, desde algum tempo, e alí fazia valer o seu poderio e grande prestígio. Era parente afim do Dr. Amaro Carneiro Bezerra Cavalcanti, prestigioso e acatado político.

Do consórcio do Comendador com D. Joana de Albuquerque Maranhão nasceram quatro filhos, dos quais sòmente um do sexo feminino — a D. Maria Umbelina, protagonista dêsse drama que passou à tradição com o nome singular de "A Ressuscitada de Cunhau".

Casou-se D. Maria Umbelina com o capitão Anacleto José de Matos, amigo da família Albuquerque Maranhão, cidadão abastado, autoridade policial, e gozando de largo prestígio político.

As bodas foram pomposas como seria de prever.

Um ano após, D. Maria Umbelina falecera, em

consequência de parto. O desenlace consternou tôda a família, os amigos e os conhecidos. Das cricunvizinhanças foi crescido o número dos que acorreram a Cunhau, para coparticiparem da mesma dor, golpe que tão cruelmente ferira a aristocracia potiguar.

De São José de Mipibu, seguiu a música para executar trechos fúnebres no ofício religioso que foi celebrado por Frei Serafim de Catânea, missionário capuchinho que se encontrava em Vila Flor, no exercício do santo ministério.

D. Maria Umbelina foi sepultada na própria capelinha de Cunhau, junto da porta que dá para a sacristia — informa Câmara Cascudo.

As exéquias de trigésimo dia não foram menos solenes. Enorme concorrência de amigos, pregação de Frei Serafim, ofício religioso, acompanhado com trechos fúnebres executados pela música de São José, que voltara para êsse fim.

A TRADIÇÃO

Quatro anos mais tarde, em 1862, surgiu a notícia da ressurreição.

Apareceu, na capital da Paraiba, em pensão suspeita, uma mulher de *vida fácil*, que adoecera gravemente e para a qual fôra chamado médico. Depois de fazer as necessárias observações clínicas, o facultativo enxugou a tinta da receita, prescreveu a dieta para a doente, e não contendo em si a surpresa que o dominava, proclamou em grave entonação: — "Se eu não houvesse assistido em Cunhau, no Rio Grande do Norte, ao entêrro da filha do Comendador Antônio de Albuquerque Maranhão Cavalcanti, diria que se tratava da mesma pessoa". Tal a semelhança que encontrava entre a cliente e a matrona respeitável da aristocracia potiguar.

Do quarto onde se achava e com a voz entrecortada pelo acesso de impaludismo, a doente retrucava serenamente: — "E não se engana, doutor; eu sou a D. Maria Umbelina, filha do Comendador Antônio de Albuquerque Maranhão Cavalcanti e

casada com Anacleto José de Matos". E relatou, minuciosamente, a história de sua vida cheia de episódios desconcertantes, estranhos, esquisitos.

Casara-se por imposição dos pais. O eleito do seu coração era um português moço, robusto, forte, jovial, maneiroso, enquanto Anacleto era grosseirão, impulsivo. Depois de casada tivera encontros com o seu predileto em um dos quais fôra surprendida por Anacleto. Ciente o Comendador das ocorrências, afronta aos brios da família honesta e prestigiosa, sempre muito respeitada, reuniu os parentes mais próximos — uma espécie de Conselho de Família muito comum naquela época — discutiu o caso e aceitou o *veredictum*: a filha seria eliminada para evitar o escândalo, a vergonha, o opróbrio.

Foi preferido o processo de envenenamento porque seria o mais fácil para simular morte natural.

Ela, Maria Umbelina, fôra recolhida a um dos aposentos do solar, incomunicável, sob a vigilância de um dos escravos de confiança, armado de bacamarte. A sentenciada recebera ordens para encomendar-se a Deus e pedir-lhe perdão dos pecados.

Uma jovem escrava, amiga de Sinhá Moça, informada do plano sinistro, conseguiu romper o cêrco e estabelecer comunicação entre o português e a prisioneira. Cogitaram êles, então, de estudar os meios para evitar a consumação do intento sinistro.

Pela madrugada de um daqueles dias tenebrosos quando as aves dormiam entre as lianas das copas frondosas e sombrias, e apenas ouvia-se um ou outro mugir do gado no aprisco, um preto" de confiança galopava com destino a Vila Flor, levando carta endereçada a um parente do Comendador. De volta, conduziria o veneno que havia de consumar a tragédia.

Os fatos, porém, torceram os acontecimentos. Antes de chegar a Cunhau, o emissário de confiança era detido pelo português, que não custou a convencê-lo da necessidade de salvar a vida da Sinhá Moça. Para tanto, seria preciso sòmente trocar o vene-

no por um narcótico igual na forma e na côr. A prisioneira, que seria avisada do engenho urdido, poderia tomar desassombradamente o que lhe dessem; tudo correria por conta do predileto dos seus amores.

E tudo foi cumprido fielmente.

Quando o sino da capelinha badalava as Ave-Marias e os campos virentes vestiam-se com a penumbra que era o prenúncio da noite, a filha do Comendador expirava no seu leito de jacarandá trabalhado com os esméros das artes antigas. Tudo o mais seguiu o rumo natural: sepultamento na capelinha, celebração das exéquias, consternação dos parentes e amigos. Mas, nas horas quietas da noite, a suposta falecida despertara nos braços do português. Em cavalos possantes e seguidos por dois "cabras" de confiança, armados e decididos, correram até Barra de Cunhau. Dalí, em canoa, rumaram até Baía da Traição, onde se passaram para uma barcaça que, em rumo norte, deixou-os em Fortaleza. Ficaram, dêsse modo, resguardados da prepotência da família Albuquerque Maranhão, que desfrutava, também, de poderosa influência na Paraíba.

Na terra de Iracema, sob o farfalhar das palhas de coqueiro, viveram alguns anos, felizes, no enlêvo de jovens enamorados, que não vêem maior grandeza na face da terra. Morrera o português e o horizonte cobriu-se de nuvens negras. Substituiu-o um soldado da polícia cearense que sempre destacava para o interior. Viajando ela, para São José de Piranhas, com o intuito de assistir a umas novenas, enamorou-se de um outro soldado, do qual sòmente se afastou quando êle mudou de destacamento. Resolveu, então, rumar para a capital da Paraiba e ali se encontrava, desamparada, combalida pelo impaludismo, vencida pela dor física e abatida pelos revezes da sorte, sem recursos para tratar-se.

Essa narrativa tomara vulto, espalhara-se na cidade e chegara até a polícia que promoveu diligências a fim de apurar a verdade e punir o crime.

O Comendador e o ex-genro compareceram

perante as autoridades policiais.Afirmaram ambos, categoricamente, nunca terem visto aquela mulher e contestaram os depoimentos das testemunhas arroladas. D. Joana de Albuquerque Maranhão também não reconhecera a filha.

Enquanto isso, a vítima defendia-se, com ardor e tenacidade, e referia particularidades da família com precisão surpreendente: — Anacleto teria uma cicatriz em forma de meia-lua, acima do mamilo esquerdo, consequência de uma dentada que ela própria lhe dera; D. Joana tinha um sinal bem visível no alto da perna direita.

E' de estranhar que ambos se negassem à vistoria pretendida pela polícia. Seria até mesmo um desrespeito e inexplicável desconsideração querer-se proceder a exame pericial na perna da matrona tão recatada e tão digna, pertencente à mais elevada sociedade

Apareceram os amigos do Comendador. A situação política era favorável ao Dr. Amaro Bezerra, e não lhe foi difícil sustar a marcha do processo. Em consequência, a ressuscitada desapareceu e o Chefe de Polícia recebeu transferência para o sul do país. O povo, entretanto, continuou em rumores surdos, sem conformar-se com as providências oferecidas para o caso.

CONJECTURAS

Fatos anteriores foram ligados ao caso e, aqui ou alí, supridas as lacunas por aceitáveis conjecturas.

Anacleto, que fora delegado de polícia, tivera que punir pelo crime de furto de gado, três irmãos de nomes Francisco, Antônio e Manoel Cavalcanti, que lhe juraram vingança. Encontrando aquela mulher fìsicamente parecida com a espôsa de Anacleto, formaram o enrêdo e instruiram-na de como devia agir e comportar-se em qualquer circunstância, na cena do singular drama que urdiram. Verdade é que depois que o processo desapareceu os pais da suposta D. Maria Umbelina apareceram e tudo

foi divulgado no PUBLICADOR e transcrito, em 1943, pela A UNIÃO, da Paraíba, segundo nos afirma o escritor Câmara Cascudo.

Eis a explicação, o mistério desfeito: —

Catarina Maria da Conceição ora alucinada e achava-se recolhida ao Hospital de Caridade. Era filha de Antônio Alves de Oliveira e Mafalda de tal. Casara-se com Manoel Joaquim de Oliveira e adoecera depois de um parto. Tinha o espírito em alternativas de calma e de furor. Ouvida pela autoridade policial, em presença do pai, mostrou-se terna, carinhosa, porém era suficiente ouvir falar sôbre o marido, para exaltar-se violentamente. Dizia-se D. Maria Umbelina, filha do Comendador, mas reconhecia Antônio Alves de Oliveira, por seu verdadeiro pai. Quando lhe perguntaram porque se dizia filha do Comendador, respondeu que era porque o achava parecido com o seu pai.

Seria, realmente, Catarina a criatura encontrada na pensão de mulheres de vida fácil, tiritando sob o frio palúdico? Como poderia uma alienada reproduzir fielmente a mesma história, sem contradições, sem tropeços, vêzes seguidas, em diferentes oportunidades?

Câmara Cascudo fala de pessoas que lhe prestaram informações sôbre a veracidade de algumas ocorrencias. Dentre os informantes, cita D. Filomena de Medeiros, minha conhecida, desde quando, em Açu, exercia eu função pública, de 1916 a 1922, da qual posso dar testemunho da firmeza de caráter e ilibada idoneidade.

D. Filomena referiu fatos com a autoridade de neta do Coronel Manoel Salustiano de Medeiros, padrinho de meu pai, e que foi o segundo sogro de Anacleto José de Matos, o qual esteve na Paraíba a fim de prestar depoimento em favor do Comendador, ao tempo em que passou pelo constrangimento de ser interrogado, juntamente com a sua veneranda espôsa, a respeito de um assunto que lhe feria de cheio o coração.

O avô materno de D. Filomena, Joaquim

de Araújo Mélo, era íntimo da Casa Cunhaú. Manoel Salustiano de Medeiros ajudara a colocar, na urna fúnebre, o corpo inanimado de D. Maria Umbelina e a conduzí-lo à sepultura. Recordou no depoimento que a filha do Comendador fôra sepultada com uma marrafa de tartaruga, muito usada na época, com ouro e pedrarias, colocada do lado esquerdo. Fizeram vistoria, afirma o cronista. A cabeleira estava ainda perfeita e nela, a marrafa de tartaruga, ouro e pedrarias. Nenhuma dúvida, pois. A ressuscitada de Cunhau nascera da ficção. Era aquela outra mulher industrializada, talvez, para encenar o drama que havia de atingir fortemente, a dignidade, o prestígio e o coração da mais nobre família da Província.

* * *

Eis tudo o que se conseguiu esclarecer. O restante desapareceu na poeira dos arquivos, consumido pelo tempo. Perdura sòmente a tradição fixada pelo mistério, que a envolve, para renascer nas divagações dos espíritos afeitos ao culto do passado, levados pelo desejo de trazer à luz meridiana, tudo quanto possa envolver-se na penumbra do esquecimento, fugindo às reminiscências, aliás sempre eivadas de lacunas, despidas de continuidade.

Patriotismo dos mais elevados, dos mais dígnos de encômios, seria o esmiuçar dos arquivos, o interpretar dos manuscritos, ajustar os fatos, cordená-los, trazê-los, até nós, para grandeza maior da Potiguarânia e gáudio dos que realmente estremecem a terra que Felipe Camarão soube cobrir de glórias imperecíveis e Miguelinho dignificou à custa do próprio sangue.

O Forte dos Reis

BRUNO PEREIRA

E' sob este arcaico dístico, que a minha retina trasladou, talvez, de uma página gongórica de Rocha Pita, que eu, desse esboço de cidade balneária que é Redinha, vejo emergir todas as manhãs a velha fortaleza anfíbia, pelos nossos maiores plantada entre a terra e o mar para a defesa da conquista, no estuário rumoroso do Potengí! O sol ergue-se sôbre ela todas as manhãs, e envolve-a para os meus olhos deslumbrados na sua purpura real, como que para consolá-la do desprezo a que ingratamente a relegaram os homens de hoje, apercebidos da sua impotência e da sua fraqueza! E então avulta no campo visual de minha imaginação todo o passado de glórias e de sacrifícios que aqueles muros, estonados pela patina do século, recordam. E' o frade hirsuto vindo da velha Lusitânia para *dilatar a fé e o império,* frade guerreiro, templário atrevido, que traz no bolso da samarra de escumilha, o breviário, e o compasso, com que, entre preces e pragas, gisa a traça do forte e preside a sua construção!

São as bocas brônzeas das columbrinas vomitando a morte sobre as náus de Holanda e da França, e depois, por noite alta, a voz solitária das sentinelas, na treva imensa, apunhalando o côro vagneriano das vagas, que batem soturnamente as suas muralhas.

Depois, a tortura de Jaguararí, purgando um crime de traição que jamais praticara, êle, o leal vassalo da gente lusa, que sela com o seu martírio

a aliança da sua raça com os conquistadores, maravilhados de tanta nobreza. E rodam os anos, e naquele palco de glória agonisa numa lugubre enxovia o vulto legendário de André de Albuquerque, que o ventre roto, e exangue, morre por ter sonhado para a sua Pátria a liberdade!

Hoje, aluidos os muros, abatidas as casamatas, desguarnecidas as ameias, desertas as suas atalaias, o velho forte morre, aos poucos, ruido pelas ondas e atacado por mãos sacrilegas que lhe roubam as garras de cobre que unem as pedras dos seus bastiões, e as vão fazendo cair, no abandono e na indiferença dos a quem cumpria zelar pela sua conservação!

Única testemunha das lutas homéricas do passado, único monumento histórico, a falar nas terras potiguares, da epopeia holandeza, da bravura e estoicismo da nossa raça, do espírito de sacrifício dos nossos avós, não se compreende que o deixemos morrer, acabar-se...

N. da R. — Êste artigo, publicado, numa fase agitada da nossa vida política, e guardado, avaramente, por um admirador do panfletário vigorôso e destimido, reaparece, agora, nas colunas desta revista, menos pelo tom polêmico que o galvaniza do que pelo brilho e fulgor do seu estilo. Na fase em que foi escrito e divulgado seria justo, talvêz, o processo irônico da sua linguagem azêda e contundente. Atualmente, não! O Forte foi reconstruido e está sendo conservado como merece. Esta pagina, porém, continúa valendo pelo brilho das imagens, pelo estílo nobre e elegante, pela fôrça do verbo que a anima e vivifica, pelo tom dramático e de epopeia que a envolve. Vale, sobretudo, por um poema em prosa da nossa literatura.

O homem e a árvore

NILO PEREIRA

No dia 26 do corrente elegeu-me a Academia Norte-riograndense de Letras seu sócio efetivo. Devo por êsse gesto uma palavra de agradecimento, que venho escrever agora, antes de fazê-lo em discurso de posse.

Uma vez disse de mim o escritor Gliberto Freyre que eu era um norte-riograndense não de todo desnaturado pelo Recife. Um homem pode viver anos inteiros onde quiser ou onde o atirar o destino, que se põe a escrever certo por linhas tortas; isso nunca significará a extirpação de raizes emocionais, que se plantam numa terra diferente — aquela onde nascemos. E quando se nasce, como eu, no vale do Ceará-Mirim, essas doces raizes só fazem se aprofundar, sendo que por elas sobe uma seiva de ternura e de encantamento indiziveis. Para mim a visão do vale é eterna.

Posso receber na minha vida as mais altas e mais tocantes homenagens; nenhuma como as que me presta a terra onde nasci, onde formei o meu espírito e de onde trouxe o sentimento essencial da própria vida. E' o que sinto diante dessa eleição com que a Academia de Letras do Rio Grande do Norte me considera seu sócio efetivo e me dá, com efeito, um testemunho que tem o condão, mais do que nenhum outro, de mostrar que essas coisas do coração — pois a minha escôlha obedeceu apenas a impulsos afetivos — são realmente as coisas definitivas e profundas que ainda superam a contingência do cotidiano.

Membro da Academia Pernambucana de Letras, honraria que ainda hoje pergunto porque me foi concedida, vejo-me agora membro de outra Academia, a do meu Esta-

do. Isso me leva a reflexões. Sinto-me hoje disposto a confissões, embora não muito certo da necessidade delas. A grande confissão que tenho a fazer é precisamente esta: não mereço tais distinções. Sou um homem humilde por temperamento. Olho para dentro de mim mesmo e vejo-me (êsse olhar interior me vale, Deus meu, a vida mesma na sua realidade mais tangível e mais fria) inteiramente desvalido dos talentos que se reclamam para que um acadêmico honre a instituição de que faz parte. Porque sempre achei que as Academias de Letras desempenham um grande papel na cultura e precisamente na anti-burocratização da cultura. Delas não se pode dizer, senão quando vistas à distância ou simplesmente encaradas com sistemática perfídia, que sejam organismos onde uma literatura empalhada termina virando peça de muséu. Nem elas são cavacos de acadêmicos sob medida, distraídos no "preciosismo" das reuniões. Afinal, se os espíritos mais independentes e por isso mesmo mais anti-acadêmicos chegam tranquilamente às Academias, é que elas não torceram a Literatura nem se aburguesaram em rotina ou função padronizada, exigindo apenas que o funcionário das Letras seja bem comportado e fiel aos Estatutos.

Nos meus tempos de estudante de preparatórios em Natal olhava de longe a Academia como algo de Terrivel. Sabia que homens ilustres (o homem ilustre para um estudante é uma coisa fantástica, que não se atinge senão pela imaginação, nunca pelos contactos banais entre os mortais e os comuns) estavam alí dentro como sêres um tanto irreais. Nunca pensei ser algum dia um dêsses homens, senão ilustre, mas acadêmico da mesma Academia dêles. Chego a isso por uma generosidade tamanha que eu penso, às vezes, ter sido a homenagem — da qual se encarregou com uma devoção quase religiosa de amigo o escritor Rodrigues de Melo, Presidente da Academia — um estímulo ao conterrâneo distante antes mesmo que um reconhecimento de qualidades intelectuais. Pois se me falecem tais qualidades, a explicação recai na ternura sentimental de companheiros que acharam essa maneira não sei se diga lírica de ter o extraviado um tanto ao lado

dêles. Isso para mim representa a compensação de quanta decepção tenha eu sofrido: a presença quase física na Academia de um norte-riograndense que, afinal, não se deixou desnaturar em terra alheia e que sob o signo das Letras consegue unir numa mesma emoção espiritual essa dupla condição de ser tanto do Rio Grande do Norte quanto de Pernambuco; tanto do Ceará-Mirim quanto do Recife.

Se o homem fosse como uma árvore, eu diria que ninguém o arranca com as raizes mas só com as fôlhas que o vento tange pelo chão imenso das aventuras do espirito.

(Folha da Manhã — Recife, 29—5—955.)

As Pendências

M. RODRIGUES DE MELO

Pendência é têrmo usual e corrente no português dos três primeiros séculos da colonização, exprimindo luta, questão, contenda, combate, guerra. Era comum dizer-se naqueles tempos de decisão heróica e de desprezo pela vida: "tomou parte na pendência", "durou a pendência", "pendenciou", "pendenciarão", na acepção de "luta", "briga", "combate", "contenda". Deduz-se do expôsto, que o vocábulo é o mais nobre, glorioso e bonito, alegado, invariavelmente, nas prestações de serviços a El Rey, tôda vêz que se requeria promoção aos altos postos da milícia real. Curiosamente, tôdos os dicionários o registam, ainda hôje, na significação tradicional e legítima. E' mais uma prova da sua permanência no espaço e no tempo.

Examinado, porém, sob o ponto de vista político, pendência quer dizer luta pela posse da terra virgem e bárbara, guerra ao "tapuio brabo", insuflado, ora pelo francês, ora pelo holandês, contra o português, colono típico e excelente povoador. Vejamos, porém, os documentos comprovadores. Ernesto Ennes, alto funcionário do Arquivo Histórico Colonial Português, em Lisbôa, publicou um livro — *As Guerras nos Palmares* — da mais alta importância para o estudo da vida nos Palmares de Pernambuco, e para o reexame da rebelião dos índios, no Açu, do Rio Grande do Norte. E' dêsse livro, precioso

repositório de documentos, na maioria inéditos, que nos serviremos adiante para mostrar três coisas:

1.º) que pendência é têrmo contemporâneo da colonização;
2.º) que pendência quer dizer luta, contenda, questão, combate, guerra;
3.º) que as pendências norte-rio-grandenses se escrevem no plural e não no singular.

1.º) pendência, têrmo contemporâneo da colonização

Ninguém desconhece que os séculos 16, 17 e 18 foram de intensa mobilidade social, ora em busca do índio para o trabalho dos engenhos, ora a procura de ouro e diamante, nas minas, ora a serviço da catequese e da civilização, ora ainda, visando o devassamento da terra virgem e bárbara, anseiando conquistá-la para Deus e para o Rei de Portugal. Nêsse meio e nêsse clima a lingua, a religião e os costumes de ultra-mar teriam que sofrer influências e exercer as suas próprias, num trabalho de reação e acomodação social muito comum e natural entre as comunidades conquistadoras e conquistadas. Um estudo comparativo das manifestações psíquicas, morais, artísticas, linguísticas, politicas, sociais, religiosas, da gente da colônia com a de hoje, serveria, naturalmente, para mostrar as diferenças que as separam no tempo e no espaço. Do mesmo modo que o ser humano tem o seu ciclo natural de evolução, nascendo, crescendo e por fim desaparecendo, assim também as línguas e as artes podem ter os seus períodos de ascenção, de estagnação ou de morte. Isto posto, não é de admirar que uma palavra, por exemplo, usada, há três séculos, sob determinada significação, o seja, atualmente, sob outra, e às vêzes até perca a sua siginificação. Outras, porém, jamais perdem o conteudo semântico e resistem ao tempo com aquêle brilho, pureza e integridade só admissíveis nas velhas moedas de ouro de bom quilate.

Está, neste caso, a palavra pendência. Empregada, com frequência, na fase do bandeirismo seiscentista e setecentista, usual e corrente nos três primeiros séculos da colonização, ficou adstrita aos documentos daquela época, quando não encontrou um topônimo que lhe perpetuasse a memória. Pendência, felizmente, teve a protegê-la do esquecimento e da morte, não só a massa documental dos arquivos brasileiros e lusitanos, como os verbetes dos dicionários da nossa língua, ao lado dos topônimos que evocam, na América Portuguêsa, a sua existência gloriosa e eterna. Vamos respigar aquí, alguns exemplos, dos numerosos que anotamos, em leituras e pesquisas de nossa especial predileção. Em 1643, os Oficiais da Câmara da Bahia, escrevendo a Sua Magestade, El Rey de Portugal, diziam a certa altura: — *"aquem temos muito que agradecer no que em semelhante auto e o em sua pendência de si mulou"*. (1) Na Consulta do Consêlho Ultramarino, de 20 de Dezembro de 1697, sôbre Luís da Silveira Pimentel, dizia-se: — *"no encontro com o gentio Jucurúz, durando a pendência sete horas"* (2)

Em outra Consulta do Consêlho Ultramarino, de 20 de Dezembro de 1698, sôbre Carlos Ferreira, entre outras coisas, se afirmava: "acha*ndosse tambem na marcha q. se fez ao sítio de Gongoro em que se pendenciou com ellez, e se retirarão com grande perda."* (3)

No requerimento que fêz Domingos Jorge Velho a Sua Magestade, em seu nome e no dos seus Oficiais, diz o Mestre de Campo: — *"Na margem da Lagôa do Podi, pendenciarão com os Iandoins, e outras nações agregadas"* (4).

Adiante, informa: — *"não foi esta pendência sem perda de nossa gente, pois morrerão quarenta e trêz"* (5).

Ainda na Consulta do Consêlho Ultramarino, de 18 de Novembro de 1699, sôbre Constantino de Abreu, se diz: — *"na pendencia q. houve junto da estancia do Mendonça fronteyra aos Afogados fa-*

sendo a abrigaçam de valente e honrado soldado" (6).

E, finalmente, na Consulta do Consêlho Ultramarino, de 11 de Dezembro de 1699, sôbre Joam de Montez em que se diz que em *"1689 no outro encontro da Faz. a de João de Nobalhas durando a pendencia das 7 horas do dia até as 3 da tarde"* (7).

Êsses depoimentos dispensam qualquer comentário e provam, ao lado da ancianidade do vocábulo, a sua significação rigorosamente semântica.

2.º) pendência quer dizer luta, contenda, questão, combate, guerra.

Atentando-se bem para as transcrições do parágrafo anterior, chegar-se-á, naturalmente, à evidência, de que não há outra explicação para o significado da palavra pendência, senão esta do *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa,* de Hildebrando Lima e Gustavo Barrôso, à página 865: — *"pendencia (dên),* s.f. Contenda; briga; conflito; tempo durante o qual uma causa ou recurso está *pendente* ou correndo".

3.º)..as "pendências" norte-riograndenses se escrevem no plural e não no singular.

O velho Francisco Carlos Cabral, homem dos seus noventa anos, nascido e criado nas pendências norte-riograndenses, costumava responder a quem lhe perguntava a significação do lugar onde morava:—

Isto aqui foi lugar de muito cabôclo brabo, de muita luta, de muito sangue, de muita guerra entre os tapuios e os marinheiros; porisso ficou se chamando pendências."

Essas palavras do ancião da Pendência de Cima ficaram retinindo aos nossos ouvidos como pancada de martelo velho em ôlho de enxada nova. Francisco Carlos Cabral morreu. Os anos rolaram por cima da

sua cova. Mas, as suas palavras ficaram soando aos nossos ouvidos como voz de sino tangido em manhã clara e luminosa.

Em 1945, por ocasião da passagem do Cinquentenário de Pendências, repetiamos, em artigo, as informações ouvidas, tantas vêzes, dos velhos moradores, sôbre o drama heroico da conquista, entre índios e colonizadores. (8)

Seis anos mais tarde, em 1951, esclareciamos melhor o assunto, publicando trechos de uma escritura de 1712, em que aparecia a expressão "Lagoa chamada as Pendências", localizada no sítio Curralinho da praia da Ribeira do Açu. (9).

Por êsse documento ficou provada a ancianidade do topônimo pendências e a veracidade da grafía no plural.

Ao lado desses argumentos militam outros de grande pêso. Perto da "Lagoa chamada as Pendências" havia um "Arraial" a que deram posteriormente, o nome de "Arraial" do Medeiros",ligando-o ao proprietário Manuel Alves Barbosa ou Manuel Medeiros, agricultor e fazendeiro que alí residiu dos meiados para fins do século XIX. Mas a designação de "Arraial" era anterior a êsse proprietário, o que indica que houve alí aglomeração de índios em trabalho de catequese ou aldeiamento na fase colonial. Outra designação pela qual sempre foi conhecida a referida região era a de "Sítio Cariri", palavra, como sabemos de origem indígena.

Dando fôrça e prestígio aos documentos escritos fala a voz da tradição que não morre, exclamando pela bôca do povo simples, bom e ingênuo, mas vivo e palpável, em dois séculos e meio de repetição: — "vou pas pendenças", "venho das pendenças", "móro nas pendenças".

Luís da Câmara Cascudo, uma das maiores autoridades em historiografía norte-rio-grandense, escreve, à página n. 355 do seu novo livro *História do Rio Grande do Norte*: — "Pendências — a mais antiga menção encontra-se numa sesmaria concedida em 9-10-1712 ao sargento mor do Terço dos Paulistas

José de Morais Navarro do *sítio Curralinho da Praia da Ribeira do Açu, que pega da Lagoa chamada as Pendências para baixo.* Pendências são rixas, lutas, tumultos. O povo diz sempre no plural, as Pendências." (10)

Nestor Lima, outro historiador de conceito no Estado, escreveu, em 1945: "aos sábados vinham á feira os moradores da várzea e dos povoados próximos: Lagôa do Ferreiro, Lagôa Redonda, Xambaquixaba, Arraial, Casa Forte, Comboeiro, Alemão, Poço da Lavagem, Pendências e outros eram nomes que eu escutava, a todos os momentos, de várias bôcas e de variadas procedências". (11)

Ainda assim, o argumento de maior fôrça, é dado pelo próprio povo de Pendências, quando impôs pelas leis do hábito e do costume a diferenciação entre as três pendências: *Pendência de Cima, Pendência de Baixo e Pendência do Meio,* que reunidas dão, indiscutivelmente, Pendências.

Se contra os fatos não há argumentos, os fatos históricos e linguísticos das pendências norte-riograndenses são, incontestavelmente, estes, sem apelação e sem agravo, no tribunal da história...

---

(1) Documentos Históricos do Arquivo Municipal — Cartas do Senado — 1638/1673 — 1.º Volume—Salvador — Bahia — Pg. 21.

(2) Ernesto Ennes — **As Guerras nos Palmares** — Brasiliana — 1.º volume, pg. 270.

(3) Ernesto Ennes, Idem Idem pg. 304

(4) Ernesto Ennes, Idem Idem pg. 319.

(5) Ernesto Ennes, Idem Idem pg. 319

(6) Ernesto Ennes, Idem Idem pg. 405

(7) Ernesto Ennes, Idem Idem pgs. 409/10

(8) Cinquentenário (Polianteia) pgs. 8, 12, 21, 22, 49, 50.

(9) M. Rodrigues de Melo — **Pendências, topônimo de mais de dois séculos — Tribuna do Norte, 25 3-51.**

(10) Luís da Câmara Cascudo — **História do Rio Grande do Norte** — pg. 355

(11) Nestor Lima — **O Vale do Açu** — Cinquentenário (Polianteia) pg. IV.

ARQUIVO

Há treze anos...

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Encontrava-me em 1936 no Rio de Janeiro e um dos meus companheiros de ônibus ou bonde era Afonso Costa. Hospedava-me no Flamengo e êle residia em Botafogo, havendo um percurso diário e comum, voltando para casa. A conversa tinha um assunto predileto que era a fundação da Academia Norte Riograndense de Letras. Afonso Costa estava obstinadamente tentando criar uma Academia em cada Estado para fortalecer a Federação, tornando-a de influência decisiva pela reunião de todos os colégios literários, espalhados pelo Brasil. De tanto conversar e sugerir, acabei prometendo meter-me na campanha, deconfiado e temeroso como todo provinciano que sabe onde os tatús dormem e sesteiam.

Em Natal morava eu na avenida Junqueira Aires, 393. Fiquei umas semanas pensando no compromisso. A época não era simpática porque tinhamos saído de tumultuosa e áspera batalha eleitoral. Vencedores e vencidos estavam em vermelho branco, irreconciliáveis. A política pacificadora não aparecera ainda. As inimizades e desencontros eram frequentes e conhecidos. Como juntar no mesmo poleiro todas as aves ainda feridas do embate furioso?

Lembrava-me das tentativas anteriores. Na última fase do Centro Polimático passára essa idéia de transformar a sociedade numa Academia. O Centro ia morrendo de inanição e os seus membros mais desejavam a liberdade do trabalho solitário que a-

tender a um toque de reunir para o esforço coletivo. O Centro, com sua revista, desapareceram numa indiferença glacial.

Anos depois, um advogado prestigioso, Heraclio Vilar, (1893-1931) pensou na Academia e mandou-me chamar. Tivemos umas horas de plano na sua casa, onde está atualmente a agência de Correios e Telégrafos da Cidade Alta. Heraclio queria dividir a Academia em classes, pelas funções dos acadêmicos, ciências, jornalismo, poesia, romances, história, geografia, etc. Andamos uns mezes trocando imagens, soprando as brazas da idéia. Era o Ano do Centenário e fui para o Rio de Janeiro. Quando voltei, Heraclio desanimára.

Agora era eu o homem que andava empurrando o velho sonho para a realidade.

Há treze anos, 9 de agosto de 1936, Aderbal de França e eu ficamos o domingo juntos, debatendo, escrevendo nomes dos futuros imortais e seus padroeiros. Acertamos mais ou menos a lista, original pela letra do Aderbal, em meu poder.

Fui começando a conversar com as minhas vítimas. Umas riam. Pilheriavam outras. Um dêles, humorista nato, perguntou se já haviamos contado com o testamento de Fortunato Aranha, o nosso maior livreiro, e cujas iniciais coincidiam com as de Francisco Alves, padrinho da Academia Brasileira. Aceitavam, entretanto, a imortalidade que lhes oferecia.

Tôdos os acadêmicos fundadores foram, sem excepção, convidados por mim.

Em nossa casa, ou melhor na sala e alpendre, fizemos as primeiras sessões preparatórias, acertando dois pontos essenciais e definitivos.

Primeiro: — eu jamais seria Presidente da Academia...

Segundo: — Aceitaria a Secretaria Geral na primeira diretoria.

Pedi a Valdemar de Almeida a hospedagem no Instituto de Música, rua Vigário Bartolomeu, 630. Aí fizemos a primeira eleição, 14 de novembro de

1936 e que se considerou a fundação. Henrique Castriciano foi eleito por maioria. Relutava, antes a mim, e no dia a todos os presentes, para aceitar o cargo, alegando saúde precária.

O trabalho de animações nesses mezes foi intenso e nunca fiz tanto discurso na minha vida.

Finalmente, na noite dum sábado, 15 de maio de 1937, no Instituto de Música, declarou-se a Academia instalada regularmente e fiz as comunicações, desafogado da missão. E historiei a vida da entidade.

Um ofício primeiro dirigi ao Governador Rafael Fernandes. Acusou o recebimento o chefe do seu gabinete, Paulo Pinheiro de Viveiros, hoje presidente da Academia.

Êsse foi o começo. Hoje é o aniversário do primeiro passo. Como se diz no ATO DOS APOSTOLOS, não posso calar-me, NON POSSUMUS NON LOQUI...

(*A República* — 9-8-1949)

Impressão de uma visita *

VIRGILIO TRINDADE

Que impressão se pode colher na visita a um enfermo? A não ser um medico, na qual lhe interessem os sintomas morbidos do paciente, parece dificil uma descrição de outro genero. Um quarto simples e pequenino. Um ambiente de remedios e de silencio. Passos abafados. Conversa, andar, tudo sutil. Lembra o verso do poeta — **deserto o ar...**

E eu neste domingo ultimo deixei o bulicio da cidade, o borborinho que se estende da Avenida Circular a Parnamirim, tudo que Natal tem de harmonioso, de atraente, e me lembrei de alguem que está isolado, quase esquecido, meus senhores, — Henrique Castriciano. Talvez mais pessimista agora do que quando disse:

Mente o amor, mente o sorriso, mente
E é um engano o próprio céu lusente,
Uma quimera azul que a todos cobre...

Ao transpor a sala, ao vê-lo condenado á imobilidade, eu perguntava a mim mesmo si o homem que sonhara e criara a Escola Doméstica — o que fisera certa vez Camara Cascudo afirmar que este Estado adiantara dois séculos, e realisara um outro ideal — o Escotismo no Rio G. do Norte, era o entrevado que ali se achava.

Todos nós sabemos, meus senhores, como foi extraordinaria a sua influencia na vida intelectual da nossa terra ha alguns anos, quando a mocidade se reunia no Ateneu ou nas esquinas, não para discutir futebol, mas para falar em literatura; quando não havia torcedores de A. B. C., América, Santa Cruz, Vasco, Flamengo, etc. e eramos torcedores de Bilac, Raimundo Correia, Alberto de

Oliveira, Hermeto Lima, B. Lopes, Cruz e Sousa; quando qualquer um destes valia mais do que Leonidas, dessa epoca em que era elegante em reunião familiar, um rapaz recostar-se a uma cadeira e declamar em uma sala cheia de damas e cavalheiros:

Uma noite, eu me lembro, ela dormia
Numa rede encostada molemente,

ou assim:

Esta que passa por aí, senhores,
De olhos castanhos e fidalgo porte,
E' a princesa ideal dos meus amores,
E' a mais franzina perola do norte.

E eu me lembro da admiração com que se ouvia, por exemplo, o ABOIO, o lindo poema de Henrique sobre a conhecida toada das terras sertanejas E ele dizia:

Essa tremula queixa é o gemido e o brado
De uma raça infeliz, cujo longo passado
Simbolisa o clamor da miseria e da fome.
Procurando exprimir tanta angustia sem nome.

Ele guardava silencio na impossibilidade de falar, e eu o acompanhava tambem, cheio de emoção. Tão silencioso o principe dos poetas, o magnifico prosador, o delicioso cronista das Cartas Holandesas, o autor de tantas coisas bonitas.

Ha alguns dias em uma palestra rara como se tivessemos voltado aos tempos velhos, em vez do assunto de esportes ou politica, falavamos de literatura e alguem declamou o **Bisturi**, um dos melhores sonetos do autor de "Vibrações".

Primeiro o coração. Rasguemo-lo. Suponho
Que esta mulher amou. Tudo está indicando
Que morreu por alguem este ser miserando,
Mixto de Treva e Sol, de Maldade e de Sonho...

E uma senhorita sonhadora, ainda que dada a esportes

não toda empolgada pelas torcidas do "Estadio Juvenal Lamartine", declamou outro soneto lindo de Henrique — **Os Olhos de Judit:**

Olhos azuis, olhos felinos, bravos,
Olhos fatais e de prazer escravos,
Não me fiteis assim: eu vos odeio...

E foi assim, ora sonhador, ora pessimista que ele empolgava a nossa mocidade.

Tudo isso passou-se de relance enquanto eu o visitava sem quebrar o silencio.

Contou-me o professor Luís Soares, meu dileto amigo, que em um desses dias de festa nacional, Henrique manifestou desejos de ver desfilar pela rua os jovens escoteiros. Para satisfazer-lhe a vontade, arranjaram a sua cadeira de modo a que podesse assistir a passagem dos meninos. E quando desfilou a turma deles ao som de um sentimental dobrado, viu-se Henrique cair em pranto. E foi tal a sua comoção que procuraram afasta-lo dali, enquanto a pequenina tropa marchava alheia á profunda emoção do grande beletrista.

E eu sai desolado. Instantes depois, á espera de um transporte, eu recordei do que disse um intelectual carioca:

— Eu não tenho medo da certeza da morte; só tenho medo das incertezas da vida.

Senhores academicos, o principe dos nossos poetas, o primeiro Presidente desta nossa Academia de Letras, esquecido num hospital, talvez houvesse pensado algum dia nessas incertezas da vida.

Eu disse estas ligeiras palavras, sr. Presidente, para propor uma visita da Academia ao brilhante intelectual norte-riograndense, o autor do "Vibrações" e de "Ruinas". Infelizmente hoje, em redor da sua cadeira não ha mais vibrações: ha somente ruinas...

*** Palavras proferidas, na sessão de 24 de julho de 1947, da Academia de Letras.**

Notas Acadêmicas

A REVISTA

Êste número da Revista é um precioso documentario das atividades da Academia Norte-Riograndense de Lêtras, em vários periodos. Compôsto quase tôdo de discursos — discursos de posse e recepção — é feito sôb um critério, não de escôlha e seleção, mas de divulgação da produção acadêmica. Nesta nota é de justiça ressaltar a cooperação dos senhores acadêmicos, ora apresentando as suas sugestões, ora remetendo os seus discursos, ora ainda fazendo a revisão dos seus trabalhos, o que confirma o interesse que tôdos têm pelo progresso da Academia.

MAUSOLEU DE NISIA FLORESTA

Entre as grandes realizações da Academia, no exercício de 1955, figura, sem dúvida, a construção do Mausoleu dedicado à memória da escritôra Nisia Floresta, na cidade do mesmo nome, cuja inauguração teve lugar no dia 3 de Abril do corrente ano, com a presença de autoridades, acadêmicos, familias, intelectuais e do pôvo em geral.

O mausoleu foi construido a espensas da Academia, com ajuda do Governo do Estado, do Municipio e do comercio desta capital.

A SÉDE PROPRIA

Na gestão atual fôram dados novos passos no sentido da construção da séde própria, tudo indicando que em breve será iniciada a sua construção.

DOAÇÃO DE LIVROS

O Governador Sílvio Piza Pedroza, numa festa de espírito e de inteligência, realizada, no salão nobre do Palacio Potengí, fêz a distribuição dos primeiros volumes da **História do Rio Grande do Norte**, de autoria do escritor Luís da Câmara Cascudo, declarando em seu discurso que seriam doados à Academia Norte-Riograndense de Lêtras mil exemplares da referida obra, afim de que com o produto da mesma fôsse iniciada a construção da séde própria.

Presentes à reunião falaram ainda os senhôres Luís da Câmara Cascudo e Manoel Rodrigues de Mélo; o primeiro sôbre as razões que o levaram a escrever a "História do Rio Grande do Norte"; e o segundo agradecendo, em nome da Academia, a oferta que acabava de fazer o chefe do Executivo Estadual.

REEDIÇÃO DE "SÊCAS CONTRA SÊCA"

O acadêmico Oto de Brito Guerra está preparando uma segunda edição do livro **"Sêcas contra Sêca"**, do escritôr Felipe Guerra, que será publicada na **Coleção Brasiliana** da Companhia Editôra Nacional.

POLICARPO FEITOSA

Faleceu, no Recife, depois de alguns mêses de padecimento, o escritôr Policarpo Feitosa, autor dos livros **Flôr do Sertão, Gizinha, Alma Bravía, Encontros do Caminho, Os Moluscos, Jornal de Vila, Gente Arrancada e Dois Recifes com Sessenta Anos no Meio.** Jornalista, contista, romancista e poeta, Policarpo Feitosa tomou parte em tôdos os movimentos literários do seu tempo, deixando, ao falecer, uma bagagem literária digna de atenção e de estudo. Morando, no Recife, há vários anos, desejou, antes de morrer, sepultar-se na sua terra, o que foi feito, graças ao interesse da família e do Govêrno do Estado que tomaram as providências para que fôsse satisfeita a última vontade do escritôr desaparecido. Ao entêrro do escritôr Policarpo Feitosa que se realizou no Cemitério do Alecrim, nesta ca-

pital, esteve presente, além do Governador do Estado e de outras autoridades, uma comissão da Academia Norte-Riograndense de Lêtras, composta dos acadêmicos Paulo Viveiros, Edgar Barbosa e Dioclécio Duarte.

"LAMPIÃO EM MOÇORÓ"

Publicado pelos Irmão Pongetti Editôres, do Rio de Janeiro, circulou, êste ano, o livro "Lampião em Moçoró", do acadêmico Raimundo Nonato, cuja edição esgotou-se em poucas semanas. Afim de atender aos inúmeros pedidos que lhe chegam de tôdo o país está o escritôr Raimundo Nonato preparando uma 2a. edição que será entregue ainda êste ano àqueles Editôres.

OS PRESIDENTES DA ACADEMIA

A Academia Norte-Riograndense de Lêtras, num período relativamente longo, de quase vinte anos, tem desmentido tôdos os prognósticos de máu agouro que rondam as portas das nossas mais antigas e conceituadas instituições de lêtras. E' que em Natal criou-se, graciosamente, a lenda de que jamais haveria iniciativa duradoura no terreno da cultura e da inteligência. A Academia, porém, resistiu a tôdas essas fôrças de desagregação e desmoralização do pensamento e persiste como uma permanência do espírito que não conhece ocaso nem aurora, porque traz a marca da eternidade. Já lá se vão quatro lustos, quase um quarto de século e, cada dia que se passa sentimos que a instituição cria raízes no coração e na inteligência do pôvo norte-riograndense, crescendo em conceito e aumentando em prestígio. À sua frente têm estado as figuras mais representativas da cultura do Estado. Luís da Câmara Cascudo, a quem coube, inegavelmente, a iniciativa da sua fundação merece antes de qualquer outro uma referência especial apesar de haver resistido a tôdos os convites para assumir a presidência, sem jamais aceitar a sua indicação. Seguem-se, então, os presidentes que têm começo com Henrique Castriciano de Sousa, Antônio Soares de Araújo, Juvenal Lamartine de Faria, Edgar Barbosa, Paulo Pinheiro de Vi-

veiros, duas vêzes, e Américo de Oliveira Costa. Desde 1936 até hoje a Academia se tem mantido num clima de absoluta compreensão, respeito e solidariedade entre os seus pares, uma vêz que só assim será possível conduzir a bom têrmo os destinos da instituição. A continuidade administrativa tem sido um dos pontos mais altos da sua orientação. Não há entre os acadêmicos a preocupação de desmanchar o que está feito para fazer de novo: prosseguem, ao contrário, o trabalho dos antecessores, ampliando e melhorando. Assim têm agido tôdos os presidentes. Essa orientação só tem valorizado e aumentado o prestígio da Academia dentro e fora dos seus quadros. Com êsse espírito a Academia conseguiu impôr-se, firmando-se no meio intelectual de nossa terra e constituindo hoje uma das mais sérias e eficientes instituições de cultura do Rio Grande do Norte.

VIVALDO PEREIRA

Faleceu Vivaldo Pereira de Araújo, sócio correspondente da Academia Norte-Riograndense de Letras, na cidade de Currais Novos. Jornalista, poeta, orador, conferencista, Vivaldo Pereira colaborou em vários jornais da Provincia, merecendo destaque as fases de **A Voz Potiguar** e e da revista **Ninho das Letras**, onde mais intensa foi a sua atividade intelectual. Casado duas vezes, Vivaldo Pereira deixa numerosa descendência.

INDICE

EDGAR BARBOSA — Saudação a Ivo Filho, na Academia 3
IVO FILHO — Gotardo Neto 8
ADERBAL DE FRANÇA — Recepção ao Acadêmico Bezerra Junior 26
BEZERRA JUNIOR — Antônio Glicério . . . 33
AMERICO DE OLIVEIRA COSTA — Saudação ao Acadêmico Câmara Cascudo 50
LUÍS DA CÂMARA CASCUDO — Luís Manuel Fernandes Sobrinho 70
CLEMENTINO CÂMARA — Recepção a Paulo de Viveiros 83
PAULO PINHEIRO DE VIVEIROS — Padre João Manuel de Carvalho 89
EDGAR BARBOSA — Recepção ao Acadêmico Aderbal de França 117
ADERBAL DE FRANÇA — Ponciano Barbosa, a Vida e a Obra 122
LUIS DA CÂMARA CASCUDO — Vida Repleta de Vontade e Força Criadora 142
CÔN. JOSE' ADELINO DANTAS — Cônego Leão Fernandes e Cônego Luís Monte— Um Perfil e uma Evocação 151
HELIO GALVÃO — Saudação a Oto Guerra 171
OTO DE BRITO GUERRA — Luis Gonzaga de Brito Guerra 180
NESTOR LIMA — Recepção a Carolina Wanderley 206
CAROLINA WANDERLEY — Luis Carlos Wanderley 227

HELIO GALVÃO — Antônio Soares, poeta e historiador 242
ANTÔNIO SOARES — Ferreira Nobre 250
LUIS DA CÂMARA CASCUDO — Floriano Cavalcanti, sua evolução intelectual e filosófica 268
FLORIANO CAVALCANTI — Antônio Marinho e o seu tempo 279
LUÍS DA CÂMARA CASCUDO — Saudação a Dioclecio Duarte — 304
DIOCLECIO DANTAS DUARTE — Francisco de Sousa Ribeiro Dantas, humanista, educador, magistrado, advogado, politico, e, sobretudo, apostolo da justiça 316
PAULO DE VIVEIROS — Um nome á imortalidade 333
RAIMUNDO NONATO — Adauto Câmara, exemplo de uma geração idealista . . 340
ESMERALDO SIQUEIRA — Poetas do Brasil 364
PALMIRA WANDERLEY — Ode a Nossa Senhora da Apresentação, Padroeira da Cidade do Natal 368
E. Vilhena de Moraes — O Bravo Potiguar . . 373
JUVENAL LAMARTINE — O sertão do meu tempo 376
ANTÔNIO FAGUNDES — A Ressuscitada de Cunhau 390
BRUNO PEREIRA — O Forte dos Reis 399
NILO PEREIRA — O homem e a árvore 401
M. RODRIGUES DE MELO — As Pendências 404
ARQUIVO:
Luís da Câmara Cascudo — Há treze anos 410
VIRGILIO TRINDADE — Impressão de uma visita 413
NOTAS ACADÊMICAS — (Redação) 416